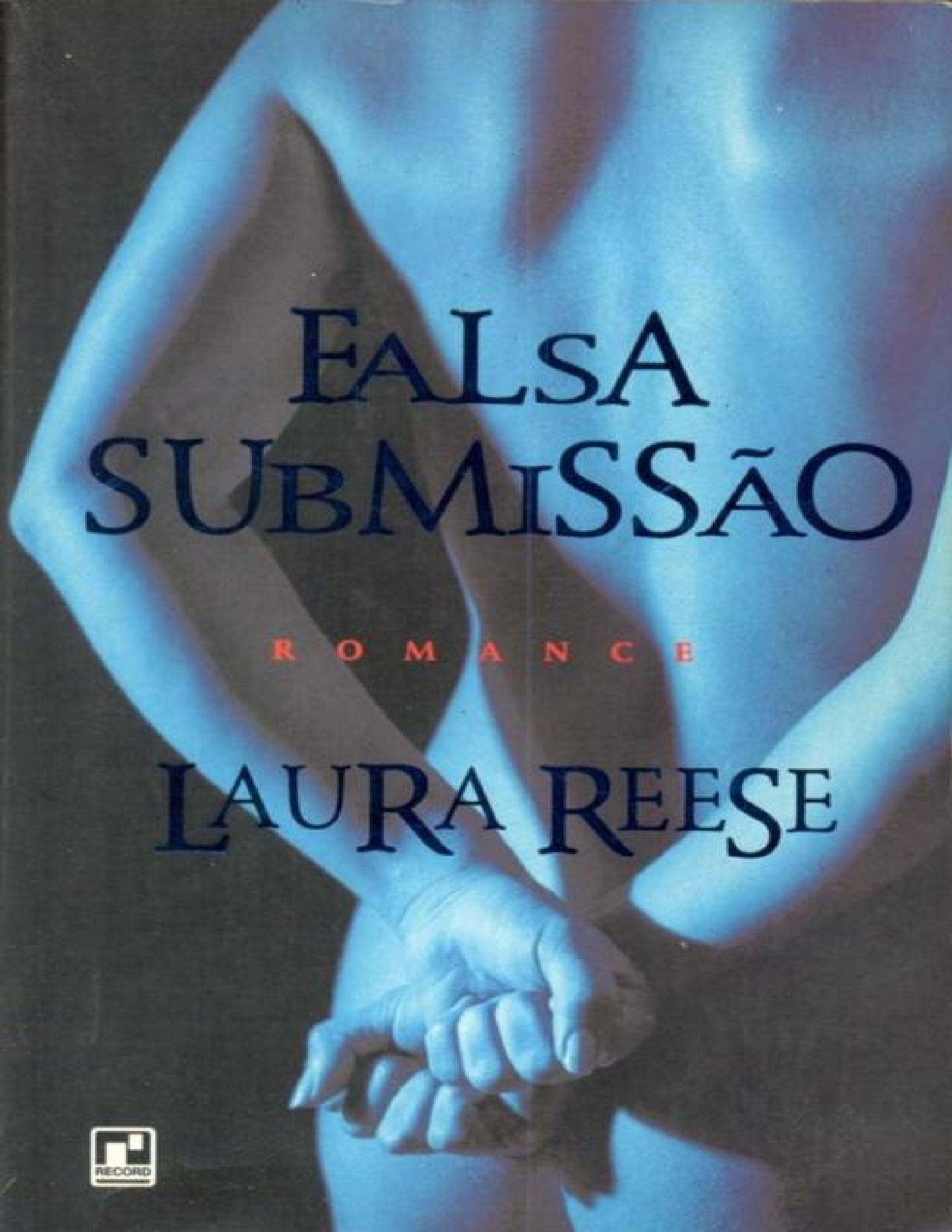

FALSA SUBMISSÃO
ROMANCE
LAURA REESE
RECORD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

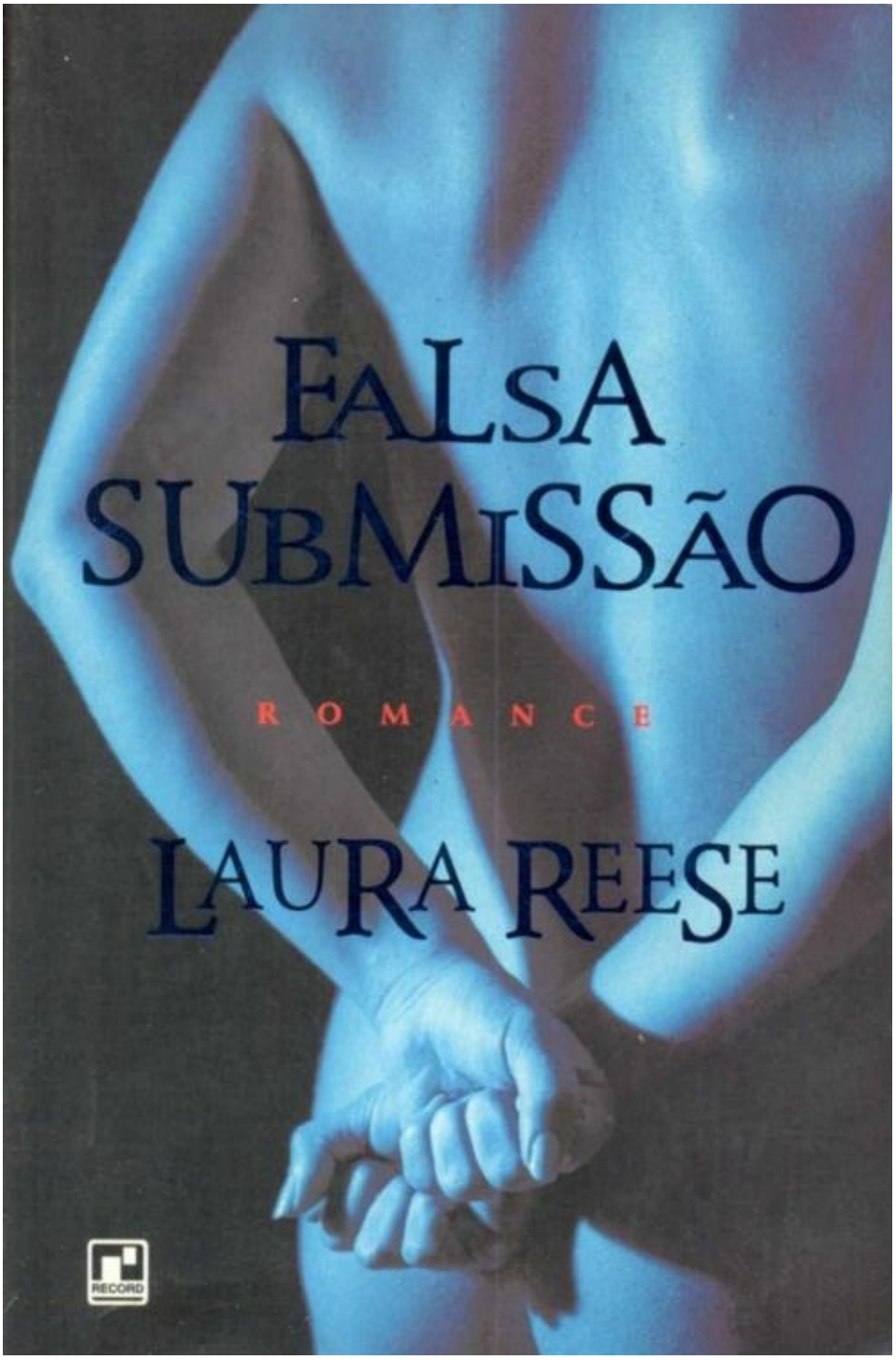
Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."




PDL
Projeto Democratização da Leitura
www.portaldetonando.com.br



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Apresenta:





PDL – Projeto Democratização da Leitura

Laura Reese – Falsa Submissão

2





PDL – Projeto Democratização da Leitura

Laura Reese – Falsa Submissão

3



CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

R256f

Reese, Laura
Falsa submissão / Laura Reese ; tradução de Claudia Costa Guimarães. — Rio de Janeiro : Record, 1996.

Tradução de: Topping from below

1. Romance norte-americano. I. Guimarães, Claudia Costa. II. Título.

CDD — 813
96-0616 CDU — 820(73)-3

Título original norte-americano
TOPPING FROM BELOW

Foto de capa: Cesar Duarte

Copyright © 1995 by Laura Reese
Todos os direitos reservados, inclusive os de reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

EDITORA AFILIADA

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 — 20921-380 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-04438-5

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052 — Rio de Janeiro, RJ — 20922-970

PDL – Projeto Democratização da Leitura

Laura Reese – Falsa Submissão

4

PDL – Projeto Democratização da Leitura

Porque é a educação que faz a diferença, dedico este livro a meus pais, Howard e Jane; e a todos meus irmãos e irmãs: Howie, Ben, Mary e Janet.

Laura Reese – Falsa Submissão

5



PDL – Projeto Democratização da Leitura

AGRADECIMENTOS

Agradeço às seguintes pessoas por sua ajuda, estímulo e paciência: meu editor, Charles Spicer, que trabalhou comigo no manuscrito final, aperfeiçoando ainda mais o que eu pude fazer de melhor; minha agente Barbara Lowenstein, que aceitou meu trabalho, com todos *os* seus defeitos, fazendo com que coisas fantásticas acontecessem; sua assistente, Nancy Yost, que me deu conselhos e sugestões quando eu escrevia o manuscrito original, me mostrando o melhor caminho; Mary Mackey, que acreditou em meu talento e me influenciou mais do que imagina; Mary KoompinWilliams, a médica-legista do condado de Yolo, e J.L., que pacientemente responderam às minhas intermináveis perguntas; C. Michael Curtis, que me deu esperança e conselhos quando eu mais precisei; e a meus queridos amigos Gail McGovern, Charles Smith e, in memoriam, Bob Stovall, todos catalisadores, cada um de sua forma, cujo apoio ilimitado me deu fé em todos os momentos de dúvida.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Eu pareço ter sobrevivido ao seu último suspiro. É bem verdade que ele dera aquele último passo, que caíra do precipício e que a mim fora permitido firmar o pé hesitante. E talvez esteja aí

toda a diferença; talvez toda a sabedoria, toda a verdade e toda a sinceridade estejam comprimidas naquele imperceptível momento no qual passamos pelo limiar do invisível. E este também... foi um dos locais sombrios desta terra.

- Joseph Conrad, Heart of Darkness

Laura Reese - Falsa Submissão

7



PDL – Projeto Democratização da Leitura

ANTES DE COMEÇAR…

Esta não é uma história fácil de contar. Eu a dedico, *in memoriam,* à minha irmã, encontrada em seu apartamento em Davis, há apenas dez meses. Foi na primavera do ano passado, num dia sereno, com passarinhos arrulhando e sol cálido e árvores com folhagens tenras que mal começavam a brotar. Um dia glorioso, daqueles dias de primavera que prometem a mais pura inocência e novos recomeços; o tipo do dia em que a luz do sol acende a cidade como se fosse milhares de lâmpadas faiscantes. E naquele dia, quando a primavera se revela por completo, dentro do apartamento, com fita isolante tapando-lhe a boca e prendendo-lhe os tornozelos e pulsos nus, jazia minha querida irmã, brutalizada e torturada. Seu corpo passara duas semanas despercebido e apodrecia no calor de um cômodo cujo termostato marcava 22 graus. Esta é sua história, e a de Michael M., um professor de música que ainda vive na cidade de Davis e, acredito eu, é seu assassino. Meu nome é Nora Tibbs, e minha irmã, Frances, tinha 24 anos quando morreu. Fomos criadas em Davis, uma pequena cidade universitária 25 quilômetros a oeste de Sacramento, na Califórnia. A morte não é novidade para mim. Eu tinha um irmão mais novo, Billy, que morreu num acidente numa caminhada quando tinha apenas doze anos. Foram tempos difíceis para todos nós, a ausência de Billy tão dolorosa, sua lembrança ainda presente em cada canto da casa. Meu pai e minha mãe, desesperados, pegaram Franny e foram morar em Montana, ansiosos por alguma mudança. Eu sou dez anos mais velha que minha irmã, e não fui com eles. Mudei-me para Sacramento, onde começara a trabalhar como jornalista. No ano seguinte, meus pais morreram num acidente de carro, e Franny, com apenas quatorze anos de idade, veio morar comigo em Sacramento. Ela e eu não éramos parecidas. Como meu pai, faço o tipo atlético; sou alta e posso ser agressiva se a situação exigir. Franny era suave, cheinha e pálida, a pele delicada como a de um bebê. Tinha uma aparência displicente, amarfanhada: suas roupas eram sempre largas e maiores do que ela, e seus longos cabelos castanhos, um emaranhado de cachos. Era tão tímida que não era difícil ignorar sua presença. Se notasse que alguém dava muita atenção ao que dizia, sua voz sumia. Nas festas, as poucas para as quais consegui arrastá-la, parecia desaparecer em meio ao cenário, como uma

camaleoa, fundindo-se aos móveis. Se alguém tentasse invadir seu espaço um pouquinho, chegasse perto demais, ela se tornava frágil, dissimulada. Era como se tivesse passado a vida inteira apavorada com a perspectiva de, a qualquer momento, ser escolhida por uma professora para Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

responder a uma pergunta cuja resposta ignorasse: seus olhos demonstravam apreensão, ela de sviava o olhar e abaixava a cabeça; cruzava os braços como se se abraçasse e parecia desmontar. Franny era enfermeira, especializada em hemodiálise, em Sacramento, o que queria dizer que passava grande parte de seu tempo trabalhando com portadores de doenças renais, conectando-os a aparelhos que filtram as toxinas do sangue para que continuem vivos. Não foi por acaso que Franny escolheu esta especialização. Seis meses antes do acidente que o matou, nosso irmão contraiu uma infecção, glomerulonefrite, que o deixou com insuficiência renal. Tinha que fazer hemodiálise e aguardava um rim para submeter-se a um transplante. Após a morte de Billy, Franny decidiu que seria enfermeira de hemodiálise. Podia-se entender sua motivação. Havia apenas um ano de diferença entre ela e Billy, e eram muito unidos. Mas parecia obcecada pela escolha, como se sua força motriz fosse mais um sentimento de culpa do que amor.

Mas o trabalho caía-lhe como uma luva. Ela era, e isto me surpreendia, competente. Toda a sua timidez e insegurança desapareciam. Corria de um lado para o outro do consultório, distribuindo remédios, conectando um paciente ao aparelho, tirando a pressão de outro, consolando um terceiro. Tinha tudo sob controle, e quem conhecia Franny sabia que controle não era uma palavra normalmente aplicável a ela. Mas, horas depois, quando sentia que as coisas estavam prestes a esmagá-la, retraía-se para dentro do casco tal qual uma

tartaruga. A essa altura já voltara para Davis. Sacramento a assustava. Nunca se acostumara às estradas cheias (que na verdade não são tão movimentadas quanto as de Los Angeles e San Francisco), aos relatos de violência nos jornais, aos tiroteios, a uma ocasional vítima esfaqueada, ao assassinato do membro de alguma gangue. Franny preferia ir e voltar do trabalho todos os dias. Davis era silenciosa, a criminalidade restrita a uma ou outra bicicleta roubada. Ela gostava da Feira do Produtor Agrícola aos sábados, no Central Park da cidade; gostava de andar de bicicleta no Arboretum da universidade e de dar comida aos patos em Putah Creek. Foi lá que conheceu Michael M.

Minha irmã tinha um Macintosh no qual mantinha um diário inacabado chamado "O arquivo de Franny". Quando o li, descobri que jamais a conhecera. Escreveu sobre suas paixões, seus anseios e suas mágoas. Escreveu sobre M., sobre as coisas que ele fazia com ela, sobre sua humilhação e seu desespero. A perversidade, sutil e insinuante, perpassa suas palavras. Havia um tom ingênuo e pouco sofisticado em seu diário. Ela parecia incapaz de ler as entrelinhas de sua própria prosa, incapaz de perceber o quão doentia era a mente de M. Como um câncer em metástase, ele entrou em sua vida com o intuito de destruí-la.

A polícia ainda não deteve seu assassino, e, embora tenham lido o diário, deixaram que M. permanecesse solto. Falta de provas materiais, disseram. Ele não tinha motivo, nenhum indício que o Laura Reese - Falsa Submissão

PDL – Projeto Democratização da Leitura

ligasse ao crime. A única coisa que o diário prova, disse o detetive sem muito tato, é que "

sua irmã

escolhia mal seus homens". Chegaram a um impasse, mas minha intenção é conseguir as provas das quais precisam. Só porque M. não foi acusado não quer dizer que não seja culpado pelo crime. Lendo o diário, lendo as coisas que ele fazia com ela, entende-se que é culpado e o porquê de eu não poder e não querer deixá-lo em liberdade.

Antigamente eu acreditava que os homens são essencialmente bons, nascidos em estado de graça, e que só as condições mais desafortunadas poderiam mudá-los. Eu acreditava que o mal, o mal enraizado, inato, não existisse. Hoje em dia não estou bem certa. Sou jornalista, escrevo artigos científicos para o *Sacramento Bee,* e aprendi o seguinte através dos anos: na controvérsia existente entre natureza *versus* criação, ganha a natureza. Cada vez mais cientistas que pesquisam o cérebro humano descobrem que a genética exerce um papel muito maior no comportamento humano do que se pensava. Alguns cientistas até especulam que a violência seja genética e que o homem, o macho de nossa espécie, seja portador de um gene que o incita a agir de forma agressiva, a buscar a guerra ao invés da paz. Dizendo de maneira simples, homens se comportam e agem de forma diferente das mulheres, e estas diferenças, segundo alguns cientistas, têm sua raiz na biologia. Devo lhes dizer agora, para que não haja engano, que eu gosto de homens e que sempre gostei. Falar mal de homens não é minha especialidade, e não tenho motivos ocultos para atacar o sexo masculino. Tive bons relacionamentos com homens.

Mas se é verdade que os homens têm uma predisposição genética à violência e à agressividade, seria o mal também uma questão de biologia? Seria o mal uma aberração, um erro genético talvez, um desvio hereditário? Desconheço as respostas. Só o que sei é que alguns homens, por natureza ou criação, são maus, e que esta história, a história de Franny, é sobre o sofrimento causado por um homem.

Os maus não chegam até nós vestidos de negro. Nem tampouco irradiam uma energia maligna. Eles não se distinguem de seus vizinhos. M. ainda leciona

em UCD, a Universidade da Califórnia em Davis. Eu o vejo na companhia de outras mulheres, jovens ou não. Ele diz alguma coisa, elas sorriem e dão risadas. Ele tem uma aparência inofensiva, a aparência de quem seria incapaz de cometer um assassinato. Mas, quando leio o diário de minha irmã, fico com a impressão de que é um homem vil, um homem sem consciência, sem alma. Ele destruiu Franny, e o fez deliberadamente, metodicamente e sem remorso. Ela foi amarrada e torturada, e mesmo assim a legista do condado de Yolo não conseguiu determinar a causa de sua morte. O mistério perdura até hoje. Começo esta história sem saber como terminará. Tentarei manter-me fiel ao seu diário, relatando os acontecimentos como Franny os descreveu. Mas há falhas, detalhes que ela omitiu, Laura Reese - Falsa Submissão

10



PDL – Projeto Democratização da Leitura

detalhes estes que prenderão seu assassino. Para tanto, terei que ir a Michael M. Eu já o vi, é c laro. À

distância, o observei. Antes de terminar minha história já terei me apresentado a ele e o conhecerei bastante bem.

Após a morte de minha irmã, voltei para Davis. Como tinha algum dinheiro no banco, consegui uma licença do jornal, embora de vez em quando ainda escreva um ou outro artigo como *free-lance.* Aluguei uma casa no sul da cidade, na rua Torrey, num bairro chamado Willowbank. M. também mora em Willowbank, na parte mais antiga, onde as casas são amplas e mais espaçadas e onde as ruas arborizadas são um alívio neste verão quente e seco. Lá não há calçadas, e as cercas, quando existem, são de madeira, baixas e acolhedoras, construídas por motivos estéticos, e não como proteção. Eu me mudei para cá

para estar mais perto de M., para vê-lo bem de perto. Leio e releio o diário de Franny. Começa cheio de esperança, com uma fina ironia que eu jamais desconfiei que possuísse:

Sinto que estou prestes a iniciar uma jornada. Algo de maravilhoso e excitante está

acontecendo comigo. Sinto-me como se tivesse sido recriada, e tudo isto por causa de Michael. Ele vê coisas em mim que ninguém jamais viu. Ele me faz sentir coisas que jamais senti. Estou mudando, eu sei. Eu quero, desesperadamente, deixar esta minha vida sem graça e segura e encarar meus sonhos de frente, libertar minhas paixões. Quero me entregar a Michael, deixar-me levar por ele, incondicionalmente. Ontem à noite ele prometeu me levar a lugares aonde jamais fui. Então eu perguntei: "Ilhas Galápagos? Havaí?", mas eu sabia que ele não falava de geografia. Oh, Michael, nunca ousei sonhar com alguém como você. Pensei que estaria fora do meu alcance, mas agora sinto as pontas dos teus dedos tocarem os meus.

Um começo tão inocente, repleto de esperança e alegria. Sua jornada não seria tão inocente. Começou como um sonho. As descrições das primeiras aventuras sexuais com M. são coloridas por um romantismo quase onírico, como nas páginas dos romances. Mas terminaram como um pesadelo, uma lenta queda até o coração tétrico e cruel de um sádico, uma jornada sem volta às profundezas do inferno.

E então eu dedico esta história a Franny, à sua memória. Escrevo porque é minha obrigação. Sinto que não tenho alternativa: ela se tornou uma obsessão. Como o Marlow de Conrad, como o Velho Marinheiro de Coleridge, sinto-me forçada a contar esta história. Estou aprendendo que os escritores não escolhem suas obsessões, são elas que os escolhem. Conto a história de Franny porque ela não pode mais fazê-lo. Conto sua história para revelar a verdade e para desmascarar M., coisa que Laura Reese - Falsa Submissão

11



PDL – Projeto Democratização da Leitura

a polícia não foi capaz de fazer. Vivemos numa sociedade na qual as pessoas são re

sponsáveis por

seus atos, e M. tem que assumir a responsabilidade dos seus. Ele levou Franny numa jornada sombria da qual ela jamais voltou. Eu embarcarei nesta mesma jornada, mas vivi mais anos do que minha irmã, e, mesmo que não seja mais sábia do que ela, tenho mais experiência. Haverá um final diferente desta vez, disto eu tenho certeza. Tanto para M. quanto para mim. Laura Reese - Falsa Submissão

12





PDL – Projeto Democratização da Leitura

Laura Reese - Falsa Submissão

13

PDL – Projeto Democratização da Leitura

UM

Enquanto cruzava o *campus* da UCD no último dia de outubro, Frances Tibbs compreendeu que, pela primeira vez na vida, estava apaixonada.

Ou melhor, pensava estar apaixonada. Ainda não o dissera em voz alta, não testara as palavras em sua boca, mas sentia que era amor: tudo ao seu redor parecia ter se tornado fresco, novo e excitante.

Então um homem parou bem na sua frente e quase a matou de susto. Agarrou os freios da bicicleta e derrapou, desviando dele por pouco. Uma meia de náilon, metade de uma meia-calça, cobria a cabeça do homem. Em sua mão direita, ele carregava uma enorme arma, talvez um rifle ou uma espingarda. Franny não sabia a diferença, mas, ao olhar com mais cuidado, viu que não parecia real. Era menor do que imaginava ser o tamanho de um rifle e parecia de plástico. Plástico.

Uma arma de brinquedo. Era *Halloween*, lembrou. Dia das Bruxas. O homem, na verdade um estudante da universidade, ria, satisfeito com o susto que lhe causara. Seguiu em frente, empunhando seu rifle.

Sentindo-se perfeitamente idiota, subiu na bicicleta e acompanhou Putah Creek pelo norte. A água, represada do lado norte do córrego, era rasa, parada e de uma cor esverdeada e insalubre. Exalava um cheiro de coisa velha e podre que ela ficou contente em deixar para trás. A partir daí o caminho tornava-se aprazível, com fileiras de árvores e vegetação densa de um verde escuro. O

ar cheirava a terra e a mato, odores de uma floresta. Pedalava até lá na esperança de encontrar seu novo amigo, Michael.

Não conseguia explicar exatamente por que ele a atraía. Só sabia que pensava nele constantemente e que, desde que o conhecera, sua vida adquirira um novo brilho, abrindo-lhe um novo leque de possibilidades. De certa forma,

lembrava-lhe o pai, um homem paciente com quem sempre contara para protegê-la. Já fazia tanto tempo que seu pai e sua mãe haviam morrido e, embora tivesse uma irmã, sentia-se sozinha no mundo. Mas Michael tinha empatia, parecia compreender toda a sua história com um simples olhar. Era uma sensação gostosa. Descendo uma ladeira, ganhou velocidade. Andar de bicicleta fazia parte de seu novo regime para emagrecer. Tinha vários caminhos favoritos: as casas ensolaradas da parte oeste de Davis, a Laura Reese - Falsa Submissão



ciclovia Howard Reese, que seguia Russell Boulevard até Cactus Corners, e o caminho que fizera hoje, e que fazia com maior freqüência, o que margeava Putah Creek na extremidade sul do *campus.* Era estreito e rodeava o Arboretum da universidade, um enclave de bosques, com arbustos e árvores: sequóias canadenses, pinheiros e eucaliptos. Franny adorava este lugar. Havia mesas de piquenique sob as árvores, lascas de madeira no chão, folhas mortas se decompondo na terra, e um cheiro de coisa antiga que evocava tempos passados. Era o cheiro úmido de lugares há muito esquecidos, de civilizações antigas enterradas sob camadas de detritos e matéria em decomposição. Atravessou uma ponte de madeira para chegar até um morro coberto de grama, do outro lado. Neste ponto, o córrego se alargava transformando-se numa poça larga e escura, local ideal para observar os patos. A esta hora do dia, bem de tardezinha, o *campus* se aquietava e o local tomava-se seu. Desceu da bicicleta e sentou-se na grama, perdendo-se em devaneios, esperando que Michael viesse. A brisa estava fresca, mas não tão fresca como ficaria dali a algumas semanas, quando o nevoeiro se acomodaria e invadiria os ossos. O céu tinha uma cor desbotada de água suja, cinza e chapada. A brisa ondulava a superfície da água com suavidade e farfalhava pelas copas das árvores. Folhas vermelho-amarronzadas esvoaçavam ao seu redor, carregadas pelas repentinas rajadas de vento.

Franny abraçou os joelhos para manter-se aquecida. O gramado havia sido aparado recentemente e emanava um cheiro fresco e úmido de capim cortado. Anos antes, quando era criança, seu pai a trouxera a este local com Billy, seu irmão. Nora, a irmã mais velha, já era então adolescente e não quisera acompanhá-los. Mas Franny e Billy adoravam o Arboretum e algumas vezes ficavam simplesmente sentados com os olhos fechados como que em transe, absorvendo os sons à sua volta. Ouviam seu pai, um cientista ambiental, explicar a ligação do homem com a natureza. Existe um elo evolucionário, ele explicara mais de uma vez, desenvolvido através de milhares de anos, que liga as pessoas de forma inextricável a tudo que há a seu redor, à terra, ao sol, ao céu. E aqui, ao ar livre, com o som do vento ziguezagueando por entre as árvores, o ocasional grasnar de um pato, o barulho dos pneus de algum ciclista, de alguma forma, ela se sentia calma. Não sabia se era a força da natureza ou a força protetora da doce lembrança de seu pai. A esta altura haviam se tomado unas.

Dois universitários, um rapaz e uma garota, atravessaram a ponte de braços dados e pararam na metade para olhar a água que corria logo abaixo. Pensativa, Franny os observava, seus sorrisos sonhadores, seus rostos tranqüilos. Era óbvio que se amavam, e isto a fez sorrir. Podia ouvi-los conversar, mas não distinguia as palavras. Seus risos levitavam até as copas das árvores. Laura Reese - Falsa Submissão

15



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Mais adiante, na direção do *campus*, ela procurou por Michael. Conhecera-o neste mesmo

local há três semanas. Ela trouxera um saco de pão dormido para alimentar

os patos quando alguém falou às suas costas:

— Você não é estudante.

Surpresa, ela se virou. Era a primeira vez que via Michael. Era alto e moreno, com cabelos escuros que se tornavam grisalhos nas têmporas. Calculava, pelas rugas em seu rosto, que devia ter quarenta e tantos anos. Tinha uma expressão sábia e quase cínica, como se já tivesse visto e feito de tudo. Com as duas mãos nos bolsos, ele a encarava sem piscar, seu rosto inescrutável. Franny abaixou a cabeça. Quando olhou para cima, ele ainda a olhava com olhos frios e insensíveis, ou assim ela pensou. Mas, lentamente, um sorriso foi surgindo em seus lábios. Ela estava pouco à

vontade sendo o centro de suas atenções e sentia que ele a analisava por algum motivo, tentando chegar a alguma conclusão a seu respeito.

— Não, não sou estudante — respondeu. Ficou ruborizada, como se tivesse feito algo de errado, embora soubesse que nada fizera. Desviou o olhar. Arrancou um pedaço do pão e atirou-o para um pato. Havia cinco à sua frente, todos com reluzentes cabeças esverdeadas. Vieram todos brigar pelo pão. Ela atirou o resto e enfiou a mão na bolsa para pegar mais. O homem não se movera, e ela o sentia observá-la, deixando-a insegura.

— Você não parece ser estudante — disse ele finalmente, fazendo com que Franny se perguntasse por que não. Não terminara a faculdade há tanto tempo assim. — Já vi você aqui, deitada na grama, alimentando os patos. Sempre vem aqui mais ou menos a esta hora, sozinha. Franny lançou-lhe um olhar rápido e enviesado, mas nada disse. Era um pouco desconcertante descobrir que alguém a observava há algumas semanas. Olhou para ele mais uma vez. Tinha traços bem definidos: queixo quadrado, nariz reto e exato, corpo magro mas forte. Não era o que chamaria de bonito, ela pensou, mas era imponente. Imponente até demais. Queria que algo nele fosse amorfo, algo que o tornasse menos intimidador, talvez umas gordurinhas na cintura, ou uma papada.

— Permite? — perguntou ele e, sem esperar a resposta, agarrou-lhe o pulso e ergueu seu braço para tirar a fatia de pão de sua mão. Franny, atordoada com o grau de intimidade contido no gesto, permaneceu calada. Assistiu enquanto ele alimentava os patos com o seu pão.

— Venho aqui a esta hora do dia esperando encontrá-la. Quando não a encontro, sinto que meu dia está incompleto, que algo está faltando. — Virou o rosto de leve e olhou para ela com um brilho divertido nos olhos. — Conto com você como conto com a primeira xícara de café do dia. Franny sorriu; jamais havia sido comparada à cafeína. Em seguida, ele se apresentara, e há três semanas vinham se encontrando neste mesmo local. Não era sempre que vinha. Às vezes passava Laura Reese - Falsa Submissão

16



PDL – Projeto Democratização da Leitura

vários dias sem aparecer e ela ficava ansiosa, com um nó no estômago perguntando-se se o veria

outra vez. Mas então ele aparecia e começava a conversar, sem explicar sua ausência. Ele tinha um jeito sereno, relaxado, que a deixava à vontade para falar o que quisesse. Na verdade, ela é que o deixava falar. Ele parecia não se importar, como tantas pessoas, e não a forçava a se abrir. Ele parecia saber, de forma intuitiva, que ela mudaria quando estivesse pronta. Ficava grata por isto, pois a maioria das pessoas desistia dela antes que Franny se sentisse bem com elas. E foi assim que logo se pegava pedalando na direção de Putah Creek, não pelo exercício, e sim com o simples intuito de encontrá-lo, ficando desapontada quando ele não aparecia.

Michael era professor do departamento de música; era sofisticado e inteligente. Ele não fazia o tipo que, segundo imaginara, se interessaria por ela. Não que ela tivesse um tipo específico em mente. Saíra com alguns homens, mas as coisas nunca pareciam dar certo. No mês passado, Nora a arrastara para uma festa com colegas do *Bee* e ela conhecera um homem. Era repórter, como Nora, e tinha cabelos louros e uma aparência tão franca, tão íntegra, uma inocência tão pueril que confiou nele instintivamente. Ele parecia sincero, mas na manhã seguinte, depois de ter dormido com ele, ele lhe disse, muito acabrunhado, que bebera demais. Franny só podia culpar a si própria. Ela jamais agira de forma tão impulsiva, dormindo com um homem que acabara de conhecer. Havia sido impetuosa demais, desesperada demais, esperando que o sexo, que nem fora tão bom assim, levasse a uma maior intimidade. Não levou. Tomaram café da manhã no Food for Thought, na rua K, mas o desconforto dele ficou patente durante toda a refeição. Ele foi educado demais, solícito demais: cometera um erro e tentava se redimir de forma cortês. Ela via apreensão, piedade e tensão em seus olhos. Se não tivesse se sentido, ela mesma, tão mal, teria sentido pena dele. Depois disso, esperou que ele telefonasse durante vários dias, e, quando viu que ele não ligaria, ela mesma ligou. Foi embaraçoso e humilhante. Talvez pudessem ser amigos, ele disse gentilmente. Ela desligou após recusar a oferta bem-intencionada porém pouco sincera.

Michael jamais se comportaria assim, ela pensou de repente.Michael. Descobrira que ele tinha o dobro de sua idade, quarenta e oito anos, apenas seis anos a menos do que seu pai teria. Mas ela se sentia bem com ele, como jamais se sentira com outra pessoa. Às vezes, em casa, ela sonhava com Michael. Ela o inseria no contexto de sua vida, fingia que era seu namorado. Não tinha a mínima idéia do que ele pensava a seu respeito, nem mesmo se pensava nela. Embora fosse amável e parecesse gostar realmente dela, ele parecia fora do seu alcance. Ouviu o ruído de passos na grama, bem atrás de onde se encontrava, e sorriu. Sabia que era Michael.

—

Olá, Franny.

17



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Virou-se ao ouvir sua voz. Ele sempre parecia surgir do nada, surpreendendo-a e nquanto

sonhava acordada. Sua súbita aparição a fez sorrir. Havia uma sensualidade nele que ela não conseguia entender, algo poderoso que a arrastava como uma correnteza. Mas havia algo remoto em seus olhos escuros e impassíveis, no tom controlado de sua voz, que fazia com que quisesse estender os braços e puxá-lo para si, muito embora soubesse que jamais seria capaz. Ele se sentou ao seu lado, na grama, e apoiou-se nos cotovelos, sem parecer sentir o vento frio. Vestia-se de maneira informal, calças marrons e uma jaqueta com as mangas arregaçadas, mas a ela parecia sempre formal, independentemente de como estivesse vestido. Ele parecia tão bemarrumado, sempre à vontade consigo mesmo, enquanto Franny sentia-se desmazelada e com frio, metida num amontoado de roupas amorfas: um casaco grande demais, calças *jeans* pretas, suéter de tricô, echarpe de lã e luvas.

Em silêncio, ele observava o jovem casal da ponte. Eles deram as costas e caminharam de mãos dadas, sumindo logo em seguida.

— Jovens apaixonados — afirmou ele com um leve tom de sarcasmo. Franny olhou para ele, esperando mais alguma coisa. Mas ele nada disse.

— Eu acho encantador — discordou ela finalmente, a voz suave.

Michael a olhou pensativo. Seu olhar era penetrante, como se pudesse ler seus pensamentos. Envergonhada, ela baixou a cabeça. Uma rajada de vento emaranhou seus cabelos. Então, com enorme suavidade, ela sentiu as mãos dele acariciarem seu rosto. Era a primeira vez que a tocava.

- Tem razão, Franny, pode ser encantador. Nunca foi assim com você, não é?

Era tão transparente assim?, ela se perguntou, sentindo o rosto arder, envergonhada de que ele soubesse que, aos vinte e quatro anos, jamais se apaixonara, nem ao menos chegara perto de se apaixonar. Começou a dizer que não, que o amor nunca fora encantador para ela, mas no mesmo instante uma morena *mignon*, de cabelos negros e ondulados, sorriu e falou com Michael. Parecia flertar com ele. Era claro que se conheciam. Ela era muito bonita, com sobrancelhas bem-definidas, lábios pintados e um conjunto de linho cor de vinho, bem justo, do tipo que só fica bem mesmo em mulheres pequeninas.

Franny brincou com o capim, puxando uma erva daninha com raiz e tudo.

—

Bonita, ela. Acho que gosta de você.

Michael sorriu sorrateiramente e ela ruborizou. Sabia que ele adivinhara que estava com ciúmes.

— Não importa. Não estou interessado nela. Quer saber o tipo de mulher que me interessa?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— É... Bem... — tentou Franny, mas a voz sumiu. Não tinha certeza se queria ouvi-lo falar de

outras mulheres.

Michael deu uma gargalhada profunda e gentil e disse:

—

Vamos para a minha casa. Acho que já está na hora de fazer amor com você. Os olhos de Franny piscaram, incrédulos. Em seus sonhos não era assim que acontecia. Ele nunca dissera: "Está na hora de fazer amor com você." Esperara alguma coisa diferente, algo um pouco mais romântico.

Como ela nada disse, ele se pôs de pé.

—

Vamos. Arrisque.

Franny sabia que nunca enfrentara desafio algum na vida, nunca vivera uma aventura. No fundo era porque não corria risco algum. Nora, sua irmã mais velha, estava sempre se arriscando. Foi à Nicarágua no meio daquele charivari todo. Acampava sozinha. Em uma de suas férias, desceu as corredeiras do rio Urubamba, no Peru. Franny não conseguia se ver vagamundeando sem destino, arriscando sua vida por puro divertimento. Talvez, pensou, estivesse mesmo na

hora de se arriscar. Então o olhou e disse a única coisa que lhe veio à mente:

—

Tá.

Michael pôs a bicicleta na mala do carro e foram até sua casa, em Willowbank, na parte sul de Davis. As casas eram todas amplas e antigas, a maioria bem-conservada, com portais cobertos de hera e imensos gramados e árvores seculares para todos os lados. A casa de Michael ficava afastada da estrada. Era uma espaçosa casa de fazenda, escondida por trás de glicínias. Por dentro parecia ter sido reformada recentemente: chão de tábua corrida encerada, clarabóias na cozinha e no *hall*, bancadas de azulejo, imensas janelas na sala de estar. Era uma casa austera, porém confortável, pensou Franny, como Michael.

Nervosa, andou pela casa. Era decorada em tons terra, cores quentes e suntuosas. Deveriam têla acalmado, mas não acalmaram. Sentia-se deslocada, desajeitada, como uma pata numa loja de roupas: não pertencia a este lugar.

Michael a observava examinar a casa. Um a um, ele tirou o casaco de Franny, a echarpe, e as luvas. Franny tinha a sensação de estar sendo descascada, camada por camada. Ele preparou um drinque sem perguntar se ela queria e o entregou dizendo:

—

Beba, acho que precisa relaxar um pouquinho.

Ela normalmente não bebia, não gostava do gosto, mas, como uma criança, fez o que lhe mandaram. Ele a levou até o sofá e se sentaram. Ele conversava com ela como fazia no *campus*, de Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

maneira suave, como se a acariciasse com as palavras. Pensou nas palavras de seu pai, igua lmente suaves, e por fim relaxou. Não sabia ao certo se fora a voz de Michael, as palavras silenciosas de seu pai ou a bebida. E finalmente, quando Michael a beijou, o fez com ternura, nada como os beijos bêbados e melados do último homem com quem estivera, o tal repórter do *Bee*. Suave, carinhoso e infinitamente erótico: era tudo com que sonhara.

Ele a levou para o quarto e pendurou a jaqueta numa cadeira. O cômodo de pé-direito alto, arqueado, era espaçoso, claro e arejado, com as paredes cobertas de papel em tons pálidos de azul e cinza, os móveis claros modernos e confortáveis, com uma cama de casal com quatro colunas. As cortinas estavam abertas, e através da vidraça ela dia ver um enorme cachorro preto andando no gramado. Michael olhava Franny, que permanecia imóvel, em pé na soleira da porta.

- Não fique assim tão séria. Você vai gostar.

- Desculpe — disse Franny, arriscando um sorrisinho tímido.

Ela apagou a luz. Ainda não estava escuro lá fora, e tudo no quarto, mesmo com a luz apagada, estava visível. Perguntava-se como chegaria à cama e se enfiaria debaixo das cobertas sem que ele a visse. Não era exatamente gorda. Era o que algumas pessoas chamavam de cheinha, uma figura tirada dos quadros de Rubens. Qualquer que fosse o termo, não queria se expor. Michael tinha os

ombros largos e estatura mediana. Não tinha gordura nenhuma. Olhou a cama mais uma vez, tentando bolar uma estratégia de aproximação, enquanto mordia o lábio inferior. Michael foi até ela e a abraçou.

— Franny, que expressão mais mórbida. Conte-me o que há.

— É que não tenho muita experiência com este tipo de coisa. Ele sorriu.

— Eu sei disso.

Ele tirou seu suéter e ela achou por bem se desculpar:

— Acho que preciso perder uns quilinhos. Michael riu baixinho. Beijou-a no pescoço e disse:

— Eu vou lhe dar o que quer, Franny.

Ela se perguntou o que seria. E o que *queria*, afinal? E então ele já estava tirando toda a sua roupa, esfregando seu corpo com as mãos, manuseando-a como se fosse massa de pão, macia e quentinha. No começo ela se sentiu envergonhada, pois ele não a deixava se esconder debaixo das cobertas, mas depois ela se perdeu sob suas mãos hábeis. Ele parecia realmente não se importar com sua gordura. Ele a virava de um lado para o outro, como se ela fosse um manequim, jogando de cá

para lá seus braços e pernas, chupando e puxando seus seios fartos, introduzindo dedos em seus orifícios, cutucando, massageando, até que ela sentiu que algo se mexia dentro ela. Era como a força da natureza que sentira em Putah Creek, só que mais forte, mais urgente, e ele a forçou a se abrir Laura Reese - Falsa Submissão

para ele, mergulhando sua língua bem no âmago de seu ser, alimentando-se dela até que ela se rendeu, pela primeira vez na vida, aos seus instintos mais primitivos, uma incrível liberação ao mesmo tempo assustadora e fantástica. E em algum lugar, de alguma forma inexprimível, veio a compreender o que realmente queria: uma família, um namorado; um pai, um amante. Laura Reese - Falsa Submissão

DOIS

Sue Deever, uma paciente que ficara diabética já adulta, estava sentada numa confortável poltrona cor de malva ao lado do aparelho de diálise, esperando que Franny a conectasse. Era uma mulher de cinqüenta e poucos anos de idade, atarracada, que perdera ambas as pernas. Franny trabalhava na clínica de hemodiálise da universidade há quase dois anos e fora testemunha do lento declínio da sra. Deever. Era mãe de uma amiga de infância de Franny, e, até começar a trabalhar na clínica, não a via há anos. Ficara chocada com sua aparência. A perna direita fora amputada há

quatro anos, e a esquerda, logo depois que Franny entrou para a clínica. Sua visão estava embaçada, seu sistema nervoso afetado, seu fígado funcionava mal devido aos muitos anos de consumo de bebidas alcoólicas. E tinha insuficiência renal, exigindo hemodiálise regularmente. Vivia num asilo em Davis e vinha à clínica três vezes por semana. Era uma mulher doce, e Franny ficava triste em vê-la em tais condições.

A clínica era em Sacramento, no complexo médico, na esquina de Alhambra com Stockton. A sala de espera parecia-se com a de qualquer consultório médico: uma fileira de cadeiras baixas, um leque de revistas nas mesas de canto, mas, para passar da sala de espera, os pacientes tinham que transpor uma porta que era mantida fechada. Um corredor estreito levava à ante-sala, com várias cadeiras, uma pia, uma balança rebaixada para acomodar cadeiras de rodas. E finalmente chegava-se à sala principal de tratamento, um aposento grande e agradável, pintado em suaves tons pastel. No meio da sala de chão de linóleo havia duas seções de enfermagem e dezoito poltronas reclináveis encostadas nas quatro paredes, cada uma com um aparelho de hemodiálise ao lado. Era cedo,

um pouco depois das sete da manhã, e a equipe estava ocupada. Todas as poltronas estavam tomadas, com pacientes já conectados ao seu rim artificial ou aguardando a vez. A maioria dos pacientes era velha e cansada, seus corpos alquebrados, sem nenhuma capacidade natural de recuperação. Grande parte do trabalho era feita pelos técnicos, mas hoje havia um a menos, e Franny teve que se ocupar com três pacientes, um dos quais era a sra. Deever.

A sra. Deever já fora pesada, sua temperatura verificada e seu braço desinfetado com betadina, um tipo de iodo bactericida. Franny acabou de tirar-lhe a pressão, auscultou seus pulmões e seu coração, e fazia periodicamente anotações no gráfico preso à sua prancheta. Olhou para cima, além da poltrona da sra. Deever. Cortinas escuras sombreavam uma fileira de janelas. Lá fora, um feroz vento norte varria as nuvens no céu. Quando Franny viera para o trabalho de manhã, com o vento Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

empurrando seu carro enquanto atravessava o elevado de Yolo, vira, surgindo a distância,

os picos

cobertos de Sierra Nevada. Talvez conseguisse que Michael a levasse até lá no fim de semana, pensou.

— Está frio, não é mesmo? — comentou a sra. Deever, observando Franny. — Aposto que está

sonhando com seu novo namorado.

Franny baixou os olhos e sorriu. Os cabelos da sra. Deever batiam nos ombros. Eram de um louro desbotado, e ela insistia em enrolá-los, embora caíssem muito e as pontas estivessem quebradiças. Usava maquiagem, como sempre o fazia: batom vermelho brilhante, pó facial para encobrir a pele manchada, rímel passado com esmero e sombra nos olhos. Tentava manter-se íntegra, embora o corpo não quisesse cooperar. Seu rosto, apesar do inchaço e da pesada papada, irradiava simpatia. Franny se afeiçoara a ela durante os últimos dois anos e não só a via na clínica como também visitava-a com freqüência no hospital. Como seus dois filhos vivessem em outro estado, a sra. Deever era quase maternal em relação a Franny.

Era solidária e ouvia seus problemas, dando conselhos, quer Franny quisesse ou não Franny reconhecia que tal relacionamento baseava-se na solidão, mas não importava. A presença da sra. Deever a lembrava do quanto sentia falta de sua mãe; sabia que a sra. Deever sentia falta de seus filhos.

-É, estou sim — afirmou Franny sorrindo. Por cima de seu uniforme azul, usava um avental plástico. Usava também uma máscara transparente sobre a face e luvas de borracha, procedimento normal para os técnicos e as enfermeiras durante o processo de conexão para protegê-los do sangue do paciente. Franny encontrou a fístula arteriovenosa no antebraço da sra. Deever. Tratava-se de um desvio permanente, que atrelava a artéria a uma veia. A maioria dos pacientes tinha a fístula no braço, embora vários pacientes, nenhum dos quais presentes na clínica naquele momento, não pudessem usar o desvio normal e tivessem cateteres Quinton instalados na veia subclavicular, abaixo do pescoço. Franny inseriu duas agulhas na fístula e conectou os tubos das agulhas ao aparelho de diálise, que bombearia o sangue arterial, filtrando-o e devolvendo-o através da veia.

— Ele a levou a algum lugar agradável na semana passada? — indagou a sra.

Deever.

— Sim. Fomos até Napa Valley e pernoitamos.

— Napa? Degustaram vinhos?

— Fomos a várias vinícolas. Nem sei quantas. Depois me levou a um restaurantezinho francês muito charmoso. A comida estava excelente. — Tirou a pressão da sra. Deever mais uma vez enquanto conversavam; tiraria sua pressão a cada meia hora durante o tratamento. Contou tudo a respeito da viagem, dando o maior número de detalhes possíveis: a encantadora pousada na qual Laura Reese - Falsa Submissão

23



PDL – Projeto Democratização da Leitura

haviam passado a noite de sábado, as taças de vinho que ele comprara para ela de lembra nça, o cheiro azedo do vinho fermentando.

Na verdade, era tudo mentira. Franny envergonhava-se de admitir que Michael não a levava a lugar algum. Estavam namorando há quase um mês e ele jamais a levara para passear. Estava sempre muito ocupado com suas aulas na UCD e com seus alunos, além de ter sua própria música com que se ocupar e os seus artigos para escrever.

Com tanta coisa para fazer, nunca tinha muito tempo para passar com ela. Franny compreendia que ele era um homem ocupado e não gostava de reclamar.

Só que gostaria que ele saísse com ela de vez em quando, fosse ao cinema, talvez, ou a levasse para jantar fora. Quando se encontravam, era quase sempre na casa de Michael, quando ele telefonava para ela e a mandava ir até lá, geralmente tarde da noite, como se ela fosse uma segunda opção.

—

Ele parece um bom partido. É bom agarrar este daí logo — comentou a sra. Deever. Falava como se Franny tivesse muitas opções de homens, muitos que pudesse agarrar. Franny olhou os outros pacientes para ver como andavam.

Suspirando, a sra. Deever girou o pescoço de um lado para o outro para estalá-lo e fechou os olhos. Levou a mão ao pescoço e acariciou-o de leve. Franny ia se afastar, mas os olhos da sra. Deever se abriram outra vez e, apesar de cansada, ela recomeçou a conversa.

—

Meu Frank não era nenhum bom partido. Fazia de tudo para dificultar a minha vida. Não sei por que alguns homens são assim. Ele conseguiu me fazer desistir dos homens. Depois dele eu não quis tentar com mais ninguém. — Fechou os olhos e cochilou logo depois. Franny lembrou-se de quando ia à casa da sra. Deever, depois da aula, com Jenny, a filha da sra. Deever, no primário. O pai de Jenny vivia fazendo viagens misteriosas, durante as quais a sra. Deever se consolava com a garrafa de bebida. Enquanto ela e Jenny brincavam no quarto, a sra. Deever irrompia porta adentro carregando um prato de biscoitos, ou *brownies*, ou algumas vezes nada. Queria uma desculpa para estar com elas. Deslizava para dentro do quarto, com um sorriso forçado, interrompendo a brincadeira. Fora belíssima naquela época, uma mulher curvilínea com seios enormes e unhas pintadas e cabelos dourados e jóias que tilintavam e cintilavam acompanhando seus movimentos, hipnotizando as meninas de dez anos de idade. Com as pernas cruzadas na altura dos joelhos, balançando o pé casualmente, sentava-se na beirada da cama de Jenny, fumando e bebericando um drinque cor de âmbar. Ela sempre parecia estar segurando um drinque com cubos de gelo tinindo, drinque este que as meninas sabiam ter vindo do bar. E

tagarelava sem parar e ria muito alto de algo que não tinha graça nenhuma. Franny achava aquilo tudo triste, o jeito que a mãe de Jenny agia, e Jenny devia pensar o mesmo, pois preferia brincar na Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

casa de Franny. Quando as meninas estavam no ginásio, a sra. Deever já se divorciara. Estava doente o tempo todo, e Jenny deixara de convidá-la para ir à sua casa. Ela e Jenny ainda eram boas amigas, mas Jenny sempre ia à casa de Franny e parecia ter adotado sua mãe. Vivia atrás dela, abraçava-a por qualquer motivo e conseguia assim substituir sua própria mãe, como se fosse uma mercadoria defeituosa que pudesse ser devolvida e trocada por um modelo melhor. Estranho como eram as coisas, pensava Franny agora. Jenny precisara de sua mãe quando eram crianças, mas agora era Franny quem precisava da mãe de Jenny.

Franny foi ver como estavam seus outros dois pacientes. Tirou-lhes a pressão, perguntou como se sentiam e rabiscou anotações em seus prontuários. Em seguida deu uma volta na sala para verificar o trabalho dos técnicos. O movimento era normal, rotineiro, todos estavam conectados, os aparelhos trabalhando silenciosamente, os técnicos, vestidos com jalecos brancos ou em tons pastel, calmamente monitorando seus pacientes. Como corresse tudo bem, resolveu fazer uma pausa enquanto as coisas estavam calmas. Foi ao banheiro e em seguida tirou um chocolate da máquina da sala dos médicos. Sua dieta não estava adiantando grande coisa, mas Michael não parecia se importar. Continuava a fazer seus passeios de bicicleta todas as tardes na ilusória tentativa de perder peso, mas os passeios não eram tão divertidos como outrora. Michael

andava ocupado e não tinha mais tempo para encontrá-la em Putah Creek. Sentia falta das longas conversas e das caminhadas pelo Arboretum. Ainda conversavam, é claro, mas era diferente.

Franny mordiscou o chocolate e amassou a embalagem quando terminou. Resolveu que andava imaginando coisas, criando problemas onde não existiam. Não que pulassem na cama assim que ela chegava na casa de Michael. Ainda conversavam, muito até, e ele cozinhara para ela várias vezes, e ainda assistiam à TV juntos, e ela sempre passava a noite com ele quando ia lá. Michael ainda era doce e atencioso quando estavam juntos, e só porque não a encontrava em Putah Creek e não a levava a lugar algum... Ora, ela não devia culpá-lo, pois trabalhava muitíssimo. Decidiu telefonar para seu escritório na faculdade para saber se podia ir até sua casa naquela noite. Ela discou e ele atendeu ao primeiro toque.

— Sim — disse com severidade, demonstrando aborrecimento. Franny desejou não ter telefonado.

— Sou eu. Estou ligando em má hora?

—

Para dizer a verdade, está. Vou me atrasar para a próxima aula.

—

Sinto muito. Telefono mais tarde então. Ele soltou um suspiro impaciente.

— Franny — começou, interrompendo-se logo em seguida. Suspirou mais uma vez e passou alguns instantes em silêncio. Quando falou de novo, seu tom tornou-se menos áspero. — Está mesmo ligando em má hora. Por que ligou?

25



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Pensei que talvez pudéssemos passar a noite juntos. Talvez jantar em algum lugar.

— Ela o

ouviu tamborilar os dedos na mesa.

— Preciso trabalhar até tarde — disse. Houve uma pausa e o tamborilar parou. — Vá lá para casa às nove horas. Franny?

— Sim?

— Vista seu uniforme de enfermeira hoje à noite. Não o jaleco. Seu uniforme. O vestido branco, os sapatos brancos e as meias brancas, a touca, o estetoscópio, enfim, o traje inteiro. Tenho uma surpresa para você. — Desligou abruptamente.

Franny pôs o fone no gancho e sorriu. Michael sempre tinha alguma surpresa reservada para ela. O mês que passou fora esclarecedor. Queria tanto ter uma confidente. A pessoa mais próxima era a sra. Deever, e não se via discutindo sexo com ela. Pensou em sua irmã: Nora saberia o que dizer a respeito destas coisas. Pegou o telefone mais uma vez e discou o número do *Sacramento Bee.* Depois desligou, sem deixar recado. Decidiu, afinal, que não queria discutir este

assunto com Nora. Era pessoal demais.

Mais tarde, naquela mesma noite, Franny aconchegava-se em Michael. Estava acordada, mas ele respirava profundamente, já quase adormecido, deitado de barriga para cima. Haviam se fartado com uma fantasia de Michael que envolvia um médico e uma enfermeira, com a mesa da sala de jantar fazendo as vezes de uma mesa de exames. Ele dissera que se ela quisesse manter seu emprego teria que atender às suas necessidades, assim como às dos pacientes. Usara um jaleco branco e luvas cirúrgicas de látex e a fizera chamá-lo de doutor. Ele desenrolara um pedaço de veludo vermelho que continha uma série de reluzentes instrumentos de aço inoxidável, alguns médicos, a maioria não. Isto era novidade para Franny. Até conhecer Michael, não sabia que as pessoas satisfaziam suas fantasias. Ele a conduziu, examinando-a com os instrumentos, cutucando e remexendo cuidadosamente, persuadindo-a a brincar também. Então ele lhe deu sua recompensa: tocou-a como ela gostava de ser tocada e brincou com ela até estar pronta para gozar. Mandou-a fechar os olhos e se entregar à sua fantasia, fazendo-a sua, e durante isto tudo falou com ela num tom firme e persuasivo, induzindo-a a ir adiante, empurrando-a com as palavras, e ela teve a preocupante sensação, até mesmo enquanto gozava, de que ele a preparava, orientava-a, para algo mais.

Ela ouvia a respiração de Michael, profunda e tranqüila, olhando seu peito levantar e baixar. A lua invadia o quarto através de vaporosas cortinas. Uma árvore balançando ao vento com galhos que se estendiam como as mãos de um mendigo lançava sombras pálidas, fantasmagóricas, através da janela do quarto escuro. Brincou com o cabelo preto em seu peito até que ele, irritado, parou-a, Laura Reese - Falsa Submissão



pondo a mão sobre a dela. Ela queria lhe dizer alguma coisa, mas não sabia por onde c omeçar.

Apoiou-se sobre um cotovelo, examinou o perfil de Michael, o queixo quadrado e decidido, até

mesmo em repouso. Estava apaixonada por aquele queixo.

—

Não sei se quer ouvir isto — começou, hesitante. — Provavelmente não vai querer. Eu sei que você não se sente como eu, mas só queria que você soubesse como me sinto em relação a você. — Podia se ouvir tropeçando nas palavras. — Sabe o que é? Acho que estou me apaixonando por você.

Roeu uma unha enquanto esperava que ele reagisse. Sabia que ele a ouvira porque sua respiração mudara. Nada disse.

—

Isto o incomoda? — perguntou ela por fim. — Você teria preferido que eu não tivesse dito nada?

Ele alcançou o abajur vagarosamente e o acendeu. A luz era ofuscante. Na dura realidade do quarto iluminado, sua declaração de amor pareceu-lhe nua e vulnerável, como uma minúscula aranha surpreendida no espaço aberto. Quis se enfiar debaixo das cobertas.

— Oh, Franny — disse ele, virando de lado para encará-la. Empurrou as

cobertas até seus joelhos, expondo-a à luz intensa, mesmo sabendo que isto a deixava desconfortável. O corpo de Franny ficou tenso, e ela tentou, com todas as forças, relaxar. Ele envolveu a abundância brancoleitosa de seu corpo com os olhos, coxas e quadris carnudos, abdome amplo e seios enormes e caídos, volumosos e macios. Sorrindo, pôs a mão em seu rosto e acariciou-o de leve, deixando que pousasse em seu seio em seguida. Esfregou os bicos rosados, rosados como a flor do damasco, por entre os dedos, até ficarem rijos. Segurou um dos seios na mão, circundando-o com o polegar e os dedos, manuseando-o como se fosse uma maçaneta. Que maneira engraçada de segurar meu seio, ela pensou.

— Minha querida, doce Franny. Já faz tanto, mas tanto tempo desde a última vez em que me apaixonei. E é claro que fico feliz por ter me dito como se sente. Fico feliz que esteja apaixonada por mim.

—

Ele falava baixo, ainda segurando um de seus seios. — Não me apaixono com facilidade, mas fico feliz em receber o seu amor. — Fez uma pausa e em seguida disse: — Sabe o que isso quer dizer, não sabe?

Franny balançou a cabeça.

—

Quer dizer — apertou seu seio, torcendo-o de leve, porém dolorosamente, sorrindo —

, que agora você é oficialmente minha namorada. Isto me dá direitos territoriais sobre o seu corpo. Dá a mim interesses de proprietário sobre você. Agora, você me pertence. — Sorriu mais uma vez, brincalhão, e balançou seu seio.

27



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Esta teta é minha. Seu corpo é meu, e posso fazer com ele o que bem entender. Franny riu. Sua namorada, *sua* namorada: adorava o som destas palavras. Não imaginava que algum dia se sentiria tão feliz assim. Ele ainda não estava apaixonado por ela, mas isto viria depois. O que importava era que gostava dela... gostava mesmo. E disse que pensava em seu corpo como se fosse um território de sua propriedade; que a protegeria como seu pai fizera um dia. Aconchegou-se ainda mais contra o corpo de Michael. Um sorriso contente invadiu-lhe o rosto. Caçoando, perguntou:

—

E o que planeja fazer com meu corpo?

Ele lambeu o bico de seu seio, olhou para ela e piscou.

—

Tudo tem sua hora — disse.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

TRÊS

O céu estava escuro, com imensas nuvens negras movendo-se com lentidão. Enormes gotas de chuva caíam, lúgubres, em intervalos espaçados, como lamentos tristes e demorados, espirrando no pára-brisa do carro de Franny. Ela detestava dirigir com tempo ruim. Ao ligar o limpador, a chuva caiu mais rápida, mais forte, transformando a estrada numa paisagem pós-impressionista, um borrão de faixas, asfalto, concreto e veículos. Ia jantar com Nora no Hotel Radisson, na Highway 160. Tentavam encontrar-se pelo menos uma vez por mês, e em geral acabavam no Radisson para comer uma salada *chin-chin.* Ambas concordavam que era a melhor salada chinesa de galinha em Sacramento.

Franny entrou no estacionamento do hotel, um prédio em estuque marrom-acinzentado que de fora mais parecia um mosteiro moderno. Deu a volta até a entrada principal, mas as vagas que lá

havia eram minúsculas, ideais para carros compactos. Franny tinha um

Cadillac preto, rabo-de-peixe, uma antigüidade, e seu maior tesouro. Embora bebesse gasolina e fosse uma verdadeira banheira, fabricada nos anos 50, ela o adorava. Tinha um relacionamento todo especial com aquele carro, como se fosse um velho amigo; e, como um velho amigo, cuidava de suas necessidades com todo o carinho, lavava-o e encerava-o, polindo os cromados, verificando os pneus e aspirando o interior. Tinha-o desde o segundo grau, quando morara com Nora, e quando o levou para casa sua irmã o chamara de monstruosidade, poluição visual e aberração da natureza. Mas Franny, normalmente dócil, recusou-se a vendê-lo. Não sabia bem por quê, mas adorava o carro. O Cadillac deslizava pelo estacionamento, macio e silencioso, como um tubarão nadando em círculos. Encontrou uma vaga imensa nos fundos. Ao estacionar, o carro parou com um clunque. Em seguida procurou o guarda-chuva no banco de trás e não o encontrou. Vestiu o casaco, levantou-o sobre a cabeça e correu até a longa marquise que levava ao prédio principal do hotel. Quando chegou à porta dupla, parou e ajeitou o casaco, sacudindo a chuva como um animal sacudindo a água do corpo. Levantando os olhos, viu que o porteiro, um homem magro com óculos de armação plástica, olhava-a de uma maneira que não conseguia decifrar. Ele hesitou e em seguida abriu a porta para ela.

— Obrigada — disse Franny num sussurro rouco. Passou por ele apressada, sem que seus olhos se cruzassem. Atravessou o chão acarpetado do hotel, decorado em tons sóbrios. Passou a recepção, plantas em vasos, a lojinha de suvenires e o artesanato de parede, subindo alguns degraus até o restaurante. Viera direto do trabalho, mas antes de sair da clínica vestira uma saia preta longa e Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

um suéter. Seu cabelo, eriçado pela chuva, estava úmido. Tentou alisá-lo com

os dedos, mas estava completamente embaraçado. Desistiu e procurou uma fivela na bolsa. Ao lado de sua carteira sentiu a pulseira de identificação hospitalar de Billy, com as palavras "paciente de hemodiálise" gravadas. Andava sempre com ela. Após a morte dos pais, usava-a sempre no pulso, até que um dia Nora insistiu para que a guardasse. Nora acreditava que o passado pertencia à história e que Franny estava sendo mórbida, usando a pulseira de Billy como se fosse um amuleto de sorte. Mas ela jamais pensara na pulseira como um amuleto e sim como um estigma pesando em seu pulso. Agora mantinha-a dentro da bolsa, ou usava-a numa corrente em volta do pescoço, por baixo da blusa, para que sua irmã não a visse.

Encontrou a fivela e estava prendendo o cabelo quando localizou Nora no final do salão, bebericando uma taça de vinho. Tinha uma aparência chique, e era claro que se exercitava muito. Usava um vestido de malha colado, curto e *sexy,* que exibia seu corpo e as longas pernas. Franny sabia que Nora era quase neurótica com seu peso. Malhava no Capital Athletic Club seis vezes por semana, para manter o corpo delgado, e vigiava constantemente tudo o que ingeria. Olhando na direção de Franny, Nora sorriu e acenou. Usava um batom vermelho, chamativo, e seus cabelos negros tinham um corte elegante, na altura do queixo. Franny se aproximou. Frente a frente com sua charmosa irmã, sentia-se mal-ajambrada.

—

Oi! Por que demorou tanto? Eu já ia desistir — disse Nora com uma expressão agradável, quase zombeteira. Os cantos dos lábios estavam levemente virados para cima, como se ela estivesse prestes a sorrir.

Franny tirou o casaco e pendurou-o no espaldar da cadeira. Sentou-se e disse:

— Sinto muito. Tivemos uma emergência lá no trabalho.

— Ah, foi? — perguntou Nora, erguendo as sobrancelhas.

— A pressão sangüínea de um dos pacientes caiu muito e ele entrou em convulsão. Tive que interromper o tratamento.—Colocou o guardanapo no colo. — Acho que o técnico deveria tê-lo vigiado com mais cuidado. Ninguém jamais teve um ataque destes comigo. Dei-lhe uma solução salina e chamei o médico. — Sabia que Nora mal ouvia o que dizia. Seus olhos estavam parados e ela assentia com a cabeça discretamente, concordando com o que Franny dizia. Terminou a história rapidamente. — Bem, acabei mandando-o para o hospital.

Nora tomou um gole de vinho. Seus olhos eram de um azul profundo, como gotas de safira derretida, combinando com o azul de seu vestido. Franny sabia que a cor era falsa, eram lentes de contato, pois os olhos de Nora eram de um azul-claro e pálido. Mesmo assim, a cor forte lhe caía Laura Reese - Falsa Submissão

30



PDL – Projeto Democratização da Leitura

bem. O garçom se aproximou para perguntar o que Franny gostaria de beber, e ela pediu um chá

quente, de ervas. Quando o trouxe, elas pediram as saladas.

—

Gostou? — indagou Nora chegando o corpo para a frente e puxando os cabelos para trás para que Franny visse seus brincos, cones de prata com insetos

de jade.

—

Bonitos — respondeu, mergulhando o saquinho de chá na quente. O garçom trouxe uma cesta de pãezinhos variados. Franny pegou uma broinha e passou manteiga. Fui a Berkeley quinta passada, estava escrevendo um artigo sobre um zoólogo que trabalha com a mecânica do movimento. Usa insetos: centopéias, aranhas, baratas. Superinteressante. Vai sair semana que vem. Eu já ia pegar a estrada para vir para casa quando vi uma lojinha de bijuteria muito bonitinha. Tinha coisas ótimas. Foi lá que comprei estes daqui.

Nora tirou um pedaço de pão árabe do cesto e começou a mastigá-lo, sem manteiga. Olhou ao seu redor, examinando os outros clientes, os garçons e as garçonetes, o pianista tocando num canto do salão. Nora sempre fora observadora, provavelmente devido à profissão de jornalista. Seus olhos não paravam jamais; vagava os olhos sutilmente pelo salão, absorvendo tudo enquanto falava, ou enquanto falavam com ela. Muitas pessoas achavam este hábito irritante, achavam que ela não estava prestando atenção. Mas Franny sabia que Nora jamais perdia uma só palavra de conversa alguma e recordava tudo mesmo que o interlocutor já tivesse esquecido.

— Baratas? — perguntou Franny, com ar de ceticismo.

— É — respondeu Nora sorrindo para o garçom enquanto este colocava as saladas na mesa. Pediu mais um vinho branco, separou os *hashis* e voltou-se para Franny. — Ele as coloca em microesteiras e as filma. Depois assiste às fitas em câmera lenta. Chegou à conclusão de que animais e insetos caminham de forma parecida e todos têm o mesmo movimento saltitado porque os músculos de suas pernas se movem de maneira idêntica.

Discursou em seguida a respeito do consumo energético do inseto em movimento e seu impacto sobre a gravidade, a força de geração. Empunhando seus *hashis,* contou a Franny as implicações que isto teria sobre a fisiologia, a

robótica e a medicina. Franny sentia orgulho de Nora, mesmo sem compreender completamente o que dizia. Às vezes queria ser mais parecida com Nora, mas lembrou-se de que tais pensamentos eram tolos. De nada adiantava querer algo que jamais poderia ter. Era o mesmo que esperar ganhar na loteria. Quando terminaram as saladas, Nora ainda falava sobre baratas e centopéias. Franny queria falar sobre sexo, mas não sabia como começar. Já haviam conversado sobre sexo antes, genericamente troçando até, mas jamais haviam discutido detalhes. Franny ainda não mencionara Michael. Queria já ter contado a seu respeito, não queria mantê-lo em segredo, mas nunca encontrava Laura Reese - Falsa Submissão

31



PDL – Projeto Democratização da Leitura

o momento certo. Nora estava sempre ocupada. Quando Franny lhe telefonava, parecia estar s empre a caminho de uma reunião ou ocupada com um artigo que já devia ter entregue, ou então prestes a sair com alguém. Não queria falar de Michael sem ter tempo de explicar como ele era. As últimas semanas haviam sido estranhas. Perguntava-se o que era normal sexualmente e o que não era. Não tinha muita experiência nessa área, mas uma conversa com Nora talvez a esclarecesse. Algumas das coisas que Michael queria fazer eram simplesmente estranhíssimas. Ela hesitara várias vezes, dizendo-lhe que não queria fazer uma determinada coisa, mas ele sempre insistia e, surpreendentemente, ela acabava gostando. Na maioria das vezes. Mesmo assim, ele lhe parecia um pouco estranho, com sua coleção de grampos para os bicos dos seios e para os lábios vaginais, peias para os tornozelos e pulsos e a maneira com a qual ele tentava dominá-la, mais exigente a cada semana.

— Vai sair esta noite? Esta roupa é de sair. Nora assentiu com a cabeça.

— Vou dançar no The Rage. Quer vir?

Franny balançou a cabeça. Ambas sabiam que o convite de Nora não passava de uma formalidade. Franny não gostava de bares e odiava mais ainda dançar. Nora pôs os cotovelos na mesa e chegou o corpo para a frente. Mesmo na luz fraca do restaurante, seus cabelos brilhavam. Ela sorriu.

—

Conheci um cara lá na semana passada que é simplesmente o máximo. É excelente dançarino e superbonitão: ombros largos, mais de um e oitenta, bundinha dura. Dura *mesmo*, aliás. Franny olhou ao redor para ver se alguém ouvira sua irmã e ficou aliviada ao constatar que ninguém prestara atenção.

—

Você gosta dele? Nora deu de ombros.

É operário da companhia telefônica. É engraçado e bonzinho mas não acho que seja inteligente o bastante para mim. Sei que vou me cansar dele logo. — Ergueu a taça de vinho. — Que pena —

disse com pesar. — Tem um corpaço.

Franny já se acostumara com a leviandade de Nora para com o sexo masculino. Tinha sempre vários namorados, mas não levava nenhum deles a sério; nem mesmo os dois homens com os quais morara. Muitos homens já a haviam pedido em casamento, mas ela lhes dissera desde o começo que o casamento não estava em seus planos. A Franny, no entanto, agradava a idéia de se casar, de ter sempre alguém ao seu lado, de saber que haveria sempre uma pessoa para cuidar dela e dos seus interesses. Ela daria qualquer coisa, ou quase, para se casar, enquanto Nora descartava as propostas e seus homens com naturalidade. Ela os deixava de lado após se servir deles como se fossem

descartáveis e facilmente substituíveis, como uma caneta Bic ou um o.b. usado. Laura Reese - Falsa Submissão

32



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Você dormiu com ele? — indagou Franny, ruborizando logo em seguida por ter sido

tão direta. Embora Nora fosse muito aberta sobre seus namorados, contando a ela com quem havia dormido, Franny fora sempre uma mera ouvinte. Jamais fazia comentários ou contara suas próprias histórias.

Nora riu, uma risada divertida, quase escandalosa.

—

Desde quando você me faz este tipo de pergunta? Franny sorriu, envergonhada.

—

Para dizer a verdade, não dormi. Até pensei em dormir, mas ia dar tanto trabalho. Franny deve ter parecido confusa, porque Nora fez biquinho, expressão

que demonstrava sua exasperação, para em seguida se explicar.

- Você sabe, não é? Todos aqueles cuidados. Perguntar o histórico sexual, apanhar a camisinha, a pomada espermicida certificar-se de que a camisinha é de látex e o lubrificante solúvel em água etc. etc. Alguém tem saco para isso tudo? Especialmente por alguém que não vai ficar em sua vida por muito tempo. É bem mais fácil voltar para casa sozinha. Às vezes o ato em si não compensa tanta mão-de-obra.

Franny achou que seria um bom momento para mencionar Michael e falar, casualmente, das coisas que faziam juntos. Ia dizer alguma coisa, mas Nora já começara a vestir seu casaco, aprontando-se para ir embora. Queria sair logo para dançar.

Em pé, Nora olhou a conta e pôs o dinheiro sobre a mesa.

—

O que foi? — perguntou, vendo que Franny hesitava. Franny sorriu timidamente e balançou a cabeça.

—

Nada. — Decidiu que nada diria a respeito de seu namorado. Ainda não estava pronta para vê-lo ter que passar pelo crivo de sua irmã. Nora só saía com homens de sua idade ou, de preferência, mais novos do que ela, e já lhe dissera que não via vantagem alguma em sair com homens muito mais velhos. Teria achado estranho o fato de Michael ter o dobro da idade de Franny. E o que teria Nora pensado do fato de que não iam a lugar algum e nem faziam coisa alguma juntos?

Tinha uma certa tendência ao cinismo, no que diz respeito aos homens, e provavelmente não compreenderia. Ia querer conhecê-lo, e se ele não

concordasse com isso? Franny decidiu esperar. Não era o momento certo. Decidiu também que passaria em Baker's Square em West Sacramento no caminho de casa para comprar um *brownie.*

A luzinha verde da secretária eletrônica de Franny estava piscando quando chegou em casa à

noite. Era uma mensagem de Michael, pedindo que fosse até sua casa. Sorriu, feliz com o recado. Atravessou o apartamento, ainda tremendo de frio, e começou a despir a roupa molhada de chuva, a Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

capa encharcada pingando no chão e a saia preta longa, úmida na barra, grudando nas pernas.

Estendeu a saia e a capa no espaldar de uma cadeira para secar. Seu apartamento era pequeno, com apenas um cômodo, no primeiro andar de um conjunto de prédios quase totalmente habitado por universitários. Era um apartamento completamente comum. Paredes bege, insossas, misturavam-se ao carpete também bege e igualmente sem sal. O aluguel era barato, e ela tentara dar alguma vida ao apartamento com almofadas coloridas, plantas e gravuras atraentes nas paredes. Entrou no quarto e tirou o resto da roupa, amontoando-a na cama; então entrou no banheiro. Debaixo do chuveiro, deixou que a água aquecesse seu corpo. Ficou feliz que Michael tivesse ligado. Jamais notara o quão sozinha fora até conhecê-lo. Habituara-se à solidão *como a* uma pequena

ferida que não se fecha: você se acostuma, esquece até que ela existe. Mas agora não. Agora seu apartamento vazio tomara-se insuportável. Passar a noite na casa de Michael era como fugir, se livrar de sua vida solitária.

O banho quente deixara seu corpo rosado, o banheiro cálido e cheio de vapor. Desligou a água e puxou a toalha da argola. Enquanto se secava, lembrou-se do banho que tomara com Michael na semana passada, como ele a ensaboara, esfregara seu corpo com as mãos, mexendo em suas carnes como se fosse um escultor. Volúpia e determinação ardiam em seus olhos. Então ele a virara e pressionara o corpo contra o dela encostando a virilha contra suas nádegas, absorvendo-a, e ela se sentira esbelta, desejável e graciosa, envolta nos seus braços fortes, querendo ficar ali para sempre, com o corpo fundido ao dele, protegida por seu amor. Mas ele a fez se abaixar, afastou suas nádegas e meteu o pênis ensaboado e escorregadio dentro dela; mexia como queria, dizendo-lhe que agüentasse, embora gemesse de dor, agarrou-a com ainda mais força sem parar, ordenando que relaxasse. Confusa e dolorida, ela se perguntara como chegara ali, vergada e imprensada contra as paredes de azulejo do boxe. Quando ele finalmente terminou, enquanto abraçava seu corpo com força ainda dentro dela enquanto beijava sua nuca e dizia suave e carinhosamente: "Às vezes será

assim, meu doce. Às vezes eu gosto da crueldade, e você vai ter que aprender a agüentar"; enquanto ele fazia tudo isto, ela se perguntava se o amor seria realmente assim. Escovou os dentes, vestiu roupas limpas e foi até a casa de Michael. Ele atendeu à porta falando ao telefone sem fio. Vestia calças de veludo cotelê e um suéter vinho de lã de carneiro e parecia esgotado, recebendo-a com um sorriso cansado e os cabelos escuros em desalinho caindo na testa. Usando as mãos, mandou que entrasse, e ela o seguiu até o escritório, um cômodo grande, comprido, com móveis elegantes e aconchegantes e estantes altas. Havia um piano meia-cauda negro numa extremidade do aposento e um sofá e uma escrivaninha na outra. Franny tirou o casaco e vagou pelo escritório, olhando os títulos dos livros enquanto ele falava ao telefone. Sua escrivaninha ficava Laura Reese - Falsa Submissão

ao lado das estantes, e, pendurada na parede, acima de uma foto emoldurada de seus pais, e stava a

espada de seu pai, um alfanje de aço de quase um metro, com um punho de metal sólido decorado e um cabo de madeira. Usara-a durante a Segunda Guerra Mundial. Michael lhe contara que ele estivera na Marinha e que em 1944 capturara e acostara um submarino alemão. Foi a última vez que a Marinha usara, oficialmente, o alfanje. Em volta da espada havia fotos de seus parentes: tias, tios, avós. Franny sentia inveja de sua família; nunca conhecera seus avós. Todos haviam morrido antes dela nascer.

Michael deitou-se no sofá e pôs os pés nas almofadas. Aparentemente, conversava com um amigo em San Francisco. Combinavam se encontrar em Fisherman's Wharf na sexta à noite Franny achou que ele não a convidaria. Sentou-se à escrivaninha, que estava repleta de papéis. Ele dava um curso de literatura musical e teoria, e estava corrigindo algumas provas de seus alunos. Ela pegou uma prova do alto da pilha e leu: "A Sinfonia do *Novo Mundo* de Dvorak é uma combinação do material temático americano e boêmio. Foi escrita na linguagem musical nativa da Boêmia, permeada pelo temperamento musical característico de Dvorak, impregnada pelo espírito da América." Franny deixou o papel na mesa. Desde que começaram a dormir juntos, Michael nunca falara sobre seus alunos *ou* seu trabalho *ou* sua música. Sempre que perguntava, ele desconversava. Ele, por outro lado, sabia tudo a seu respeito. Não se contentava mais em deixá-la em silêncio. Arrancava dela os detalhes mais íntimos sobre seus pais, sobre Billy e como haviam morrido, sobre Nora, e sobre o repórter anônimo do *Bee* com o qual tivera um caso rápido. Queria saber como ele a beijara e como fizera amor com ela e o que ela fizera com ele. Queria detalhes específicos. Tintim por tintim. Mas quando o assunto era sua vida e seus relacionamentos, ele ficava mudo. Franny esperou até que acabasse de falar. Quando ele desligou, esticou os braços e bocejou. Pôs mais uma almofada

embaixo da cabeça e olhou para ela, pensativo.

— Tive um dia cansativo. Venha até aqui — disse. Parecia uma ordem. Franny permaneceu sentada na escrivaninha.

- Michael, acho que devíamos conversar.

Ele inclinou a cabeça e levantou uma das sobrancelhas, sem dizer uma palavra. Seu olhar era intimidador. Ela baixou a cabeça, olhou para o carpete e começou a brincar com as mãos, nervosa, esfregando uma na outra.

Você nunca me conta coisa alguma a seu respeito. Não sei nada sobre seu trabalho, sobre sua vida seus amigos.

Nós já falamos sobre isto, Franny — afirmou Michael com secura. — Não estou com vontade de me repetir.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Ela ficou em silêncio por alguns minutos. Em tom baixo, ainda encarando o carpete, e

la disse:

Não estou feliz com as coisas do jeito que estão. Nunca fazemos nada juntos. Você encontra tempo para sair com seus outros amigos. Por que não pode passar mais tempo comigo? Por que não me leva a Fisherman's Wharf? — Balançou a cabeça vagarosamente. — Não sei. Às vezes você me parece tão distante.

—

Franny, olhe para mim.

Ela pôs as mãos no colo e levantou a cabeça. Recostado no sofá, com as mãos sob a nuca e uma expressão de extrema paciência, como se ela fosse sua aluna, Michael a olhava.

— Não tenho muito tempo livre, Franny. Você sabia desde o começo.

— Eu achei que, às vezes, você arrumaria mais tempo para mim, que você mudaria. Eu... Ele levantou uma das mãos para mostrar que ainda não acabara.

—

Você sabia como eu era desde que me conheceu. Nunca prometi a você que mudaria. É muito pouco razoável da sua parte esperar que eu aja de outra maneira só porque você assim o deseja.

Franny olhou para a parede, logo acima de sua cabeça. Suas palavras soavam tão razoáveis, tão calmas, como se ele a estivesse tolerando. Ela nada disse.

- Você tem escolha, Franny. Se está infeliz, pode parar de me ver. E isto que você quer?

Ela olhou para ele e balançou a cabeça.

- Não. Não é isso que eu quero. Nem pensei nisso. Eu amo você. - Ela olhou para o piano sem vê-lo. Pensava. — Esperava que, quem sabe, com o tempo, você sentisse o mesmo. Ele inclinou o corpo para a frente e pôs os pés no chão.

—

Venha aqui, Franny. — Sua voz era suave e paciente, e ela pensou haver naquele tom de voz uma pitada de empatia.

Foi até ele, e ele a fez se ajoelhar entre suas pernas. Ela descansou a cabeça sobre os seus joelhos, sentindo-se derrotada, e ele acariciou-lhe os cabelos e massageou-lhe os ombros.

—

Gosto muito de você, sabe disso — afirmou ele ainda acariciando-a, falando com uma voz profunda e aveludada. — Não vou prometer nada, mas algum dia eu talvez a ame. É o bastante para você?—Ergueu o queixo de Franny para que o olhasse. Uma lágrima solitária escorria em sua face.

Ela assentiu com a cabeça e beijou a palma de sua mão.

—Sim, eu posso esperar. Não importa quanto tempo vai levar — disse ela, atirando os braços em tomo dele e enterrando a cabeça em seu colo. Ele continuava a abraçá-la, afagando sua cabeça, sem que nenhum dos dois falasse. No silêncio, ela podia ouvir o tique-taque do relógio na parede, um cachorro uivando ao longe e o ritmo de sua respiração. Pensou no quão maravilhoso era poder estar Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

próxima a Michael, ser abraçada por ele, sentir o calor de seu corpo, o toque reconfortante de sua mão.

Ele perguntou gentilmente:

—

Você já está melhor?

E ela fez que sim com a cabeça, feliz com tanta ternura.

—

Muito bem — disse ele. Levantou a cabeça dela, nos lábios a mera centelha de um sorriso. — Tive um dia exaustivo. Estou muito tenso e preciso que você me alivie. Quero que me dê

uma boa chupada.

Franny olhou para ele, perguntando-se se teria ouvido corretamente. Mas ele já abrira o zíper das calças e botava o pênis para fora.

— Michael, não podíamos fazer isto mais tarde? Não estou...

— Shhh — disse ele cobrindo a boca de Franny com os dedos.

—

Preciso mesmo que você cuide de mim. Faça o que lhe pedi. — Empurrou sua cabeça para dentro de suas pernas. — Me chupa direitinho, meu bem, chupa — disse, mantendo sua cabeça baixa.

Franny fez o que ele pediu. As lágrimas brotavam em seus olhos.

—

Oh, meu benzinho — disse, escorregando no sofá para se sentir mais confortável. —

Precisa se esforçar mais, dar tudo de si. Não está me chupando com muito empenho. — Afastou os cabelos de Franny do rosto gentilmente e disse: — Você tem cinco minutos para me fazer gozar. Se não conseguir, vou ter de castigá-la.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

QUATRO

O dia de Franny na clínica passou sem maiores novidades. Teve que trabalhar até tarde e, quando tomou o caminho de casa, lá pelas seis e meia, o nevoeiro começava. Não foi difícil atravessar o elevado, pois estava encoberto apenas por finas camadas de gaze. Mas quando foi chegando a Davis, o nevoeiro parecia grudado ao chão de tão pesado. O farol alto dissolvia-se, transformando-se numa luz acinzentada, nebulosa e onírica. O nevoeiro, de tão denso, isolava o som do mundo. As moitas de oleandro que separavam os dois lados da estrada materializavam-se a poucos metros da frente do carro, sendo engolidas logo em seguida na escuridão enevoada. Pegou a saída para Mace, dobrou à esquerda ao chegar à ponte, diminuiu e ponderou. Tinha três escolhas: McDonald's, Taco Bell ou Burger King. Foi em frente na direção do Burger King, pediu seu jantar no *drive-thru* e pegou a estrada mais uma vez, dirigindo com cautela através do denso nevoeiro. Virou na rua que corria paralela aos trilhos do trem, uma rua sombria e abandonada até mesmo sem o nevoeiro, e virou à direita em Pole Line, dirigindo-se ao Hospital de Convalescença Driftwood. Antigamente Franny visitava a sra. Deever apenas nos fins de semana ou nos seus dias de folga, mas ultimamente, desde que deixara de andar de bicicleta, visitava-a três ou quatro vezes por semana. Dava uma passadinha depois do trabalho, trazendo seu jantar. Assim que abriu a porta do hospital, o fraco, implícito odor de amônia da urina a atingiu, envolvendo-a como a neblina. Driftwood era asseado, o chão estava lavado, mas por sob os odores de desinfetantes e detergentes e a fragrância das flores trazidas de presente havia o cheiro indelével de deterioração, de urina, de fezes e do vômito de dezenas de pacientes com incontinência, de roupa de cama suja e de fraldas de adulto, tristes lembretes do porquê de estes velhos, que não podiam mais cuidar de si, terem vindo para cá. Era difícil encontrar alegria num lugar onde grande parte dos pacientes havia sido trazida para morrer.

Desceu os longos corredores. Festivas gravuras com motivos natalinos enfeitavam as paredes: Papai Noel e suas renas, árvores iluminadas, presépios. Nas cadeiras de rodas, homens e mulheres idosos deslizavam vagarosamente pelos corredores, sem ter exatamente aonde ir. Alguns pacientes podiam se movimentar sem ajuda, mas estavam senis e falavam sozinhos enquanto vagavam de quarto em quarto, disparando alarmes com os dispositivos amarrados ao tornozelo cada vez que saíam dos limites do prédio, como prisioneiros em fuga.

Laura Reese - Falsa Submissão

38



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Franny ia entrando no quarto da sra. Deever e deu uma parada na soleira da porta por alguns instantes. As paredes eram brancas e havia dois pacientes em cada quarto. Cortinas brancas encontravam-se abertas, recolhidas contra a parede embora pendessem do teto em trilhos para que pudessem ser fechadas em torno das camas, de forma a proporcionar alguma privacidade. A companheira de quarto da sra. Deever era uma minúscula mulherzinha grisalha de seus oitenta anos que dormia grande parte do tempo. Era raro estar acordada durante as visitas de Franny. Dormia agora, com o cobertor cor de safira puxado até o pescoço, seu corpo frágil uma mera ondulação debaixo das cobertas. Havia um saco de urina preso ao gradil da cama, e o tubo transparente do cateter despejava para dentro dele urina de uma cor alaranjada pouco saudável. Nem ela nem a sra. Deever recebiam muitas visitas, embora houvesse cartões antigos, de pronto restabelecimento, colados na parede ao lado de suas camas.

A sra. Deever estivera olhando o pátio através do vidro da porta de correr.

Estava escuro e nada havia para se ver, mas mesmo assim ela olhava. Seu corpo atarracado estava afundado na cama, e seu rosto parecia cansado. Havia um babador atoalhado em volta de seu pescoço. Quando viu Franny, seu rosto se iluminou e suas pálpebras pesadas se arregalaram.

—

Oi, meu benzinho. Que bom te ver. Levante o encosto da cama para conversarmos. Franny colocou a bolsa e o saco de comida na bancada. Abaixou-se e usou a manivela da base da cama para erguê-la. O jantar da sra. Deever, peru com ervilhas e uma compota de frutas, encontrava-se numa bandeja bem à sua frente, intocado.

—

Não está com fome? — perguntou Franny. A sra. Deever fez uma careta para a comida.

—

Meu estômago estava meio embrulhado. Tentarei comer outra vez.—Pegou o garfo, deu uma dentada no peru e uma cumeada nas ervilhas. Franny pôs a cadeira perto da cama e abriu o saco. Comprara um hambúrguer, um saco grande de batatas fritas e um *milkshake* de chocolate. A sra. Deever baixou o garfo e empurrou a bandeja.

—

É melhor eu não comer mais nada — balbuciou. — Acho que vou vomitar de novo.

— Levou o babador branco aos lábios. O peito e os ombros arfaram, mas ela

não vomitou. Franny pegou um recipiente de plástico bege de dentro de uma gaveta ao lado da cama e colocou-o ao lado da sra. Deever, para o caso de precisar dele. Deu um tapinha em seu braço.

—

Você é uma boa garota — disse a sra. Deever olhando para Franny. — Seu pai e sua mãe teriam tanto orgulho de você. Sabe disso, não sabe?

Franny sorriu.

Laura Reese - Falsa Submissão

39



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Eram pessoas tão boas. Tão família. Viviam levando você, Nora e Billy para algum canto: acampamentos, museus, piqueniques. Queria tanto que meu Frank tivesse sido mais parecido com seu pai, que ele tivesse se interessado mais pela família. — Interrompeu-se por alguns instantes e em seguida disse: — Foi um golpe muito duro para eles, a morte de seu irmão. Nunca se recuperaram. Mas que pai se recuperaria, perdendo um filho daquela maneira? — Apertou a mão de Franny. — Afetou você também, não foi? Deve ter sido difícil encontrar seu irmão logo depois de ter morrido. Era muito pequenininha para ver uma coisa daquelas.

Franny ouvia em silêncio, sem pronunciar uma só palavra.

De repente, a sra. Deever agarrou o recipiente plástico. Segurou-o abaixo da boca e vomitou um líquido embolotado da cor de catarro. Quando terminou, Franny levou a bandeja até o banheiro e a lavou, recolocando-a ao lado da sra. Deever em seguida.

—

Não está tendo um grande dia, não é mesmo? — indagou Franny, de pé, ao lado da cama.

A sra. Deever balançou a cabeça e suspirou profundamente.

—

O que foi que aconteceu comigo, Franny? Como foi que fiquei assim? — Olhou para as cobertas, para o lugar onde um dia tivera pernas e hoje havia apenas duas coxas grossas que terminavam abruptamente em dois cotos. Mais uma vez suspirou e colocou a mão sobre a de Franny. Franny baixou os olhos. Tinha um pequeno coto, ela também, no lugar onde acidentalmente decepara o mindinho com uma guilhotina. Acontecera há muito tempo, logo após a morte de Billy, quando se mudara para Montana com os pais.

A sra. Deever a pegou fitando o espaço vazio do dedo ausente.

—

É melhor do que perder uma perna. Ninguém nota uma mulher de nove dedos. Não devia pensar nisso. Nem se nota. — Em seguida, acrescentou: — Eu

era tão bonita, você se lembra?

Jovem e bonita, cheia de esperança e boas intenções. — Havia um tom nostálgico em sua voz. Franny assentiu com a cabeça e se sentou. A sra. Deever mais uma vez encarou a escuridão da janela, recordando melhores dias. Franny pegou seu hambúrguer. Haviam sido dias melhores para ela também, antes da morte de seus pais. Já fazia dez anos, mas ela ainda se lembrava, claramente, do dia em que lhe contaram do acidente sofrido pelos pais. Fora como se tivessem arrancado a segurança de debaixo de seus pés. E assim foi entregue a Nora. Sem mais nem menos, tudo mudou: jamais seria amada outra vez, incondicionalmente, houvesse o que houvesse; nunca mais se sentiria segura. Sua irmã tentou, é claro. Mas a própria Nora era tão jovem naquela época, da idade que Franny tinha agora, recém-saída da faculdade, e tentava começar sua carreira. Estava ocupada demais com sua própria vida para notar que Franny precisava de bem mais do que casa e comida para enfrentar anos tão difíceis. Agora depois de tanto esperar que encontraria em Michael a Laura Reese - Falsa Submissão

40



PDL – Projeto Democratização da Leitura

segurança e o amor que procurara durante tantos anos, seu relacionamento não era o que e sperava.

Franny pegou um punhado de batatas.

—

Droga! — exclamou a sra. Deever de repente, agitada. Com raiva, suspirou. —

Esperança e boas intenções é o escambau! Frank roubou tudo isto de mim. Eu nunca deveria ter me casado com ele.

Franny não fez comentários. Essa ladainha era antiga.

—

Era igualzinho aos irmãos Kennedy. Se quiser saber com quem está se casando, olhe primeiro, muito bem, o pai do fulano. Tal pai, tal filho. — Deu um puxão no babador. — O pai de Frank não prestava, traía a mãe de Frank como ele me traía. Era um Kennedy até os ossos. Eu devia ter sabido que dor de cabeça ele seria.—Atirou o babador dentro da bandeja de comida com amargura. — Os filhos observam; aprendem como agir com seus pais, mesmo que não façam nada que preste. Jack, Bobby e Ted. Eram todos a imagem cuspida do velho Joe Kennedy. Espere só para ver: John-John vai ficar igualzinho, assim como todos os outros jovens da família Kennedy. É de família, passa de geração para geração.

Franny não sabia o que dizer. Terminou seu hambúrguer e as batatas.

—

Não quero mais falar sobre isto. Estar aqui já é deprimente o bastante. Vamos falar de algo mais alegre.

Franny pegou seu *milkshake* e enquanto o tomava inventou uma história sobre Michael, desejosa de que fosse verdade, de que ele não era, nem jamais fora um Kennedy. Ele a levara para ver a orquestra sinfônica no Centro Comunitário de Sacramento para um concerto de Beethoven. Mencionou haverem jantado num restaurante novo de Davis na noite anterior. Modernoso

demais, haviam decidido. Falou de um vídeo que alugaram. Que comeram pipoca e acenderam a lareira. Em suas histórias, ele era o namorado perfeito.

Laura Reese - Falsa Submissão

41



PDL – Projeto Democratização da Leitura

CINCO

Franny estava nua, no meio do banheiro de Michael, puxando os pelinhos do carpete com os dedos dos pés. Tudo ali era amimado com perfeição, com todas as cores combinando e as toalhas dobradas com precisão, como se uma arrumadeira tivesse acabado de sair. Uma luz azulada e morna derramava-se pelo aposento, que era maior e bem mais elegante do que a sua cozinha: papel de parede azul-safira e prata, uma banheira embutida, duas bancadas de ônix e um espelho de corpo inteiro. Tinha a sensação de que uma linda dançarina bronzeada, com um arranjo de plumas azuis na cabeça, franjas e tapa-sexo, emergiria da banheira a qualquer momento. Mas ela estava sozinha. Enfiou um espartilho vermelho de cetim e renda pela cabeça, puxando-o até a altura dos ombros. Torcia e esticava a peça para que coubesse. Odiava vermelho. Fazia com que sua pele pálida parecesse ainda mais descorada. Virando-se, deparou com sua imagem no espelho: que figura ridícula. O espartilho era tão apertado que dobras de carne branca saíam pelas aberturas. Era uma peça de *lingerie* sem o fundo que Michael comprara para ela, pequena demais, indecente demais e idealizada para um corpo bem mais magro do que o seu, o corpo de uma dançarina. Seus seios, espremidos e suspensos pelo arame da meia-taça, transbordavam. Tentou achatá-los e em seguida puxou o corpete para cima, mas quanto mais puxava menos cobria a forquilha. Não havia tecido suficiente para cobri-la. Desistindo, agarrou a peça pela base e puxou-a para baixo. Tratava-se de um conjunto de quatro peças: espartilho, tanga, meias sete-oitavos e um robe curto de cetim, tudo em vermelho-bombeiro. Michael, que a aguardava na sala, dera ordens expressas para que não vestisse a tanga ou o robe.

Encostada na bancada da pia Franny vestiu as meias vermelhas e as prendeu às ligas. Forçou seus pés para dentro dos sapatos de salto doze, também

vermelhos, e bambeou até o espelho. Virando-se de forma a se ver por trás, soltou um gemido. Não gostou nada do que viu. Seu traseiro estava ondulado e gordo, e suas coxas eram duas toras disformes. Virou-se outra vez. O corpete terminava logo abaixo do estômago, revelando seu púbis, raspado conforme as instruções de Michael, um delta de pele nua. Instintivamente tentou cobrir a virilha com a mão. Sem pêlos, parecia-lhe vulgar, obscena e sentiu-se completamente exposta. Queria deixá-los crescer para proteger-se, mas Michael não permitia.

Ao retirar a mão, olhou-se mais uma vez, ainda envergonhada com o que via. Pegou o robe vermelho e vestiu. Mesmo sem amarrá-lo já parecia mais magra; ao menos cobria suas coxas e seu Laura Reese - Falsa Submissão

PDL – Projeto Democratização da Leitura

traseiro. Decidiu usá-lo, embora Michael o tivesse proibido. Quando ele visse que ficara muito melhor assim, definitivamente mais sensual, talvez permitisse que continuasse a usá-lo. Abriu as cortinas da janela e olhou para fora. O céu estava escuro e triste, e a chuva forte caía enviesada; a grama do quintal estava cinza, e a água se acumulava em pequenas poças. Ia sair do banheiro quando se lembrou do batom. Ele queria que usasse batom vermelho, berrante. Passou-o cuidadosamente, tirou o excesso com um lenço de papel e soltou uma risadinha. Fez biquinho e revirou os olhos. Ficara tão idiota. Deu de ombros e se perguntou por que batom vermelho excitava tanto os homens. Era tão pouco natural, tão falso. E muito, muito idiota. Com passos incertos, ela atravessou a casa vagarosamente, vacilante em seus saltos altos, tentando não se sentir como uma prostituta naquele corpete vermelho. Encontrou Michael no *living*, sentado no sofá, lendo uma revista. Parou e observou-o. Vestia calças cinza e camisa preta macia, sedosa e *sexy,* com o colarinho aberto. Sentiu o fogo

do desejo, a dor de uma paixão há muito reprimida.

Cada vez que ela o via, moreno, bonito, elegante, urna onda de orgulho invadia seu ser. Até

mesmo agora, depois de tanto tempo, não podia crer que ele a escolhera, e ela se sentía abençoada em sua presença, como se ele fosse um presente não-merecido.

Ele virou a página da revista. Seus dedos eram longos e afilados, mãos de pianista. Quando ela entrou, ele ergueu os olhos, e uma expressão de irritação surgiu em seu rosto. Ela pensou ter feito algo errado, mas ele sorriu e deixou de lado a revista. Aliviada, Franny também sorriu.

—

Ande pela sala. Quero olhar você.

Ela sorriu mais uma vez, envergonhada, e atravessou o aposento tentando não vacilar. Quando chegou à janela da frente, espiou por entre as cortinas. Nuvens baixas e negras turbilhonavam acima; um ziguezague de luz cortou o céu, e ela ouviu o estrondo do trovão. Ela se virou e caminhou até

parar na frente de Michael.

—

Faça de novo, só que mais devagar.

Franny fez o que pediu. Começava a se acostumar com os saltos. Os sapatos continuavam apertados e desconfortáveis, mas não sentia mais que despencaria

deles a qualquer minuto. Tentava andar graciosamente, como se fosse uma modelo na passarela. Imaginava que a gordura desaparecera, tornando-se uma mulher jovem e linda. Mais confiante, deu outra volta. Tentou sofisticar seus passos, agir de maneira sensual, rebolando, continuando seu passeio pelo cômodo. Michael não ligava que fosse gorda. Queria que usasse *lingerie;* gostava de sua aparência. Imaginava-se uma deusa-mãe: redonda, roliça, sua carne simbolizando a fertilidade e a saúde. Laura Reese - Falsa Submissão

43



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Chega — gritou ele abruptamente. Sua voz trouxe Franny de volta de seu de vaneio.

— Venha até aqui.

Ela caminhou até o sofá e já ia se sentar.

—

Não. Fique na minha frente para que eu possa vê-la. Entrelaçando os dedos na frente do púbis raspado, tentando furtivamente esconder a genitália, parou diante dele, perguntando-se o que viria em seguida. Uma música suave vinha do escritório. Antes, estivera nervosa demais para percebê-la. O volume estava muito baixo. Era algo de Brahms, pensou, mas não estava bem certa.

—

Suas mãos estão obstruindo minha visão. Deixe-as ao longo do corpo. Retirou as mãos e abaixou a cabeça, tentando agir com naturalidade naquele espartilho sem fundo, como se usasse *lingerie sexy* todos os dias. A música terminou e a sala ficou silenciosa. Silenciosa demais. Podia ouvir a própria respiração.

—

Está parecendo uma puta — ouviu-o dizer, suas palavras duras quebrando o silêncio. Franny fez uma careta. Mordeu o lábio, nervosa. Ela detestava quando a chamava assim, mas conhecia-o bem demais para protestar.

Ele se levantou e ficou de pé atrás dela. Puxando seus cabelos para o lado, abaixou-se para beijar-lhe a nuca, delicadamente. Franny começou a se virar para retribuir o beijo, mas ele a impediu.

—

Não se mova — disse. Beijando-a novamente, percorreu a linha de seu pescoço com a língua. Ela se encostou nele, sentindo o corpo dele contra o seu, e o viu deslizar a mão para dentro do bolso das calças. Ele retirou um lenço preto e o fez deslizar pelo seu braço, pela frente do pescoço, pelo rosto. Era sedoso e macio. Ele passou o outro braço pela sua frente e pegou a outra ponta do lenço, esticando-o bem, e colocou-o sobre seus olhos. Amarrou-o atrás de sua cabeça.

—

Michael...

Mas ele levou um dedo a seus lábios e disse muito suavemente:

—

Shhhh.

Estava escuro por trás do lenço. E assustador. Ele pegou seu braço e começou a puxá-la. Ela não teve muita escolha senão segui-lo, percorrendo o caminho com passos incertos. Agarrava-se a ele enquanto atravessavam a casa, sem nada ver, desorientada com a escuridão. Pensou que estariam no corredor, mas então ouviu o barulho dos saltos no piso de cerâmica. Sentiu-se completamente tonta, desesperada para tirar o lenço. Respirou bem fundo, tentando se acalmar. De repente, Michael empurrou-a para baixo. Ela lutou, a reação um mero reflexo, mas ele a forçou a se abaixar e ela caiu numa cadeira com um baque. Quando compreendeu tratar-se de uma cadeira, Franny soltou uma risada curta e envergonhada. Achara que ele quisesse fazê-la tropeçar, e agora sentia-se tola. Correu os dedos pela cadeira. Madeira, lisa, fria. Era uma das cadeiras da sala de jantar. Sentindo-se mais Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

segura, agora que estava sentada, começou a relaxar. Sentiu as mãos de Michael, massagea

ndo seus

ombros e seu pescoço. Em seguida ele pegou seus braços e os colocou para trás da cadeira. Cruze seus pulsos e não os mova.

Um segundo depois ele prendia um ao outro. A apreensão que Franny sentia voltou.

— Michael... — começou, e mais uma vez ele levou o dedo a seus lábios.

— Não quero que fale — disse, tirando o dedo de seus lábios logo em seguida. Ouviu-o se afastar e sentiu pânico. Quis chamá-lo, mas sabia que isso o desagradaria. Forçou as amarras dos pulsos. Estavam apertadas. Ela não tinha como desamarrar a corda. E se ele a deixasse sozinha aqui por muito tempo? E se ele saísse e houvesse um incêndio e ela não conseguisse escapar? Forçou-se a se acalmar, sua cabeça estava a mil. Era bem provável que ele ainda estivesse na sala, olhando-a. Empertigou-se; sentia estar sendo observada. Então um outro pensamento lhe ocorreu: e se estivesse sendo observada por mais alguém? Mexeu-se na cadeira, preocupada, querendo dizer alguma coisa. Há quanto tempo já estaria ali? O rouco ribombar do trovão soou em seus ouvidos, e ela se sentiu reconfortada pelo barulho. Antes, os estampidos dos trovões haviam lhe parecido ameaçadores, até

mesmo agourentos, mas agora eles a tranqüilizavam.

Após algum tempo, ela não sabia quanto, ouviu passos. Virou a cabeça para a esquerda e ficou atenta e, quando algo roçou contra sua coxa, puxou a perna, engolindo um grito.

—

Abra as pernas — disse uma voz. Era a voz de Michael e ela quis chorar ou rir, não sabia o quê, de alívio. Tinha a sensação de que ele se ajoelhara à sua frente. — Abra as pernas —

repetiu, desta vez com dureza.

Ela as abriu um pouquinho. Ele colocou as mãos na parte interna de seus joelhos e as abriu mais um pouco. Ela sabia, até mesmo com a venda nos olhos, que aparência tinha sem os pêlos pubianos: completamente vulnerável, seus lábios vaginais apartados, abertos como uma ferida. Ele segurou seu tornozelo direito e colocou-o para fora da cadeira. Sentiu-o amarrar sua perna à cadeira, a corda apertando sua carne. Em seguida amarrou sua perna esquerda. Seu coração acelerou, podia sentir as pancadas dentro do peito, e começou a respirar com dificuldade, ansiosa. Tentou fechar as pernas, só um pouquinho, mas não conseguiu. Ele a amarrara bem demais. Michael colocou uma das mãos na parte interna de sua coxa, apertou sua carne com força. Ela estremeceu.

—

Você é muito desobediente. Eu lhe disse para não vestir o robe.

Franny sentiu o estômago embrulhar. Esquecera-se do robe.

—

Um dia você aprende a prestar mais atenção aos meus pedidos. Vou discipliná-la. Precisa aprender a obedecer às minhas ordens.





PDL – Projeto Democratização da Leitura

Franny sentiu a corda em suas pernas, forçando-as a permanecerem abertas. Uma

onda de

pânico percorreu seu corpo.

—

Michael, por favor. Não... — Mas ele enfiou um pedaço de pano em sua boca e suas palavras saíram arrastadas, abafadas.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

ANTES DE CONTINUAR..

A esta altura, acho que devo conhecer M. Já tirei tudo o que podia do diário de Franny, e agora chegou a hora de encarar esse homem. Gostaria de poder parar por aqui, mas uma força indefinível me empurra para adiante. Franny escreveu a respeito de uma atração instintiva pela natureza à sua volta. Eu também me sinto atraída, não pela natureza, mas por ela: sua vida secreta, sua morte, o mistério que envolve sua vida. Possuo um tropismo por revelações. Como as pessoas que perseguem caminhões de bombeiro pelas ruas, como os transeuntes que esticam o pescoço para olhar a vítima de um acidente. É involuntário, inexorável. Preciso descobrir o que acontece em seguida. Preciso, a qualquer custo, descobrir por que Franny morreu e colocar seu assassino, quem quer que ele seja, nas mãos da justiça.

Sim, são muitos dos meus medos. Mas mesmo assim, lá no fundo, sinto que vencerei. Não sou uma menina tímida e encabulada como Franny, e M. terá em

mim um oponente à sua altura. Submissão não faz meu gênero: eu não cedo, nem hei de ceder, sem lutar. Há meses que observo M. Sigo-o pela cidade, conheço seus hábitos. Faz compras no Mercado Nugget sábado à tarde, come fora com freqüência, passa muito tempo em casa, corre bem cedo três vezes por semana com seu cachorro, um dinamarquês. Este trimestre leciona quatro vezes por semana, e, antes de ir até o *campus*, pára o carro no Fluffy Donuts, no University Mall. Vez ou outra, compra uma rosquinha coberta com *fondant*, mas normalmente apenas toma café, duas xícaras, sem leite e sem açúcar, e senta-se num reservado para ler o jornal. Tem a assinatura de dois jornais: *The Sacramento Bee* e *The Davis Enterprise.* Ele lê o *Bee* no Fluffy's e o *Enterprise*, eu imagino, em casa.

Já o vi no *campus* inúmeras vezes, e Franny estava certa, é um professor muito popular. Já o segui, escutei suas conversas, e tanto os alunos como os demais professores parecem gostar dele. Tem muitos amigos homens e os vê com freqüência. Jogam golfe no campo municipal, de dezoito buracos, uma vez por semana. De vez em quando vão até Tahoe para jogar. M. só joga *blackjack.* Seu relacionamento com as mulheres já é mais difícil de descrever. Pelo que pude ver, parece manter uma certa distância das alunas mulheres, o que, creio, deva ser por motivos práticos, e não morais. Já

andou com muitas mulheres, desde que comecei a observá-lo; algumas são de meia-idade, outras são jovens, mas todas são atraentes. Nunca fica com ninguém muito tempo. Quem termina o relacionamento, ele ou elas, eu não sei. E, ao contrário do tratamento que dava a Franny, saem Laura Reese - Falsa Submissão

PDL – Projeto Democratização da Leitura

juntos: jantam, vão ao teatro, viajam nos fins de semana. Embora ele ainda não saiba disso, se rei eu a

próxima mulher de sua vida.

Algumas palavras de esclarecimento e remorso:

Com toda a sinceridade, devo confessar, jamais pensei na sexualidade de Franny. Nunca me ocorreu que tivesse um namorado. Pensava nela como um ser neutro, sem sensualidade alguma, inanimada como uma mesa ou uma cadeira. Como pôde ela se envolver com um homem como Michael? Como foi que eu não notei que ela estava mudando? Será que nunca percebi nada porque, como ela insinuou, sou egocêntrica? Olhando para trás, faço de tudo para lembrar: será que havia luxações em seus braços e pulsos quando nos encontrávamos para jantar? Envergonho-me em confessar que nunca notei.

Também ignorava que Franny tivesse um relacionamento tão estreito com a sra. Deever. O

relacionamento de ambas era simbiótico, servia tanto para uma como para a outra, e Franny nunca falou a respeito, a não ser de forma muito casual. Ela nunca mencionou que via em Sue Deever uma figura materna, uma espécie de mãe sucedânea. Ou será que mencionou? É possível que tenha dado dicas sutis desta simbiose que me escaparam. Talvez simbiose seja um termo clínico demais para descrever a ligação entre as duas. Admito que tenho uma tendência a enxergar o mundo de uma maneira empírica, filtrando minhas observações através das teleobjetivas do método científico. Sinto-me infinitamente mais confortável com a observação distanciada do que com a subjetividade. Mas talvez eu devesse sair de detrás das lentes de aumento para enxergar, com maior clareza, os laços mais íntimos e mais próximos que Franny formara com outras pessoas. Parece-me que não possuo muito conhecimento nesta área.

Mas o diário revela como falhei com ela. Não tinha a menor idéia de que Franny ainda sofresse tanto com a morte de nossos pais, desesperada para que alguém ocupasse o lugar deles, ainda almejando e ainda necessitando do amor incondicional dos pais. Quando veio morar comigo, era tão quieta, tão comportada, seu aproveitamento escolar e seu comportamento em geral tão exemplares que eu acreditei que ela tivesse reagido bem à morte de nossos pais. Pensei que estivesse bem. Muitos meses antes de morrer, meu pai telefonara contando que Franny andava se portando muito mal. Comportava-se como um moleque, disse, e até mencionou um incidente envolvendo bicicletas roubadas. Mas, quando veio para Sacramento, era uma menina dócil, quieta e tímida. Não havia nem sinal de mau comportamento, de molecagens. Passava muito tempo em casa, fazia seu dever e assistia à TV. Além de engordar, aumentando alguns quilos todo mês, parecia ser uma menina relativamente normal. Como é que eu poderia saber que estava tão infeliz? Fiz o que pude para cuidar dela, mas o meu melhor não foi bom o bastante. Agora vejo isso. Laura Reese - Falsa Submissão

PDL – Projeto Democratização da Leitura

SEIS

Vou encontrar M. no Fluffy Donuts esta manhã. Fica no University Mall, bem em frente ao *campus* da UCD. O Fluffy é um marco de Davis. É um prédio comprido e estreito, com vidraças, de onde se vê o Supermercado Safeway. Na parte da manhã, deve ser o lugar mais movimentado da cidade. Não sei por quê. Tem uma aparência tão impessoal: reservados funcionais, com encostos de fórmica, tampos de mesa laminados, iluminação direta e um chão gasto de linóleo. Mas as rosquinhas e o café são bons, e já há muitos anos tornou-se um ponto de encontro oficioso para os moradores de Davis.

Eu não corro, prefiro aeróbia de baixo impacto e alta intensidade. Mas estou usando meu *training* rosa e cinza para parecer que corro. Quero atrair M., quero que pense que temos atividades em comum. Nunca tive problemas em atrair homens, mas, esta manhã, enquanto vestia o *training* recém-adquirido no Macy's e meus tênis Reebok, fiquei preocupada. Preciso impressionar M. Tomei um cuidado todo especial com a maquiagem e fiquei satisfeita com o resultado. Tenho um rosto agradável, atraente, mas não chega a ser lindo. Começa a exibir o desgaste natural de trinta e cinco anos: algumas rugas em torno dos olhos, a pele não tão elástica quanto foi um dia. Mas ainda visto manequim quarenta e dois, mesmo que para isto tenha que malhar na academia seis vezes por semana. Meus cabelos são pretos, nenhum cabelo branco por enquanto. Meus músculos são rijos, minha bunda está durinha e meus seios ainda balançam, em vez de caírem. Ao todo, ainda estou bem e, quando terminei de me vestir para M. esta manhã, olhei no espelho de corpo inteiro e fiquei satisfeita com o que vi: uma mulher atraente, de trinta e cinco anos de idade, alta, de porte atlético mas, ao mesmo tempo, sensual. Não havia motivo para me preocupar tanto; M. não deverá

representar problema algum.

Vejo-o através da vidraça, lá no fundo do Fluffy, tomando café e lendo o jornal. Entro no prédio e fico na fila. O lugar está barulhento. Ao meu redor as pessoas conversam alto, duas garotas atendem os clientes, e as pessoas entram e saem pela porta. Pago pelo meu café e olho em volta, fingindo irritação por não haver um reservado vazio, e em seguida dirijo-me ao de M. Não consigo entender por que Franny considerava sua aparência intimidadora. Parece perdido em seus pensamentos, sua espinha ereta, o rosto sério. É bem moreno, bonito, para quem gosta de seu tipo. Tem os músculos delgados e um rosto que poderia ter sido esculpido: queixo decidido, maçãs do rosto salientes e um nariz longo e reto. Já tem quase cinqüenta anos, e a idade toma-se aparente nas Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

rugas que sulcam sua testa e se espalham em torno dos olhos. Tem um tipo distinto, faz o gênero professor e, para Davis, está excessivamente bem-vestido. Davis é uma cidade despojada: as pessoas andam de bicicleta, votam no Partido Democrata, calçam Birkenstocks ou tênis. Todo mundo no Fluffy está vestido informalmente, de calça *jeans* ou moletom e jaquetas amarrotados. Até mesmo os mais velhos vestem roupas que usariam em casa. Mas M. tem um ar... britânico. Veste um *blazer* bege e calças cáqui, uma roupa até comum. Mas nele parecem bem cortadas e um pouco formais. Ele tem a aparência bem-cuidada de um nobre e é, como diria Franny, bem-ajambrado. Ao me aproximar de seu reservado, vejo que está lendo o caderno de negócios do *Bee*. Os outros cadernos estão espalhados por cima da mesa, e sua xícara está quase vazia. Descubro que

estou nervosa.

— Se encher sua xícara, posso me sentar no seu reservado? — Pergunto. Ele ergue os olhos, inclina a cabeça para um lado e sorri discretamente.

— Não há nenhuma mesa vazia — afirmo, tentando me explicar.

— É claro — responde, recolhendo as coisas para um lado da mesa. — Sente-se. Coloco meu café sobre a mesa e volto até o balcão principal, onde dois bules de café e um de água quente permanecem aquecidos por um fogareiro elétrico. Pego o bule de café, volto para a mesa e encho sua xícara. Voltando ao balcão, aproveito para encher a xícara de vários outros fregueses. O

Fluffy é assim: você se serve e serve os outros. Deslizo para dentro do reservado.

—

Manhã agradável, não? — falo. O ar lá fora está fresco, perfeito para uma corrida... se eu corresse.

Atrás de mim, um homem tosse, rouco, e as folhas de seu jornal farfalham. M. bebe seu café e olha para mim por cima da borda da xícara.

— É—diz finalmente.—É uma bela manhã.—Pousa a xícara sobre a mesa com um movimento controlado e recosta-se no reservado. Parecia esperar que eu dissesse alguma coisa. Eu me apresento. Digo-lhe que meu nome é Colleen, que na verdade é meu segundo nome. Não digo meu sobrenome.

— Colleen — repete, com um brilho divertido nos olhos. Conversamos sobre o tempo, sobre o prazer que sentimos em correr, e as notícias da primeira página. Ele me conta que é professor de música na UCD; eu lhe digo que sou química-

física e que trabalho num projeto para separar o efeito de comprimento e carga do DNA quando submetido à eletroforese.

— O projeto em si não é grande coisa, é mais uma peça do quebra-cabeça. É muito interessante para as pessoas que estão projetando moléculas fluorescentes para a próxima geração de tecnologia seqüencial que está sendo usada no Projeto de Genoma Humano. Além do mais, do ponto Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

de vista da química básica, este trabalho será de grande interesse para os teóricos que traba

lham com

eletroforese.

M. me parece moderadamente interessado. Concorda com a cabeça como se compreendesse aquilo de que falo. Um sorriso discreto e divertido some e reaparece rapidamente. Fico me perguntando se estou vendo coisas.

Que eu saiba, sou a única pessoa a ter conseguido modificar a carga do DNA e observar o efeito sobre sua mobilidade em gel de agarose. — Isto tudo é muito exato, é bem verdade, mas é uma mentira. Estou me apropriando da vida de um cientista que entrevistei há muitos anos, falando de seu trabalho como se fosse

meu. Torço para que Michael não me pergunte mais coisa alguma, e ele não pergunta. Termina seu café.

—

Que bom que as outras mesas estavam todas cheias. Gostei de conversar com você. —

Ele junta os jornais, empilha os diversos cadernos e dobra o pacote ao meio. — Gostaria de terminar nossa conversa mas tenho que ir. Tenho uma aula às nove. — Ele pára e me olha através da mesa. —

Gostaria de jantar ainda esta semana?

Bem no fundo, respiro aliviada. Pensei que seria difícil conseguir chegar a M., mas ele demonstra ser menos complicado do que eu imaginara.

—

É claro. Eu adoraria.

Ele se levanta e eu o acompanho. Passamos pela porta e paramos na calçada de pedrinhas. Nuvens esparsas estampam o céu como um mosaico cinza-perolado. A esta hora há poucos carros no estacionamento, e o *shopping*, normalmente movimentado, está deserto, com exceção do Fluffy. Dois ciclistas, ambos universitários, com mochilas pretas nas costas, aproximam-se e estacionam suas bicicletas. Eles a prendem a um cano e entram na confeitaria. Um vento frio de final de inverno sopra e embaraça meus cabelos.

—

Que tal depois de amanhã? — pergunta ele e franze a testa logo em seguida. — Não, depois de amanhã não dá. Que tal amanhã à noite? Está bom para você?

Afasto os cabelos do rosto.

—

Amanhã está ótimo.

Ele tira um caderninho do bolso interno do *blazer.*

—

Ótimo. Me dê seu endereço. Eu passarei para lhe pegar às sete.

Não quero que ele saiba onde moro, uma casa alugada a poucas quadras de sua casa.

—

Tive uma idéia melhor. Por que você não me dá seu endereço? Assim eu o encontro lá

às sete e você prepara o jantar.

Ele ri.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Quer que eu prepare o jantar? Na primeira vez que saímos juntos?

Dou de ombros e sorrio.

—

Gosto de homens que sabem cozinhar. Você *sabe* cozinhar, não sabe?

Ele anota seu endereço num papel e o destaca do caderninho. Entrega-o para mim e diz:

—

É claro que sim. De vez em quando eu gosto de cozinhar. Até aqui, estou achando tudo fácil.

Ian McCarthy é meu namorado. Também trabalha no *The Sacramento Bee* e

cobre as notícias da capital do estado. Eu o conheço há anos, mas só começamos a namorar há dez meses, um pouco depois da morte de Franny. Se eu não acreditava no acaso antes, agora acredito: quando precisei de alguém como Ian, ele surgiu, miraculosamente, ao meu lado. Nós nos conhecíamos muito pouco lá

do *Bee*, éramos conhecidos apenas, e no início eu o considerava inconveniente. Achava inoportuna a maneira com a qual pareceu se intrometer na minha vida assim que Franny morreu, mas logo fui vencida por sua sinceridade. "Eu sei o que é perder alguém a quem se ama", dissera simplesmente, tentando me consolar.

Eu sabia do que ele falava. Há alguns anos, um homem que vinha espreitando sua namorada a assassinou. Ela era uma repórter de TV, do noticiário do Canal 3, e o *Bee*, assim como todos os outros jornais locais e as redes de televisão, cobriu a história extensivamente. O homem telefonara para seu apartamento ameaçando-a de morte diversas vezes, enviara fotos dela que ele tirara às escondidas e finalmente a encurralou no estacionamento do estúdio de televisão e a esfaqueou repetidamente. Agora está preso em San Quentin.

—

Pelo menos você sabe quem matou Cheryl — disse eu, pensando que deve haver algum tipo de satisfação em saber.

Mas Ian simplesmente balançou a cabeça. Um lampejo de dor invadiu seu rosto.

—

Não, não ajuda saber quem a matou—disse, envolvendo-me em seus braços. Deste elemento em comum, uma morte violenta Ian e eu começamos a nos relacionar. Ele me compreendia como ninguém; ele me consolava, e até mesmo ajudou com os preparativos para o enterro e a missa.

Quando Franny foi assassinada, algo dentro de mim se fechou. Sua morte, tão violenta e sem sentido, afetou-me de maneira mais profunda do que as de meu irmão e dos meus pais. Até mesmo hoje, acho que é insuportável. Ian, gentil, calmo, razoável, vem sendo de uma enorme ajuda. Nosso relacionamento cresce lenta e constantemente. Quando comecei a pensar em tirar uma licença do *Bee*, ele concordou que talvez fosse uma boa idéia. Não quis que eu me mudasse para Davis; mas, Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

quando me mudei, me deu todo o apoio. Ajudou-me a fazer a mudança e nunca reclama da

distância

que separa nossas casas. Vemo-nos várias vezes na semana. Sinto-me à vontade com Ian. Desde que Franny morreu, sinto que minha atitude em relação aos homens vem mudando. Sei que ela me achava frívola com meus namorados, e talvez até fosse. Mas com Ian é diferente. Eu realmente gosto dele, e talvez nosso relacionamento leve a alguma coisa.

Ele passou a noite de ontem comigo e está no banheiro neste instante. Estou lendo o jornal, recortando artigos sobre violência em Sacramento. Dois adolescentes foram feridos em Lane Park num tiroteio. Em Franklin Villa, um

homem foi tirado de casa e espancado com um taco de beisebol. Uma mulher foi encontrada morta com três tiros na 14a Avenida, nua, uma pilha de roupas ao lado de seu corpo. Comecei a colecionar artigos sobre violência, morte, destruição. Não sei ao certo o que pretendo fazer com eles. Talvez escrever artigos sobre a crescente onda de violência e enviá-los para o *Bee*.

Ian se aproxima de mim por trás e envolve meu pescoço com as mãos. Ele se abaixa e me beija o rosto. Seu cheiro é gostoso, loção de barbear e Old Spice, e seus lábios são macios como uma pétala. Olho para ele, para seu rosto quadrado e o nariz torto que fora quebrado. Ninguém jamais imaginaria que seus lábios são tão macios. É um pouco mais alto e um pouco mais jovem do que eu, e, embora vista um terno escuro para se encontrar com um deputado, tem um ar pouco sofisticado de garoto do interior, com o corpo robusto e forte e os dedos curtos. Até mesmo seu cabelo tem a cor pálida do cabelo de milho. É um homem de bom coração, sincero e simples. Eu o achava um pouco sem graça, mas, desde a morte de Franny, passei a admirar seu caráter. Só não me apóia no que diz respeito a M. Há meses, quando contei que estava seguindo M., Ian explodiu comigo, num raro acesso de raiva.

—

Por que está fazendo isso?—disse andando de um lado para o outro, nervoso, o rosto vermelho.—Por que não deixa esse homem em paz?

—

Porque ele matou minha irmã.

Os punhos de Ian estavam cerrados, os nós dos dedos brancos.

—

Então deixe que a polícia faça seu trabalho. Fique longe dele. Não consegui

entender por que falava assim. Ele devia me ajudar a encontrar o assassino de Franny, e não tentar me deter.

—

Não posso — disse eu.

Ele saiu de casa batendo a porta. Não sei por que reagiu com tanta veemência, mas suponho que sinta ciúmes do tempo que dedico a M. Desde então, não menciono mais seu nome. Ian não tem idéia de como ele é e não tem a mínima curiosidade em saber. Não sabe que ainda sigo M. pela Laura Reese - Falsa Submissão

53



PDL – Projeto Democratização da Leitura

cidade ou que esteja escrevendo a história de Franny. Não sabe que me encontrei com M. no Fluffy ontem e, definitivamente, não sabe que vou encontrá-lo hoje à noite.

Passo a tarde inteira nervosa. Não gosto de enganar Ian, mas sei que ele não aprovaria o que tenho planejado para M. Penso em como M. teria cometido o crime perfeito. A polícia o prendeu assim que leu o diário de Franny. Ele admitiu prontamente seu interesse por relações baseadas no binômio dominador/dominado, em servidão e punição, mas negou ter matado minha irmã. Como nunca tivesse sido preso e não houvesse registro de atos violentos por ele

cometidos ou provas físicas de sua presença no apartamento de Franny, tiveram que soltá-lo. Obtive uma cópia do relatório da legista e cheguei às minhas próprias conclusões. Continuo sem saber como o fez, mas tenho certeza de que M. é responsável pela morte de Franny.

Tomo um banho pensando no que vestir. Quero que M. fique perturbado esta noite. Visto minha roupa de sereia garantia de sedução, capaz de levar qualquer homem à própria destruição. É

um vestido vermelho e colante na altura das coxas, com um decote nas costas que vai até a cintura. Passo um batom vermelho-cereja, calço os sapatos de saltos altos e apanho um casaco. Quando já são quase sete, vou até sua casa e fico do lado de fora, sentada em meu carro, um Honda Accord vinho, durante vários minutos. A noite escura está preto-azulada, o céu lustroso como tinta, e as moitas e árvores, privadas da luz do sol, sem cor. Paira uma sensação de coisa muito próxima e fechada em Willowbank quando escurece; uma certa claustrofobia crepuscular se instaura. Galhos altos e vinhas se entrelaçam, criando caramanchões escuros; cercas vivas, densas e impenetráveis, formam um biombo verdejante que envolve e aprisiona. Penso naquilo que estou prestes a fazer. Eu poderia ir para casa e deixar que a polícia cuidasse dele, como Ian repetiu inúmeras vezes. Mas, mesmo enquanto penso nesta possibilidade, já estou abrindo a porta do carro para sair. Subo o caminho de pedras até a varanda da frente e toco a campainha. As luzes escapam do interior da casa pelas cortinas fechadas, deixando a janela incandescente. Acima da porta, uma luzinha me ilumina, deixando minhas mãos amareladas, como se eu tivesse icterícia. Aguardo sob a luz, o vento da noite deixando minha pele gelada.

M. abre a porta. Ele me cumprimenta com um sorriso amável e me manda entrar. Sinto um nó

no estômago. Este é o homem que provavelmente matou minha irmã. É alto, com cabelos cheios e escuros que caem voluptuosamente sobre sua testa alta. Está vestido de preto: sapatos de couro preto, calças pretas e suéter preto de casimira. Sua elegância é discreta; o único adorno é um relógio de ouro preso ao pulso.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

No *hall* sou tomada de uma desconfortável sensação de *déjà vu*. Esta casa é exatame

nte como

Franny a descreveu em seu diário. Ele pega meu casaco e me mostra a casa. Eu já sei o que esperar: tons de terra, chão de madeira, aposentos espaçosos e móveis confortáveis. E o lar de um homem organizado que vive sozinho, sem bagunça e sem excessos. Olho o quintal através das portas de vidro e vejo seu dinamarquês sentado em meio à escuridão. M. me diz que seu nome é Rameau, em homenagem a um compositor francês do final do Barroco. Entramos na cozinha, bem-equipada e organizada, com eletrodomésticos e acessórios que obviamente não vieram com a casa. Enquanto prepara o jantar, converso com ele, gravando na cabeça cada palavra que diz. Prenhe de expectativas, meus sentidos estão aguçados, sintonizados em cada nuance do que faz ou diz. Talvez eu esteja enganada, mas, a despeito de seu jeito casual, cada palavra por ele dita cada gesto parece repleto de significados e intenções ocultas.

Este homem é um assassino, penso, tentando manter a voz calma. M. se desloca pelo cômodo graciosamente, perfeitamente à vontade. Despeja vinho branco em duas taças e volta ao fogão, abrindo as tampas de várias panelas. Sua jovialidade me deixa um pouco confusa; ele me parece quase agradável. Eu não

esperava por isto. Pergunto-lhe o que está cozinhando.

—

Postas de salmão. Vou grelhá-las em alguns minutos. — Ele levanta uma das tampas.

— Molho de endro para o peixe, aspargos com manteiga de castanha e cenouras ao gengibre. — Ele olha para mim. — Não fiz sobremesa. Franny me contou que não come doces. Ao ouvir o nome de minha irmã, eu gelo e vagarosamente sorvo o último gole de vinho da taça e a coloco sobre o balcão azulejado. Instintivamente, calculo a distância até a porta.

—

Como soube? — pergunto com a voz sumida. Ele pega uma colher de pau e mexe o molho.

—

Você não é uma grande detetive. Eu já a vi por aí, me seguindo, mostrando-se muitas vezes para que fosse mera coincidência. Além do mais, Franny me mostrou uma foto sua. Ele prova o molho, olhando para mim. Franze as sobrancelhas e acrescenta mais uma pitada de tempero. Cobre a panela mais uma vez e se vira para mim. Encostado na bancada, cruza os braços e inclina a cabeça sorrindo discretamente.

—

Na verdade ela me contou muitas coisas a seu respeito. Com certeza muito mais do que você gostaria que eu soubesse.

O choque me deixa muda. Não consigo crer que ele soubesse quem sou o tempo todo. Encaramo-nos sem falar. Continuo atordoada, e ele, meramente divertido. Olha para minha taça de vinho e constata que está vazia. Pega a garrafa de vinho, retira a rolha e dá um passo em minha direção. Meu corpo fica tenso. Pressente meus temores e sorri, enchendo minha taça. Laura Reese - Falsa Submissão

55



PDL – Projeto Democratização da Leitura

O que planeja fazer? — indaga, como se perguntasse as horas. — Por que está aqui?

Digo a verdade.

Quero saber mais a seu respeito. Acho que matou minha irmã.

Espero que M. se sinta insultado ou ultrajado, mas ele simplesmente ergue uma sobrancelha, levemente intrigado.

—

Você deve saber, é claro, que a polícia não concorda com você.

—

Só o que sei é que não há provas. Ele assente com a cabeça pensativo.

— Então você veio até aqui para... para quê? Colher provas? Solucionar o assassinato? —

Sinto que está se divertindo à minha custa.

— É — confesso, tentando conter minha ira.

— E se eu dissesse que não a matei? Acreditaria em mim?

— Não.

— Ah! — exclama, pensativo. — Supus mesmo que não acreditaria. — Caminha até a geladeira e retira uma alface-romana, alho-poró, tomates e cogumelos em conserva. Lava os tomates e começa a cortá-los em pequenos cubos. Sua calma me enfurece. Preciso que ele reaja.

— Ela escrevia um diário. Escreveu a seu respeito. Sei das coisas que fazia com ela.

— "O arquivo de Franny" — diz, ainda cortando os tomates. — A polícia o mencionou, é

claro, mas eu já sabia da existência dele, pela própria Franny. — Ele olha para mim. — E duvido muito que você saiba o que eu fazia com ela. Se soubesse, não estaria aqui.

— Minha intenção é descobrir.

— É mesmo? — A pergunta soa como um desafio. Pega uma tigela de madeira para a salada e despeja os tomates e os *champignons*. Fatia o alho-poró. — E como planeja descobrir?

Não sei mais. Meu plano era tomar o lugar de Franny, descobrir tudo o que pudesse a respeito de M. e fazê-lo, de alguma forma, se trair. Agora não sei mais o que fazer. Ele continua a preparar a salada, rasgando as folhas de alface como se estivesse prestes a jantar com a namorada.

—

Se você realmente acredita que matei Franny, deveria ficar longe de mim. — Toma um gole do vinho e me olha de maneira despreocupada. — Por que não haveria de matá-la também?

Já havia pensado nisso. É um homem esperto, e é isto que me protege. A polícia sabe da minha vontade indômita de vê-lo atrás das grades, e se alguma coisa acontecer comigo, agora ou mais tarde, eles fechariam o cerco em torno de M. Seria coincidência demais: duas irmãs, o mesmo homem. Digo isso a ele, e ele concorda com a cabeça.

—

É verdade, se você morrer, é essencial que eu tenha um bom álibi desta vez, não é

mesmo?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Ao ouvir isto, meu corpo enrijece. Embora o corpo de Franny já estivesse em dec

omposição

quando foi encontrado, a legista do condado de Yolo, fazendo um exame com cloreto de sódio em seus olhos, analisando o humor vítreo, a substância gelatinosa por trás do cristalino, e também analisando o grau de infestação dos insetos, a velocidade de decomposição do corpo e as evidências encontradas na cena do crime: a data na notinha do supermercado, a correspondência acumulada a hora das mensagens não-ouvidas na secretária eletrônica, o jornal aberto sobre a mesa—, usando todos estes dados, a legista pôde estimar a hora de sua morte, com uma margem de algumas horas. M. estivera em casa sozinho, àquela hora. Não tinha álibi.

De repente fico impaciente com ele, com sua indiferença. Eu o odeio mais do que o temo.

— Por que me convidou para jantar? Se sabia quem eu era, por que não me avisou?

— Foi você quem começou esta farsa. Eu resolvi brincar também. — Acrescenta o molho à

salada e mistura tudo. Após alguns instantes, diz:—Acho que fiz isto para me

divertir. O mesmo motivo pelo qual tudo começou com Franny — ele olha para mim e dá de ombros —, por divertimento.

Quando menciona seu nome, eu estremeço. Ele fala dela como se fosse insignificante. Ele nota a expressão em meu rosto.

- Prefere que eu minta? Você quer que eu diga que ela significou mais para mim do que na verdade

significou?

Eu nada digo.

Ele suspira, numa demonstração de paciência.

Vai fazer um ano que ela morreu. Você queria que eu ainda estivesse de luto? A vida continua.

Se você a matou, eu vou descobrir.

Como? Você pensou que poderia vir até aqui para conseguir que eu me traísse? Você acha mesmo que é páreo para mim? — Ele balança a cabeça. — Não tenho por que temê-la. Eu nada digo, então ele abaixa a pinça de salada e continua:

— A morte de sua irmã foi trágica, mas não sou eu o responsável. Não tive nada a ver com ela.

— Você não me convence.

Ele fica em silêncio. O vapor dos aspargos sibila através da panela

semitampada. Ele estende o braço e baixa o fogo.

— Deixe eu lhe dizer o que acho — diz por fim. — Você quer culpar alguém. Você quer vingar Franny. É compreensível, assim é a natureza humana. Mas eu acho que você quer outra coisa, algo que só eu posso lhe dar: respostas. É por isso que está aqui. Eu aprendi mais sobre sua irmã nos cinco meses que passamos juntos do que você durante uma vida inteira. Você a tratava como uma



PDL – Projeto Democratização da Leitura

simples conhecida. Você não sabia quem ela era, nem um pouco, e agora sente culpa, sente re morso. Você está aqui para se redimir.

— Não é verdade. Você não sabe do que está falando.

— Não? Então me diga, o que faz aqui?

Fico confusa por alguns instantes. Então balanço a cabeça, enojada.

—

Você está distorcendo as coisas. Não tenho motivos para sentir culpa. Não fui eu quem a maltratou. Não fui eu quem transformou "o arquivo de Franny" em algo que parece ter sido tirado de um manual sobre o sadismo. — Olho minhas mãos e percebo que estão cerradas. Relaxo.

— Mas você tem razão, estou aqui em busca de respostas. Vim aqui para preencher as lacunas, para aprender mais a seu respeito, para descobrir se matou Franny.

M. passa alguns minutos em silêncio e depois diz:

—

Você não sabe onde está se metendo.

—

Vou correr o risco.

Ele me olha fixamente com olhos impassíveis que não piscam.

—

Está certo — diz. — Jogaremos seu jogo, se é isto o que quer. Mas primeiro vou lhe fazer o favor de dar mais um aviso: não vai gostar das respostas que hei de dar. Seria melhor ir para casa, voltar a viver sua vida, esquecer-se de mim.

Eu nada digo.

Ele aguarda. Me dá tempo para mudar de idéia. Escolho ignorar o aviso.

—

Muito bem então — anuncia por fim. — Eu não matei Franny, mas posso preencher as lacunas. Posso lhe mostrar quem era sua irmã. — Hesita por um momento e diz em seguida: —

Você quer dados, quer saber o que realmente aconteceu entre mim e Franny, eu lhe contarei. Mas sua curiosidade vai lhe custar caro.

Olho para ele com desconfiança, e isto o faz sorrir.

—

O que quer dizer com isto? Vai me custar o quê?

—

Tempo, uma parte de sua vida. Sua resposta me confunde.

—

Você quer informações a respeito de Franny, e eu as darei. Mas não pense que as terá

todas durante um jantar. Vai levar tempo. Talvez meses. E talvez não consiga resposta alguma esta noite. Pense em nossa... como devemos chamá-la? Uma aliança? Pense em nossa aliança como um processo contínuo de descobrimentos.

Isto tudo me soa fácil demais.

—

E o que é que você ganha com isso? Por que se dispõe a fazer isso?

Ele coloca as postas de salmão na grelha.

— Por divertimento — afirma. — E mais nada.

Laura Reese - Falsa Submissão

58



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Não passa de um jogo para você, não é mesmo?

—

Precisamente. — Ele apanha minha taça e a coloca em minhas mãos. — Bem, com quanta intensidade deseja saber?

Paro, tomo um gole do vinho. Eu poderia, e deveria, ir embora. Mas nossas vidas se misturaram, estabeleceu-se uma aliança profana, sem dúvida alguma, no dia em que Franny morreu. Eu sei que ele jamais se incriminará intencionalmente, mas até mesmo as pessoas mais espertas cometem erros. Que ele jogue seu jogo, que se divirta. Isto só me ajudará a apertar a corda em torno do seu pescoço.

- Com a intensidade que for necessária — digo.

Ele pega a tigela de salada e caminha na direção da sala de jantar. Talvez você seja mesmo um desafio — afirma ao passar por mim - Franny, por mais cara que me fosse, não era desafio algum.

E talvez eu seja bem mais do que você pediu a Deus, penso, seguindo-o até a sala de jantar. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

SETE

Já fui a enterros demais: ao de Billy, ao de meus pais e ao de Franny. Estão todos enterrados no cemitério de Davis, todos numa só ala. Eu não teria sobrevivido ao enterro de Franny se não fosse por Ian. Não éramos amantes naquela época, e nem ao menos amigos, mas ele veio até minha casa naquela manhã para saber se eu precisava de alguma coisa. E eu precisava. Desesperada, Maisie, minha melhor amiga que também trabalha no *Bee,* oferecera-se para ficar comigo, mas eu recusara a oferta. Queria ficar sozinha com minha dor. Passara pelos enterros de meus pais e de Billy sem ajuda e achei que conseguiria lidar com o de Franny da mesma maneira. Mas no dia do enterro comecei a desmoronar.

Eu vivia em Sacramento naquela época, numa casinha pequena, perto de McKinley Park, e quando Ian tocou minha campainha naquela manhã, chegando sem avisar, eu estava de combinação e meias escuras. Não estava vestida, e meus nervos estavam à flor da pele. Ele vestia um terno preto, e seu corpo preencheu todo o espaço da porta, bloqueando o sol da manhã. Seus cabelos louros estavam penteados para trás, e, apesar de seu metro e oitenta e quatro, parecia um garotinho, preocupado em ter feito algo errado, tenso por estar ali, sem saber se eu o mandaria embora. Esperou na sala enquanto eu terminava de me vestir. O armário do meu quarto era pequeno demais, ocupava apenas metade de uma parede e escondia-se por trás de portas sanfonadas. De repente comecei a jogar minhas roupas no chão. Esvaziei o conteúdo das minhas gavetas no chão e, quando Ian ouviu o baque no chão, veio correndo da sala.

Não sei o que vestir — disse-lhe eu.

Tentou me abraçar num gesto de consolo, mas eu o repeli.

Deixe-me em paz — disse sentindo uma raiva súbita. — Não quero você aqui. Uma expressão de dor estampou-se em seu rosto. Sentou-se em minha cama e começou a dobrar os suéteres, as combinações e os sutiãs que eu havia atirado ao chão negligentemente.

—

Você não sabe como me sinto. Ela não deveria ter morrido daquela forma. — Minha voz era triste, sumida, e esganiçada ao final de cada frase.

Ian pôs-se de pé. Estendeu os braços muito lentamente, mas desta vez eu não o empurrei. Ele me encostou em seu peito e afagou meus cabelos dizendo:

—

Shhh, shhh — embora eu não fizesse barulho algum. Permaneci ali e deixei que me confortasse, aquele homem, vestido para ir a um enterro, quase um estranho até pouco tempo atrás, Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

que mantinha minha cabeça encostada a seu peito. Com a palma da mão, ele acariciou minha c abeça, emaranhando ainda mais os meus cabelos. Sua mão era tão grande que parecia pertencer a um titã.

— Eu entendo sim — disse com brandura. — Levei muito tempo para me recuperar da morte de Cheryl, e acho que ainda não me refiz completamente. Tivemos uma discussão no dia em que foi morta. Estava com tanta raiva dela. Então... — Ian sacudia a cabeça, lembrando. — Eu sei que não vai ajudar — acrescentou. — Mas vai ficando mais fácil com o passar do tempo.

— Não, não vai ficar mais fácil. Eu não vou deixar que fique. Não até descobrir quem a matou. Abruptamente, Ian me empurrou. Olhei para ele, surpresa. Vi algo estranho em seus olhos —

raiva talvez, mas algo além disso. Sua voz saiu estridente, por entre os dentes.

—

Você não vai fazer coisa alguma a respeito de Franny. Deixe que a polícia tome conta disso. Você está entendendo?

Surpresa com sua explosão, eu nada disse.

—

Entende?—repetiu, levantando a voz, as palavras açoitando o ar.

Dei um passo atrás, magoada por ele estar gritando comigo numa hora como aquela, sem entender. Ian se arrependeu imediatamente.

—

Eu sinto muito, não quis me zangar. É só que... — Hesitou, mas logo

continuou. —

Cheryl significava tanto para mim. Morrer daquela forma, foi tão difícil. E agora acontece com você, há tão poucos dias... — Sua voz foi sumindo. — Talvez eu esteja sendo superprotetor mas não quero que coisa alguma lhe aconteça. Procurar o assassino pode ser perigoso. Tem que deixar a polícia cuidar disso. Entende?

Concordei com a cabeça, ainda aturdida com sua explosão. Quando olhei a meu redor, as roupas espalhadas, me senti perdida. Precisava me aprontar para ir ao enterro de Franny mas não conseguia me mover. Pensando em como Franny fora morta, mordi meu lábio.

—

Não faça isso—declarou Ian com firmeza. — Está sangrando. —Massageou meu lábio até que eu o soltasse dos dentes e limpou minha boca com seu lenço. Engoli minhas lembranças de Franny, toda a dor parecia ter sumido quando ralhou comigo: *Não faça isso.* A dor foi enterrada em algum lugar, lá dentro de mim, fora de alcance. Não senti mais nada. Eu me rendi a ele, deixando que assumisse absoluto controle. Permaneci ao seu lado, entorpecida, enquanto acabava de me vestir, e ele conversava comigo com a voz calma e tranqüilizadora, como se eu fosse sua filha. Durante o enterro, Ian segurou minha mão. Eu estava num estado de completo aturdimento e paralisia. Na igreja, não prestei muita atenção ao pastor, embora meus olhos estivessem colados em seu rosto. No cemitério, continuei agarrada a Ian, temendo que se largasse sua mão eu me perderia. Em alguma hora, lembro-me de ter me perguntado por que procurei apoio nele e não num amigo Laura Reese - Falsa Submissão



mais íntimo, Maisie, por exemplo. Mas então me lembrei de Cheryl Mansfield e pensei o quão lógico era que a morte houvesse unido Ian e eu. Com exceção de Ian, ninguém naquele enterro podia realmente compreender como eu me sentia. Perder alguém num assassinato brutal, como eu perdi Franny e Ian, Cheryl, é diferente de perder alguém de doença, acidente ou velhice. Eu andava como que num sonho, esperando que o enterro terminasse. Esperara uma cerimônia simples, com os amigos de Franny e alguns dos meus. No entanto, centenas de pessoas apareceram, muitas das quais eu nem ao menos conhecia. Meu amigos e colegas do *Bee* estavam todos presentes, e todos os vizinhos compareceram, e alguns amigos que eu vira com Franny nos últimos anos. Mas quem eram todas aquelas outras pessoas? Caixas do supermercado onde fazia compras? O rapaz que entregava o jornal? Curiosos? Ou teria Franny formado uma rede de conhecidos por toda Davis e Sacramento sem que eu soubesse? Havia um homem muito distinto, vestindo um terno muito caro; um grupo de bandeirantes, de uniforme marrom, juntinhas num pequeno grupo; uma mulher enorme de gorda com dificuldade para andar; dois homens em cadeiras de rodas — quem eram todas essas pessoas? Eu me senti enganada, senti que havia sido privada de uma parte de sua vida, de grande parte de sua vida, como me sentia enganada por sua morte.

Após a cerimônia alguns amigos foram até minha casa. Passei o tempo todo ao lado de Ian, muda. Ele segurou minha mão em seu colo, presa entre suas duas mãos. Maisie cuidara da comida e da bebida e estava ocupada arrumando as bandejas de sanduíches e bolos na mesa da sala de jantar. Ela é alguns anos mais velha que eu e uns vinte quilos mais gorda, com panturrilhas grossas e a pele de um bronzeado profundo. Levou um prato de comida para mim e para Ian, acariciou meu braço e voltou para a cozinha. As pessoas perambulavam de um lado para o outro, conversando baixo. Aproximavam-se de mim e diziam alguma coisa agradável a respeito de Franny; eu sorria polidamente, sem dizer nada. Se falasse alguma coisa talvez chorasse, coisa que odeio fazer. Finalmente comecei a sair do torpor que sentia e fui ficando cansada. Todos continuavam a falar de

Franny, e quis que fossem embora. Suspirei, mas o suspiro grudou em minha garganta e saiu em forma de soluço. Encostei a cabeça em Ian. Não queria ouvir mais nada a respeito de Franny. Ian parece ter percebido isto, pois inclinou o corpo em minha direção e disse baixinho:

—

Você quer ir até lá fora? Poderíamos dar uma volta. Assenti com a cabeça e o segui até lá fora, segurando sua mão.

Uma brisa cálida soprava, era um perfeito dia de primavera. Era bom estar do lado de fora. Sentira-me claustrofóbica dentro de casa, embora não soubesse naquela ocasião. Fechei os olhos e escutei o canto dos pássaros, o barulho de um carro se aproximando, o balido triste da buzina roufenha de um caminhão. Ian colocou uma das mãos sobre meu ombro. Laura Reese - Falsa Submissão

62



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Por que não vamos para minha casa? — sugeriu. — Pode passar a noite c omigo. Dormirei no sofá.

Balancei a cabeça.

—

Não, não posso.

—

As pessoas logo começarão a ir embora. Você não precisa ficar, Maisie cuidará de tudo.

—

Quero passar a noite aqui, em minha casa.

Ian nada disse; massageou meus ombros, minha nuca. Finalmente disse:

—

Eu me sentiria melhor se você viesse comigo. Não acho que deva passar esta noite sozinha.

— Não, eu não quero ir. Vou ficar aqui.

— Está certo. Então eu fico com você.

Mais tarde, enquanto Ian dormia no sofá, escapuli e dei um pulo no apartamento de Franny. A polícia interditara o local, e não pude entrar. Fiquei em frente à porta, o ar da noite frio, o céu negro. Fiquei esperando, só esperando. O que esperava, não tinha a menor idéia. A polícia liberou o apartamento três semanas depois. Franny pagara o aluguel até o final do mês e eu convenci a administradora do prédio a me ceder uma cópia da chave. Naquela noite, fui até

lá. Entrei na sala mas não acendi nenhuma das luzes. Uma vertiginosa impotência se apossou de mim. Caminhei até o sofá e nele me aconcheguei. O apartamento havia sido limpo e pintado, e eu sentia o cheiro de tinta fresca. Mas por baixo, impregnado em minha memória, estava o fedor de cadáver. Não há quantidade de tinta fresca que apague aquele cheiro da minha mente. Quando Franny foi encontrada, a polícia removera o corpo antes de minha chegada, mas o odor permanecia ali. Penetrara em tudo que havia no apartamento: nas cortinas, nos móveis, no carpete. E enquanto permanecia naquele sofá, sentada, sentia a presença de Franny, ainda ali, como o odor de seu cadáver. O cheiro era fruto de minha imaginação, mas na escuridão da sala ele voltou, fazendo com que eu respirasse aos poucos, superficialmente. Entristecia-me a idéia de ter associado Franny a um odor tão fétido. Uma lágrima rolou em meu rosto. Ela não merecia morrer daquela forma. E naquele instante, ainda sentada em seu sofá, jurei que, se a polícia não encontrasse seu assassino, eu encontraria.

Laura Reese - Falsa Submissão

PDL – Projeto Democratização da Leitura

OITO

Moro numa pequena casa feita sob encomenda, na esquina das ruas Torrey e Rosario. Na verdade é uma casa geminada, mas, como fica num terreno de esquina, vista da rua ela parece ser independente. Meu senhorio vive na parte mais antiga de Willowbank, a poucas quadras de M. Agora está aposentado, mas tinha uma pequena firma de construção, e ele mesmo construiu esta casa, com toques pessoais raramente encontrados em casas alugadas: uma imensa lareira de pedra, revestimento em madeira, estantes embutidas em madeira nobre, chão de tábuas no *hall* de entrada e na sala de jantar e paredes decoradas com papel de parede texturizado, com estampas de folhas outonais e ramas de grama. Seu gosto se reflete pela casa afora e fez um ótimo trabalho, considerando-se o terreno. Mas a casa é comprida, estreita e pequena e a sala de estar não é muito clara. Mesmo no verão, com as cortinas abertas, é um cômodo escuro e triste. Guardei na garagem os móveis que não cabiam na casa, e cada polegada está entulhada com meus pertences. As paredes parecem ir se fechando, e algumas vezes me sinto imprensada; tenho a sensação de que é preciso prender a respiração para que tudo caiba. É como tentar se espremer numa roupa um tamanho menor. E, embora já more aqui há oito meses, tenho dificuldades em chamar esta casa de lar. Eu me sinto como um hóspede, de passagem, vendo o tempo passar, esperando que minha vida de verdade comece outra vez.

A única coisa na minha vida que me parece real é a parte que envolve Ian. Apesar de suas ocasionais explosões, me parece perfeito para mim. Há uma tranqüilidade em nosso relacionamento que é desproporcional ao tempo que estamos juntos. Muitos diriam que somos enfadonhos, mas eu considero pacífico o estilo de vida simples que vivemos, e isso me deixa imensamente feliz. Nosso dia-a-dia é previsível e extremamente prosaico, mas passei a gostar da

normalidade desde a morte de Franny. Sinto-me segura com Ian, calma, e isto, por enquanto, me basta. Esta noite, estou na sala, sentada numa poltrona lendo *The New Yorker* e lançando às vezes uma olhada na direção de Ian. Sorrio de prazer só de olhar para ele. Homens, por escolha própria, sempre foram uma presença temporária em minha vida, como um carro que você possui até o momento em que decide trocá-lo por um modelo mais novo. Mas, com Ian, meu vocabulário, assim como minha preferência pelo passageiro, está mudando. Palavras que jamais considerei seriamente surgem em minha mente: *permanência, longo prazo, compromisso, casamento.* Laura Reese - Falsa Submissão

64



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Ele está sentado na beirada do sofá, curvado sobre a mesa de centro, com uma faca e um pequeno bloco de azevim nas mãos, talhando. Entalhar madeira é um *hobby* seu desde a infância, e já há muitos anos vem se concentrando principalmente em esculturas em miniatura. É um trabalho meticuloso e cansativo. Passa horas com um bloco de madeira em uma mão e uma faca ou uma goiva ou um cinzel na outra, fazendo cortes minúsculos num bloco de azevim ou tília ou ébano ou buxo que se transformará em uma pequena figura, normalmente não maior que sete centímetros, de pássaros, animais, insetos e caricaturas. Esta noite ele esculpe um filhote de cobra saindo do ovo. Uma mecha de cabelos louros caiu sobre os olhos, mas duvido que tenha notado; sua concentração é

completa, seus cortes na madeira, precisos.

Deixo o *The New Yorker* de lado e caminho até ele, pondo uma das mãos em

seu ombro. Ele olha para cima, confuso, a faca suspensa no ar. É difícil não sorrir diante de tão estranho quadro: um homem forte daqueles, que poderia arar um campo inteiro sem ajuda, esculpindo uma miniatura tão delicada que parece perdida em sua mão. Inconscientemente e com muita leveza, ele esfrega a madeira com o polegar.

—

Estou com vontade de comer pipoca — falo. — Quer um pouco? — Ele assente com a cabeça, distraidamente, e volta a esculpir. — Terei que dar um pulo no mercado, mas volto logo —

aviso. Ian no entanto já voltara a trabalhar a escultura da cobra, e duvido muito que tenha me ouvido. Pego a chave do carro e a bolsa e tiro meu Honda da garagem. Ao redor da casa, postes emitem uma luz amarelada que mal ilumina a vizinhança, e quando entro em Mace Boulevard os postes ficam cada vez mais espaçados, a rua se torna escura e silenciosa, deserta, os campos adjacentes tenebrosos devido às sombras da lua. Vou até mais longe, onde os campos se transformam em quadras, passo o Country Club El Macero à direita, as casas populares à esquerda, e entro no *shopping center*. Na loja, em frente à prateleira de pipocas, passo alguns minutos tentando decidir o que quero: sabor natural, sabor manteiga, sabor ervas e alho, sem sal, pouca manteiga, sabor *cheddar*. Decido comprar com pouca manteiga e caminho até a frente do supermercado. Há poucas pessoas fazendo compras a esta hora, e a loja me parece estranhamente silenciosa. O silêncio é quebrado apenas pelos soluços esporádicos de uma menininha que desce o corredor dos cereais atrás da mãe. Entrego uma nota de cinco dólares ao caixa, aguardo meu troco e saio para a noite fresca. O

céu está negro e claro, e eu capto as imagens à minha volta quase sem notar: mais à frente há um velhinho atrapalhado com as chaves do carro, uma loura gorda manda o filho parar de correr por entre os carros estacionados, um empacotador atravessa o asfalto empurrando uma longa fileira de carrinhos que levará de volta para a loja.

—

Ei, você!

Laura Reese - Falsa Submissão

65



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Olho para cima e vejo que o velhinho agita os braços desesperadamente na minha direçã

o.

—

Cuidado — grita ele, no mesmo momento em que eu ouço o ruído de um motor, próximo e alto demais, e me viro um pouquinho, a tempo de ver um carro escuro vindo em minha direção em alta velocidade, sendo jogado de um lado para o outro como se desgovernado. Dou um pulo para trás e me choco contra um caminhão estacionado, olhando o outro carro, com vidros fumê

e um motorista invisível, não me atropelar por uma questão de centímetros. O carro acelera, pneus rangendo ao fazer a curva, desaparecendo logo em seguida. Fico abaixada, o coração descompassado, incapaz de me mover.

Malditos adolescentes — murmura o velhinho se aproximando de mim. Ele me levanta, pegando meu cotovelo. — Dirigem rápido demais. Nunca olham para onde vão. Poderiam ter lhe matado.

Levanto-me, ainda trêmula.

Você está bem? — pergunta-me ele.

Faço que sim com a cabeça, pensando em M., não em adolescentes, e vou ficando com raiva. A loura que eu notara atravessa o estacionamento correndo, com o filho a reboque.

— Você viu que tipo de carro era? — pergunto ao velhinho.

— Preto — responde. — Era um carro preto. Foi só o que vi.

— Você está bem? — indaga a mulher, ofegante após a corrida. O menino balança o braço tentando se libertar da mãe. Ela o aperta com mais força ainda. — Eu estava certa de que ia ser atropelada.

— Que tipo de carro era?—pergunto.—Viu o modelo? Anotou a placa?

Ela balança a cabeça.

—

Aconteceu com tanta rapidez. É um milagre não tê-la atropelado.

Massageio o cotovelo no lugar onde batera no caminhão, me censurando por

não haver reagido com rapidez, por não ter olhado a placa.

—

São esses malditos adolescentes — repete o velhinho, mas tenho cá minhas dúvidas. Vejo minha pipoca no asfalto, a caixa amassada pelo carro.

Quando chego em casa, Ian ainda está na sala, esculpindo seu bloco de azevim.

—

Vou tomar banho — anuncio, e ele levanta os olhos levemente.

— Não ia fazer pipoca?

— Mudei de idéia. Prefiro ficar de molho na banheira. Estarei com você em um minuto — diz, fazendo mais um corte na madeira.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

A banheira fica no banheiro de visitas, no corredor. Ligo a água quente, ajusto à

temperatura

desejada e deixo que vá enchendo enquanto vou até o quarto. Tiro a roupa, apanho um robe e volto para o banheiro, fechando a porta para que o vapor não escape. Ponho o robe na bancada da pia e testo a temperatura com o dedão do pé. A água está quente, quente demais, quase escaldante, bem do jeito que eu gosto. Tenho que entrar aos poucos. A água quente sai da torneira murmurejando; a umidade escorre pelas paredes de azulejo amarelo. Minha pele pinica e se avermelha debaixo da água, e eu passo minutos só tentando colocar os dois pés na banheira. Vejo as manchas roxas surgirem em minha coxa direita e no ombro, no local onde me choquei contra o caminhão. Estaria M. atrás do volante daquele carro?

Deslizo na banheira vagarosamente e contemplo a água cobrir meu corpo. Quando a banheira já está quase cheia inclino o corpo para a frente, desligo a torneira e me acomodo mais uma vez, fechando os olhos, pensando no carro preto. Juro ser mais cuidadosa no futuro. Depois de vinte minutos mais ou menos, a água já está morna. Esvazio a banheira um pouquinho e acrescento mais água quente, misturando-a ao resto com os braços. Ouço a maçaneta girar e Ian entra. Ajoelha-se ao lado da banheira. Franze as sobrancelhas e pergunta:

—

Como foi que isso aconteceu? — Aponta para a pele avermelhada e levemente inchada. — E isso aqui? — indaga, movendo o ombro na direção de meu ombro.

—

Caí nas escadas da varanda — minto. — Não é nada demais. Ian beija o ferimento suavemente. Pega a bucha e começa a esfregar meus braços, meus ombros, com cuidado para desviar da pele machucada. Não conversamos, mas o prazer que sente em banhar meu corpo está estampado em seu rosto. Fecho os olhos e fico imóvel, satisfeita sentindo a brandura de seu toque, sua ternura. Lânguida e ensopada entrego-me totalmente às suas mãos. Ele vai deslizando o sabão e a bucha pela minha pele, parando para massagear os músculos do meu pescoço, das panturrilhas, a coxa sã. É este o momento de contar a Ian que jantei com M. ontem à noite, penso. Devo ser justa com Ian e contar tudo: que me encontrei com M. e continuarei a encontrá-lo até descobrir tudo o que ele sabe e tudo o que fez com Franny. Ian faz parte da minha vida, e eu lhe devo a verdade. Mas, quando abro os olhos e o vejo, sei que nada direi. Ele discutiria, diria que estou louca, especialmente se contasse o que me aconteceu esta noite no supermercado. Insistiria para que jamais me encontre com M. outra vez. Tenho medo de perder Ian por causa disso, e este fato faz com que não conte a verdade. Sorrindo, ele tira a roupa e, enquanto chego para a frente, senta-se na banheira, atrás de mim. A água sobe, chegando bem perto da borda. É um homem grande, e nós dois não cabemos muito bem na banheira pequena. Descansa uma de suas pernas na beirada, a outra está dobrada. Estou colada a ele, entre suas pernas, com os joelhos contra o peito. É apertado, desconfortável, desajeitado, mas estranhamente relaxante. Sua presença física me acalma, e, quando serpenteia os braços em tomo do Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

meu corpo, me abraçando, digo para mim mesma que é melhor, para o bem de Ian, manter M. em segredo. Mesmo assim, esta racionalização não funciona. Sinto a dor de minha mentira tão tangível quanto as duas enormes mãos que repousam sobre meu ventre.

Laura Reese - Falsa Submissão

68

PDL – Projeto Democratização da Leitura

NOVE

Embora minha casa na rua Torrey fique ainda nos limites da cidade, no extremo sul, situa-se numa área separada de Davis pela Rodovia Estadual 80. Seguindo-se rumo ao sul, a região torna-se tipicamente rural, quilômetros de terra plana, espaços abertos e cultivados interrompidos apenas por equipamentos agrícolas e uma eventual casa antiga ou um pequeno prédio comercial: uma fábrica de sementes, um viveiro, o prédio da Sierra Sod, uma fábrica de grama. M. corre por aqui com freqüência, com Rameau trotando ao seu lado.

Vestindo um *training* preto e tênis, eu o surpreendi de manhã cedo nas esquinas das ruas Rosario e Montgomery, não muito longe de minha casa. Pareceu divertir-se com minha aparição e me convidou para correr com ele. O sol ainda não nascera, mas uma luz roxo-acinzentada já riscava o céu, vinda do leste, infiltrando-se pelo horizonte como água escorrendo vagarosamente por uma comporta. Corremos em direção ao sul na Rota 104, passando os campos abertos, uma paisagem monocromática, úmida e nebulosa, de sombras contra um céu sem sol. No vento frio, nosso fôlego escapa em pequenas nuvens brancas, o meu mais que o de M. Há séculos que não corro, e, embora malhe regularmente, não estou preparada para uma corrida de quase cinco quilômetros, que é a distância percorrida por Michael às segundas, quartas e sextas.

Olho para ele. Admito que é um homem atraente. Magro e em boa forma física, está com aquela expressão plácida e levemente entediada de um corredor que não chegou perto de seus limites. Tenho certeza de que está correndo mais devagar para que eu possa acompanhá-lo. Veste um *training* azul-marinho com uma listra branca na costura externa de cada perna. E luvas. Queria ter lembrado de usar luvas. Meus dedos estão dormentes, castigados pelo vento frio da manhã.

Onde estava anteontem à noite? — pergunto.

Ele me dá uma rápida olhada de soslaio.

— Anteontem à noite?

— É, por volta das oito e meia. Pensa um pouco e responde.

— Em casa.

— Sozinho, aposto.

— Isso mesmo.

—

Muito conveniente. E nada sabe a respeito de um carro escuro com vidros fumê que por pouco não me atropela.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

M. pára de correr.

— Está falando sério? — indaga, uma expressão de preocupação invadindo-lhe o rosto. Não paro. Ele me alcança.

— Não tenho intenção alguma de atropelar você. É óbvio que foi um acidente.

—

É óbvio.

Ele olha para mim com um sorriso divertido.

— Se decidir persegui-la, Nora, vai saber. Não vou me esconder por trás de vidros fumê.

— E é bom que saiba que vai precisar de mais do que uma tentativa fracassada para me assustar. Eu quero descobrir a verdade sobre minha irmã. E sobre você. Corremos sem conversar. À direita, um trator solitário desliza lentamente sobre uma área de terra marrom. Vejo ao longe uma homem perambulando pelo campo sobre um tipo de veículo de três rodas, parando de vez em quando para checar os tubos de irrigação. Respirando com dificuldade, vou correndo. Meus pés maltratam o asfalto, e me sinto desajeitada ao lado de M., com seus passos leves, tranqüilos.

—

Eu normalmente me exercito numa academia — digo, tentando respirar normalmente.

— Nado, faço musculação, aula de *aeróbia, jazz.* Há anos que não corro.

— Nota-se — rebate, e sinto a condescendência em sua voz. Corro mais rápido, embora isso faça com que meus pulmões pareçam prestes a explodir.

— Você disse que sabia a respeito do diário de Franny — começo.

—

É, eu até o li.

—

Então sabe o quão incompleto era. E que, mais para o final, deixou de fazer anotações. A última parte de sua vida não está registrada.

Paro de falar na tentativa de recuperar o fôlego, e corremos em silêncio. Há uma escavadeira, tal qual o cadáver de um dinossauro, posicionada ao final da estrada, com suas pás dentadas viradas para dentro, como se cavasse sua própria sepultura.

— Você não me disse coisa alguma sobre Franny aquela noite. Quero saber o que aconteceu durante as semanas que precederam sua morte.

— Não tão rápido — diz M. — Temos que voltar ao começo; vamos fazer isto cronologicamente. O que aconteceu no final... fica para o fim. — Hesita e em seguida acrescenta: —

E só posso lhe fornecer informações até um certo ponto. Como não matei Franny, terá que se informar a respeito de sua morte em outro lugar. Mesmo

assim, tenho muito o que lhe contar. Continuamos. Estou irritada mas tento não deixar transparecer. Afinal de contas, o jogo é dele, e tenho que jogar conforme suas regras, ou assim ele pensa. Com passadas ritmadas, continuo Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

correndo. Pensei que minhas reservas de energia estivessem quase exauridas, mas sint o uma renovação, uma vontade de continuar, apesar da dor em minhas panturrilhas e nos meus pulmões.

—

Então está certo. Façamos a coisa a seu modo. Conte-me algo sobre Franny, algo que eu não saiba.

Pensativo, ele fita o imenso, interminável gramado, sua cor cada vez mais intensa com o clarear do céu, manchado como veludo devido ao orvalho da manhã. M. não varia as passadas; são uniformes, constantes e, para ele, fáceis.

—

Há duas coisas que Franny fazia muito bem: comunicar-se, sei que deve ser surpresa para você, e sexo oral — relatou. — pensando bem, acho que ambas as coisas são surpresa para você.

Sexo oral? Nada digo. Depois de ler o diário de Franny, compreendi que ela, como todo mundo, tinha desejos sexuais. Mesmo assim, tenho dificuldades em imaginá-la chupando o pau deste homem. E bem. E até mesmo que gostasse. Ele continua:

No início, ela era péssima com ambos. Era muito tímida quando nos conhecemos e tinha sérios problemas em falar a seu respeito, ou de seus pais ou de seu irmão ou sobre o que sentia. Quando passou a confiar em mim, abriu-se completamente. Ou talvez fosse mais correto dizer que eu a forcei a se abrir. Não teve escolha: eu a interrogava sem trégua, cutucando sua psique mais e mais profundamente a cada vez. Ela continuou a ser tímida e medrosa até o fim e jamais me enfrentou, mas pelo menos chegou ao ponto de expressar seus sentimentos muito bem. Para mim, pelo menos. Sei muito a seu respeito, Nora, do ponto de vista de Franny. Sei o que ela achava de você e o que queria e não podia ter de você.

Ignoro sua tentativa de me fazer sentir culpada. Não era muito mais que uma criança quando Franny veio morar comigo e fiz o que pude para cuidar dela. Não fui uma grande mãe, disso eu sei. Não fui perfeita, mas fiz o melhor que pude. Vou em frente, sem engolir a isca.

— E, quanto ao sexo oral, ela era realmente tenebrosa quando nos conhecemos. Desajeitada, ineficaz, inábil, perigosa até. Que agonia que era, agüentar seus dentes afiados. — Ele ri. — Mas ela se esforçava em agradar e aprendia com rapidez. Depois que a instruí quanto ao que fazer, tomou-se excelente. Eu até diria que tinha um talento especial. É claro que sua disposição para aprender era proporcional ao meu poder de indução; ela aprendeu rapidamente que as conseqüências por não me satisfazer eram maiores do que sua relutância. Como resultado, tomou-se muito habilidosa. Eu controlo minha raiva, mantendo a distância suas palavras frias. Sei que quer me levar às lágrimas, seja de raiva ou de culpa. Suas maquinações são transparentes, e fico feliz por estarmos Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

correndo; a exaustão física me faz esquecer um pouco a raiva que sinto. Ele é incapaz de enx ergar o

efeito de suas palavras sobre mim.

—

Que conseqüências eram estas?

—

Não tão graves como está imaginando. Lembre-se, estava apaixonada por mim. Queria me agradar.

Em vez disso, lembro-me de seu diário, de como ele a amarrou à cadeira da sala de jantar, de pernas abertas, para castigá-la por uma pequena transgressão, por ter vestido o robe vermelho.

—

Quais eram as conseqüências? — repito, mas ele me ignora. Chegamos a uma velha ponte de concreto e começamos a voltar. Um caminhão azul de alguma das fazendas, com um gradil de ripas de madeira passa por nós, chacoalhando. É o primeiro veículo que vemos esta manhã.

—

Por hoje chega. Por que não me diz algo a seu respeito? Suspiro, exasperada. As pancadas dos meus Reeboks, ritmadas como um coração, pontuam o silêncio. Corremos pela estrada nenhum dos dois diz coisa alguma. Asfalto quebrado e pequenos torrões de terra são triturados e esmigalhados sob meus sapatos. Rameau trota colado aos calcanhares de M., jamais saindo de seu encalço.

—

O que quer saber? — indago por fim.

—

Todos temos segredos, Nora. Todos temos problemas a serem resolvidos, coisas que não queremos ou não podemos enfrentar. Franny parecia crer que você não tivesse nenhum; eu não concordo. Quero conhecer os seus.

Dou de ombros; não tenho a menor vontade de compartilhar coisa alguma com este homem. Considero sua pergunta uma intromissão, e seus modos, irritantes. Durante o jantar, fez diversas perguntas a respeito de minha vida desde a morte de Franny: a licença do *Bee*, a mudança para Davis, meu novo namorado, o trabalho eventual como *free-lance*. Segundo ele, minha irmã havia contado minha vida inteira antes de sua morte. O que mais poderia querer? Um sedã grande e branco, salpicado de lama seca nas laterais, passa por nós em velocidade.

—

Converse comigo.

Fico mais uma vez em silêncio, muito pouco à vontade com o ramo que a

conversa toma. Corremos por uma fileira de árvores que ladeiam a estrada. São árvores antigas, do campo, algumas assimétricas devido a uma doença ou praga antiga ou talvez devido a uma força natural, os galhos arrancados por ventos ou atingidos por raios, Na madrugada cinza, parecem fantasmagóricas, esqueléticas, os troncos expostos às intempéries, de aparência tosca.

—

Fale a respeito dos homens de sua vida — pede, tentando me encorajar a falar.—

Franny dizia que se mantinha sempre a uma certa distância deles, que você tinha inúmeros Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

namorados mas que jamais levou nenhum a sério. No entanto, não parecia estranhar: achav a você

forte, corajosa independente demais para depender de um homem para o que quer que fosse. Invejava seus inúmeros namorados, queria tanto um para si. E, embora não concordasse com o seu troca-troca de homens, não achava estranho. —Ele se vira em minha direção e sorri. — Você era a feminista a líder, a alma independente — disse irônico. — Ela a admirava por todos estes motivos. Corre alguns metros em silêncio e em seguida diz:

— Franny não era uma mulher excepcionalmente perceptiva. Acho sua admiração excessiva. Acho que há outros motivos para esta inacessibilidade auto-imposta, algo que ela ignorava. Conteme a respeito.

— Não há motivo algum. E não sou distante com meu atual namorado. Somos muito próximos até.

— Uma reação natural... e temporária. Você perde a irmã e procura consolo em alguém. Isso não vai durar.

Sinto a raiva aumentar.

— Você não sabe coisa alguma a meu respeito ou de meu namorado.

— Esqueça ele, não me interessa em nada. Quero saber por que nunca se apaixonou. Balanço a cabeça.

— Tive muitos namorados — digo, olhando para o chão.

— Mas jamais se apaixonou. — Havia insistência em sua voz.

— Estou apaixonada agora. Ele me lança um olhar gélido.

— Então tá — concorda embora seja claro que não acredita em mim. — Está apaixonada agora, pela primeira vez na vida aos trinta e cinco anos de idade. Muito estranho, não acha?

— Não, não é estranho. Simplesmente não encontrara o homem certo.

— Está mentindo. Há mais por trás disso.

— Estava muito ocupada com minha carreira e, antes disso, com a faculdade. Não tinha tempo ou vontade de me envolver seriamente com ninguém.

M. passa alguns minutos em silêncio e de repente olha para mim.

—

Agora conte-me a verdadeira razão.

Fico quieta. Conheço bem a resposta; tive muitos anos para pensar nisso. Mas M. é a última pessoa com quem me abriria. Passamos o prédio da Sierra Sod, nossa corrida quase no fim, e dobramos à esquerda na Montgomery.

Espera que eu responda. Como não respondo, ele diz:



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Franny queria muito ser amada, mas, até eu entrar em sua vida, não tinha

ninguém.

Você teve inúmeros namorados mas recusou-se a se aproximar de todos eles. Você não enxerga, mas são dois lados da mesma moeda. São muito mais parecidas do que imagina. Isso me faz sorrir: pode até ter adivinhado que tenho alguns problemas ocultos, como todos os têm, mas não há no mundo duas mulheres mais diferentes do que eu e Franny. Está completamente enganado e nem desconfia que esteja. Está blefando; tenta me pegar mas acaba sempre com as mãos vazias.

— Talvez não tenha me aproximado realmente de ninguém porque só queria me divertir. Nada de envolvimentos sérios, nada de compromissos, só divertimento, puro e simples.

— Talvez, mas eu duvido muito, Nora. Acho que está escondendo alguma coisa de mim. Um ciclista de bermudas azuis e blusa branca passa por nós e nos cumprimenta por baixo do capacete. Voltamos ao local onde começamos, na esquina de Montgomery e Rosario. M. pára, Rameau também. O animal ofega, sua língua descansa de um lado da boca. Ponho as mãos nos quadris e viro-me para M., olho-o no fundo dos olhos.

—

Não precisa saber coisa alguma a meu respeito — digo e dou de ombros. — Não há

nada para saber.

Meu casaco está encharcado no pescoço. As gotas de suor escorrem pela minha testa e eu as seco com a manga. M. não sua nem ofega. Parece estar

começando a corrida, e não terminando. Olho a estrada. Daqui, vejo a frente de minha casa e, estacionado no meio-fio, o Cadillac rabode-peixe que pertenceu a Franny. Está aqui desde sua morte mas agora a bateria arriou e ele não anda. Jamais tive coragem de guiá-lo nem tampouco de vendê-lo. No começo os vizinhos reclamaram de sua feiúra, de seu tamanho, mas, quando souberam que pertencera a Franny, as reclamações cessaram. Agora nós, a vizinhança inteira, fingimos que não existe. O carro fica ali, dia após dia, como uma má recordação.

—

Você não me disse nada a respeito de Franny. Ela conversava e chupava bem o seu pau, e daí? Quero saber das coisas que não escreveu no diário.

— E saberá. Saberá bem mais do que gostaria de saber. Quando se vira para partir, eu agarro seu braço.

— Agora, quero que me conte alguma coisa agora. M. retira minha mão e declara asperamente:

—

Não foi a curiosidade que matou o gato, foi a obstinação. Está aí algo que Franny jamais aprendeu. E algo que é melhor você aprender antes que seja tarde. Minha respiração morre na garganta. Foi por isso que a matou? Sua teimosia em relação a alguma coisa? Mas o quê? Uma rajada de medo, gelada, invade meu corpo. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

O que quer dizer com isto?

M. apenas sorri, e então ele e Rameau sobem a Montgomery correndo, deixando-me para trás. Laura Reese - Falsa Submissão

75



PDL – Projeto Democratização da Leitura

DEZ

Na esquina noroeste, da rua Oito e Pole Line Road, escondido por trás de uma densa parede de vegetação verde-escura, encontra-se o cemitério de Davis. Esconde-se como se fosse um segredo de família, algo que não deve ser exposto.

Passo a entrada da rua Oito e sigo a estrada de asfalto, cheia de curvas, até o túmulo de Franny. A estrada foi asfaltada recentemente, e sua superfície é de um pretume betuminoso. Este não é um daqueles cemitérios malcuidados, com lápides quebradas, passadiços nus e túmulos imundos, juntos demais, como fileiras de casas num bairro popular. Aqui, um gramado bem-aparado se estende como uma manta, fremindo ao vento, cobrindo o terreno em declive. Árvores frondosas se espalham por entre as sepultaras.

Estaciono na beira da estrada, perto do túmulo de Franny, na parte mais nova do cemitério, e saio do carro. Estou vindo de minha aula de *jazz* e ainda visto uma malha vermelha, um *legging* preto e um casaco de moletom com capuz. O céu está de um azul irretocável, um céu claro, de final de inverno, com um vento frio, glacial, que penetra pelos poros e estica a pele. Atravesso o gramado, passo por lápides de granito e mármore, a grama recém-cortada gruda no meu tênis. Uma meia dúzia de pássaros de penas pretas brilhantes e peitos branco-polar, gralhas, saltita pela grama em busca de insetos sem se incomodar com minha presença. Sou a única pessoa no cemitério. Paro diante da lápide de Franny, uma pedra simples, colocada ao rés do chão. Minha mãe, meu pai e Billy encontram-se à direita, e há um espaço vazio à esquerda. Quando meus pais morreram, fiquei surpresa em saber que meu pai havia comprado um lote com cinco lugares. O que o levara a garantir um lugar, aqui, para meu irmão, para Franny e para mim? Será que não lhe ocorreu que talvez nos casássemos, nos mudássemos para longe e escolhêssemos ser enterrados ao lado de nossos cônjuges, provavelmente em outra cidade, talvez até mesmo em outro estado? Às vezes resolvo levar sua decisão na brincadeira: talvez estivessem liquidando lotes, vendendo dois pelo preço de um. Outras vezes, sua presciência me faz pensar. Olho o túmulo vazio e me pergunto se serei enterrada ali, junto a Franny e Billy, sem futuro, nossa família eternamente reunida, sem herdeiros para garantir a perpetuidade.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Fecho os olhos. O perfume do inverno continua no ar, o cheiro verdejante de grama mol hada; o

odor de cinzas de um fogo apagado em alguma lareira. Penso no que disse M. *A obstinação matou o gato, algo que Franny jamais aprendeu.*

O que teria feito ela com tanta obstinação que o levaria a matá-la? Desde que mencionou isto, recusa-se a dar explicações. Contei à polícia o que me dissera, que praticamente admitira ter assassinado Franny, mas afirmaram que não passavam de palavras, que precisavam de provas para pegarem M.

Abrindo os olhos, vejo a lápide de Franny e compreendo que vim em busca de força e orientação. Não fiz grandes progressos com M. Corro com ele três vezes por semana, quando Ian não passa a noite em minha casa. Não tenho mais dificuldades em acompanhar seu pique, mas as informações que me dá a respeito de Franny são inconseqüentes. Em vez disso, me faz perder tempo, fazendo perguntas sobre *a minha* vida, *meus* sentimentos, dos quais não falo. Sou uma pessoa intensamente fechada, não gosto de repartir minha vida com os outros. Vejo como olha para mim; sei no que está pensando. Ele quer me comer, uma perspectiva terrível, mas seria menos intimidador do que lhe dar pequenas porções de minha alma. Eu Poderia usar seu desejo a meu favor. E subitamente já sei o que vou fazer. Suponho que sempre soube. Ajoelho-me e corro os dedos pela lápide de Franny. As pontas de meus dedos lêem as palavras gravadas como se fossem braile. Letras frias, que dão à sua vida uma finalidade prematura, esculpida transpiram um frio assustador que percorre minha espinha. Eu lhe prometo mais uma vez que encontrarei seu assassino.

Em seu escritório, M. tem um daqueles sofás em vários módulos, de uma cor vermelhoamarronzada, castanha, que se moldam à curva da parede. As luzes estão fracas, a atmosfera quase romântica e ele está sentado à minha frente numa poltrona.

Eu me vesti com enorme cuidado para a noite e estou bem, num vestido colante roxo-berinjela. Há um zíper que começa no decote em V e desce até a bainha. Por baixo, quando M. ultrapassar o zíper, encontrará um sutiã meia-taça rendado e uma tanga, ligas e meias, tudo preto. Esta noite vim aqui para seduzir.

Tiro meus sapatos de salto e me recosto no sofá, pondo as pernas nas almofadas. Se M. acha que pode me enrolar durante meses, dando informações inconseqüentes a respeito de Franny como esmola, está muito enganado. E se pensa que conseguirá me envolver emocionalmente como fez com minha irmã, engana-se também. Os homens não são difíceis de entender. Controlei todos os homens de minha vida e posso controlar M. também. Quando eu terminar minha tarefa, vai me contar tudo o que preciso saber.

Laura Reese - Falsa Submissão

77



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Você quer me comer — digo.

M. não responde, mas vejo que ergueu uma das sobrancelhas. Está segurando um drinque, um martíni, e leva-o aos lábios. A luz está atrás dele e uma sombra cobre seu rosto, preenchendo os contornos, ocultando seus olhos. Veste uma camisa escura, algo macio e sedoso, e assim, sentado nas sombras, me parece um tanto misterioso. Imagino-o com uma faca na mão, entalhando o tronco de minha irmã. Sentindo o latejar agudo da apreensão, levo uma das mãos ao estômago.

— Está brincando de seduzir, Nora? Está sendo um tanto óbvia, não acha? Esperava mais, vindo de você, algo que não fosse tão explícito.

— Sinto desapontá-lo — digo, tomando um gole de meu drinque, uísque e água, para lavar a imagem de Franny de minha mente, para me dar coragem. — Mas sempre achei que sexo fosse o caminho mais direto ao... — hesito.

—

A quê? Dou de ombros.

Ao coração, à mente, à alma, à carteira de um homem. Não importa. Inclina o corpo para a frente e coloca seu drinque na mesa, ao seu lado. E o que é que seu atual namorado acha desta sua filosofia?

Ele não tem nada a ver com isso.

M. se levanta e caminha em minha direção. Agarra meu cabelo abruptamente e dá um puxão, jogando minha cabeça para trás.

—

Não creio que seja tão cínica como gostaria que eu achasse - diz. Abaixa-se

para colocar seu rosto próximo ao meu. Enxergo cada poro ameaçador em sua pele, cada cílio escuro que se curva em suas pálpebras. Ele me olha sem piscar e toma meu queixo em suas mãos. — E, definitivamente, não tão cautelosa como deveria ser. Eu matei sua irmã, lembra-se? Ou você pensa assim. Não deveria estar aqui.

Devolvo-lhe o olhar e tento não demonstrar medo. Mas demonstro. É a primeira vez que me toca, e sua mão queima meu queixo como se fosse fogo.

—

Não tenho medo de você — afirmo.

—

Devia ter. — Ele me olha fundo nos olhos e em seguida acrescenta: — E tem. — Ele me solta e dá um passo atrás, sorrindo um sorriso maquiavélico, de satisfação. Eu me ajeito mas resisto à tentação de massagear o couro cabeludo no local onde puxou meu cabelo. Ele volta à sua poltrona e se senta.

—

Vamos, comece a me seduzir. Mostre o que sabe fazer.

Eu o ignoro e tomo mais um gole, ganhando tempo. Ele virou o jogo, assumiu o comando, e agora preciso de tempo para reassumir o controle da situação. Eu me deito mais uma vez no sofá, fingindo uma indiferença que não sinto.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Nunca mais puxe meu cabelo desta forma. M. nada diz e toma seu martíni.

Lentamente, esfrego uma perna na outra. Em seguida me espreguiço, lânguida, como se tivesse todo o tempo do mundo. Espero que M. venha até mim, que dê o primeiro passo. O relógio marca os minutos que vão passando. Ele coloca o drinque na mesa.

—

Tire o vestido — ordena.

Sorrio; não precisei esperar tanto assim. Levanto e abro o zíper até o fim. O vestido escorrega por meus ombros.

—

Gosta do que vê?—pergunto, enquanto me viro lentamente, deixando que veja minha bunda. Viro outra vez e o encaro. Ponho as mãos para trás para abrir o sutiã, mas M. levanta a mão.

—

Ainda não, sente-se.

Permaneço de pé. M. me observa com uma expressão de irritação.

—

É bom que aprenda logo a lição número um. Se vamos trepar, vamos fazer tudo à

minha maneira. Se eu ordenar que se ajoelhe e chupe meu pau, é bom que se jogue no chão na mesma hora. Se eu der uma ordem, espero que obedeça. Agora sente-se. Seu chauvinismo me dá vontade de rir. Eu nunca obedeci às ordens de homem algum em toda a minha vida. Mas vamos em frente. Sorrio com doçura e me sento, cruzando as pernas.

—

Bem melhor. Não gosto do sorriso sarcástico, mas cuidamos disto mais tarde. Ele se levanta e caminha até a escrivaninha. Remexe na gaveta de cima e coloca algo no bolso da camisa; caminha de volta para onde estou. Seus movimentos demonstram ausência de pressa, são ponderados, como se calculados para obter o efeito desejado. Graciosamente, ele se ajoelha diante de mim e põe uma das mãos em meu rosto. Delineia meus lábios com um dedo e diz:

—

Eu vou discipliná-la, Nora. Pode levar um mês, ou apenas uma semana, mas você

aprenderá a obedecer. E sabe do que mais? Vai ser fácil, e você vai até gostar. Sua voz tem um timbre sinistro, grave e suave, mas ainda assim repleto de ameaças. Seus olhos escuros invadem os meus. São frios e confiantes, os olhos de um predador certo de sua presa. Minha respiração se acelera.

—

Agora, abra as pernas.

Mais uma vez sua voz é baixa, aveludada como um tecido macio e sedoso, mas sinto o peso de suas palavras. Descruzo minhas pernas e as abro.

Ele põe as mãos em minhas coxas e diz:

Mais. — E as abre. — Bem melhor. — Pega minhas mãos e as coloca sobre minhas coxas com as palmas para cima. — Agora feche os olhos.

Hesito. Meu coração bate mais rápido com este ritual incomum. Apreensiva, olho o bolso de sua camisa. O que haveria lá dentro?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Feche os olhos — repete, percorrendo meu rosto com a mão; suavemente,

fecha

meus olhos.

Tira a mão.

Pernas abertas, olhos fechados: sinto-me completamente vulnerável. Meu corpo está rijo, meu peito apertado. Quero abrir os olhos mas não abro. Desconfio que M. esteja fazendo algum tipo de teste, uma experiência, um teste com meus nervos. Sinto a ansiedade alfinetar minha pele. Penso no bolso de sua camisa e no que ele poderia ter escondido dentro dele.

— Fique assim—diz, e me sobressalto ao sentir seu toque. Seus dedos tracejam meu queixo. —

Relaxe — diz, retirando a mão. — Mas não se mexa. E mantenha os olhos fechados. Eu o ouço se afastar, ou pelo menos acho que está se afastando. Como o cômodo é acarpetado, não tenho como saber. Abro os olhos um pouquinho, sorrateiramente, uma fenda quase imperceptível, para que M. não note caso esteja me observando. Um filamento de luz fraca penetra através de meus cílios. Meu campo de visão é restrito, e só o que vejo são as palmas das mãos e a parte de cima dos pés. Penso em Franny em seu corpete vermelho, amarrada à cadeira da sala de jantar, com as pernas abertas, pronta para ser castigada por M. Cerro os punhos, temendo que M. tenha algo parecido planejado para mim. Mas então, vindo do outro lado do aposento, eu ouço música. Abro os olhos. É M., ao piano. Que homem mais estranho ele é. Cá estou eu, sentada, de calcinha de renda preta e pernas abertas, e ele está na outra extremidade do escritório tocando piano. A ironia me faz sorrir. Com M. longe, quase consigo relaxar. Uma auréola de luz o ilumina, e sua aparência é quase angelical: a expressão de tranqüilidade, os dedos graciosamente postos sobre as teclas, as rugas de seu rosto suavizadas pela iluminação favorável. E um piano de meia-cauda, de um metro e meio mais ou menos, de um preto brilhante, com a tampa aberta. A música parece flutuar, suave, romântica, lírica. Chopin, creio eu, embora não tenha certeza. Fecho os

olhos e escuto. A melodia desliza vagarosamente e continua, como um córrego de águas livres e frescas. Deixo-me levar pelo clima idílico e me vejo colhendo flores do campo e correndo atrás de borboletas amarelas. É uma linda melodia hipnótica em toda a sua simplicidade. Mas de repente, quando toda a tensão está prestes a deixar meu corpo, o tempo musical muda. Observo M. Não me parece mais tão angelical. Curva-se sobre o teclado, a concentração sulcando-lhe as sobrancelhas. Como se esmurrasse o piano, vai produzindo uma música barulhenta, rítmica e sensual. A música açoita como as ondas do mar lambendo a areia, sobrepondo-se à areia, tomando-a cada vez mais. Os acordes ondulam, enchem o cômodo, cada canto, do chão ao teto, enchendo a mim também. Meu coração bate mais rápido. Eu sinto M., sinto sua intensidade, seu calor, do outro lado do escritório. A melodia me arrasta até ele embora não tenha me movido um só

centímetro. Parece alheio a mim, alheio a tudo. A música parece atingir seu clímax e então, de forma Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

abrupta, termina. Permanece sentado durante alguns instantes, se recompondo. O aposento e stá em silêncio; mortalmente, apaixonadamente, em silêncio. Ele se levanta e caminha em minha direção.

—

Foi... maravilhoso — digo com sinceridade. Franny jamais escrevera em seu diário o quão talentoso ele era. Ainda sinto a música sua melodia perturbadora, mas M. parece-me completamente recomposto.

Paira sobre mim, com uma das mãos no bolso das calças. Uma mecha de cabelos escuros cai sobre sua testa mas ele não a afasta.

— Música é minha paixão. É eterna, resistente, duradoura como nada nesta vida.

— Nem todo mundo concordaria com isso. O que me diz das outras formas de arte? A escultura, a pintura, a literatura? E as pessoas? Algumas se casam e têm filhos para perpetuar uma união duradoura.

Ele me faz levantar e diz:

—

A arte é duradoura, tem razão quanto a isto. Mas as pessoas não. As pessoas são a coisa menos permanente de todas. São as mais passíveis de serem substituídas, de serem descartadas. Você passará algum tempo comigo e logo, quando sua vida útil terminar, será substituída por outra.

— Ele sorri, e me pergunto se está brincando ou se está sendo sincero. Senta-se no sofá e me manda colocar uma das pernas sobre seu joelho. Ele acaricia minhas pernas, minha coxa, e deixa que sua mão repouse ali. É um gesto simples, mas perco a respiração e não deveria. Já dormi com muitos homens. Deve ser efeito da música. Ele solta as ligas e vai baixando a meia com perícia, como seja tivesse feito isso muitas vezes. Dá um beijo na parte interna de meu tornozelo, e eu o sinto na virilha. Com os lábios ainda tocando minha pele, ele me olha, e eu vejo um sorriso indisfarçável em seus olhos. Ele sabe que agrada. Pousa minha perna no chão, pede a outra e começa a tirar a outra meia. Sinto meu corpo fluido, maleável, ainda cheio de música. M. é um homem perigoso e, no entanto, a idéia de dormir com ele, do perigo, do medo, me excita. E ele sabe disso. Odeio este homem com todo o coração, mas seu toque me faz estremecer. Eu jamais sentira algo parecido.

Ele tira minha calcinha, mas deixa o sutiã preto e a liga, e me senta em seu colo, de maneira que cavalgo suas pernas. Ele me beija. As mãos em meus quadris me puxam para mais perto e eu sinto o tecido de suas calças roçar na minha virilha nua. Sua língua é quente, curiosa, e eu sei que não deveria estar aqui. Ele busca algo no bolso da camisa. O medo, como um *frisson*, atravessa meu corpo. Mas tira apenas grampos para os bicos dos seios. Foi o que tirou da gaveta um pouco mais cedo, o que me amedrontara tanto. Grampos para os peitos.

—

É a primeira vez? — pergunta. Eu não respondo, sentindo um leve nervosismo. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Pinças. São delicadas, perfeitas para iniciantes. — Ele tira meu sutiã, pre nde os grampos nos bicos de meus seios e observa minha reação. Embora doa no início, uma dor que me recuso a demonstrar, e doa mais ainda quando ele os aperta, uma dormência gradual se espalha à

medida que o sangue pára de circular. Ele sorri. Enfia a língua mais uma vez em minha boca e a mão no meio de minhas pernas, e os dedos que tocavam

piano agora me tocam. Ele afasta a cabeça.

—

Você já está molhada — diz. Ele me coloca no sofá, se ajoelha e lambe meu clitóris até eu gozar.

Ele olha para mim, por entre minhas pernas.

— Foi fácil — diz com um tom afetado. Ele se levanta e tira os sapatos.

— Ainda não acabei — afirmo.

Desabotoa a camisa, e me sento para assisti-lo se despir. Ele a tira, pendura-a no espaldar da cadeira e em seguida tira as calças e as dobra cuidadosamente. É como eu o imaginara: magro mas musculoso, *sexy* para um homem de quase cinqüenta anos, sem barriga, sem pelancas. Está usando cuecas pretas e tem uma ereção. Seu pênis empurra o tecido para fora, formando uma saliência erótica. Espero que tire a cueca, mas tira uma meia. Depois a outra. Depois o relógio. Finalmente, despe a cueca e fica em pé, bem na minha frente.

—

Chupe. — O que diz sai em tom de ordem.

Hesito por um momento, parando para olhar este belo espécime de quarenta e nove anos de idade. Nunca perdi muito tempo pensando no tamanho do pau de alguém. Grande, pequeno, grosso, fino: não tenho preferências. Para mim, são todos basicamente a mesma coisa. Mas há algo na imagem de um pênis ereto que mexe profundamente comigo. Acho que deve ser uma sensação inata, algo que remonta a milhares de anos, a um mundo muito antigo, a um tempo que precede a consciência, quando trepar era mais sobrevivência do que esporte.

Senti uma verdadeira veneração à

imagem de meu primeiro pênis, uma reação imediata de lascívia.

Tomo seu pênis em minha boca e em seguida, lambendo e chupando, atravesso aquele mundo antigo, pulsante, até o novo. Mas agora, aqui, com M., há uma nova dimensão no ato de chupar um pau. É tudo poder, aquela força incontida, reinando sobre este pequeno pedaço de carne intumescida. Chupo porque quero sua força, quero exauri-lo de cada gota. Sinto suas mãos em meus ombros, consciente de que poderia envolver meu pescoço com elas e apertá-lo. Sei que estou jogando um jogo perigoso. Renovo minhas energias. Quero, e preciso, mamá-lo até que goze. Mas ele me impede.

Laura Reese - Falsa Submissão

82



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Eu vou te foder — diz e me joga de volta no sofá. A rapidez de seus movi

mentos e

sua força me surpreendem. Instintivamente, tento me sentar. M. me abaixa

mais uma vez. Com um gesto rápido, ele tira um dos grampos. Uma dor lancinante escorre até o bico do meu peito enquanto o sangue retoma. Ele tira o outro e trepa em mim me fode com brutalidade. Aos poucos, enquanto me fode, eu relaxo. Tento me colocar numa posição que seja confortável para mim, mas ele me agarra e me põe de volta como estava. Ele me move como quer, privando-me de qualquer escolha. Observo-o enquanto me fode, primeiro objetivamente: pairando sobre mim, levantando minhas pernas, me colocando sobre a barriga, torcendo meu corpo e me pondo de barriga para cima mais uma vez. Então, algo acontece que me faz perder a objetividade e um pouco do medo. Ele me arrasta para dentro de seu mundo. Está de joelhos, me fodendo com rapidez e crueldade, seus braços para a frente, agarrando meus peitos como se fossem maçanetas ou manivelas redondas, socando meus ombros de encontro ao sofá. Seu rosto está transformado, sombrio, misterioso, contorcido de prazer. Penso num homem das cavernas, num homem primitivo com seu corpo cabeludo e sua testa baixa e ameaçadora. Mais animal do que homem. Estou em casa, onde quer que isto seja, e acho que devo estar louca por ficar aqui. Ele agarra meu cabelo e puxa minha cabeça para a esquerda, com força. Começo a reclamar, mas fecho os olhos e vejo o homem selvagem. Ouço sua voz em meu ouvido:

— Você gosta disto, não gosta? Fará tudo o que eu mandar. Você gosta de ser minha puta. E a verdade é que gosto. Não sei explicar minha reação. Meus sentimentos são paradoxais: eu o odeio, eu o temo e ao mesmo tempo seu domínio sobre mim, mesmo que fugaz, me intoxica. Eu gozo, e minutos depois gozo novamente.

PDL – Projeto Democratização da Leitura

ONZE

Acordo em sobressalto. Sento-me na cama abruptamente e olho em torno do quarto. Meu coração bate descompassado, frenético. Estou no quarto de M., em sua cama. Partículas de sol penetram pelas cortinas, iluminando apenas o suficiente para realçar as cores do quarto, tons suaves de cinza e azul, estiolados pela tênue luz da manhã. O quarto parece uma caverna: imenso, oco, enevoado. Ouço os jatos constantes do chuveiro. Não ouvira M. levantar-se, e isto me assusta. Não tenho idéia de quando eu finalmente, e não intencionalmente, cochilei ontem à noite. M. tomou um tranqüilizante, disse que faz isso às vezes, e dormiu imediatamente. Eu fiquei acordada por várias horas, certa de que estava na cama com um assassino. A expectativa de que M. acordasse e me observasse enquanto dormia me dá arrepios. Estava à sua mercê, exposta, desprotegida. Não poderei ser tão estúpida assim no futuro. Deito outra vez, abraço o travesseiro com força e o escuto no chuveiro. Minha cabeça está leve e grogue, minha boca, seca. Uísque demais, sono de menos. Penso em Ian, meu fiel Ian, e imediatamente sinto-me culpada pelo que aconteceu na noite passada. Mas sei que não tive escolha. Quero informações a respeito de Franny, e, se tiver que dormir com M. para consegui-las, que assim seja. O sexo foi impessoal, racionalizo, e não teve nada a ver comigo e com Ian. Minhas racionalizações não têm o efeito atenuante que eu espero, que eu desejo. Cuidarei de meus sentimentos mais adiante; não tenho reservas emocionais no momento para lidar com Ian e M. Preciso de concentração para enfrentar M.

A água ainda cai no banheiro. Penso no que M. me disse ontem à noite. Tive medo dele, esperei algo de violento; esperei, ao menos, uma quantidade ínfima de dor. Ele riu de mim e disse: Você me imagina um monstro, não é? O que pensa que eu fazia com Franny? Que usava força bruta para submetê-la a mim?

Tudo o que fizemos foi com sua aquiescência. Ela poderia ter dito que não, mas nunca disse. É bem verdade que ela às vezes empacava, relutava em desempenhar certas... atividades. Mesmo assim, concordava. Poderia ter dito não, mas não dizia. Poderia ter ido embora a qualquer hora, se assim escolhesse. — Lembro de suas palavras com amargura. Sento-me na cama e encosto na cabeceira. Não estou vestindo nada, então, puxo as cobertas até

as axilas. É segunda de manhã; M. leciona às nove. Se me deixar ficar depois que sair, conspiro com meus botões, poderei examinar sua casa, terei uma boa oportunidade de encontrar a prova da qual a polícia precisa.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

A água do chuveiro pára de cair. Alguns minutos depois, ele sai do banheiro. Está nu, c om uma

toalha azul displicentemente jogada sobre o ombro. Olha para mim e nada diz. Caminha até o janelão da sacada e abre as cortinas. Um imenso céu de prata se revela. O quarto se ilumina. Vejo um vasto gramado, dois pés de nectarina, uma sequóia canadense, três melros empoleirados no fio telefônico. O quintal é fechado por uma cerca coberta de hera. Na luz da manhã, sem os efeitos suavizantes da bebida e da luz branda, observo M. com olhos críticos. Aos quarenta e nove anos de idade, ainda tem corpo de atleta, mas as formas sutis da juventude foram substituídas por uma solidez de contornos definidos. Não há maciez ou vulnerabilidade alguma ali. Pousando a mão em meu ombro nu, ele se abaixa Para me beijar, mas viro a cabeça e ele recebe uma face fria. Cruzo os

braços. Não tenho a menor intenção de transar com ele esta manhã. Ele inclina a cabeça, divertindo-se com minha pequena demonstração de desafio, e em seguida ergue-se, condescendente. Caminha até a cômoda e tira um par de meias e cuecas. Joga a toalha para dentro do banheiro e volta para a cama, sentando-se. Seu pênis está flácido e pende para o lado como a língua de um cachorro preguiçoso, como a língua de Rameau. Ele começa a se vestir e a conversar ao mesmo tempo.

—

Sua irmã tinha seios magníficos. Eram maravilhosos, simplesmente maravilhosos. Ela vivia falando em ir a um cirurgião plástico para diminuí-los. Eram tão grandes que prejudicavam seus ombros e sua coluna. Dizia que eram bastante desconfortáveis. Você não sabia disso, sabia?

Que ela pensava em fazer plástica?

Eu não sabia, mas não confesso isso. Ele sorri.

—

Foi o que pensei. De qualquer forma, eu lhe disse que não mexesse neles enquanto estivesse comigo. Adoro mulheres com seios grandes, e Franny tinha os maiores que já vira. Eram espetaculares. Adorava tocá-los. Adorava simplesmente olhá-los. — Ele sorri, pensativo, como se tentasse decidir até que ponto iria me contar.—Às vezes, enquanto comíamos, eu a mandava desnudá-los para que pudesse admirá-los durante o jantar. Debruçava-me por cima da mesa e acariciava um deles enquanto comia Nunca me cansava daqueles seios. — Ele puxou as meias para cima. — Ou talvez fosse pela reação dela. Odiava se expor daquela forma. Não acho que fosse modéstia e sim insegurança devido à sua gordura. Ela se sentia desconfortável andando nua; era por isso que eu a mandava fazê-lo. Achava seu desconforto... erótico. Quando me dava na telha, eu a fazia desfilar pela casa de saltos altos, ligas e meias, sem calcinhas. Tenho grampos presos a pequenas correntes de trinta centímetros. Eu colocava os

grampos em seus mamilos para que permanecessem eretos e só precisava puxar a corrente para vê-los saltar. Eu a fazia ficar assim a noite inteira: comia assim, assistia à TV, lia revistas assim. Nunca se acostumou. Às vezes eu a mandava sacudir os ombros para ver seus seios balançarem de um lado para o outro, dois imensos Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

bocados de gordura trepidante. Outras vezes eu lhes dava um pequeno tapa para que dança

ssem para

mim.

Ele me olha de soslaio para ver minha reação. Estou furiosa minhas mandíbulas cerradas. Quero dizer alguma coisa, quero explodir com ele, mas temo que se o fizer ele parará de falar. Ao mesmo tempo, tenho medo de que continue. Não quero ouvir mais nada e, silenciosamente, imploro que pare. Ouvi-lo falar de Franny assim, da forma cruel com que a tratava, é quase insuportável. Mas fico em silêncio. A necessidade de conhecer a verdade é mais forte. Ele entra no *closet* e volta com uma camisa listrada e um par de calças cinza. Caminhando até

a janelão, veste a camisa, mas não a abotoa. A janela é como um nicho, desce

a sessenta centímetros do chão e tem um assento que se estende ao longo da base. Ele apóia um pé no assento e olha para fora, colocando as calças cuidadosamente ao lado.

Um dia liguei para ela na clínica — recomeça ele, ainda olhando para fora. — Disse que me encontrasse em meu escritório às sete da noite. Ela ficou... — ele fez uma pausa, procurando a palavra certa—... surpresa. Eu nunca a convidara antes. Ficou muito contente quando eu a chamei, e surpresa. Deu para perceber na sua voz. Quando passou pela porta aquela noite, caminhava nas nuvens. Parecia tão feliz. Ela esperou, sentada numa cadeira em frente à minha mesa enquanto eu terminava alguns afazeres. Um imenso sorriso insistia em brotar em seus lábios. Ela tentava contê-lo, mas ele logo voltava. Bastou isso para deixá-la tão eufórica: um simples convite para ir ao meu escritório. É meio triste, não é? — Ele pára alguns instantes, pensativo.

"Então mandei que me acompanhasse, pois íamos dar uma volta pelo *campus.* Eu a levei à

pocilga. — Vira-se para me encarar. — Você sabe onde fica? É aquele prédio ao sul do Laboratório Nuclear Crocker. Franny jamais o visitara. É um dos prédios mais antigos da universidade e contém, aproximadamente, duzentos suínos. Há um departamento que chamam de maternidade. São vários cercados enfileirados, com as porcas e seus filhotes recém-nascidos. Ela os achou adoráveis, seus pequenos guinchados, seus minúsculos focinhos e cascos. Caminhamos pelo chiqueiro, respirando aquele odor almiscarado, olhando os porcos. Ela segurou alguns filhotes. Eu me perguntava aonde queria chegar. Já fui à grande maioria dos prédios de ciências e agricultura da universidade por causa dos artigos que escrevi para o *Bee*. Ele abotoa a camisa e pega as calças, retirando um fiapo.

—

Já estive lá — afirmo com impaciência. — Sei como é. Eles o trancam à noite. Como fez para entrar?

Ele me lança um sorriso indulgente.

Laura Reese - Falsa Submissão

86



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Conheço bem este *campus.* Estou aqui há quase vinte anos. Entrar na pocilga à noite não é tarefa das mais difíceis. — Ele vestiu as calças e pôs a camisa para dentro antes de fechar o zíper. Seus movimentos eram fluidos, quase sensuais. Um *strip-tease* ao inverso Senta-se no vão da janela para calçar os sapatos.

—

Passeava pela pocilga, olhando os bichinhos, divertindo-se a valer. Eu me aproximei por trás e beijei-lhe a nuca. Disse que ia pôr um porco em seu seio. Ela riu, uma risada meio nervosa. Pensava que eu estivesse brincando, mas a esta altura já me conhecia bem o bastante para saber que era bem provável. Tirei seu casaco e desabotoei sua blusa, ainda atrás dela. Eu sentia a tensão em seus ombros a rigidez de seu corpo. Ela choramingou bem baixinho e disse meu nome. "Michael." Parecia um lamento, como se me implorasse para parar. Mas ela não lutou; sabia as conseqüências. Desabotoei seu sutiã e o tirei. Tirar seu sutiã era sempre um grande prazer para mim; ver seus seios balançarem soltos, livres daquela prisão. Vesti seus seios com minhas mãos e os apertei gentilmente, abraçando-a. Ofegava, apreensiva. Na verdade, senti uma certa pena dela, mas seu medo me excitava. Sua timidez, o temor do desconhecido, seu imensurável

pânico: tudo era muito estimulante. Eu disse que não se preocupasse. "É um pedido tão insignificante", murmurei em seu ouvido. "Tente relaxar; será como amamentar um bebê." Debrucei-me por cima do cercado, peguei um porquinho e o coloquei em seus braços. Tomei seu seio esquerdo, esfreguei o bico na boca do animalzinho. Ele pareceu hesitante no começo, mas logo o aceitou. Ele sugou, querendo leite. Acariciei seu outro seio enquanto olhava o porco em sua teta. "Vê só", disse eu. "Não tem nada demais." Ela sorriu um pouco, relaxando. Eu lhe agradeci por ter satisfeito meu desejo e dei-lhe um beijo, longo e profundo.

"É gostoso senti-lo chupar?", perguntei, esfregando o nariz em seu rosto. "Você gostou, não gostou?" Ela chegou mais perto de mim. Eu lhe disse que estava ficando com tesão. Ela disse que também estava. Era o que eu queria.

Olha através da janela, recordando. Recosta-se, cruza as pernas e continua a história, perdido nas suas lembranças, sem nem ao menos olhar para mim.

—

Devolvi o porquinho para a mãe e levei Franny até um cercado vazio. Eu a pus de quatro, no chão, fui até o gradil do cercado adjacente e peguei seis porquinhos, um de cada vez, e os coloquei, em meio a guinchados, no cercado com Franny. Pareceu nervosa novamente. Começou a morder o lábio inferior, como sempre fazia quando se sentia insegura. Os porquinhos começaram a farejar o cercado, procurando se familiarizar, e Franny encontrava-se bem no meio apoiada sobre as mãos e joelhos, nua da cintura para cima, com aqueles peitões pendurados, pesados, balançando só

um pouquinho enquanto equilibrava seu peso. Um porquinho trotou diretamente para uma das tetas e Laura Reese - Falsa Submissão

a abocanhou como se pertencesse a ele. Franny se esquivou, tirando o bico da boca do

porco, e

começou a se levantar.

O porco reclamou, frustrado. Mandei que se abaixasse de novo e continuasse assim. O porco voltou para ela, ergueu a cabeça e começou a chupar. Como os outros não queriam ir, peguei um e o guiei até seu seio. Belisquei o mamilo e esfreguei-o na boca do porquinho até que sugasse. Dei um passo atrás para olhar. Já tinha uma ereção, mas estava satisfeito só em me encostar no gradil e observar os dois porcos sugarem e puxarem seus peitos. Os outros dois começaram a fuçar, curiosos. Franny ainda mordia os lábios, tentando não chorar, creio eu. Deixara de sentir o erotismo da brincadeira. O segundo porco já desistira e se afastara; mas outro tomou seu lugar. Então este saiu e outro veio. Isto continuou por algum tempo; os porcos sugavam seu seio direito até perceberem que ela não tinha leite e outro chegava para tentar. Mas o porco agarrado a seu peito esquerdo não tinha a mínima intenção de largá-lo. Ele continuou, ávido, sem deixar que os outros se aproximassem. Eu trouxera uma pequena câmera comigo e tirei algumas fotos. Franny ficava olhando por cima do ombro para a entrada da pocilga. Acho que tinha medo de que alguém entrasse. Eu não sabia o que a preocupava mais, se eram os porcos mamando ou a possibilidade de alguém entrar e a encontrar naquela situação. Depois de um tempo, ela começou a gemer. "Ele está me machucando. Chupa com força demais." Eu lhe disse que era porque queria leite. Ela queria parar, implorou para que a deixasse levantar. Eu disse que não, que deixasse os porcos puxarem bem

os seus mamilos. Disse que gostava de vê-la amamentar os porcos. Disse que poria outros animais em seus seios: um cabrito, um potro, uma ovelha e um bezerro. Caminhei até ela e comecei a tirar seus *jeans*, dizendo-lhe que tinha úberes como uma vaca, que queria ordenhá-la.

Ele se levanta e dá um breve sorriso, dando de ombros e fazendo um gesto como quem diz "o que mais podia eu fazer?".

—

Então me ajoelhei atrás dela e a fodi enquanto os porcos chupavam suas tetas. Tento conter minha raiva.

—

Enquanto Franny chorava — afirmo, tensa, com a garganta apertada. M. vai até a cômoda, tira um relógio e o coloca no pulso. Põe no bolso as moedas que se encontram sobre a cômoda.

—

Não estava chorando. Ela não gostou, mas não estava chorando.

— Ela estava envergonhada.

— É claro que estava.

Nada digo por alguns instantes.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

E você me conta esta história calmamente, como se nada sentisse. — Ba lanço a

cabeça, incrédula. — Como pode falar dela desta forma?

Ele se aproxima e senta-se a meu lado, na cama.

— Eu não estaria contando se não fosse por você. Não se esqueça de que você mesma resolveu trazer esta história à tona. Por mim, estaria esquecida. Diga-me que já ouviu o bastante e eu não mencionarei mais o nome de Franny. —Ele se interrompe, dando-me a oportunidade de responder. —

E então? O que vai ser?

— Não vou desistir. — Agarro as cobertas. Minha voz, eu sei, soa cansada. — Não vou. Ele se inclina em minha direção e acaricia meu rosto. Suavemente, diz:

—

Seria melhor para você se desistisse.

Eu empurro sua mão. Sua suavidade não me engana como enganou Franny. De uma coisa eu tenho certeza, não se importa com o que é melhor para mim. Seus avisos fazem parte do seu jogo.

—

É o que planeja para mim também? — indago. A pergunta sai como um desafio. —

Vai me levar à pocilga também?

Ele ergue uma das sobrancelhas e o canto da boca.

—

Por quê, você quer ir?

Como não respondo, ele se levanta e caminha até a cômoda. Coloca a carteira no bolso de trás e vira-se para me encarar, recostando-se.

—

Franny sempre pensou em sexo com romantismo. Queria carícias suaves, palavras de amor, e no começo foi o que lhe dei . Mas então, depois de conquistar sua confiança, mudei as regras de jogo. Só transávamos do jeito que eu queria. Toda vez que trepávamos eu a chamava de minha piranha, minha boceta, e descrevia o que iria fazer com ela. Eu a arranquei da atmosfera romântica que ela criara e a trouxe para a minha realidade, para o meu mundo.

- M. esboça um sorriso. — Ontem à noite, quando fizemos amor, eu a chamei

de puta, e isso excitou você. Isto você não pode negar.

- Ele hesitou por um momento, esperando que eu contestasse, mas fico calada. É verdade. Ele continua, seu tom de voz fatual, como se estivesse lecionando.

— Franny, por outro lado, encolhia-se quando eu a chamava de minha puta, minha vagabunda.

— Ele me olha, impassível. — Ela odiava essas palavras. Mesmo quando eu as usava num contexto sexual, a única ocasião em que as pronunciava, mesmo então ela as detestava. Queria palavras bonitas. Assim que coloquei o primeiro porco em seu peito, enquanto eu a beijava, a abraçava e disse que estava tudo bem, ela gostou. Estava inquieta no começo, mas admitiu que aquilo a excitava. Ela só reclamou quando a pus no cercado, de quatro, para observá-la.

— Isto e o fato de seus seios estarem doloridos.

Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Ele contesta com um gesto, como se a dor não o preocupasse.

—

Ela não estava tendo prazer algum com isso — continuo. — Estava sendo degradada. Ele esfrega o nariz e cruza os braços.

—

E mesmo assim ela o fez. — Em seguida, repete, mais baixo: — E mesmo assim ela o fez. — O quarto estava em silêncio. Sua última frase paira entre nós, como um vínculo profético, as palavras nos unindo como elos de uma corrente. Ele olha o relógio e caminha em minha direção: —

Como você fará.

Olho para ele e digo:

—

Não conte com isso. — Ele ignora o que falo. De cima ele me observa e põe as mãos em meus ombros. É uma demonstração sutil de poder, um movimento tático para que eu saiba que ele está no comando. Ele se abaixa e envolve meu pescoço com uma das mãos, forçando-me a olhar para ele. Ele me segura com força mas sem me machucar. Beija meus lábios com suavidade. Não me movo. Não reajo. Recuso-me a lhe dar o prazer da luta.

—

Me pergunto se será degradante para você também — diz olhando fundo nos meus olhos, e acrescenta: — Eu acho que não.

Ele me solta e levanta. Caminha na direção da porta, pára, vira e faz um

gesto com os braços, mostrando o quarto.

—

Fique o tempo que quiser — convida, o perfeito anfitrião. — Imagino que vá revistar minha casa em busca de algum tipo de prova. Faça o que quiser. Mas tente não fazer bagunça. —

Parece se divertir, e sua cooperação me surpreende. Não achei que me deixaria bisbilhotar sua casa tão facilmente. Mais uma vez se dirige à porta e pára — As fotos que tirei de Franny, as tais da pocilga e tantas outras, não as encontrará. Quando li sobre sua morte no jornal, eu as destruí. Sem álibi, achei melhor não as deixar espalhadas por aí. — Pára um instante para observar minha reação e sai do quarto, mandando que tranque tudo ao sair e que me ligaria quando quisesse me ver de novo. Ouço seus passos pela casa. A porta que dá para a garagem abre e fecha. Eu me levanto e visto o roupão de M., um roupão marrom com monograma. Descalça, caminho até a sala e espio pela janela. Observo-o sair da garagem e sumir na distância.

Não sei por onde iniciar. Começo pelo escritório. Olhando ao meu redor, acima da escrivaninha, vejo o alfanje usado pelo pai de M. na Segunda Guerra Mundial. Testo a lâmina com o dedo; está afiada, pronta para ser usada. Revisto a escrivaninha e a estante, mas nada encontro. Escondidos num armário perto do vídeo, encontro, a julgar pelos títulos, uma coleção de filmes pornográficos e um monte de revistas de sacanagem. Eu as folheio rapidamente. Nada que não tenha visto antes. Nos quartos de hóspedes e demais armários, também não encontro qualquer evidência incriminadora.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Entro em seu quarto. Vasculho os criados-mudos que ladeiam a cama. Encontro uma va riedade

de brinquedinhos sexuais: vibradores, anéis do amor, clipes, lubrificantes, óleos para massagem, um dildo, anéis e grampos para os mamilos, bolas sexuais de metal sólido de vários tamanhos; mais uma vez, nada que possa incriminá-lo. Vasculho sua cômoda e nada encontro. Nada embaixo da cama. Nada no banheiro, embora encontre seu tranqüilizante no armarinho. Entro no *closet*, acendo a luz e examino suas roupas. Este homem é extremamente organizado: camisas viradas na mesma direção, para oeste arrumadas por cor, os sapatos enfileirados como soldados guardando a inspeção, perfeitamente espaçados e bem engraxados. Espio em todas as caixas das prateleiras: mais camisas, mais suéteres e mais sapatos guardados. Pego a escada que vira na cozinha e a trago para dentro do *closet,* para poder inspecionar as prateleiras mais altas. E então, na prateleira de cima, escondido atrás de caixas de sapato empilhadas e de sacolas cheias de toalhas velhas, eu o encontro: um enorme recipiente plástico do tamanho de uma mala. Trago-o para baixo e o coloco sobre acama. Abro-o. Dentro, encontro correias e peias de couro, um arreio, cordas de diversos tamanhos, um punho de couro, um chicote e um chicote de montaria, um par de algemas, uma amarra para as pernas, uma coleira tacheada, uma raquete de pingue-pongue reforçada e vários dispositivos e engenhocas cuja função ignoro. E, num canto, um rolo de fita isolante parcialmente usado. De repente, fico enjoada. Minha cabeça lateja, conseqüência do porre que tomei na noite anterior. Fecho os olhos e vejo Franny no velório, cinco dias após o descobrimento de seu corpo. Nos filmes, vemos um membro da família da vítima percorrendo um corredor cinza-metálico para identificar o corpo no necrotério. Não é bem assim na vida real. Num caso de homicídio, não permitem que os familiares vejam o corpo até ser liberado para o velório. E os detalhes da morte, também facilmente revelados nos filmes, só fui saber dois meses depois. No início, soube apenas que fora assassinada e que a causa de sua morte não fora determinada. A legista, os técnicos de identificação, os detetives, todos disseram que as investigações

seriam prejudicadas se divulgassem maiores informações naquele momento. A administradora do prédio de Franny, a velha que descobrira seu corpo duas semanas após sua morte, não ajudou em nada. Sentira-se mal, disse, e nem quis olhar o corpo. Só conseguia se lembrar do cheiro horrível e das moscas que fervilhavam no aposento. Tive que usar a imaginação, e, como escrevo artigos científicos, sabia qual teria sido sua aparência. Já assisti a necropsias. Seus lábios, sua língua, seus dedos dos pés e das mãos estariam desidratados, secos e pretos. Haveria inchaços e bolhas, liquídos purgariam de sua boca, o sangue seco cobriria seu corpo, vermes infestariam suas feridas e orifícios e haveria muitas varejeiras, grandes e gordas. A morte tem um cheiro universal, e Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

mesmo num apartamento fechado os insetos farejam e encontram uma forma de entrar e se a possar do cadáver.

E então, dois meses depois, quando a investigação chegou a um impasse, me deram os detalhes. Posso vê-la, tão claramente como se estivesse presente. Eu a vejo em seu apartamento, amordaçada, o sangue escorrendo de seu tronco, marcas de cortes em seu corpo nu, como finos entalhes na madeira, a fita isolante cobrindo-lhe a boca e envolvendo seus tornozelos e pulsos. Balanço a cabeça para livrar-me daquela imagem. Sento-me na cama e seguro as algemas e a fita. Ponho-as no colo. A cama está coberta com os objetos que encontrara na caixa, espalhados como a coleção de ferramentas de um homem, orgulhosamente exibida: chicotes, cordas, raquetes, arreios, correntes. Esta coleção me convence de que estou certa a respeito de M.; mesmo assim, estou desapontada. Não encontro navalhas, facas, fotos de mulheres presas, seus corpos exibindo a arte de M. com uma faca nenhuma foto de Franny. Ou seja, nada que coloque M. na

cena do crime. Entregarei a fita à polícia, mas depois de quase um ano sem que tenham prendido o assassino de Franny, tenho pouca fé em sua utilidade. Posso até ouvi-los dizer que qualquer um pode comprar fita isolante numa loja de ferragens.

A porta da frente fecha com um estrondo.

Eu gelo. Minha mão, prestes a pegar a coleira para inspecioná-la congela no ar. Ouço passos no *hall,* abafados porém audíveis, e de repente meu corpo reage. Meus movimentos são instintivos. Pulo da cama, deixando as algemas e a fita caírem no chão, e começo a enfiar tudo de volta na caixa, os chicotes, as correntes, tudo.

—

Nora? — M. me chama. Está no corredor.

Pego as algemas do chão e as atiro na caixa. Onde está a fita? Não a vejo.

—

Nora? Ainda está aqui?

Fecho a tampa e carrego a caixa para dentro do *closet,* pondo-a em seu lugar, escondida atrás das caixas de sapato e das sacolas. A escada. Eu a dobro e a escondo por trás das roupas. Fico na porta do *closet* e olho em volta para me certificar de que nada está fora do *lugar.* A caixa está de volta a seu lugar, e a escada, encoberta pelas capas, *blazers* e jaquetas de M. Estendo a mão para apagar a luz e sinto uma mão gelada na nuca. Engasgo com o ar.

Não me ouviu?

Balanço a cabeça.

Ele me olha, desconfiado.

Procuro as palavras.

Laura Reese - Falsa Submissão

92



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Procurava seu roupão — digo, feliz por tê-lo vestido. — Estava com frio. — C

oloco as

mãos nos bolsos.

— Esqueci meu casaco — afirma M. entrando no *closet* e tirando uma jaqueta de camurça marrom do cabide. Não vê a escada. Volto ao quarto e procuro a fita. Vejo-a no chão, perto da cômoda, e corro para pegá-la.

— Vejo que encontrou meus apetrechos — comenta M. saindo do *closet* e vestindo a jaqueta. Empertigando-me, pergunto:

—

Como? — Com uma das mãos, escondo a fita atrás das costas.

Ele caminha até a cama e me mostra um chicote negro cujo punho aparecia por entre os lençóis. Não o notara na pressa de guardar as coisas. Vem em minha direção e põe o chicote em minha outra mão.

—

Ponha-o onde encontrou. Entendeu? — Sua voz é baixa e controlada, propositadamente desprovida de emoção, mas num tom que não admite desobediência. Concordo com a cabeça, sem tirar meus olhos dos olhos dele. O ar, carregado de tensão, me açoita.

—

Ótimo. Tenho certeza de que terei oportunidade de usá-lo outra vez — diz, saindo. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

DOZE

Assim que chego em casa, ligo para a polícia. Em minhas mãos, seguro o rolo de fita isolante que roubei da casa de M. Um homem me diz que Joe Harris, o detetive encarregado do caso de Franny, ainda não chegara. Deixei meu nome e disse que voltaria a ligar. *The Sacramento Bee* está sobre a mesa da cozinha. Abro-o no caderno Cidade e leio a respeito de dois jovens que discutiram numa quadra de basquete na rua T, em Sacramento. Um dos dois foi até o carro, pegou uma arma e ao voltar deu cinco tiros no outro. Fim de discussão. Recorto o artigo e o anexo à pasta intitulada "Morte e Violência—Sacto". Em menos de um ano, época em que a comecei, já está cheia. Começo a me impressionar com a violência e fico feliz por ter deixado Sacramento. Então me dou conta de que a vida de Franny não fora salva pelo fato de viver em Davis. Ligo para a polícia mais uma vez. Com uma voz seca e enfadada, uma mulher me avisa que o detetive Harris só chegará dali a uma hora. Tento manter a voz calma ao deixar meu nome mais uma vez. Para me manter ocupada e enquanto as coisas ainda estão frescas em minha mente, faço algumas anotações sobre meu último encontro com M., incluindo sua narrativa sobre o episódio de Franny na pocilga. Depois, tomo banho, sentindo-me maculada pelo toque de M. Embora o sabonete limpe meu corpo, vou precisar de bem mais para purgar a mente. O que mais me perturba é minha própria reação ao que aconteceu ontem à noite. Sabendo o que sei a respeito de M como pude reagir a ele daquela forma? Eu esperara sentir repulsa e me preparara para tanto; mas o que senti foi atração, tesão: foi uma boa transa. Sinto-me traída, desonrada por minhas próprias emoções. Seco meu cabelo, passo batom vermelho-sangue e rímel preto. Decido adotar o estilo chique porém machona e visto *jeans* justos, uma camiseta preta com lantejoulas e uma jaqueta de couro. Coloco a fita isolante num saco de papel e dirijo-me à cidade.

A delegacia de polícia encontra-se nas esquinas de F e Terceira, num prédio antigo de cimento que, até treze anos atrás, era a prefeitura. A palavra PREFEITURA, escrita com azulejos azul-escuro, ainda adorna o arco por cima da porta de entrada. Construído em 1930, é um simpático edifício em estilo espanhol. De cor pêssego-claro, visto de fora mais parece uma residência — com canteiros de flores, um passadiço de pedrinhas, árvores frondosas, um gramado bem-cuidado e até mesmo um banco de parque — do que uma delegacia. Na esquina há uma estátua de bronze de duas pessoas correndo. A única coisa a trair a verdadeira ocupação do prédio é uma discreta tabuleta, quase oculta Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

pelos longos galhos de uma árvore vizinha, e, principalmente, um sinal mais óbvio: uma

fileira de

veículos policiais, azuis e brancos, estacionados na lateral.

Paro no estacionamento do outro lado da rua, pego o saco de papel e caminho até a delegacia. O vento que bate é frio, mas o céu é de um branco-azulado, sem nuvens no céu. Uma garota, muito provavelmente universitária, vende flores em uma carroça e algumas pessoas conversam em frente ao Café Tutti, alheias ao frio, bebericando cafezinhos ou *cappuccino.* Um jovem policial de uniforme azul-escuro passa de bicicleta; faz parte da patrulha da cidade.

Atravesso a rua e entro no prédio. Há um oficial, uma mulher de cabelos negros e curtos, atrás do balcão de entrada. À esquerda, dois despachantes confabulam, encerrados numa saleta envidraçada. Digo a mulher que Joe Harris me aguarda e ela telefona para confirmar o que digo. Ela é nova e não me conhece. Sento-me num banco e aguardo. A recepção é pequena, revestida em madeira, acarnerada e lembra mais um lugar para pegar um alvará ou para fazer algum requerimento. Em uma das paredes, uma vitrine exibe os policiais de Davis em pequenos cartões que lembram figurinhas de beisebol, do tipo que as crianças trocam entre si. Pergunto-me se estariam à venda para serem colecionados, trocados, distribuídos para os amigos. Pergunto-me quais dos policiais valem uma taxa cambial de dois para um.

Depois que a oficial confirma meu encontro, desço as escadas que levam às salas dos detetives. Já vim aqui tantas vezes desde a morte de Franny que conheço o caminho. A maioria das pessoas aqui me conhece, ou pelo menos sabe quem sou. Algumas me cumprimentam enquanto percorro o corredor, outras fazem um gesto qualquer com a cabeça. Mas a grande maioria dos detetives vira o rosto e finge não me ver. Sei o que devem pensar: que em minha obsessão em encontrar o assassino de Franny eu tenha pirado. Desejariam que eu não viesse mais à delegacia e, seguramente, gostariam que eu deixasse de fazer exigências inoportunas, que parasse minha cruzada para mantê-los interessados no caso de Franny. Minha presença os aborrece. Hoje em dia, apenas Joe me ouve. Vou até a mesa de Joe. É um homem alto, de cinqüenta e poucos anos, que dá sempre a sensação de estar transbordando: é grande demais para sua mesa e para a cadeira, suas roupas estão sempre justas, seus cabelos grisalhos necessitando de um bom corte. Os botões de sua camisa branca forçam as casas; as mangas estão enroladas, e o colarinho esquerdo, desabotoado, está esfiapado. Não parece muito feliz em me ver, e sei que ele também me considera um pé no saco. É um homem amável, cuja paciência foi amplamente testada no ano que se passou por minha recusa em ficar fora das investigações. Num canto de sua mesa vêem-se fotos de sua esposa e dos três filhos. Já estão todos adultos, mas ainda são adolescentes nas fotografias.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Sem ser convidada, sento-me numa cadeira em frente à sua mesa. Estico o braço e de posito o

saco de papel no meio da mesa. Ele se recosta na cadeira, sem tocar o saco, uma expressão martirizada no rosto. Desde o começo, Joe sempre me tratou com amabilidade. Quando me relatou os detalhes da morte de Franny, o fez com extremo cuidado. E quando comecei a ligar para a delegacia, fazendo mais perguntas, ele sempre atendia às ligações e fazia o possível para me dar respostas. Mas as semanas tomaram-se meses, e eles não chegavam a lugar algum, as investigações não progrediam. Não havia novos suspeitos, novas pistas, e, como eu continuasse a ligar, cobrando um empenho maior, embora me garantissem que havia a ser feito, Joe começou a perder a paciência. Atualmente ele, vez ou outra, não atende aos meus telefonemas e me avisa para parar vez de brincar de detetive. Abra — digo.

Joe nem ao menos olha o saco e me encara, calmo, impassível, com um pé atrás, e diz: ____ O que tem aí dentro?

Fita isolante. Encontrei na casa dele. — Sabe que falo de M.

Meu Deus, Nora. — Ele suspira, um suspiro longo, exasperado, e em seguida abre o saco e espia lá dentro. — Você arrombou a casa dele?

—

Não — começo, sem saber até onde contar. — Temos saído juntos. Ele me convidou para entrar.

Joe esfrega os olhos com as palmas das mãos. Olha para mim como se estivesse prestes a me repreender, mas se limita a balançar a cabeça. Está sentado sobre uma daquelas eficientes cadeiras giratórias, com rodas. Embora sua estrutura pareça esquelética, é feita de aço inoxidável e vinil preto, sem braços, e um encosto que parece apoiá-lo diretamente abaixo do omoplata. Devido a seu tamanho, Joe mais parece estar atarraxado à cadeira do que sentado nela.

—

Mesmo que conseguíssemos uma correspondência perfeita entre as duas fitas, não temos como provar que foi encontrada na casa dele ou até mesmo que pertence a ele. Se nós o prendêssemos, é muito pouco provável que conseguíssemos sua condenação. Você removeu a prova, Nora. O advogado dele apontaria um milhão de falsas evidências e ele escaparia facilmente. Era o que eu esperava. Ergo a voz, irritada:

— O que queria que eu fizesse? Que a deixasse lá? Até vocês conseguirem um mandado de busca com o juiz? Se é que vocês conseguiriam um. Até lá ele já a teria destruído. — Noto que estou sentada na beira da cadeira, praticamente gritando com Joe. E reconheço, lá no fundo, que ele é um homem competente e que usou de todos os meios legais para encontrar o assassino de Franny. Minha reação é produto da mais absoluta frustração, e Joe sabe disso. Posso ver em seus olhos. Eu me recosto na cadeira e abaixo a voz: — Você vai fazer alguma coisa com ela? — indago. Estica o braço até o saco e o fecha.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Vamos examiná-la. Faremos uma análise química e veremos o que descobrim os. Mas

não se encha de esperanças. Fita isolante não é um objeto tão incomum assim. Eu mesmo tenho um rolo em minha garagem.

Então respondo num tom monótono:

—

Mas aposto que o seu rolo não estava numa caixa entre chicotes, correntes e toda uma parafernália de objetos usados por sadomasoquistas.

Joe Harris me olha sem se deixar impressionar.

—

Fique longe dele, Nora. As amostras de cabelo que colhemos no apartamento de sua irmã não pertencem a ele. As fibras de carpete que encontramos não eram de sua casa. Não temos prova física alguma que sugira seu envolvimento na morte de sua irmã. Nós verificamos sua vida, conversamos com antigas namoradas. Ele gosta de sadomasoquismo *light:* um chicotinho aqui, uma algeminha ali e um pouquinho de submissão. Nada demais. As mulheres que já participaram disseram que não foram forçadas a nada, que fora de comum

acordo e divertido, tudo uma grande brincadeira. Ele jamais usou fita isolante com elas, ou facas. — Joe balança a cabeça. — E daí que ele gosta de amarrar mulheres? Isso por si só não faz dele um assassino. Se você o importunar, é

você que vai acabar com um problema nas mãos. Pode conseguir uma ordem judicial para mantê-la distante dele.

—

Acho pouco provável. Passei a noite de ontem com ele. Ele balança a cabeça e olha para mim. Fez isto muitas vezes nos últimos meses.

— Não temos provas de que ele a matou, mas isto não quer dizer que não o tenha feito. Vai continuar sendo um dos suspeitos enquanto o caso continuar sem solução.

— Há algo que ainda não lhe contei. Quase fui atropelada num estacionamento há alguns dias. As janelas do carro eram de vidro fume, portanto não vi quem era o motorista, e aconteceu rápido demais para identificar o carro. Acredita que seja coincidência? Nunca tentaram me atropelar antes. Não até eu avisar a esse professor que ia descobrir quem matou Franny.

—

Você está sendo burra em se envolver com ele. Está procurando confusão e vai atrapalhar nossa investigação. Não precisamos de detetives amadores, Nora. Deixe-o em paz. Levanto.

Não posso — digo, apontando o saco com um gesto. — Me avise se descobrir alguma coisa. —

Viro as costas e vou embora.

Volto para casa. Uma de minhas vizinhas, Ann Marie, uma mulherzinha miúda, de seus quarenta anos, está aparando a cerca viva que separa sua propriedade da do outro vizinho. Veste *jeans*, uma camisa de flanela, ambos muito maiores do que ela — devem pertencer a seu marido —, Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

e luvas de jardinagem. Há galhos espalhados para todos os lados. Eu me pergunto se esta seria a época apropriada para aparar a cerca, mas nada digo. Entendo pouco de jardinagem; quem cuida do meu quintal é o senhorio. Pego a correspondência e entro em casa. Checo a secretária eletrônica. Quatro recados: um de um amigo que mora em Reno, Nevada; um de Ian; um de Maisie, minha amiga do *Bee*. O último é de M. Não lhe dei meu telefone, nem meu endereço, mas consta na lista telefônica como "N. Tibbs". Deve ter descoberto. Sua mensagem é curta e simples. "Pego você

sábado às nove da manhã." Não deixou o nome, mas sua voz é inconfundível. Não sei ao certo o que fazer a respeito da ligação de Ian. Ele quer me ver esta noite, mas não sei ainda como encará-lo. Tenho consciência de minha traição. Deixo um recado em sua secretária. Valho-me de evasivas para ganhar tempo. Digo que não estou me sentindo bem e que não quero ver ninguém esta noite. Talvez esteja melhor daqui a alguns dias; acho que estou gripada, digo. Desligo o telefone grata por viver numa era em que a tecnologia nos permite fugir da verdade. Reconheço minha própria covardia.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

TREZE

Quando M. toca minha campainha sábado de manhã, sinto-me preparada para enfrentá-lo. Não me disse aonde vamos, então estou vestindo uma roupa para qualquer ocasião: saia preta curta e suéter carmesim longo. Quando abro a porta, ele entra sem ser convidado, como se estivesse em sua casa.

—

Não vamos sair? — pergunto.

—

Vamos. Pode ser. — Em seguida acrescenta: — Me permite? — E começa seu *tour* por minha pequena casa. Está vestindo uma calça de sarja e um suéter cinza que deve ter custado muito caro. Comporta-se como um homem que sempre fez tudo a seu modo. Vê-se no seu jeito de andar, na precisão de seus gestos, no tom modulado de sua voz, na maneira como fez amor comigo no domingo à noite. Lembro de como me tocou: confiante, certo de que me dava prazer. Apesar de meu antagonismo, uma onda de desejo percorre meu corpo. Sei que estou enveredando por um terreno perigoso.

—

Se vamos a algum lugar, vamos de uma vez — digo. M. sorri.

—

É claro que iremos a algum lugar. Um lugar que achará muito interessante. Mas ele não faz menção de deixar minha casa. Eu o sigo pelo *hall* e através do corredor. Há

dois quartos, um em cada extremidade, e um banheiro de visitas no meio. Transformei o quarto menor em escritório, pus minha escrivaninha e estantes de livros em duas das paredes. Dá uma olhada superficial neste quarto e caminha em direção ao meu quarto. Pára na soleira e olha em volta. Uma porta de correr leva ao quintal, clareando bem o quarto, e há um armário ocupando uma das paredes, com espelhos nas portas que fazem o quarto parecer mais largo do que na verdade é. Almofadas de cetim azul e rosa estão atiradas na cama de casal. Ele vê uma foto de Ian sobre a cômoda e vai até lá pegar o porta-retratos de metal. Na foto Ian está sorrindo para mim, com um dos braços em volta de meus ombros, a cabeça inclinada para um lado, como se estivesse prestes a cair na gargalhada. Segurando a foto, M. vira-se para mim e pergunta:

—

É o namorado?

Faço que sim com a cabeça, a contragosto. Ele examina a foto, o rosto sem expressão alguma. Por fim, pergunta:

— Como se chama? Dou de ombros.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Faz alguma diferença?

Ele olha para mim, esperando a resposta. O aquecedor se liga automaticamente com um zumbido abafado, fantasmagórico. Uma golfada de ar quente sai de uma abertura no teto. Paira sobre nós dois, como um espírito se materializando. M. continua esperando.

—

Ian — respondo, tirando a foto de suas mãos e recolocando-a no seu lugar com um baque. — Seu nome é Ian McCarthy. Agora vamos embora.

Pegamos seu carro, um Mercedes novinho, preto e brilhante. O céu está encoberto, tão claro, fino e nebuloso que parece um tecido de tramas esgarçadas, como uma gaze. Ele abre a porta para mim e aguarda até eu me sentar. Quando se senta atrás do volante, eu Pergunto:

—

Aonde vamos?

Dar uma volta. Vamos a Lake Tahoe. — Ele sai de ré e começa a subir a rua. Não é um dia ideal para um passeio. Estamos final do inverno e até já choveu

esta manhã. Ele entra na estrada eu me acomodo para a viagem de duas horas. Macio e silencioso, seu carro parece deslizar pela estrada, Viajamos em silêncio. Começa a chuviscar, e M. liga o limpador de pára-brisa. Percorremos quilômetros e mais quilômetros. Pergunto-me por que me levaria para passear. Olho através da janela o céu lúgubre que promete chuva. Estamos em Sacramento, onde a Rodovia 50 se separa da 80. O

trânsito não está mim como nos dias de semana, e, embora M. esteja dirigindo acima do limite de velocidade, outros carros nos passam. Depois de algum tempo digo:

—

Durante todo o tempo em que conheceu Franny, você nunca a levou para passear. Você nunca saiu com ela, pelo menos não no sentido real do termo. Ele passa alguns minutos em silêncio, e penso que não vai responder, mas ele diz:

—

Com toda a franqueza, ela não era boa companhia. Sua irmã era chata. Irrito-me com palavras tão insensíveis. Porém, é como se ouvisse ecos de minha própria voz. Em seu diário, Franny escrevera que eu dizia o mesmo a respeito dos homens. "Eu sei que me cansaria dele depois de algum tempo", eu dissera a ela. Essas palavras me assombram. Será que ela me achava tão insensível quanto o acho agora?

— Se ela era tão chata, por que a namorou? Por que, de todas as mulheres que você podia ter tido, escolheu Franny? Não fazia seu gênero. Isto está muito claro.

— Como eu já lhe disse, por puro divertimento. — Ele me olha de soslaio. — Eu queria saber o que podia fazer com ela.

—

O que você podia fazer com ela — repito como uma idiota. Paro para pôr os pensamentos em ordem. Não digo nada até sentir que meus sentimentos estão sob controle. Impassível, como se falasse de um estranho, eu digo:

Laura Reese - Falsa Submissão

100



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Você queria controlá-la, não é isto que quer dizer? Era presa fácil para você. Nã o seria muito difícil para você dominá-la, corrompê-la. Não acha que deveria ter escolhido alguém mais apropriado, alguém mais... — As palavras me fogem.

— Desafiador? — pergunta ele quando eu hesito. — Alguém mais parecido com você?

Ignoro a observação.

Continuamos mais alguns quilômetros e ele diz:

—

Você não entende. A dominação, o controle são parte da história. não tudo.

Quando eu a vi pela primeira vez em Putah Creek, mesmo de ela me ver, eu percebi sua solidão. Ela se tornou meu projeto de inverno. Eu ia ensiná-la a amar, a amar tanto que ela faria qualquer coisa para manter aquele amor. Eu a empurrei até o limite. Queria ver até onde ela iria. Perco a fala por alguns momentos. Ele fala de Franny como se ela fosse uma experiência, uma cultura bactericida.

Não acha que isto seja manipulação? — consigo dizer.

Muito — responde M. — Eu nunca disse que não era.

E é isso que o diverte? — Há uma certa irritação em minha

voz. Massageio as têmporas com dois dedos. Como Franny pôde se envolver com ele? — Você

a usou, só isso.

—

É verdade, mas não fique tão indignada. Eu lhe dei o que precisava. Ela queria um namorado, alguém que a amasse apesar de sua gordura e de sua personalidade. Vamos ser claros, está bem? Ela era gorda e chata. Bem, eu não poderia amá-la, mas podia fazer amor com ela. E a fiz sentir-se desejada. Comigo ela se sentiu querida. — Ele pára e acrescenta: — É mais do que você

jamais fez por ela, Nora. Você a ignorou, o que é muito mais cruel. As palavras de M. me atingem; são tão verdadeiras que machucam.

—

E então você a deixou. Quando se cansou dela, você a deixou.

—

Meu relacionamento com sua irmã foi temporário. Sempre foi. Fico surpreso por ter durado o tempo que durou. As pessoas são descartáveis, Nora. Já mencionei isto antes. Elas têm uma vida útil, um tempo de prateleira. Você, entre todas as pessoas, devia saber disto. Não se esqueça de que Franny me disse tudo a seu respeito. Sei do que gosta e do que não gosta, conheço seu passado e aposto que até conheço seu futuro. Conheço você. Os homens são tão temporários em sua vida como as mulheres na minha. E...

— Isto não é verdade. Não é mais verdade.

— E — continua M., fingindo não ter notado minha interrupção -, como você disse há pouco, ela não fazia meu gênero. Eu gostava dela, ela sabia disso, mas eu não a amava e jamais lhe disse que a amava. Nunca prometi coisa alguma. Tirei o que quis de Franny e dei-lhe o que pude dar. Laura Reese - Falsa Submissão

101



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Mais uma vez penso nos homens de minha vida. Eu também tirei o que queria e dei o qu e pude dar. Mais precisamente, dei o mínimo possível.

—

Você partiu seu coração — digo, lembrando-me dos homens que descartei com tanta facilidade.

Sua voz se abranda.

—

Ela teve sorte de nos separarmos. Eu a teria levado mais longe ainda. Penso na pocilga e na caixa que encontrei em seu armário. Penso no diário de Franny, em como manteve a existência de M. em segredo, em como suas anotações, embora vagas, tomaram-se cada vez mais angustiadas e em como ela se submeteu a ele completamente.

—

Até onde acha que ela teria ido?

A pergunta é pura retórica, não espero que ele responda. Mas responde. Olha para mim e diz:

— Está prestes a descobrir. Sou invadida por uma certa apreensão.

— O que quer dizer? Ele me ignora.

Estamos no vale, no sopé das montanhas, em direção aos montes brancos, cobertos de neve. A chuva cai mais forte. O limpador de pára-brisa desenha arcos à nossa frente. M. está pensativo, sua expressão, divertida. Ele diz:

— Suponho que a tenha magoado. Mas foi bom para ela. Ela teria encontrado outra pessoa. Teria sobrevivido ao coração partido.

— Se tivesse tido a oportunidade de permanecer viva.

Ele suspira; subitamente, uma expressão de cansaço invade seu rosto.

— Voltamos a isto, é? Será que não só parti o coração de Franny como também seu corpo? Eu não a vi durante semanas, antes de ser morta, Nora. Havíamos terminado. Por que teria eu voltado para matá-la? Por que haveria de querê-la morta?

— Vi a caixa em seu armário. Sei o que fez com ela. Você gosta da dor, da dor dos outros. Acho que é uma destas pessoas obcecadas por controle. Só que perdeu o controle da situação. Foi longe demais. Você se empolgou e Franny acabou morrendo.

— Em primeiro lugar — começou, com um tom professoral —, você não sabe o que fiz com Franny e não vai saber até que eu decida contar. Em segundo lugar, se esta é sua teoria, que eu a matei num momento de paixão sádica descontrolada, não tem medo de que eu perca o controle com você também?

- Não pode me tocar. A polícia cairia em cima de você em um minuto. Mas se eu perder o controle não estarei pensando racionalmente. As conseqüências não me passarão pela mente.

De repente, sinto-me sufocada, como se o carro estivesse ficando menor. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Se eu for, você também irá. A polícia saberá que está envolvido, e desta vez o pegarão. Terá algum sabor de vitória. Pagará pelo que fez.

Fica um minuto em silêncio. Vagarosamente, como um pai expressando desaprovação, balança a cabeça e diz:

—

Nora, você é extremamente tola. Este tipo de raciocínio não vai trazer Franny de volta. Você é que pode acabar morta.

Tenho uma sensação de ansiedade, de sufoco, de ter sido isolada do mundo.

—

Vale a pena morrermos por algumas coisas — digo, embora saiba que não o convenço.

Com os olhos colados na estrada, M. diz:

— Então a grande pergunta é: será que eu faria isto com você?

— Você é que sabe — rebato, amedrontada com suas palavras. Ele olha a estrada. A chuva esguicha no pára-brisa.

—

Se eu fosse matar alguém... — ele começa, olha para mim e em seguida acrescenta:

— ...se fosse matar você, por exemplo, não seria fruto de um frenesi descontrolado. Seria uma coisa controlada, deliberada, metódica. Imagino que não seria uma experiência recompensadora se não tivesse todo o controle.

Ele hesita por um momento, pensa e diz:

—

Imagino que eu começaria amarrando você, prendendo seus pés e suas mãos. Em seguida eu a mumificaria. Você sabe o que é isso, não é, Nora? É uma experiência de dominação também. Há muitas maneiras de fazê-lo, mas o princípio básico é sempre o mesmo: você cobre o corpo de alguém, dos pés à cabeça, bloqueando as percepções sensoriais ao máximo, imobilizando-a. Você ficaria desamparada, sem se mover, sem poder lutar, sem poder gritar por ajuda. Eu sentiria prazer em vê-la assim. Mas então eu teria que ir em frente, não é mesmo? Afinal, estamos falando de um assassinato. E eu não ia querer ser pego. Já teria uma caixa de madeira pronta do tamanho de um caixão, na qual eu a colocaria e lacraria com pregos. Eu a enterraria, talvez no meu próprio quintal. Você ouviria a terra cair sobre o caixão, quando eu começasse a cobri-la. Não haveria nada que você

pudesse fazer, somente escutar, em pânico consciente de que eu a estaria enterrando viva. Encaro M. enquanto fala, sentindo percorrer meu corpo uma frieza que nada tem a ver com a temperatura externa. Ele olha para mim e sorri um sorriso dissimulado que começo a odiar.

—

Mas tudo isto é hipotético. Eu não sou um assassino. Mais uma vez, sinto meu isolamento. Eu não deveria estar a sós com M. Olho pela janela. Estamos nas Sierras. As montanhas são brancas e plenas de quietude, a estrada margeada por imensas pilhas de neve suja. Mexo na calefação e a aumento. Pinheiros brancos e cedros cravejam a montanha, cobrindo a neve derretida Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

com um manto áspero de folhas escamosas, espinhos afiados e pinhas arredondadas. A e strada, escorregadia e empretecida devido à neve parcialmente derretida, enrosca-se em tomo da montanha em curvas fechadas; M. dirige devagar e com cuidado. Não está frio o bastante para nevar, e a chuva, um chuvisco suave e abafado, parece isolar a M. e a mim, estendendo uma carapaça molhada entre nós e o resto do mundo.

—

Aquelas coisas que você guarda no armário, você as usou com Franny? Tudo aquilo?

Ele não me responde imediatamente. Por fim, diz:

—

Os relacionamentos que considero mais satisfatórios envolvem alguma forma

de sadomasoquismo, e geralmente escolho mulheres que gostem disso também. Franny era diferente; ela queria uma coisa mais tradicional. No entanto, estava apaixonada por mim, mais do que outras mulheres que conheci. Assim, ela me permitia fazer praticamente tudo o que quisesse. Eu exigia que provasse seu amor a mim, e ela provava. Sem parar. Sua maleabilidade, sua relutância em dizer não faziam com que eu me tornasse ainda mais exigente. Fui mais severo com ela do que com qualquer outra mulher. Sua personalidade implorava por maus-tratos. Ela nada me recusava por isso eu a suguei completamente. Então a resposta à sua pergunta é sim ela conhecia todos os apetrechos daquela caixa, sem exceção. Mais alguma coisa?

Passo algum tempo sem fala. Respiro fundo e digo:

Quero saber mais. Quero detalhes. O que exatamente você e Franny faziam juntos?

Ele olha para mim e de novo para a estrada.

Já falamos o bastante a respeito dela — diz.

Sinto uma ira crescente. Ele me dá apenas os detalhes necessários para me manter na linha.

— Quanto tempo mais vai fazer isto? Você me dá migalhas de informações quando quer, um pouquinho aqui, um pouquinho ali. Acha que pode me controlar como fez com minha irmã?

— Veremos.

Olho pela janela. Pinheiros de casco amarelado passam por nós enquanto o carro serpenteia pelas curvas da montanha. Estamos, ambos, em silêncio. A chuva parou, e atingimos a parte traseira da montanha, depois do cume de Echo Summit, indo na direção das elevações mais baixas de South Lake Tahoe. Aqui a

neve já começa a derreter. O acostamento da estrada está manchado por pequenas poças de neve enlameada e as colinas cobertas com retalhos de gelo branco, derretido nas bordas.

M. me olha.

—

Você achava que Franny fosse uma pessoa legal, sem problemas, sem rompantes, sem cor, sem vida. Uma pessoinha que você via de vez em quando porque eram irmãs. Você a amava, mas ela não fazia seu gênero, da mesma forma que não fazia o meu. Não era o tipo de pessoa que Laura Reese - Falsa Submissão

104



PDL – Projeto Democratização da Leitura

você teria escolhido para ser sua amiga, e, se não fossem parentes, você jamais a veria. Frann y sabia disto; sabia que você a achava enfadonha e aceitava. Ela nunca falou mal de você e nunca a censurou por sua falta de interesse. Talvez ela devesse ter censurado. Como adulta, você nunca tentou conhecê-la. No Natal... você lembra que existe Natal, não é mesmo? Aquele dia que se passa com a família? O dia em que você estava sempre ocupada demais Para passar com sua única parente? No Natal, Franny visitava um hospital para convalescentes para que sua amiga, Sue Deever, não tivesse que passá-lo sozinha. E uma vez por semana ela dava uma mãozinha a um grupo de bandeirantes simplesmente porque gostava de crianças. Você nunca soube nada disso, não é? E se soubesse? Daria no mesmo, pois para você ela era como uma desconhecida quase uma estranha. E no entanto ela a admirava; achava você o

máximo e a defendia sem trégua. Quando eu lhe dizia que me parecia ser uma pessoa egoísta, ela inventava mentiras para desculpá-la Dizia que você era uma pessoa ocupada e que tinha sua própria vida, Olho pela janela, mas nada vejo. Eu queria saber mais a respeito de Franny, mas, agora que ele começou a falar, não quero mais ouvi-lo. Senti culpa anteriormente; reconheço que deveria ter feito um esforço maior para incluí-la em minha vida. Mas agora a culpa é

mais profunda.

—

Não ocorre a você se perguntar por quê? Por que tanta devoção quando, francamente, você jamais a mereceu? — continua ele.

Não consigo responder à sua pergunta. Quando Franny morreu, tantas pessoas, muitas das quais eu não conhecia, vieram me dar os pêsames. Nenhuma delas me recriminou; nenhuma parecia ciente de minha negligência. Apenas M. sabe da verdade. Rezo para que pare, mas ele continua:

—

Antes, quando você disse que ela era presa fácil... Talvez você tivesse algo a ver com isso. Era sua irmã, Nora; deveria ter sabido que ela precisava de você. Deveria ter lhe dado mais atenção. — Ele fica quieto. Então sua voz muda de tom, toma-se mais leve, irreverente. — Talvez isso possa explicar, de alguma forma, meu fascínio por você. Quero conhecer esta pessoa que clama por tanta lealdade, embora não a mereça.

Minha garganta fica seca. Sei que não será fácil falar. Ele tem razão, é claro. Eu deveria ter dado mais atenção a minha irmã. Por reflexo, revido.

—

Não tem o direito de me julgar, não depois do que fez com ela. — Minha voz some enquanto falo. Com grande esforço, recupero o equilíbrio.

M. sente pena de mim e diz, com doçura:

—

Talvez por isso mesmo é que posso julgar você, por ter feito o que fiz com ela. Porque...

- O que é isto, uma confissão? — pergunto, rejeitando sua piedade. - Está me dizendo

que a matou?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Calmamente, com paciência, ele balança a cabeça.

- O que estou dizendo é que nós dois a machucamos.

- Mas não a machuquei intencionalmente. — Minha voz soa pouco natural, embargada. As lágrimas estão presas. Eu quero perdão mas compreendo que não o terei num futuro próximo. Não deste homem. — Talvez eu não tenha sido uma boa irmã, talvez eu estivesse ocupada demais comigo mesma, talvez... eu... um monte de coisas. Mas nunca tive a intenção de machucá-la. É verdade, mas o resultado final foi o mesmo. Propositadamente ou não, ela foi atingida. Você a magoou, eu a magoei. É a vida. Você tem que carregar um pouco da culpa. Olho através do pára-brisa. Minha aliança com M., surgida da necessidade, toma um novo rumo. Eu fiz um pacto com este homem, um pacto com o diabo, para completar um quebra-cabeça: Franny. Agora ele me envolve no mistério, me transforma em peça acessória da destruição dela. Eu não esperava por isto. Eu não pedira isto. Não quero fazer parte do quebra-cabeça: no entanto, sinto um elo cada vez mais forte com M., um vínculo tão forte quanto uma coleira em meu pescoço. Não notara os últimos quilômetros que percorrêramos, e fico confusa ao ver que chegamos à

fronteira entre os estados de Califórnia e Nevada. M. passa os cassinos. Entra numa ma lateral e pára diante de uma casa de madeira de dois andares, o telhado íngreme coberto de neve.

—

Por que estamos aqui? — pergunto. Abrindo a porta do carro, ele responde:

— Para que você aprenda ainda mais a respeito de Franny. — O vento frio invade o carro. Ele pega um *blazer* de lã azul no banco de trás. Sai e, vestindo o casaco, dá a volta para abrir minha porta. Hesito, me perguntando o que aconteceria naquela casa.

— Venha — diz, estendendo a mão para mim. Eu saio ignorando a gentileza. Atravessamos a entrada para carros e chegamos à Porta da frente. M. toca a campainha.

— Ninguém espera que faça coisa alguma. Está aqui como mera

observadora, a não ser que queira participar. Só peço que se lembre que é uma convidada nesta casa. Evite comentários ou julgamentos enquanto estiver aqui.

Começo a dizer alguma coisa quando a porta se abre. M. me apresenta a um homem alto e imponente. Seu rosto é redondo e corado e tem uma aparência cordial; veste calças marrons de veludo cotelê e está sem sapatos.

— Chegou bem a tempo — diz o homem, e nós o seguimos pelo corredor acarpetado e subimos um lance de escadas. A casa inteira é em madeira avermelhada e vidro, e as poucas peças decorativas, elegantes. — Estamos prestes a começar. — Ele nos leva a um amplo escritório com móveis de couro preto. Sentamos e, enquanto conversamos, uma mulher nua, calçando sapatos vermelhos de saltos altos, entra no aposento. Não é uma mulher bonita. Deve ter quarenta e tantos Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

anos, entre cinco e oito quilos acima do peso ideal, e está excessivamente maquiada. Está

usando

uma coleira tacheada, como a coleira de um cachorro; caminha diretamente até o homem e ajoelha-se diante dele, de cabeça baixa. Ele a ignora, assim como M. Lanhões vermelhos marcam suas nádegas e coxas.

— Vejo que está admirando suas marcas — observa nosso anfitrião enquanto se inclina para a frente e acaricia os ombros da mulher. — Estava acabando de castigá-la quando vocês chegaram. —

Para a mulher, ele diz: —Levante-se. Deixe que olhem com mais cuidado.

— Sim, mestre — responde ela, pondo-se de pé.

—

Mestre? — sussurro, olhando para M., mas ele me ignora. Ela caminha em nossa direção; sorri como se se orgulhasse de seus vergões, e se vira para mostrá-los.

— Encantadores — elogia M., passando a mão em suas coxas.

— Você trouxe Franny até aqui? — sussurro mais uma vez. Ele assente com a cabeça. Para mim, a mulher diz:

—

Que bom que pôde vir, mesmo que não vá brincar. Nervosa, pergunto-me o que ela quer dizer com *brincar.*

—

Começaremos agora—informa o homem, levantando-se da cadeira. Ele estende um lençol branco no chão e faz um sinal para a mulher. Ela deita sobre as costas, e os seios, com finas estrias correndo na direção dos mamilos, se esparramam, um para cada lado os cabelos são curtos e encaracolados, assim como seus pêlos pubianos. Ela fecha os olhos e começa a respirar

profundamente, como se meditasse. Sentado ao seu lado, o homem abre uma pequena mala de couro. Vejo uma fileira de agulhas de aço inoxidável.

M. parece surpreso e estranhamente inquieto. Ele sussurra para mim: Não esperava por isso. Pensei que ele faria apenas uma cena de dominação e servidão com chicotes.

Assistimos à cena. Ele belisca a pele acima do seio da mulher e enfia uma agulha através da fina camada de pele. Eu a ouço gemer.

— Respire — o homem lhe pede, com voz suave. — É só relaxar. — E enfia mais uma agulha em sua pele, no outro seio, e acaricia sua testa. Ela abre os olhos e olha para ele, sorrindo. Gotas de sangue maculam seus seios.

— Isto é brincar? — cochicho para M., enquanto o homem a espeta com mais uma agulha. M. chega mais perto de mim e responde, bem baixinho:

—

Para algumas pessoas sim. Como você pode ver, ela está gostando. Observe bem. Acho que ele vai fazer um desenho com as agulhas em seus seios.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Mas não é o que faz. De debaixo de um pedaço de tecido, de dentro da maleta, ele ti ra uma

faca brilhante. Parece um bisturi cirúrgico. Fico tensa, prendo a respiração, sabendo o que ele vai fazer. Rapidamente, olho para M. Ele está inclinado para a frente, levemente, espreitando. Sinto-me mal, saio da casa e fico em pé na varanda. Minutos depois ele se junta a mim.

—

Chama-se escarificação. Não precisa se preocupar com ela, ele não vai fazer cortes profundos. As cicatrizes não serão permanentes.

O ar frio penetra meu casaco, formigando minha pele.

—

Por que me trouxe até aqui?

— Para que visse como interagem.

— Foi por isso que trouxe Franny até aqui?

— Não, Franny não era observadora, era participante. Não com os cortes, nós nunca fizemos aquilo com ela.

—

Está mentindo. M. dá de ombros.

—

Não tenho motivo para mentir. Você queria saber o que eu Franny fazíamos juntos e estou lhe contando.

—

E? M. sorri.

—

E o quê? Se eu deixava que ele a comesse? Responda você mesma.

Entramos em seu carro e vamos para casa. Viajamos sem conversar. São apenas quatro da tarde e a chuva voltou, mais forte. Quando pegamos a estrada principal, observo as lojas, os hotéis, as pessoas caminhando apressadas sob guarda-chuvas. Damos a volta pela parte mais baixa de Lake Tahoe, suas águas revoltas por imensas gotas de chuva. Tudo à nossa volta: as árvores altas e gotejantes, as casas revestidas de madeira avermelhada, os carros deslizando por nós, tudo ganha um tom sujo, acinzentado. Não consigo parar de pensar em Franny naquela casa, nas coisas que M. a forçou a fazer.

Deixamos a cidade para trás. Passamos o aeroporto e penetramos as montanhas, e de repente a chuva pesada se transforma em chuvisco. As gotas caem sobre nós numa dança lânguida e nebulosa. A noite cai. As árvores tomam-se mais espaçadas e as montanhas íngremes transformaram-se em morros cobertos de grama. Chegamos a uma extensão de terra que vem a ser Sacramento e continuamos na direção oeste. Quando chegamos a Davis, ele vai até minha casa. Desliga o motor, olha para mim e põe o braço atrás de meu assento. Sem nada dizer, ele me observa. Sinto-me inquieta.

— O que foi? — pergunto, em tom de desafio.

— Vem aqui — Não se trata de um pedido, e sim de uma exigência. Instintivamente, fico onde estou. No silêncio que se segue, o ar vai ficando cada vez mais pesado. Laura Reese - Falsa Submissão

108



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Ele sorri, um sorriso afetado e nefasto.

—

Desafios — declara, soltando o cinto de segurança para chegar mais perto de mim. —

Gosto deles. — Com um movimento brusco e inesperado, ele me imprensa contra a porta e me imobiliza com o braço. Põe uma das mãos sobre meu queixo e ergue minha cabeça em sua direção.

— Cuidado! Não vá longe demais. Não me afie no momento errado ou terá que pagar por isso. —

Ele pressiona seu corpo contra o meu e me beija. Sinto o perigo mais uma vez, como o senti na noite em que dormi com ele; mesmo contra a minha vontade, sinto-me excitada. De maneira abrupta, ele pára. Segura meu queixo e minha boca com uma das mãos, empurrando minha cabeça contra a janela. Sinto a força de seus braços, de seu corpo contra o meu. Suavemente, me segurando

com firmeza, diz:

—

Você quer acreditar que matei Franny. Só assim tem algo concreto no qual se segurar. É uma alternativa muito melhor do que achar que seu assassino sairá impune. Mas você se sente atraída por mim. Sinto isso no seu beijo, sinto isso no seu corpo. Nós vamos nos tornar amigos. Apesar de tudo, você gosta de mim. Pode não saber, mas somos muito mais parecidos do que você

jamais imaginou. Somos farinha do mesmo saco, Nora. Você não conseguirá resistir a mim. Suas palavras me assustam. É repugnante pensar que somos tão parecidos assim. Luto contra a mão que prende meu queixo.

—

Não tenha tanta certeza — consigo dizer.

Ele me beija suavemente no rosto e me solta. Entro em casa e ouço seu carro se afastar. Imediatamente telefono para a casa de Joe Harris e lhe conto a respeito da escarificação. Joe me diz que checará o que digo.

Alguns minutos depois, toca a campainha. Vejo Ian em pé, na varanda: louro, alto, parecendo um menino, de *jeans* e uma jaqueta do time de beisebol 49ers, vermelha e dourada. Seu rosto é

quadrado e macio, ainda sem rugas, com sobrancelhas cor de palha que me lembram as cerdas de um pincel. Ele entra com passos rápidos e me beija na mesma face em que Michael me beijara.

—

O que faz aqui? — pergunto, perplexa.

—

Não recebeu meu recado? Liguei mais cedo dizendo que viria esta noite. — Ele me abraça e me beija outra vez, desta vez um beijo mais caprichado. Penso que, de alguma forma, ele perceberá minha traição, que se afastará de mim, dizendo: "Você esteve com outro homem." Mas isso não acontece. Em seus lábios, sinto paixão e uma sincera afeição. Repouso minha cabeça sobre seu peito e o abraço com força. É um homem robusto, com físico de lutador; realmente lutara na faculdade. É grande, musculoso, mas sua vida tomou-se de tal forma Laura Reese - Falsa Submissão

109



PDL – Projeto Democratização da Leitura

sedentária que, aos poucos, a flacidez aparecerá. Já começo a senti la Penso no corpo nu de M.: macio e rijo, o perigo correndo em suas veias. A imagem me deixa nervosa. Enfio a mão por dentro da camiseta de Ian e aperto a pele fresca e pálida. Sua solidez me conforta.

—

Não, não recebi seu recado. Acabo de chegar em casa. -Olho para ele, para sua expressão confiante, e sei, com toda certeza, que não posso lhe contar a

respeito de M. Digo que fui a Lake Tahoe com uma amiga.

Sigo Ian até a cozinha e ele pega uma Pepsi na geladeira. Não tomo refrigerantes, mas os compro para ele. Olho para a secretária e vejo que tenho dois recados. Aperto o botão e ouço a voz de Ian, sua voz sonora amplificada pela secretária, dizendo que viria até aqui esta noite. O outro recado é de Maisie, perguntando por onde ando e por que não tenho retornado suas ligações. Não falo com ela desde que conheci M. Não quero contar que estou tendo um caso clandestino com ele. Apago os dois recados.

Tirando a jaqueta, Ian a joga sobre a bancada e diz:

— Ganhou alguma coisa lá em Tahoe?

— Nada demais. Alguns dólares.

Ele abre a lata, toma um gole e afasta seus cabelos claros dos olhos. Olha para a secretária sem muita energia e diz:

—

Almocei com Maisie hoje. Ela não consegue entender por que você a está evitando. Maisie escreve uma coluna de assuntos gerais para o *Bee,* e ela e Ian tornaram-se muito amigos.

— Não a estou evitando. — Começo a inventar uma desculpa, mas Ian me parece distraído e não acho que esteja ouvindo o que digo. Ele belisca o lábio inferior.

— O que houve? — pergunto.

Ele fica quieto por alguns instantes, como se pesasse o efeito da resposta a ser dada. Por fim, explode com irritação:

—

Aliás, não é só a Maisie que você anda evitando. — Ele termina a Pepsi com um longo gole e coloca a lata na bancada. — Passei a semana inteira tentando falar com você. Não tem atendido telefone, e, quando retorna minhas chamadas, você o faz no meio do dia, quando sabe que não estou em casa.

Passei

a

semana

inteirinha

dizendo

a

Ian

que

estava

gripada.

____ Você age como se não quisesse mais me ver — continua. — É como se houvesse outra pessoa em sua vida.

—

Não, não há ninguém além de você. Tenho estado doente, é só isso. Laura Reese - Falsa Submissão

110



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Ele olha para o lado com uma expressão atormentada e em seguida me encara.

Tem certeza de que é só isso?

Confirmo com a cabeça.

Ele fecha os olhos e suspira. Quando os abre diz:

— Eu não deveria ter dito isso, sobre ter outra pessoa. Eu não deveria ter chegado a uma conclusão destas. Mas eu a amo, Nora. Você não pode simplesmente sumir uma semana inteira. E

não pode me afastar da sua vida só porque está doente. Eu quero cuidar de você quando não se sente bem. Quero estar com você, na saúde e na doença.

— Sinto muito. É só que... — Dou de ombros, sem saber muito bem o que dizer, sem querer complicar ainda mais minhas mentiras. A desculpa que dou é fraca. — Eu sei que teve uma semana muito ocupada.

— É verdade, mas teria arrumado tempo para você. — Ele relaxa e encosta na bancada. Um sorriso começa a surgir em seu rosto. — Eu teria lhe trazido uma canja. Caminho até ele e o envolvo em meus braços. Eu o puxo para mim, me encosto nele e o aperto com mais força ainda. Este é o homem que quero para mim. É um homem digno, de confiança, carinhoso, e me dá tudo o que preciso.

Carinhosamente, Ian me afasta um pouco.

—

Ei — diz, preocupado. — Você está bem? — E procura a resposta em meu rosto.

—

Estou só um pouco cansada — garanto.

—

Acho que está precisando de um pouco de amor e carinho, que, aliás, eu teria dado este tempo todo se tivesse me deixado vir para cá. — Ele me leva até a sala, acende o abajur de pé e nos sentamos no sofá. São três lâmpadas de 40 watts de potência e emitem uma luz suave, amarelada, que vai se dissolvendo em sombras nas extremidades da sala. A escultura de madeira feita por Ian encontra-

se na mesa de centro — um escorpião inacabado talhado em azevim —, assim como várias facas afiadas e cinzéis. Ponho meus pés no sofá e me deito com a cabeça em seu colo. Sinto-me segura aconchegada em seu corpo e me enrosco mais ainda, procurando em sua solidez uma âncora.

— Estou falando sério, Nora. Não pode me manter a distância só porque está doente. Se eu pegar uma gripe, você por acaso vai me ligar e dizer "Me ligue quando estiver melhor. Não quero vêlo até melhorar"?

— Não.

— Pois é. Então não me mande ficar longe. Não se isole de mira dessa maneira. Enterro a cabeça em seu colo, virando de costas para não ter que encará-lo. Sua preocupação comigo só me deixa mais culpada com relação a M.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Acho que não sou uma boa namorada.

Ele acaricia meus cabelos e sua voz fica mais branda.

— Você é uma boa namorada — discorda e eu sei que ele diz a verdade. — Boa mesmo —

sussurra, e continua a acariciar meus cabelos, meu rosto. Suas mãos são tão grandes, seus dedos tão grossos e curtos que ninguém jamais acreditaria que são capazes de tanta delicadeza.

— Você quer ficar em casa esta noite? Ficar aqui, quietinha? Podemos assistir à televisão. —

Seu toque é macio e sedoso como manteiga derretida e eu sinto o amor que emana dele. Eu o comparo a M. e descubro que não há comparação.

Assinto com a cabeça e viro para olhá-lo. Seus olhos são azuis, claros, e eles me olham cheios de confiança, seu rosto aberto e sincero. Ele põe a palma de sua mão sobre minha cabeça e esfrega o polegar de leve em minha testa. Seu toque me purifica.

— Na verdade, eu gostaria que fizesse amor comigo. Um sorriso invade o rosto de Ian lentamente.

— Pensei que estivesse cansada.

— Estou, mas nem tanto — afirmo. Quero que as lembranças de M. sejam substituídas por lembranças de Ian e que os pensamentos sobre minha negligência em relação a Franny desapareçam. Quero que o toque purificador de Ian sepulte minha culpa. Quero, simplesmente, minha completa e total absolvição.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

QUATORZE

Desde que Franny morreu, aprendi muita coisa sobre o mundo do sadomasoquismo. Num relacionamento sadomasoquista, os parceiros têm papéis claramente definidos: o que comanda é o mestre, e o dominado, que a tudo se submete, o escravo. Se este tenta subverter as regras do jogo, controlando ou manipulando o relacionamento, tal atitude é rotulada, pejorativamente, como dominação por baixo. Este é um epíteto perfeito para meu relacionamento com M. Embora ele não saiba, eu o estou dominando por baixo.

Quando Ian não vem me ver, passo as noites com M. Normalmente só o vejo por volta da hora do jantar. Quando ele volta de sua última aula, vai diretamente para o piano e não gosta de ser interrompido. Esta noite, acabamos de jantar e estamos dando uma volta pela vizinhança. Rameau, onipresente como uma sombra, vem logo atrás de nós. Não há calçadas aqui, por isso caminhamos pelo meio-fio chutando pedrinhas de vez em quando. No quintal de um vizinho, dálias amarelas com pontas rosa tremeluzem no vento suave, e um passarinho canta numa árvore. Através das copas das árvores vejo um sol alaranjado pairar bem acima do horizonte. Logo estará escuro. M. segura minha mão. Calça luvas finas, o que parece estranho, considerando-se que não faz frio. Dois garotos passam pedalando suas bicicletas, bem no meio da estrada de asfalto.

— Você sempre calça luvas? — pergunto.

— Quase sempre, por menor que seja a possibilidade de frio. Minhas mãos ficam ressecadas com muita facilidade. — Ele então olha para mim e acrescenta: — Não vai querer que minhas mãos estejam ásperas, Nora. Poderia desviar sua

atenção. Acredite em mim. Para o que tenho planejado para você, vai querer que elas estejam macias.

Quase pergunto o que planejou, mas prefiro achar que está brincando. Andamos juntos, de mãos dadas, e não consigo deixar de me perguntar se esta mão enluvada matou Franny. Passamos uma casa com um pequeno lago artificial na frente. Insetos azul-acinzentados brincam no lago, cuja superfície ondula de leve quando a brisa, carregada do perfume doce do jasmim, sopra em nossa direção.

—

Conte alguma coisa a respeito de Franny — peço. Sem hesitação, ele responde:

—

Era de uma sinceridade impecável. Ela jamais pensaria em enganar um homem com outro.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Abaixo minha cabeça e suspiro matreiramente. Quero que pense que estou toma da pelo

arrependimento. É só o que posso fazer para não rir alto. É a última pessoa no mundo que deveria me recriminar por estar enganando alguém. O cricri irritante de um grilo interrompe o silêncio.

—

Você não vai conseguir continuar saindo com dois homens durante muito tempo. Vai começar a se sentir mal. Livre-se do Ian. Ele não tem o que você precisa. Pressinto o ciúme em sua voz e penso em usar este ciúme a meu favor, se possível. Mais uma vez nada digo. Apenas suspiro um pouquinho para que ele pense que o assunto me preocupa. A base do sol desaparece e longos filetes vermelho-fogo debruam o horizonte, como um bordado de linhas soltas. No lusco-fusco do anoitecer, a rua adquire uma aparência fechada, bem-protegida, e, na luz difusa do sol poente, todos os arbustos, árvores e gramados parecem ser de um verde-acinzentado. Terminamos nossa caminhada de mãos dadas, e nossos ombros se tocam ocasionalmente. Quando voltamos à sua casa, M. entra na cozinha e coloca uma chaleira d'água no fogo. De costas para mim, vejo-o colocar saquinhos de chá em duas xícaras e em seguida enchê-las de água fervente.

— Volto em um segundo — avisa, e desaparece pela casa. Volta segurando uma revista e a entrega a mim: *Os prazeres do látex*, fascículo V.

— Dever de casa — declara e me faz sentar numa cadeira, à mesa da cozinha. Abre a revista na página vinte e eu leio o título do artigo: "Usando o Punho, Parte 1: A Boceta." Devolvo a revista à mesa.

—

Pode esquecer. Não vai enfiar a mão inteira dentro de mim. Ele põe uma das mãos em meu ombro.

— Não temos que fazer isto hoje à noite. Nem na semana que vem. Mas leia o artigo. Aprenda um pouquinho e mantenha a mente aberta.

— Não sou grande o bastante—digo, olhando as fotos.—Você me rasgaria inteira.

—

Leia — ordena, traz a xícara de chá e se afasta de mim.

—

É só o que vou fazer — grito às suas costas. Beberico o chá sem olhar a revista e me pergunto se teria feito isto com Franny. Tomo outro gole do chá e quase o termino, e finalmente volto a olhar as fotos. Há uma mulher de quatro e uma outra pessoa — é difícil distinguir se um homem ou outra mulher — está por trás dela, com a mão introduzida em sua vagina. Começo a ler o artigo mas encontro dificuldades em me concentrar. Meus olhos insistem em se desviar para a foto, para a mão que some para dentro da vagina. Volto para o primeiro parágrafo e bocejo, diz algo a respeito do termo "usar o punho", não necessariamente envolver um punho cerrado. Releio o parágrafo inicial, sem entender. Estou grogue. Olho para cima e vejo que Michael está ao meu lado.

—

Acabou? Sacudo a cabeça.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Não estou conseguindo me concentrar — me justifico, e bocejo mais uma vez. —

Estou tão

cansada.

— Talvez devesse se deitar um pouquinho — sugere ao me ajudar a levantar. Desorientada, digo:

—

É, só um pouquinho. — Minhas palavras soam lentas e irreais aos meus ouvidos. Eu me encosto em M. enquanto ele guia meus passos até o escritório com o braço em volta de minha cintura. Ele me faz sentar no sofá.

Você está bem? — indaga, seus olhos negros grudados nos meus.

Concordo com a cabeça.

—

Recoste-se. Logo vai se sentir melhor. — Ele me empurra de leve, levanta

meus pés e os coloca no sofá, tirando meus sapatos. — Durma. Feche os olhos e durma. — Meus olhos já estão fechados. Acho que ele continua a falar, mas sua voz me parece distante e não consigo entender as palavras. Vaginas e punhos enterrados dançam em minha cabeça. Tento controlar meus pensamentos, mas tudo se transforma em um grande borrão. Desisto. Viro de lado e deixo que minha mente se esvazie.

Acordo lentamente, sentindo-me tonta, e, quando abro os olhos, vejo o teto, a longa viga de sustentação que o atravessa de um lado ao outro bem lá em cima. Fecho os olhos e os abro novamente. Desta vez, enxergo M. Ele entra e sai de meu campo de visão como uma marionete. Viro a cabeça para vê-lo melhor, mas meu pescoço está duro, preso; o movimento é mínimo e minha visão, periférica. Ele está sentado numa cadeira a meu lado, inclinando o corpo para a frente, e põe uma das mãos sobre minha testa. Mas não sinto seus dedos ou sua pele, apenas uma pequena pressão.

— Tente ficar calma — diz, e fecho meus olhos sem saber do que está falando.

— Você dormiu um pouco—ouço-o dizer.—Pus alguma coisa em seu chá. Hidrato de cloral. Abro os olhos um pouco mais, ainda me sentindo grogue. Começo a falar mas não consigo.

—

É um sonífero. Foi só uma dose minúscula, o bastante para apagá-la por um período curto.

Não me sinto mais tão grogue assim e compreendo que algo está muito errado. Sinto-me como se meu corpo estivesse num sistema de atraso de tempo que retarda meus pensamentos e meus sentidos. Só agora consigo decifrar completamente as palavras de M.: *Tente ficar calma. Pus alguma coisa em seu*

chá. Um sonífero. Tento me sentar, mas não consigo me mexer. Então sinto a pressão sobre meu corpo, a pressão que sentira este tempo todo. Alguma coisa me aperta, me comprime, me espreme. E de repente entendo o que aconteceu.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Não tente se mexer — diz suavemente. — Não vai conseguir. Vai se ca

nsar sem

necessidade. — Mantém a mão em minha testa e a acaricia com doçura, como se apenas isso fosse o bastante para me acalmar. — Veja, dê uma olhada. — Põe um espelho próximo a meu rosto. Meus olhos me encaram de volta, azuis e assustados. Todo o resto de minha cabeça está enfaixado com uma atadura elástica cor da pele. Boca, orelhas, crânio — tudo, menos meus olhos e duas fendas minúsculas para as narinas. Ele vira o espelho de forma a me fazer ver o resto de meu corpo. Está

completamente envolto por rolos e mais rolos de atadura elástica. Minhas pernas foram juntadas, meus braços colados às coxas, meu tronco coberto, e não há um centímetro de pele visível. Eu gemo, assombrada; estou completamente desamparada, e uma onda de pânico me invade. Estou envolta em bandagens. Mumificada. A claustrofobia me domina, e sinto que não há ar o suficiente para

mim. Respiro rapidamente, em pequenos tragos, as batidas de um coração apavorado eclodindo em meus ouvidos.

— Relaxe — diz M., pondo a mão em meu ombro. — Tente se acalmar. Vai ser muito mais fácil para você se conseguir relaxar.

Olho para ele. Tento falar mas enfiou alguma coisa em minha boca e minhas palavras saem ininteligíveis. Pisco os olhos, me recuso a chorar.

—

Shhhh — sussurra e beija minhas pálpebras com ternura. — Você está linda assim. Não tenha medo. Se puder, tente aproveitar a experiência. Eu a atei com tanto cuidado. Queria que sentisse o mais absoluto isolamento, a completa perda das sensações da pele. Eu atei sua perna esquerda em separado, antes de amarrar as duas juntas — para que você não sentisse a pele de uma roçar na da outra. Cobri seu tronco antes de prender seus braços e a atei de novo, muitas, muitas vezes, como um casulo. Você não deve estar sentindo sua pele em lugar algum, nada, apenas a pressão das ataduras.

Ele põe uma das mãos sob minha cabeça e a ergue um pouco.

—

Eu queria que você pudesse ver quando acordasse. Queria compreendesse sua situação por completo, mas agora preciso terminar o casulo.

Gemo mais uma vez, tentando falar. Tento sacudir a cabeça.

Sei que está assustada — diz, enquanto enrola minha cabeça com a atadura, tirando minha visão —, mas tente relaxar. Não há nada que possa fazer agora, então só precisa render-se à

sensação, ao isolamento, à consciência de que toda a sua existência depende de mim. Tudo está escuro, agora. Ele passou a atadura várias vezes sobre meus olhos, de forma a não permitir que luz alguma penetre. Eu aguardo, temendo que ele cubra também minhas narinas, sufocando-me, mas ele baixa minha cabeça e vai se sentar no sofá. Laura Reese - Falsa Submissão

116



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Vou deixá-la por algum tempo. — Sinto uma de suas mãos acariciar

meus seios

aprisionados e em seguida se arrastar pelo meu tronco atado. — Você está linda, absolutamente linda

— diz, num tom quase inaudível. Eu o ouço se afastar, deixar o aposento. Meu corpo treme por debaixo das ataduras. Negro, tudo está absolutamente negro. Recordo a descrição da segunda parte de seu enredo sobre a morte: o caixão de madeira, o som da terra enquanto me sepulta. Respiro cada vez mais rápido, precisando desesperadamente de ar. Quero gritar contra a injustiça disto tudo. Quero que alguém me ajude. As ataduras parecem mais apertadas do que há alguns momentos, e me comprimem. É assim que vou morrer? Começo a chorar, sinto meu corpo tiritar e ouço soluços abafados. Isto não é justo, digo para mim mesma. Não é justo! Penso em todos os erros que já cometi. Pensei

que tivesse controle sobre a situação; pensei que controlar M. seria, senão fácil, possível. Eu estava enganada. Redondamente enganada. Respiro com dificuldade, com rapidez, com fúria, e tento me acalmar. Inspire, expire, inspire, conte até dez... expire, conte até

dez... inspire... expire...

Meu corpo pesa, parece chumbo, como se eu afundasse cada vez mais no sofá. Já se passou uma hora? Duas? Três? Não acho que esteja deitada aqui há tanto tempo assim. Talvez apenas uma hora. Um cachorro late lá fora. Não é Rameau. Seu latido é mais grave, mais ameaçador. Um carro acaba de passar. Inspire, expire... Escuto com cuidado, tentando bloquear os pensamentos e as imagens que inundam minha mente, grata por qualquer som que ouço. Um avião que cruze o céu. Mais carros. Algum inseto que tenha entrado na casa. O ribombar distante de um trem... Há quanto tempo estou aqui? Por que ele não faz ruído algum? Ainda está aqui? Sinto o sofá

abaixo de mim como pontos de pressão que apóiam meu corpo, leve sob as pernas, mais pesado por baixo do tronco. Sinto uma pontada na região lombar, um desconforto, mas vai passar. A cada respiração eu me convenço de que estou ficando leve, leve, mais leve que o ar. Inspire... expire... Não sinto mais meu corpo. Estou afastada, desterrada. Não há nada que possa fazer. Minha vida pertence a M. Tenho que aceitar tudo o que ele decidir. Está fora de minhas mãos, fora de meu controle. Não há como me defender, não há como revidar, não há como me proteger. Viver ou morrer, depende completamente de M. Ouço as palavras em minha mente, mais altas do que se fossem proferidas, e franzo as sobrancelhas. O que estou fazendo? É isto que ele quer: medo, aceitação, completa submissão. Estou reagindo exatamente como ele quer que eu reaja. Ele é um filho da puta. Não tem o direito de fazer isto comigo. É um filho da puta escroto. Um filho da puta escroto pra cacete. Ouço as palavras, esganiçadas e nítidas, como se eu as gritasse. Eu me concentro e tento pensar racionalmente. Ele está tentando me assustar, é só isso. Quer que eu pare de procurar o assassino de Franny. Quer que eu o deixe em paz. Ele não pode me matar, a polícia não o deixaria escapar mais uma vez...



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Há quanto tempo estou aqui? Acho que dormi, mas não tenho certeza. Ouço um mosqui to, com

seu zumbido agudo, voando pelo aposento. Lá fora, ouço uma coruja. Inspiro e expiro, vagarosamente. Meu nariz adquiriu uma importância monumental, e eu me torno agudamente cônscia de meus orifícios nasais; a narina esquerda está levemente congestionada. Se conseguir controlar a respiração, digo a mim mesma, estará tudo bem. Respiro mais fundo. Fungo. Expiro rapidamente. Não consigo desentupir a narina esquerda. Choro outra vez, sentindo o mais absoluto desamparo.

— Olá, Nora.

Meu corpo fica tenso imediatamente. Sinto o estômago embrulhar de tanto terror. Quando voltou? Ele desliza um braço por baixo de meus ombros, outro por baixo de minhas pernas, e me levanta. carrega uma distância curta, alguns metros talvez, e me pousa sobre uma superfície dura e plana. Está apenas tentando me assustar, eu digo, e tento controlar a respiração, mas não vai funcionar agora. Minha respiração é rápida, superficial, frenética. Ouço uma tampa fechar sobre mim. Meus soluços saem abafados, inaudíveis. Ouço o martelo bater: pregos em meu caixão. Meus músculos estão rijos, meu peito apertado. Cessam as marteladas. Silêncio. Ainda silêncio. Aguardo o ranger do caixão no assoalho ao ser arrastado para fora, mas nada ouço. Será que calculei mal a distância que percorreu comigo no colo? Será que estou do lado de fora? Ainda assim, não ouço nada. Aguardo o barulho da terra sendo atirada sobre o

caixão. Espero, sem respirar. Como nada escuto, começo a respirar de novo, debilmente. Respiro mais um pouco. Meus pulmões queimam, minhas mandíbulas se cerram, e sinto que cada um de meus músculos começa a se comprimir. O

tempo passa. Minutos, dezenas de minutos, não sei. Espero o barulho de terra caindo. Que não vem. Em vez dele, apenas silêncio. Um silêncio nebuloso, interminável. Infernal. Estígio... Quantas horas se passaram? Nada mais parece real. Sonho que já estou morta, no mundo subterrâneo, sendo conduzida através do rio Estige, mais uma alma sendo transportada. E daqui a quanto tempo ficarei sem ar para respirar? Ele já me cobriu de terra? E eu nem sequer senti?

Um som metálico. Ouço os pregos rangerem ao serem retirados do caixão e em seguida o barulho da tampa sendo removida. Erguem-me do caixão, como se me erguessem dos mortos, e me colocam de volta no sofá. Uma mão é posta sob minha cabeça, e eu sinto as ataduras sendo soltas.

— Talvez queira manter os olhos fechados por algum tempo. A luz vai lhe parecer extremamente forte.

Apesar do aviso, abro-os assim que retira as ataduras. Pisco, aperto os olhos e mais uma vez os abro, desta vez lentamente. Ele continua a soltar as ataduras, libertando o restante de meu nariz, minha face, minha boca, meu pescoço.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

- Abra — ordena, e tira uma bola de espuma de dentro de minha boca. Há palavras de ódio na

ponta da minha língua, mas, surpreendentemente, em vez de xingá-lo, começo a tremer. Ele aninha minha cabeça em seu peito.

— Shhhh, acabou. Eu não vou machucá-la. — Ele me levanta e começa a desatar o meu corpo, camada por camada. Continuo sem falar, parte devido à exaustão emocional e parte por puro bom senso: quero ter certeza de que estou livre antes de começar o ataque. Balanço um pouco, trôpega, e mais uma vez me encosto em M., procurando apoio. Olho em volta do escritório e vejo que estive aqui o tempo todo. Há um caixote de madeira num canto do aposento, um martelo e pregos no chão.

— Fiz isso por diversos motivos — declara, terminando de tirar uma atadura e passando à

próxima, descendo a partir de meus ombros, peito, cintura. — Queria provar a você que sou confiável. Você estava tão convencida de que matei sua irmã, tão convencida de que eu seria capaz de machucá-la também. Espero que isto a tenha feito mudar de idéia. Tive todas as oportunidades, até mesmo de matá-la, se esta fosse minha vontade. Não era. Talvez agora pare com esta idéia idiota de que fui eu quem matou Franny. Ou pelo menos considere a possibilidade de o assassino ter sido outra pessoa.

Há duas pilhas de ataduras no chão. Parece-me que usou ataduras de oito e de trinta centímetros de largura. Quando termina de desenrolar meu tronco, desata meus quadris e minhas coxas. Ainda me sinto fraca e hesitante. M. me deita novamente no sofá, põe um travesseiro debaixo de minha cabeça suspende minhas pernas e começa a soltá-las.

—

Mas esta era uma das razões. Eu queria que você conhecesse Franny melhor, e esta era a oportunidade perfeita. Você calçou seus sapatos, de certa forma, e passou por uma experiência pela qual ela passou. É só o que posso lhe dizer, Nora. Para entender aquilo por que Franny passou, para realmente entender, precisa se submeter às mesmas coisas. Se eu simplesmente lhe contasse que a mumificara, você jamais teria compreendido as implicações de uma experiência deste tipo, a profundidade do sentimento que aflora. Pense no episodio desta noite como um preenchimento tátil do diário de Franny.

Minhas mãos foram libertadas de minhas coxas, embora meus braços continuem presos. Ao desenrolar a atadura externa de minhas pernas, vejo que minha perna direita fora enrolada separadamente e que ele amarrara meus tornozelos e o local logo acima dos joelhos com uma corda. Ele desamarra as cordas e começa a desenrolar a perna direita. Quando termina, estico minhas pernas. Meu corpo está nu e sinto frio, tesa, devido à falta de movimento. M. me cobre com um cobertor e levanta um dos braços. Desenrola as ataduras.

A mais importante das razoes, no entanto, é simplesmente porque me agrada. Eu o olho com raiva e abro a boca para dizer alguma coisa, mas ele me interrompe. Laura Reese - Falsa Submissão

PDL – Projeto Democratização da Leitura

Ainda não. — E começa a soltar meu outro braço. — Não fale ainda. Sei que está zan gada e que quer gritar e espernear por um bom tempo, mas vamos ao que importa. Tenho uma recompensa para você; um presente por sua dor. — Ele tira a última das ataduras e a junta à pilha. Deve haver duas dúzias de ataduras

elásticas no chão. Eu me mexo por debaixo das cobertas e sinto a rigidez deixar meu corpo. É surpreendente, mas não sinto a menor vontade de me levantar ou de ver as horas ou de liberar minha fúria contra ele. Sinto-me esgotada, exausta e retraída como se estivesse numa jornada interna, para dentro de minha mente. Minha sentença foi suspensa. Tudo o que quero é a segurança e o calor deste cobertor

Ele caminha até sua escrivaninha e retorna com uma pilha de papéis.

—

Franny me entregou isto um pouco antes de morrer. É como se fosse um conto. É

sobre Franny, aos quatorze anos, alguns meses antes da morte de seus pais, antes de vir morar com você em Sacramento. Originalmente, estava em seu diário, mas ela o deletou. Queria destruir esta cópia também, mas não permiti. Guardei-o em meu escritório na universidade. Ele me entrega o papel.

—

Isto explica muitas coisas a respeito de Franny. Acho que concordará que é uma recompensa justa pelo que acabou de passar — Ele deixa o escritório. Olho a primeira página e começo a ler.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

QUINZE

A ÚLTIMA DEFESA DE FRANNY

por Frances Tibbs

A primeira coisa que notam a meu respeito é o seguinte: meus cabelos são curtos, muito curtos, talvez tenham apenas um centímetro de comprimento, e são completamente espigados. Isto não seria tão incomum assim, não fosse eu uma menina, e, por certo, não seria tão fora do comum assim se eu estivesse em Davis, na Califórnia, um lugar onde as pessoas não se importam com as aparências.

Mas agora moramos em Montana, eu e meus pais, onde uma menina que se parece com um garoto não é coisa muito usual. Quando comecei a cortar meus cabelos — primeiro foram quinze centímetros de cachos, depois mais dez centímetros, e dois ou três centímetros quando tive um péssimo fim de semana e mais cinco quando começou a chover—, minha mãe não disse nada. Era como se nem tivesse notado, como se eu tivesse sido semicareca todos os meus quatorze anos de vida. Mas meu pai notou. Ele disse que fiquei com uma aparência emporcalhada com o cabelo quase todo cortado e minhas habituais calças jeans *e minha jaqueta bordada de miçangas, com penas, cordas de couro e crina de cavalo. Me disse para deixar o cabelo voltar a crescer e depois*

esqueceu, até um dia no jantar quando levantou a vista do bolo de batata-palha com atum e disse: Eu não mandei você parar de cortar o cabelo? e então enfiou o garfo na boca, mastigando as batatinhas, deixando meus cabelos de lado mais uma vez, enquanto minha mãe ficava ali, sentada, remexendo as cenouras no prato com o garfo, nos ignorando, sem ouvir, sem ver, e eu ficava com raiva de ela não fazer mais parte da família, e eu quase disse, Pare de brincar com a comida!, mas eu, sendo a filha e ela a mãe, não disse nada. Quando papai disse que íamos nos mudar para Montana, a primeira coisa em que pensei foi: então é isso que vai ser a vida de agora em diante: Montana. Aí eu imaginei coisas que não se vê na Califórnia, coisas rústicas, antiquadas, estradas de terra, calçadas de tábuas, crianças de chapéu de abas largas e macacões desbotados, crianças que nunca ouviram falar em jeans Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

acid washed *ou cadarços fluorescentes ou MTV ou Madonna ou Joan Jett and the*

Blackhearts.

Montana me pareceu tão remoto, um lugar distante de tudo nesta vida, distante do néon dos shopping centers*, dos fliperamas, das batatas fritas com queijo do Murder Burger e de Joey Walker e sua jaqueta de couro e seus Reeboks de cano alto, o cara com quem eu sonhava constantemente e que quase beijei debaixo da caixa-d'água de Davis na rua Oito. Mas tudo isso mudou para mim, e Joey Walker não me reconheceria agora, com meu cabelo arrepiado. Olha só o que minha mãe me disse antes de nos mudarmos para cá: Montana*

tem planícies sem fim, onde você vê um céu infinito, de um azul límpido, e encostas escuras que não têm fim. Meu pai disse simplesmente que estava enlouquecendo com o nevoeiro do inverno e que estava na hora de mudarmos. Mas eu sei por que nos mudamos, mesmo sem dizerem coisa alguma: para esquecer. Talvez eles achassem que poderíamos começar tudo outra vez, que as coisas ficariam esquecidas em meio às encostas que não têm fim, que os espaços abertos absorveriam as coisas de uma maneira que Davis jamais absorveria, Davis com seu nevoeiro baixo de janeiro encurralando tudo, até mesmo as recordações, sob suas garras cinzentas e nebulosas.

Mas o céu azul e límpido não adianta grande coisa. Onde quer que esteja, aonde quer que vá, as recordações te perseguem, aparecendo nos momentos mais inesperados. É como os carros aqui Montana. As pessoas não sabem o que fazer com os carros. Você pode dirigir na roça — que é quase tudo, mesmo —, e não há nada além de terras, talvez uma vaca ou duas pastando, e, de repente, nada, surge um Chevy abandonado, enferrujado, sem uma das portas, ou talvez uma caminhonete Ford com os faróis quebrados no acostamento, num barranco e —

saca só — de rodas para cima Todas as vezes que passamos por um destes carros, meus pais na frente, em silêncio, eu atrás, olhando pela janela, penso em animais extintos e espécies ameaçadas e fico os próximos quilômetros só pensando nisso. Isso deve querer dizer alguma coisa, mas eu não sei o quê. Em momentos como esse eu gostaria que Nora, minha irmã mais velha, estivesse aqui. Ela explicaria essa história dos carros para mim, mas, já que ela não está

aqui, vou ter que descobrir sozinha. Na Califórnia, ninguém abandona os carros no acostamento, põem eles de rodas para cima e vão embora. É uma coisa típica de Montana, como o nevoeiro é típico de Davis; ambos te lembram coisas que você não quer lembrar.

Logo depois que nos mudamos para cá, há mais ou menos um ano, decidi me dar melhor na escola para facilitar a vida dos meus pais. Eu estudo muito mais, e, à medida que meu cabelo Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

vai ficando mais curto, minhas notas vão melhorando. Hoje em dia eu só tiro A, e quando

mostro o boletim à minha mãe ela sorri, desligada, e diz: Que bacana, meu bem, e depois desvia o olhar e eu sei que ela já se esqueceu dos meus A 's, que ela já me esqueceu. A única coisa de que ela não se esquece é o seguinte: Billy, meu irmão mais novo, está morto. História é o que eu mais estudo. Na aula do professor Kendall nós aprendemos a respeito dos índios das planícies. Foi então que aprendi sobre Touro Sentado. Foi o grande líder que uniu os índios das planícies, mesmo que as coisas não tenham ido tão bem assim para ele no final. Agora, quando meu pai me manda parar de usar minha jaqueta bordada de miçangas ou parar de cortar os cabelos, eu digo que estou fazendo um projeto para a escola sobre os índios sioux, aí ele resmunga alguma coisa e vai para a sala assistir à televisão. Por algum motivo estranho isso faz sentido para ele; talvez ache que a minha classe inteira esteja careca. Mas não está. Eles riem dos meus cabelos espigados, da minha jaqueta de miçangas e da minha camiseta franjada. Guerreiro sioux de meia-tigela, é como me chamam, chefe Touro Sentado de Merda. Não sou um garoto e não sou um índio, eu sei disso, e jamais disse que era. Mas gosto de fazer as coisas como Touro Sentado fazia, como por exemplo usar penas e crina de cavalo e perneiras de couro. Era um homem decidido, o Touro Sentado, e só de olhar a foto dele dá para saber que era um homem forte. Quando ele queria segurar seus prisioneiros, eles não conseguiam fugir. Enroscava os dedos em seus braços, dedos que mais pareciam as garras de uma águia, e apertava, enterrava-os em suas peles, suas carnes, e até mesmo em seus ossos se fosse preciso, e segurava o quanto fosse necessário. Touro Sentado não desapontava ninguém. Acho que posso aprender um monte

de coisas com os índios sioux. Como ser forte, como ser valente, esse tipo de coisa. Valentia era a coisa mais importante para eles. Viam as coisas bem preto no branco: se não era valente, era covarde. Era simples. Nunca discutiam minúcias ou perdiam tempo com coisas abstratas. Era melhor morrer herói do que viver como um covarde, este era seu lema. Por isso, um guerreiro sioux preferia lutar contra um inimigo bem de perto, mão na mão, do que matá-lo de longe; assim provava sua valentia, pois arriscava a vida. Qualquer um podia se esconder por trás de uma rocha e matar um crow ou um pawnee com uma flechada. Mas ir até ele e tocá-lo, isso era valentia. Isso era sinal de coragem, e o primeiro homem a tocar o inimigo já ganhava pontos — eram chamados de coups *—, é isto que ensinavam aos sioux: não esmorecer na presença do perigo. E é isso que Touro Sentado está me ensinando.*

Laura Reese - Falsa Submissão

123



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Urna vez ou duas na semana, depois das aulas, vou até a escola secundária e co leciono

meus próprios coups. *Visto calças* jeans *e uma jaqueta bem larga, para acharem que sou um menino; uso uma máscara preta de esqui que cobre meu rosto inteiro, com orifícios para os olhos. Observo o time de futebol, vou até as laterais e esbarro naqueles caras imensos, bato em seus ombros, bato meu joelho* contra o *deles e eles dizem: Presta atenção, pirralho, e algumas vezes eles me empurram como se eu fosse o adversário. Um inimigo. Faço isso há sete meses, beisebol, basquete e agora futebol americano, depende da temporada. Sou o fantasma sioux, planejo meus ataques quando o técnico está do outro lado*

do campo, quando está de costas, com a atenção voltada para outra coisa. Ele ainda não me viu. Como na semana passada. Ou na semana anterior. É sempre a mesma coisa. Espero até aqueles corpos todos estarem agachados perto da linha de fundo, espero que a jogada comece, espero que alguém venha para a lateral. O técnico está com o apito nos lábios, pronto para apitar a falta, e eu o vejo, desta vez é o volante, se arrastando pelo campo, imenso como um gigante, cada passada -e eu juro que é verdade —fazendo o chão tremer. Número 63. Já me choquei contra ele anteriormente. Ele tira o capacete e surge uma cabeça loura, nórdica, presa aos ombros, sem pescoço. Sua barriga se projeta, os enchimentos vão saindo de dentro do uniforme e eu fico pensando: Este sofá está perdendo o estofo. Ele espreita a linha lateral e pára para alongar as pernas e se abaixa para amarrar os cadarços, sem saber que está prestes a ser atacado. Eu saio correndo de debaixo da arquibancada e poft! Sai deste campo, seu merda!, diz o 63 quando me choco contra o enchimento do ombro, e ergue um dos braços, a parte de dentro tão branca que não parece oferecer perigo algum, e eu penso que desta vez vou passar incólume, mas ele me dá um tapa com as costas das mãos e eu saio voando pelo gramado, de cara na terra, cortando o lábio numa pedra. Eu me escondo debaixo da arquibancada assim que o técnico vê que o 63 está berrando com o vento e agitando os braços como se fosse um sinaleiro diante de um avião. O técnico nunca me vê. Pára com essa porra!, ele berra para o 63, Você

devia estar observando a jogada, e isso só deixa o 63 com mais raiva ainda porque ele sabe que estou ali, espiando de debaixo da arquibancada. Sinto o gosto do sangue em minha boca, mas não faz mal porque cada vez que toco o inimigo eu fico mais forte, mais valente. Eu aprendo a aceitar os ferimentos sem comentários, eu lhes dou boas-vindas; cada contusão é uma medalha; meu sangue, um símbolo. Sacudo a terra das calças, limpo o sangue do lábio e marco mais um ponto.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Mesmo antes de nos mudarmos para Montana, eu já conhecia os costumes sioux, mesmo

que eu não soubesse disso na época. Meus pais gostam de atividades ao ar livre, e nós sempre passamos as férias acampando nos parques nacionais da vida. Já percorremos o país inteiro para passar duas semanas numa barraca de camping. Yosemite, King's Canyon, Bryce, Badlands e tudo o mais. E somos só nós quatro, minha mãe, meu pai, Billy e eu, porque Nora já

é mais velha, tem um emprego e não passa mais as férias conosco. Em nossa última viagem, há

um ano, fomos até Flaming Gorge, no Wyoming, território shoshone, conforme vim a saber mais tarde. Vocês vão adorar aquilo lá, disse minha mãe na ida. A paisagem é maravilhosa. Montanhas púrpuras ao amanhecer, disse ela, montanhas cor de bala; montanhas de deixar qualquer um boquiaberto.

No primeiro dia, nos levantamos bem cedo, e o ar estava tão frio que podíamos vê-lo enquanto conversávamos, todos nós encolhidos por baixo de jaquetas de moletom com capuz e calças compridas, só para vermos as famosas montanhas. Minha mãe me agarrou e começamos a pular para cima e para baixo para nos aquecermos, nós duas rindo e parecendo duas perfeitas idiotas, vestindo nossos trainings cor-de-rosa, novinhos em folha — isso foi antes de eu começara me vestir como um menino —, e meu pai olha para o Billy, ambos vestindo sóbrias calças jeans, e sorri, entortando as sobrancelhas em nossa direção e revirando os olhos como se dissesse: Mulheres!, e então põe uma das mãos no ombro de Billy e eles olham para as montanhas, fingindo não darem a mínima para o ar frio. E minha mãe estava certa: tons de rosa e púrpura e

laranja surgiram à nossa frente. Montanhas cor de bala, montanhas que eu simplesmente tinha que subir, então pegamos a trilha, eu correndo na frente, açoitando os arbustos com um galho, sentindo a explosão do aroma das flores encher o ar cada vez que eu batia. Ouço Billy atrás de mim, botando os bofes para fora, e o vejo se arrastando montanha acima, o ar saindo de sua boca em pequenas nuvens Seladas enquanto ele lutava para me acompanhar, batendo palmas Para se manter aquecido, suas bochechas avermelhadas pelo ar da manhã. Era baixo e magrinho, bem mais baixo do que eu, com um rosto sardento e cabelos escuros que caíam em sua testa em cascatas, de forma que jamais se viam seus olhos. Crianças, olhem por onde vão, meu pai gritou. Eu corri na frente de Billy, tentando fazer com que não me acompanhasse. Era um ano mais novo do que eu e sempre grudava em mim quando eu queria estar sozinha. Há um ele ficou doente e não pode mais correr tanto assim, e é menor do que os outros meninos de sua idade, bem menor, e eu fico de saco cheio de os meus pais viverem paparicando ele e não a mim, com medo de ele ficar ainda
Laura Reese - Falsa Submissão



mais doente. Espera!, ele berrou. Espera por mim, Franny!, mas eu simplesmente joguei o galho para cima e corri ainda mais rápido.

Quando morávamos em Davis eu entregava jornais. Agora, olha só o que faço em Montana: roubo bicicletas. Roubar um cavalo valioso do inimigo era uma outra maneira de os sioux mostrarem sua valentia, mais uma maneira de acumularem pontos. Se eu quisesse poderia fazê-lo no meio da noite, meu pai e minha mãe não sentiriam minha falta enquanto eu entrasse na garagem dos

vizinhos, confortavelmente adormecidos em suas camas, sem se preocuparem com um crime ou com um fantasma sioux, enquanto eu fico à espreita, felina, sem fazer barulho, procurando uma bicicleta de dez marchas, com cuidado para não me chocar contra uma lata de lixo ou derrubar caixas ou minha lanterna, e então pegasse a bicicleta e saísse empurrando-a, tão fácil quanto tirar o doce de uma criança. E pronto. Mas isto, na verdade, não testaria minha valentia: seria fácil demais. Em vez disso, coleciono meus pontos na escola, em plena luz do dia. Invento uma desculpa qualquer para sair de sala — como morder os cantos das unhas até sangrarem e em seguida levantar o braço e dizer: Cortei o dedo. Posso ir à enfermaria?, e dou um pulo no bicicletário antes de enfaixar o dedo. Como já

examinei as bicicletas de antemão, já sei qual delas eu vou pegar, qual delas está sem cadeado, qual delas é mais valiosa, e olho para a direita de onde estou, e para a esquerda, e vejo que o caminho está livre e agarro a bicicleta. Pedalo até o riacho e empurro a bicicleta lá dentro e corro até a enfermaria, pego meu esparadrapo e digo: Sim senhora, vou ter mais cuidado de agora em diante, olho meu relógio e volto para a aula, limpando o suor da minha testa, pronta para dar uma boa desculpa para a professora, se for preciso, Desculpe a demora, mas a enfermeira estava ocupada e eu tive que dar uma passada no banheiro etc., mas nunca é

preciso, porque, por afinal de contas eu só tiro A, sou uma aluna exemplar, talvez um pouquinho excêntrica, com esta cabeça raspada e tudo o mais, mas isso é de se esperar. Afinal de contas, eu sou da Califórnia. Cada vez que some uma bicicleta, fica mais perigoso, e a cada vez que eu roubo uma bicicleta, chego mais perto de Touro Sentado. Tenho a intenção de encher aquele rio de bicicletas. Eu nunca fico com elas, como os sioux ficavam com os cavalos, mas no final acho que o efeito é o mesmo. Invadi o acampamento inimigo, sobrevivi, e as provas encontram-se no fundo do rio.

Às vezes eu penso no verão e me pergunto se um dia acamparemos outra vez. Eu espero que sim, mas, se não acamparmos, tudo bem também. Eu gostava daquelas viagens, mesmo o Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Billy sendo um saco. Nossa viagem para Flaming Gorge foi típica: eu ia para algum lu

gar e ele

tinha que ir atrás. Dava para ouvir sua voz por entre as árvores, uma vozinha chorosa tentando me fazer andar mais devagar. Espera por mim, Franny!, ele ficava berrando. Espera por mim. A trilha ia se enroscando montanha acima, cada vez mais estreita. As árvores iam rareando e o ar tinha cheiro de folhas secas e poeira. Quando cheguei na beirada de um penhasco as pedras soltas iam se esmigalhando sob os meus pés e eu as ouvia rolando cânion abaixo. Eu continuava a subir, seguindo a trilha, e levantei as mangas até os cotovelos, me perguntando quando o ar deixara de estar frio. E então ouvi Billy gritar, na verdade foi um guincho, como se tivesse sido pego de surpresa, e o som abafado de pedras rolando. Ele deve ter tropeçado, pensei, e já podia vê-lo, sentado no meio do caminho, fazendo bico, os jeans *rasgados nos joelhos e o suéter verde-ervilha emplastrado de lama. Ou talvez tivesse ficado com medo por estar sozinho e começasse a imaginar que os ursos viriam pegá-lo. Hesitei, medindo os prós e os contras de voltar. Eu queria chegar até o topo da montanha, mas se eu não voltasse meus pais encheriam minha paciência mais tarde. Não dava para ter um pouquinho mais de consideração?, diriam. Seja boazinha com ele, para variar; brincar com seu irmão uma vez ou outra não vai arrancar pedaço. Bem, eu sei como são essas coisas.*

Então voltei para procurar o Billy. Já que ele não conseguia me acompanhar, devia ficar para trás com meu pai e minha mãe. Eu o ouvia soluçar

e dizer coisas que eu não conseguia entender, e quando fiz a curva, um pouco antes do penhasco, eu o vi cair, escorregando no lugar onde o chão cedera. E a primeira coisa que pensei foi: ele devia estar olhando estas montanhas cor de confete em vez de olhar para o chão. Eu ia começar a berrar com ele, para mandá-lo prestar mais atenção para onde ia de agora em diante, e de repente me toquei de que ele estava prestes a cair naquela ribanceira. Ele devia ter tirado o suéter porque estava amarrado na cintura e as pedras haviam arranhado seus braços, e ele se agarrava às pedras, à terra, tentando encontrar apoio, mas só fazia chorar e continuava a escorregar. Eu me lembro de que gritei pelo meu pai — não é engraçado, como nossos pais sabem quais os gritos que devem ignorar e quais devem atender? —, e os ouvi correndo montanha acima, como dois loucos, minha mãe gritando nossos nomes sem parar. Mas, quando chegaram, Billy já tinha caído da ribanceira.

Os sioux acreditavam em espíritos. Hocus-pocus, abracadabra, bicho-papão, espectros, sei lá. A maioria das pessoas teria medo de fantasmas, faria de tudo para espantá-los, mas não os sioux. Não eram caça-fantasmas. Muito pelo contrário: queriam mais é que os fantasmas Laura Reese - Falsa Submissão



fizessem uma visitinha. Espíritos amigos, acreditavam os sioux, podiam ajudar um h omem,

dando-lhe poder. E se um homem tivesse poder, tinha tudo: discernimento, paz de espírito, força para vencer as batalhas, proteção contra doenças e quase tudo de que um guerreiro poderia precisar. Mas se os espíritos não lhe dessem

poder, ele estaria condenado à ruína. O poder era uma necessidade naquele tempo, e os homens o recebiam através de visões e de sonhos com os espíritos. Um pouco antes da batalha de Little Bighorn, os espíritos apareceram para Touro Sentado num sonho e lhe avisaram que o general Custer cairia. Os soldados cairão em seu acampamento como gafanhotos caem do céu. E foi o que aconteceu. Poder é uma coisa importante de se ter, especialmente quando se tem quatorze anos e se está contando pontos. Gostaria que, em meus sonhos pelo menos, eu fosse mais poderosa, mas não me lembro deles muito bem. Só de um que tive a respeito de uma loja de bebidas, e isso porque já o tive mais de uma vez e sempre acordo quando o tenho. Eu sonho que assalto a loja de bebidas e que vou ter que passar o resto da vida na cadeia. Na minha cela, ando de um lado para o outro e fico pensando: Se eu pudesse fazer tudo de novo, eu não assaltaria aquela loja. Quero uma segunda chance, penso, ero fazer tudo diferente. Quer dizer, de que adianta ter dinheiro se não se pode gastá-lo? Aí acordo meio grogue, sem saber exatamente onde estou, e me sinto encurralada, e minha vida está arruinada só porque roubei aquela loja. Olho em torno do quarto e vejo minha jaqueta no chão, uma pilha de fitas do Prince, do Michael Jackson e do Boy George e do Culture Club, um pôster do filme Os Caça-fantasmas *preso na parede com tachinhas, e então me toco que estou em minha própria cama, não na cadeia, e me sinto aliviada por ter tido uma segunda chance. Então fico ali deitada, me sentindo bem durante um tempo, e então penso: Não faz diferença como eu me sinto porque na verdade isso nunca aconteceu: foi só um sonho. Bem, eu sei por que fico sonhando com essa loja de bebidas. Ninguém precisa ser psiquiatra para decifrar essa.*

Quando meus pais chegaram ao penhasco, Billy já estava morto. Contei a eles que já

estava mais acima quando o ouvi cair. O que não disse a meus pais foi que eu o deixei cair. Quando o vi escorregar, gritei por meu pai e em seguida me joguei de barriga no chão e me debrucei o máximo que pude e agarrei a mão de Billy. A pulseira médica que ele sempre usava no seu pulso esquerdo cintilava ao sol. Segura, segura que o papai está chegando, disse a ele. E

por um momento tudo era silêncio, e eu sabia que tudo ficaria bem e decidi

que da próxima vez em que fizéssemos uma caminhada eu deixaria que Billy grudasse em mim. O sol já despontava Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

na montanha e o ar. Lá estava mais quente, e eu só precisava segurá-lo até a chegada de meu

pai. Ouvi seus passos socando a terra, meu pai e minha mãe, fazendo uma barulheira tão grande que parecia estar trazendo uma cavalaria inteira. As pedras começaram a rolar ao lado de minha cabeça, o chão estava se movendo, pensei, e de repente compreendi que não era o chão, era eu. Estávamos escorregando, os dois, e eu não podia fazer mais nada. Billy estava chorando mais uma vez, e tive que largar um de seus pulsos para poder agarrar alguma coisa, e quando o fiz ele ofegou e enfiou o braço livre na terra fofa, enterrando seus dedos na terra, e ela se desprendia em suas mãos, aos montes. Não me deixe cair, ele soluçava, seus cabelos escuros sobre os olhos, e eu queria que ficasse calmo e disse: Não se preocupe, não vou deixar, embora lá no fundo eu nunca tivesse sentido um medo tão grande como esse e do lado de fora meu braço doía como se tivesse saído do lugar, enquanto minha outra mão estava atrás de mim, tateando em busca de uma árvore, de um galho de um pedregulho, mas não havia nada. Ele era pesado demais para mim, e a única coisa que eu podia fazer era deslizar com ele, e eu sabia que nós dois íamos cair, que nós dois íamos morrer. Então quando ele olhou para mim com pânico nos olhos e as bochechas banhadas de lágrimas e lambuzadas de terra, abri a mão e deixei que caísse.

As visões não ocorrem com muita facilidade. Não é como se pudéssemos nos sentar e dizer: Então tá, Deus, estou pronta, manda ver. Antes de ter a tal visão dos soldados/gafanhotos, Touro Sentado teve que fazer a cerimônia da Dança do Sol. A Dança do Sol, bem, é um pouco demais, mas acho que aquela época foi mesmo demais para os sioux. Porque acontece assim: primeiro o guerreiro tinha que furar seu próprio peito e enfiar espetos de madeira na pele, e então pegava uma corda bem comprida e amarrava uma extremidade na ponta do espeto e outra numa estaca. Ele então ia se afastando da estaca até esticar a corda e se inclinava para trás até que sua pele finalmente se rasgava e o espeto se soltava. Não era bonito de se ver, mas funcionava. A dor era tanta que ele entrava em transe e podia conversar com os espíritos e ter visões. Para ser próspero, um sioux precisava ter poder, e para ter poder precisava ter uma visão, e, se quisesse ter uma visão, tinha que sofrer. É uma coisa meio lógica, essa mentalidade, uma coisa é conseqüência da outra. E, embora possa parecer meio demais nos dias de hoje, a verdade é que funcionou para os sioux e funcionou para Touro Sentado: Custer tentou, mas não conseguiu fugir.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Hoje eu fui pega. Eles puseram um homem lá fora vigiando as bicicletas. Então esto u aqui,

presa no gabinete do diretor há mais de uma hora, olhando a secretária, de cabelos brancos, cortar pilhas de papel ao meio com uma guilhotina gigante, a lâmina de aço descendo com um chlépt! implacável, enquanto o diretor, um

homem que parece uma pêra, com bochechas gordas e careca, me olha, dizendo algo profundo, como por exemplo: Você se enfiou numa encrenca danada, mocinha, e eu fico me perguntando: O que faria Touro Sentado numa situação dessas?

Mas antes que eu bole um I no meu pai entra e passa alguns instantes de pé, me olhando com uma expressão de derrota, desnorteado e ao mesmo tempo magoado, e eu esqueço de Touro Sentado e dos sioux e sinto vontade de chorar por vê-lo assim tão frágil, como se o mundo tivesse se estilhaçado em milhões de partículas, e penso: Talvez esteja na hora de contar a verdade, contar por que roubei aquelas bicicletas todas, contar que soltei a mão de Billy. Mas ele simplesmente balança a cabeça, ajeita os ombros e nem ao menos me pergunta por que peguei as bicicletas, e diz: Você vai pagar por cada uma das bicicletas, nem que seja a última coisa que faça, e vira o rosto e começa a conversar com o diretor sobre um castigo adequado e sobre não chamar a polícia e sobre não me suspender porque, afinal de contas, eu sou uma aluna exemplar que só tira A e que jamais se metera em encrenca alguma. E o tempo todo ele me ignora, como se eu não estivesse no gabinete, e naquele momento tenho a certeza de estar em falta com Touro Sentado, que meu poder não é grande o bastante e que vou ter que me empenhar mais ainda.

Então ponho a mão no bolso e brinco com a pulseira médica de Billy, virando-a na palma de minha mão, lembrando de como ela quebrou e saiu de seu pulso um pouco antes de eu soltá- lo. Então vejo a guilhotina na bancada, a pilha de papéis do lado, a secretária na sala ao lado, tomando café numa xícara azul, e penso na valentia sioux, sobre conquistar poder, e aproveito que ninguém está olhando, caminho até a guilhotina, enfio meu mindinho debaixo da lâmina erguida e com a outra mão agarro o cabo e me preparo para baixá-lo, pensando o tempo todo na lógica sioux de que uma coisa simplesmente leva à outra.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

DEZESSEIS

Estou deitada no sofá, debaixo do cobertor, imóvel, com a história de Franny em minhas mãos. Fecho os olhos. Franny não fora sempre gorducha e tímida, embora eu me lembre dela assim. Eu esquecera como ela era antes da morte de Billy: brincalhona, impetuosa, magrela e, como disse meu pai, meio moleca. Tudo isso mudou depois da morte de meus pais, depois da morte de Billy. Abro os olhos quando ouço M. entrar na sala. Não tenho mais a mínima intenção de discutir minha mumificação forçada. Parece que aconteceu há tanto tempo, e me parece também um tanto irreal. Ele se senta numa poltrona ao meu lado, cruzando as pernas sobre os joelhos. Passamos algum tempo sem falar. Sua presença, tão ameaçadora anteriormente, me conforta; há algo de anestesiante nele agora, algo calmante em seu *training* macio e nas dobras de seu suéter de tricô. Por fim, e muito suavemente, diz:

— No começo, eu não conseguia entender por que Franny ficava comigo, considerando-se tudo que eu fazia com ela, as chicotadas, a dor, a humilhação. Ela certamente não ficava comigo por prazer. Deve ser amor, eu disse a mim mesmo; tem que ser amor. Suponho que fosse o meu ego falando — acreditando que ela agüentaria qualquer coisa, até mesmo os atos mais contrários à sua natureza, só para manter meu amor.

Ele ergue a mão e aponta para a história de Franny.

Depois que li isso, mudei de idéia. O que acha? Será que ela ainda contava

os tais *coups*, ainda tentando compensar a morte de Billy? Me *parece* provável, embora duvide muito de que ela própria estivesse ciente disso. Ela provavelmente achava que agia daquela forma por amor. Terminei com ela logo depois. Sabe, Nora, até eu consigo sentir compaixão. Ela deixou de me divertir quando percebi o quão sérios eram seus problemas. Senti uma certa culpa por usá-la exclusivamente para me divertir.

Eu nada digo; sinto um cansaço imenso. Lá fora, o vento sopra suavemente. Já deve ser bem tarde.

— É tudo verdade? A maneira como tentou salvar Billy? O modo como decepou o dedo? Eu me lembro quando meu pai me ligou de Montana. Disse que ela o cortara acidentalmente, tentando cortar papel.

Laura Reese - Falsa Submissão

131

PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Foi o que Franny disse a seus pais. Eles jamais souberam a verdade a respeito de se u dedo.

Eles nunca souberam a verdade a respeito de Billy.

Olho para o cobertor.

— Mas você sabia. Poderia ter lhe dito que a culpa não era dela. Ela não

passava de uma criança; não era forte o bastante para salvar Billy.

— E você acha que eu não tentei? — disse M. com suavidade. — E claro que eu disse a ela que não fora responsável, mas ela não queria me ouvir. Sua culpa era maior. Ela se sentia responsável até mesmo pela morte de seus pais.

Olho para ele, sem compreender.

—

Se Billy não tivesse morrido, eles jamais teriam se mudado para Montana, e se não estivessem em Montana, não teriam morrido num acidente de carro. Não digo nada, penso na lógica sem sentido de Franny. Eu Poderia tê-la ajudado se soubesse a verdade. Eu poderia ter tentado. Mas ela contou a M. Eu era sua irmã, mas ela escolheu contar a ele. Afundo-me ainda mais no sofá, puxando o cobertor até o queixo; sinto-me cansada. Por que é que ela não me contou? — pergunto em voz alta, mas M. não me responde. Ambos sabemos a resposta.

Sente-se — diz ele, vindo em minha direção. Chego para a frente e ele se senta no sofá e me aninha em seus braços. Eu ponho a cabeça em seu peito e deixo que me abrace, sentindo o calor e a maciez de seu suéter. O que fez comigo mais cedo não prova que seja um assassino, mas não tenho medo dele. Não neste instante esta noite. Só quero que alguém me abrace. Laura Reese - Falsa Submissão

PDL – Projeto Democratização da Leitura

DEZESSETE

Já há várias semanas, vou até M. quando ele me chama. Ele é sempre cheio de surpresas e nunca, nunca mesmo, é enfadonho. Quando sei que vou encontrá-lo, meu estômago fica apertado, em parte por ansiedade, em parte por excitação, mas principalmente por medo. Nunca sei o que esperar. Um dia ele é terno, no seguinte quase sádico, e num outro, paternal. Eu consigo entender por que as mulheres o acham encantador. Ele tem, como disse Franny em seu diário, um jeito especial de cativar todos à sua volta; tem uma incrível habilidade de se transformar, de se metamorfosear em qualquer tipo de pessoa que se possa desejar. No começo eu estava tão segura de mim, tão confiante em minha habilidade de seduzi-lo. Hoje me pergunto quem está seduzindo quem. E fico esperando que ele incremente o jogo. O sexo é bom, mais do que bom, mas ainda é um tanto sem cor. Sei que não vai durar. Releio o diário incompleto de Franny, esmiuço as entrelinhas, à

procura de agulhas e facas, mas nada encontro. Se ao menos ela houvesse mencionado aquele casal de Lake Tahoe e a propensão de M. ao uso de facas, eu poderia levar a informação a Harris. Leio o diário mais uma vez, pela milionésima vez, não porque precise refrescar a memória — já o sei quase todo de cor —, mas porque não consigo parar de lê-lo. Estou viciada; o diário é minha heroína. Eu leio o que ele fazia com ela; vejo como ele foi acostumando Franny às suas idiossincrasias sexuais. No começo foi gentil, e, assim que

- Eu não digo coisa alguma a respeito de Franny há dias, não é mesmo? Suponho que seja hora de preencher mais uma lacuna de seu diário. Servidão. Vamos falar sobre a servidão. Se me lembro bem, ela mencionou em seu diário que eu a amarrava, mas falou pouco a respeito. Ela detestava ser presa, mais do

que qualquer outra coisa, mais do que a dor. Então é claro que eu a prendia com freqüência. Uma noite, eu a amarrei à cama, nua, de pernas abertas e a vendei. Disse a ela que alguns amigos, todos homens, estavam vindo para cá jogar pôquer e que eu ia deixar que cada um deles, um de cada vez, a observasse e fizesse o que quisesse com ela. Então pus tampões em seus ouvidos para que ela não pudesse ouvir nada e a deixei ali, chorando, me implorando para mudar de idéia. Não havia pôquer algum, mas ela não sabia disso; ela não podia ver ou ouvir coisa alguma. Durante as horas que se seguiram, eu entrei no quarto e proporcionei-lhe diversas... sensações, algumas brandas, algumas não, todas sob a pretensa identidade de algum parceiro do pôquer. Ela pensou que houvesse cinco homens na casa.

— Você é um verdadeiro filho da puta.

Laura Reese - Falsa Submissão

133



PDL – Projeto Democratização da Leitura

M. jogou as cordas do outro lado do quarto.

—

Você encara isto tudo da maneira errada, Nora. Você acha que eu sou o vilão, mas Franny nunca achou isso. Não importa o que eu fizesse com ela, ela continuava comigo. Se você

quiser encontrar o assassino dela algum dia, é bom que mude sua percepção e comece a procurá-lo em outro lugar.

Então ele me fodeu — fazer amor é uma frase branda demais para o que fazemos —, e ele demorou bastante, conversando comigo durante o ato.

—

Eu vou te encher de porra — ele me diz com a voz grave e rouca. — Você vai fazer o que eu mandar, não vai? — E me fazia concordar com suas exigências. — Ah, vai. Vai fazer tudo o que eu mandar. E você sabe por quê? Porque você gosta. Você enlouquece quando eu te chupo toda, quando eu ponho a língua na tua boceta e a enfio no teu cu. E você gosta de fazer a mesma coisa comigo. Eu noto, na maneira que você me lambe, na maneira que você me põe na boca, mamando minha porra toda, na maneira que você me deixa enfiar o pau na tua bunda, e na maneira que você, um pouquinho antes de gozar, me implora para que eu te foda. Na bunda, na boceta, na boca. Você

quer tudo.

Ele fala enquanto trepa e sabe que eu gosto de ouvir. Sou uma pessoa oral, sempre fui. Já

transei com homens que gostam de falar sacanagem, mas nenhum com a desenvoltura e o talento de M. Ele é um contador de histórias de primeira. Ele sussurra nos meus ouvidos, cria imagens pornográficas, dizendo o que vai fazer comigo descreve situações sexuais, e me deixa enlouquecida. Ele passou as mãos em tudo, me fodeu um pouco, depois parou quando percebeu que eu queria mais. Ainda falando, com uma das mãos no meio das minhas pernas, ele disse:

— Você gosta de mim, Nora. Você gosta de sexo sujo, bagunçado, sacana. Você gosta de sexo sem limites, você quer que seja primitivo, e você pode não

saber ainda, mas você quer crueldade. Revistei a casa de M. mais uma vez à procura de um bisturi ou de uma faca parecida com a que vi na casa de Lake Tahoe, mas nada encontrei. O detetive Harris deu o resultado dos exames feitos no rolo de fita isolante como não-conclusivos. Embora a fita fosse da mesma marca que a usada em Franny, não havia como determinar se o rolo que M. guardava em seu armário era ou não o mesmo. Harris me disse também que ao usar um dado objeto num homicídio — uma faca, um porrete, um martelo —, muitas vezes o assassino passa a estigmatizá-lo e, embora possa guardá-lo como troféu ou como lembrança, raramente torna a usá-lo. O pessoal do laboratório estava torcendo para que este fosse o caso da fita. Assim sendo, poderiam ter obtido uma correspondência entre as extremidades de ambas as fitas, provando que se tratava do mesmo rolo. Mas se o rolo de M. fora o mesmo usado em Franny, ele o usara outra vez, fazendo com que a polícia não conseguisse encontrar correspondência alguma, Harris me disse que resolvera questionar M. mais uma vez e que não conseguira coisa Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

alguma. Mais uma vez, me avisou para ficar longe dele, o que me leva a crer que talvez Harr is esteja

sonegando informações. Se ele não acredita que M. seja culpado, como afirmou, Por que me diz que é um homem perigoso?

M. e eu seguimos em frente como se nada houvesse de errado. Nem ele nem eu mencionamos a fita que sumiu de seu armário, e ele não mencionou que Harris o interrogou mais uma vez. Já aprendi a aceitar minhas mentiras, e a culpa concomitante, como um elemento desagradável de minha vida.

Esta noite vou encontrar Ian no Ding How para comermos comida chinesa. Só preciso estar lá

daqui a três horas, então decido escrever. Preciso de uma pausa na minha história com M, então sento-me ao computador para burilar um artigo que estou escrevendo sobre a violência crescente em Sacramento. Debruçada sobre as informações que juntei, fico arrasada. Los Angeles, Nova York, Chicago — você espera encontrar selvageria nesses lugares, mas desde quando Sacramento se tornou um lugar tão perigoso para viver?

Não sei por onde começar. Como normalmente escrevo artigos científicos, estou acostumada a lidar com dados empíricos, gerados num ambiente controlado, não recortes de jornais e relatórios da polícia que detalham os pesadelos da vida urbana: estupro, roubo, ataques, assassinato. Assassinato. Sempre volto à mesma tecla. Abro o diário de Franny no computador e vasculho-o mais uma vez, à

procura de pistas. Então abro o arquivo onde mantenho as informações que recebi do legista e da polícia. Não consigo compreender a brutalidade de seu assassinato. O telefone toca, mas não me levanto. Após três toques, a secretária atende. É Maisie, mais uma vez, reclamando por eu não retornar suas ligações.

— Estou preocupada com você — ouço-a dizer à máquina. — Ligue, por favor. — Sinto um não sei quê de remorso. Sei que deveria telefonar, mas não posso lidar com mais ninguém neste momento. E, certamente, não posso lhe contar coisa alguma sobre M. Às seis e meia tomo banho, troco de roupa e saio para o Ding How, no *shopping* Lucky. O

restaurante é pequeno e pouco iluminado e está mais ou menos cheio, com aromas de temperos e de frituras vindos da cozinha. Há espelhos nas paredes, e um biombo chinês oculta metade do salão. Eu o contorno e encontro Ian sentado

no salão de trás, ainda vestindo o temo azul que usa para trabalhar, lendo o cardápio. Eu o beijo enquanto me sento e o garçom aparece imediatamente. Pedimos frango agridoce, carne de porco apimentada, arroz colorido e *wonton.* O garçom nos deixa a sós e retorna em seguida com um bule de chá-Damo-nos as mãos por cima da mesa, entrelaçando os dedos, e compartilhamos a confortável intimidade de duas pessoas que se conhecem bem. Sinto falta de dias mais simples, quando Ian me Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

conhecia tão bem quanto julga me conhecer agora. Sua ignorância, de certa forma, me faz pensar menos nele; como é possível ele não sentir que estou transando com outro homem? À noite, passo horas acordada, angustiada com minha mentira, enquanto ao meu lado, na mais santa ignorância, Ian dorme em paz. Há um ecoar constante de gente conversando, de pratos batendo, de garçons chineses deslizando à nossa volta. Ian me conta como foi seu dia e pergunta quando vou voltar a trabalhar. Eu me esquivo da resposta.

—

Não sei. Sinto falta de algumas coisas, mas estou tão ocupada no momento. Ian enruga a testa de uma forma quase imperceptível. Já tivemos essa conversa antes. Ele sabe que estou ficando obcecada com histórias de morte e destruição e fica aflito comigo. Diz que minha preocupação com o assassinato de Franny está distorcendo minha capacidade de julgamento e que só

enxergo violência, exagerando sua freqüência em Sacramento. Diz que meu sono é agitado, que acordo com olheiras e que às vezes sou evasiva e irritadiça.

Ele acha que está na hora de voltar a trabalhar para que eu deixe a morte de Franny para trás. Segura minha mão com força, chega o corpo para a frente e diz:

—

Não há mais nada a fazer. Você precisa parar de pensar em Franny.

— Como posso fazer uma coisa dessas? Era minha irmã.

— A polícia ainda está atrás do assassino. Deixe que eles cuidem disso.

— Não estão fazendo coisa alguma. — Ian está segurando minha mão com tanta força que está

começando a doer. — Por que quer que eu pare de pensar em Franny? — pergunto, tentando retirar minha mão. — Às vezes acho que você não se importa se o assassino for encontrado ou não.

— É claro que eu me importo. Mas essa obsessão está acabando com você. — Ian olha para a mesa e nota que está agarrando minha mão com força. Ele diminui um pouco a pressão e olha para cima.

Suavemente, diz: — Eu a amo. Você precisa seguir em frente com a sua vida. Começo a dizer alguma coisa para reconfortá-lo quando ouço M. chamar por mim. Eu me viro na cadeira, surpresa demais para conseguir falar.

—

Não se lembra de mim? Philip Ellis. Você escreveu um artigo sobre a pesquisa que eu estava realizando em UCD. Há dois, não há três anos.

Eu o encaro com hostilidade, esperando que ele perceba meu aborrecimento. Ele entende, mas continua a olhar para mim com um sorrisinho malicioso nos lábios. Ao nosso lado, o garçom empilha pratos e tigelas, limpando uma mesa recém-desocupada. Ian solta minha mão, e compreendo que aguarda ser apresentado.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

É... — digo, com incrível fluência para uma escritora.—Este é Ian McCarthy. — Eu dissera a M. pela manhã que viria encontrar Ian aqui esta noite. Eu o fuzilo com o olhar e completo:

— Meu namorado.

Ian se levanta e apertam-se as mãos. Ian, sempre educado, pergunta-lhe sobre o que havia sido o artigo que eu escrevera a seu respeito. M. vira-se para mim e diz:

—

Talvez você consiga resumi-lo melhor do que eu.

Posso sentir o calor invadindo meu rosto. Minha raiva é tanta que mal consigo falar. Ele não tem o direito de invadir esta parte de minha vida.

— Já faz tanto tempo — digo, tensa. — Por que não refresca minha memória?

— Deve escrever tantos artigos que não poderia mesmo se lembrar de todos. — M. sorri e se vira para Ian. — Sou biólogo e estudo o comportamento animal, especialmente o efeito evolucionário da escolha do macho pela fêmea. A história que Nora escreveu foi a respeito de minha pesquisa com sapos. Eu analisei suas reações a vários tipos de cantos de acasalamento e estabeleci uma relação entre a intensidade do chamado e o grau de desejo por parte do macho. Contei a M. a respeito destes sapos quando fez perguntas a respeito de meu trabalho. Nota-se que ele prestou atenção. E continua:

O que estou tentando provar, em termos leigos, é que no mundo animal a fêmea escolhe um determinado macho em detrimento de outros por motivos muito específicos. Elas demonstram preferência por alguns tipos de características masculinas, tais como domínio, força, poder. Isto, por sua vez, influencia a evolução das características dos animais. — Faz uma pausa e continua: — E é

aí que o homem sensível dos dias de hoje sai perdendo. No final das contas, as mulheres não querem grandes envolvimentos com ele. Ian ri.

Encaro M., nem um pouco satisfeita com sua comparação dissimulada, sua insinuação de que prefiro ele a Ian.

— Está enganado — digo com secura, referindo-se às implicações de sua afirmação, coisa que Ian ignora. — Esta é uma análise ilusória, na melhor das hipóteses. As mulheres querem homens sensíveis, delicados, compreensivos.

Nós evoluímos bastante, não precisamos mais que os brutos nos defendam e nos protejam. O que as mulheres de hoje querem é um companheiro, um parceiro, homens que possam satisfazê-las tanto emocional quanto fisicamente. Mulheres não são animais, e portanto sua comparação não se aplica. Eu esperaria que um renomado biólogo como o senhor chegasse a alguma conclusão mais bem fundamentada.

M. olha para mim pensativo, um sorriso discreto se formando em seus lábios, só para mim. Ian parece pouco à vontade com a grosseria intencional de minha resposta. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Querida, ele estava apenas brincando. — Vira-se para M. e dá de ombros, c

omo se se

desculpasse. — Às vezes Nora se empolga.

Eu recrimino Ian:

— Não arranje desculpas para o meu comportamento. Jamais faça isso de novo. Fez-se um silêncio constrangedor. Naquele momento, o garçom chega com nossa comida, e M.,que criara aquele clima desagradável. inventa uma

desculpa qualquer e vai embora. Peço perdão a Ian e credito minha irritabilidade à falta de sono. A intimidade que se estabelecera entre nós dois desapareceu, e nos comportamos friamente, ainda que com polidez, durante o jantar. Na manhã seguinte, quando Ian sai para o trabalho, ligo para M.:O que você pensa que estava fazendo?

— Queria apenas conhecer o seu famoso namorado. — Sem se alterar, ele acrescenta: — Não me impressionou muito.

— Não precisa se impressionar. Eu estou bem-impressionada, e é só o que importa.

— É meigo demais para você. Você jamais vai se satisfazer com ele. Você é como a sapa da pesquisa: precisa de um macho dominador.

— Vá à merda. — E bato o telefone antes que ele tenha a oportunidade de responder. Passa quatro dias sem me dar notícias. Ele, aparentemente, não gosta que desliguem o telefone em sua cara. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

DEZOITO

Estou assistindo a uma aula de M., ouvindo-o falar a respeito da música romântica do século XIX: Chopin, Mendelssohn, Wagner, Liszt, Verdi, Brahms. A sala é de um branco imaculado, um auditório de tamanho médio, em degraus. Há um piano à esquerda, e, enquanto fala, M. caminha pela sala, olhando para cima, para nós, seus alunos. Ele me telefonou esta manhã exigindo que eu assistisse a sua aula esta tarde. M. me convoca, e eu, como Franny, obedeço. Fico pasma diante de minha aquiescência, particularmente após sua pequena façanha no Ding How. Não estou acostumada a obedecer ordens de homem algum, mas ele tem algo que eu quero, a chave do mistério da morte de minha irmã, e portanto jogarei seu jogo. Ele me disse o que usar e, sem maquiagem alguma, pareço uma colegial. Estou vestindo uma saia quadriculada meias três-quartos brancas, mocassins e uma camisa de algodão branco abotoada até em cima. Meus cabelos estão presos com uma fivela. Eu não tinha nada disso em meu guarda-roupa. Hoje cedo, fui até o *shopping* de Woodland e fiz compras na seção para adolescentes das lojas Mervyn's. Admito que quando M. ligou esta manhã e me disse o que queria senti uma certa excitação erótica com a idéia de me vestir de colegial e participar de um de seus psicodramas. Enquanto eu fazia compras, experimentando várias saias no provador, só de imaginar M. me chamando após a aula, levantando minha saia quadriculada e me fodendo no meio do chão da sala de música, minha excitação aumentava. Agora, quem mudar o enredo: quero que me coma em cima do piano.

Eu me sinto um peixe fora d'água, tanto de corpo quanto de alma mas nenhum dos estudantes parece me notar ou prestar atenção em mim. Anotam coisas furiosamente, tentando capturar cada palavra que sai da boca de M. Ele veste calças de pregas, uma camisa de risca-de-giz azul e um *blazer* de *tweed*

que nenhum outro homem desta sala poderia comprar. Embora estejamos olhando para ele de cima, ele está, claramente, em posição de vantagem. Há uma impo-nência nele que nos diminui a nós todos, sua altura, sua postura; a dignidade com que seus cabelos negros vão ficando grisalhos nas têmporas; o conhecimento que ele exala enquanto nós, seus alunos, temos tudo a aprender.

Eu o ouço falar. É um orador cativante. Não é exibido nem extravagante. Muito pelo contrário, aparenta ser bem controlado, seu falar e seus gestos brandos até. Mas sua presença é dominadora, autoritária, e seu amor pela música jorra aos borbotões em cada frase que profere. Está falando sobre a imaginação criativa e de como o Romantismo gerou o conceito do autor, do gênio solitário que, Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

com seu conhecimento superior e sua imaginação, cria uma obra de arte cuja origem se encontr a num lampejo interno de liberação de um *insight*, ou da inspiração, uma epifania musical. Quando olha em minha direção, eu, com a mais inocente das expressões, abro minhas pernas bem abertas para que ele veja o que há por baixo de minha saia um ato decididamente pouco colegial. Isto ele não me mandou fazer. A intenção não é seduzir — não há necessidade disso —, e sim atiçar. Eu adoraria vê-lo perder seu ar *blasé*. Estou usando uma calcinha branca de seda, e seus olhos se fixam nos meus fundilhos por um breve momento. Mas logo os desvia e continua a falar sobre a era romântica, sem que meu pequeno lampejo de inspiração altere sua concentração. Após a aula, depois que todos os alunos já se foram, M. mantém-se arredio. Ele me manda encontrá-lo em casa e em seguida sai da sala e me deixa sozinha. Eu me sinto ridícula com aquela saia xadrez e meias três-quartos, em pé, sozinha, ao lado do piano. Não havia motivo para tanta frieza; eu fiz o que me pedira. Agora estou zangada e

penso seriamente em não ir vê-lo. Mas tal decisão dura pouco pois sei que, apesar de minha raiva e de minha relutância, irei à sua casa. Quando chego lá, está me aguardando. Está na sala de estar, as cortinas estão fechadas, e ele está sentado no meio do sofá, com um olhar frio, de alheamento. Ao seu lado, no sofá, uma palmatória. Antes que eu diga qualquer coisa, ele já começa a me repreender, me dizendo que fui desobediente quando abri as pernas, e que preciso ser castigada. Manda que eu vá até ele. Não vou. M., ainda no sofá, fixa os olhos nos meus e diz que será menos severo comigo se eu não resistir. Um alarme soa dentro de mim, e me ponho imediatamente em estado de alerta.

— Venha aqui — ele me diz com a voz calma e segura de um homem que sabe que, de uma forma ou de outra, conseguirá o que quer. — Você terá que aceitar seus castigos, como Franny aceitou os dela.

— Vá para o inferno. Pacientemente, sem se levantar, ele diz:

— Eu já lhe disse muitas coisas a respeito de sua irmã, Nora. Eu preenchi algumas lacunas. Venho cumprindo com minha parte do combinado. Agora é sua vez. Você vai se pôr no lugar dela mais uma vez e sentir na pele o que ela sentiu. Será mais um complemento tátil do seu diário. Ainda não vou até ele.

Ele inclina a cabeça um pouco e sorri com ar de superioridade.

— Vai gostar de qualquer dor que eu lhe inflija. Você pode confiar, eu não lhe daria mais do que agüentaria. Está pronta para este tipo de disciplina.

Quando não faço a mínima menção de cooperar, ele se recosta e continua:

— Eu vou lhe dar umas boas palmadas, só isso. Vou usar minha mão e talvez esta palmatória, e vai ser doloroso. Vai arder. Você vai tentar não chorar, mas vai chorar. E eu não vou parar de bater Laura Reese - Falsa Submissão



até achar que você já foi castigada o suficiente. Depois, vou te foder. — Ele hesita, mas diz:

— Você

tem escolha, Nora, da mesma maneira que Franny. Você pode ir embora agora mesmo e jamais descobrirá coisa alguma a respeito de Franny. Ou pode vir até aqui. A escolha é sua, e você só tem dois segundos para se decidir. Eu quero logo acabar com isto para poder tocar meu piano. Relutante, vou até ele. Atravesso a sala, pensando em Franny. Ela era tão retraída, tão acanhada, seu amor-próprio tão frágil. Como podia aceitar seus castigos? Que ousadia a dele, aplicálos em alguém como ela. Resolvo não chorar, por mais forte que bata Juro que não lhe darei tal satisfação. Caminho até ele, ele chega o corpo para a frente e me coloca sobre os joelhos. Levanta minha saia quadriculada até a cintura e abaixa minhas calcinhas de seda branca até os tornozelos. Prostrada, humilhada, eu enrijeço, esperando seus golpes. Ele apenas acaricia minha bunda carinhosamente.

—

Tente relaxar — diz e se inclina para beijar uma nádega, depois a outra. Abre as minhas pernas um pouco; seus dedos encontram meu clitóris. Minha prudência começa a ceder. Empurrando as mãos contra o tapete, ergo o corpo para que tenha melhor acesso.—Você gosta disso, é, benzinho?—pergunta. Noto que usou a palavra benzinho, como não notar? Ele jamais usou uma palavra tão terna comigo enquanto transamos. Eu me pergunto se ele estaria encenando alguma fantasia incestuosa: a filha malcriada, de bumbum de fora, deitada no

colinho do papai. A imagem me agrada, e suas carícias me excitam.

Eu me esfrego em suas mãos.

—

Gosto — sussurro. — Gosto sim.

Desliza a boca por minha pele e afasta minhas nádegas, lambendo meu ânus, enfiando a língua lá dentro. Ele introduz um dedo em minha vagina e, quando me sente molhada, insere mais dois. Eu ajeito o corpo para encontrar um ângulo melhor, mas ele se endireita.

— Não — diz, suavemente. Ele me ajeita outra vez e coloca uma das mãos em minhas costas para que eu não consiga me mover; seus outros dedos continuam dentro de mim, pulsando, para dentro e para fora.

— Quero mais — murmuro.

— Eu sei, benzinho. E vou te dar mais, mas não agora. — Ele se curva para a frente, me beija mais uma vez, se retrai e tira os dedos de dentro de mim. — Primeiro preciso castigá-la — avisa, e antes que as palavras atinjam a minha mente, ele bate com força em minha bunda com a palma da mão. Eu grito, mais de surpresa do que de dor, ele me bate mais uma vez, com muito mais força. Sem querer, enrijeço o corpo e luto para fugir de seus golpes. Ele me segura com as duas mãos. —

Não lute — diz, e aguarda até que meu pânico diminua. Quando me aquieto ele afrouxa a mão. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Desfere mais um golpe, mas desta vez estou pronta para a dor e não grito. Mais uma vez, ele me bate

e eu agarro o fundo do sofá com uma das mãos, só para ter no que segurar.

— Quando você for desobediente, vou lhe dar umas palmadas para ensiná-la a se comportar —

e ele me bate várias vezes, cada novo golpe mais forte que o anterior, queimando, marcando minha pele. Vejo-o estender o braço, à procura da palmatória. Ele começa a me bater outra vez, com mais força, a dor lancinante, cada vez mais intensa. Um gemido abafado escapa de minha garganta, apesar dos meus lábios estarem colados, e eu, contra a minha vontade, começo a chorar, silenciosamente no começo e em seguida alto, cada vez mais alto, à medida que minha agonia aumenta. É surpreendente, mas não é simplesmente a dor física que causa minhas lágrimas. Durante o ano que se passou, eu engoli minhas emoções, recusando-me a chorar todas as vezes em que pensei na morte de Franny. Esparramada sobre o colo de M., submetendo-me à força de suas mãos, sinto uma enorme liberação

— de dor, é verdade, e de humilhação, mas também de pesar. Choro por Franny e choro por mim mesma. Choro por minha culpa, por minha cumplicidade não-intencional, e por todas as coisas em minha vida que não correram bem. Paro de resistir e permito que cada golpe me purifique. De alguma maneira que não consigo definir, sinto que o castigo é merecido. Quando termina, ele me ergue e me põe contra seu peito. Ele deixa que eu chore, e, quando me acalmo, beija meu rosto, banhado em lágrimas. Como me prometera, ele tira o resto de minha roupa e me fode.

Depois, deitamos no sofá, juntos, pernas e braços enroscados, nossos corpos banhados em suor, comprimidos um contra o outro.

Uma luz esfumaçada entra pelas cortinas, dando à sala uma atmosfera cálida, gostosa. O ar à

nossa volta está impregnado com o cheiro agridoce de sexo. Encosto minha cabeça no peito de M , e seus cabelos curtos e encaracolados pinicam minha pele.

—

Você não estava chorando por causa da dor—declara. É uma afirmação, não uma pergunta.

Eu me desenrosco de seus braços e de suas pernas e caminho até a poltrona, do outro lado da sala. Sentada na diagonal, com minhas pernas penduradas, deixo que o ar refresque meu corpo. Minhas nádegas ardem ao contato com o tecido. Não quero discutir minhas lágrimas.

—

Suas fantasias são chauvinistas — observo, mudando de assunto.

Ele deixa cair um dos braços no chão, languidamente. Olha para mim, aguardando uma explicação.

— Esta sua obsessão em querer dominar as mulheres, controlá-las, aquele arsenal que esconde no armário, naquela caixa do armário, os chicotes, as correntes e as algemas, não passam de uma Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

fantasia masculina criada para servir à libido masculina. Nenhuma mulher gosta deste tipo de

tratamento. Não é uma fantasia que se baseie na realidade.

Ele assente com a cabeça.

— É bem provável que tenha razão, na maioria dos casos. Mas, no seu caso, a fantasia funciona.

Quando eu nego, ele apenas sorri, preguiçosamente.

—

É claro que funciona. Você não precisa admitir agora, mas vai admitir. É uma questão de tempo.

Não sinto vontade de discutir sobre isso. Ouço o trilar profético de um pássaro e o baque surdo do jornal que é atirado no alpendre.

—

Você sabe o que quer dizer fundição ovular? — pergunto-lhe após algum tempo. Ele balança a cabeça e eu continuo: — É o acasalamento de dois óvulos. A única prole possível seria, obviamente, uma fêmea. Esta experiência já foi realizada em laboratório com ratos e eventualmente será possível também com seres humanos. No futuro, não precisaremos dos homens para procriarmos; não precisaremos de homens para coisa alguma. agressividade e o comportamento dominante serviram para algum propósito, um dia. Historicamente, precisamos dos homens e de sua agressividade para sobrevivermos. Mas a tendência masculina a um comportamento predatório não serve mais à humanidade, e, se não a reduzirem, seu sexo, assim como o dinossauro, estará fadado à

extinção. Daqui a algumas centenas de milhares de anos, se a humanidade ainda existir, ou o sexo masculino se adapta ou deixa de existir. Até o presente momento, não está se adaptando, e o tempo está se passando. As mulheres podem ter seus relógios biológicos para marcar o tempo que têm para ter filhos, mas os homens têm relógios geológicos, que marcam sua existência como sexo. Estamos evoluindo para nos tornarmos uma espécie de um só sexo. As mulheres não precisarão dos homens; satisfaremos nossas necessidades com outras mulheres. Ouça o tique-taque do seu relógio geológico. O leve sorriso que se estampara no rosto de M. enquanto eu falava explodiu agora em uma sonora gargalhada.

—

Pode até ser verdade. Mas não é um problema com o qual eu precise me preocupar. Eu não estarei aqui daqui a algumas centenas de milhares de anos, e hoje em dia as mulheres ainda querem homens. E você, especialmente, Nora, deseja um tipo específico de homem. Na cama, você

quer um homem como eu. Tudo aquilo que você odeia nos homens, a agressividade, a dominação, você deseja na cama. Você quer a brutalidade, a força e a masculinidade do corpo de um homem. Sexualmente, você quer que ele seja rude, predatório. — Ele se senta e olha para mim. — Você gosta de força, de músculos. Nora. Você gosta de uma boa pica, esta é a grande conclusão. Laura



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Ele se levanta e caminha para onde estou. Um filete de suor escorre em seu e

stômago

musculoso.

—

Seu problema é que ainda não evoluiu ao ponto de poder me descartar. Sua sensibilidade lhe diz uma coisa; seus anseios instintivos, outra. Você vai ter que aprender a conviver com ambos. — Ele abaixa e beija minha cabeça, pondo os dois dedos em meus seios. Dou uma tapa em sua mão e ele sai da sala.

Volta com um vidro de loção hidratante e um copo d'água. Não aceito a água que me oferece.

—

Beba. É só água, mais nada. Não aceito por não confiar nele.

Ele dá de ombros e bebe a água. Ele me puxa da poltrona e diz:

—

Deite-se de bruços. Sei que deve estar dolorida.

Estou, é claro, mas não lhe darei o prazer de me ouvir dizê-lo. Deito-me no sofá. Ele se ajoelha ao meu lado, destapando o frasco, Espalha a loção cuidadosamente. Faço o possível para não me encolher.

—

O detetive Harris é seu amigo de verdade.

Fico tensa só de ouvir o nome; até este momento, nenhum de nós havia mencionado o roubo da fita isolante.

—

Ele me deu um... digamos assim... um alerta bastante severo. Disse que se eu a machucasse, da forma que fosse, ele me pegaria. — Cauteloso, massageia a pele de minhas nádegas.

— O que acha que o detetive diria agora? Se a visse assim?

Permaneço deitada, imóvel, quase sem respirar.

—

Eu deveria tê-la castigado há semanas por ter ido a ele, por ter roubado minha fita, mas ainda não estava preparada para isso. Foi uma coisa muito feia, o que fez. Eu deveria lhe dar mais uma surra agora.

Quando diz isso, eu me sobressalto, mas na mesma hora ele coloca a mão nas minhas costas.

—

Eu deveria, mas não vou fazê-lo. Relaxe; por hoje chega de castigá-la. Mas se for à

polícia mais uma vez, com qualquer outra coisa que tenha descoberto a meu respeito, as conseqüências serão graves. Considere isto um aviso.

Penso imediatamente nos amigos de M. que vivem em Lake Tahoe. M. não gostaria que o detetive Harris soubesse a respeito da escarificação.

Em silêncio, carinhosamente, M. passa a loção. Sinto seu frescor em minha pele, seguido de um certo alívio. Após algum tempo, ele diz:

—

De agora em diante, vou surrá-la quando eu bem entender, e você não será avisada. Vou discipliná-la, ou mimá-la, quando eu quiser. Mas não se preocupe, não o farei com freqüência.

— Beija minha bunda. — Não vou exagerar, mas também não serei tão clemente como fui hoje. Eu Laura Reese - Falsa Submissão



posso usar uma escova de cabelos, uma bengala um chicote, o cinto das calças. Vou espancá-la como espanquei Franny, e, se resistir, se arrependerá.

O tom monótono e calmo com que diz tudo isso contrasta com suas palavras. Não posso deixar de sentir um peso no estômago. Será que Franny resistira a ele? Seria sua morte conseqüência de alguma forma de resistência? Ele toca meu rosto e alisa as rugas em minha testa. Vejo que já consegui preocupá-la. Não era esta minha intenção - diz, mas eu sei que era. Ele quer que eu sinta medo.

Quando termina com minhas nádegas, fricciona a loção em minhas pernas, em minhas costas e ombros, e me massageia.

Você pretende ir muito mais longe comigo? — pergunto, e ele sabe perfeitamente bem que não me refiro à massagem.

Ele beija meus ombros e responde:

—

Não se preocupe com o que ainda virá. Eu considero castigar uma mulher algo extremamente erótico. Aumenta as sensações do sexo, como ocorreu com você. Você ainda me agradecerá por esta ação disciplinadora. Vai começar a aguardá-la com um misto de medo, pela dor que sentirá, e excitação pelo sexo que se seguirá. Então, você associará a dor ao prazer, e, quando eu a colocar sobre os joelhos, ou a castigar de qualquer outra forma, você implorará para que

eu pare, mas no seu íntimo vai suplicar por castigo maior. Quando eu castigava Franny, ela jamais conseguia gostar da trepada que se seguia. Mas você adorou cada minuto, portanto não se aflija em relação ao futuro.

Ele beija meu ombro outra vez e se levanta. Está indo para o escritório, para o seu piano. Ao sair da sala, diz:

—

Estou cuidando de seus interesses, sei do que precisa. Você precisa de um homem forte. Nora. Precisa de alguém a quem se submeter.

Eu nada digo. Compreendo, lentamente, que é verdade. Não estou bem certa de como a dor se inclui nisso tudo, mas, em alguma área da minha sexualidade, eu gosto de ser dominada, gosto de ser controlada por uma outra pessoa. Não tenho explicação. Como feminista, isto contraria todas as minhas crenças pessoais. Passei minha vida inteira tentando estabelecer e manter minha credibilidade. Lutei contra homens que tentavam me relegar a uma posição inferior simplesmente por ser mulher. Provei, profissionalmente, que podia ser forte, emocional e intelectualmente, como qualquer homem. No entanto, vejo que o domínio de M. sobre mim, num contexto sexual, é

indubitavelmente prazeroso. Pergunto-me o que estaria acontecendo comigo. Laura Reese - Falsa Submissão

PDL – Projeto Democratização da Leitura

DEZENOVE

— Ele só está brincando com você — diz Joe Harris quando conto que M. me mandara ficar longe da polícia. Eu telefonara para Joe e pedira que se encontrasse comigo.

— Está com medo de que eu esteja chegando perto demais da verdade. Eu soube a respeito da escarificação, e não era para eu ver aquilo. Ele não sabia que haveria aqueles cortes. Achou que estava me levando até lá para ver... não sei bem o quê... umas chicotadas, servidão. Joe me olha por cima da borda do copo. Deve ter acabado de cortar o cabelo porque está com aquela aparência de frescor que os homens adquirem com um simples corte barato. Seus cabelos grisalhos estão curtos e crespos, quase não se vê cabelo em torno das orelhas. Mas ainda tem sobrancelhas que se entrelaçam por cima de seu nariz largo. Veste um *blazer* bege de poliéster, muito justo nos ombros, de mangas meio curtas.

Estamos no Paragon, um bar e churrascaria na rua Dois, na quadra da delegacia de polícia, e que ainda não está cheio, há apenas alguns homens nas banquetas do bar e duas mesas de estudantes da Universidade na extremidade oposta. Recentemente, foi aprovada uma lei em Davis proibindo o cigarro, e é, portanto, digna de nota a ausência do cheiro de tabaco e de nuvens de fumaça flutuando. A iluminação do bar é sombria, mas o ambiente é descontraído. Há mesas de madeira, lambris nas paredes, e uma escadaria muito íngreme que leva ao porão, onde se jogam cartas, e às mesas na calçada.

— Isto não lhe diz nada? — pergunto a Joe. — Ele sabe tudo sobre escarificação, e Franny tinha marcas pelo corpo todo. Sei que foi ele quem a matou.

— Mas você não tem prova alguma, e nós tampouco. — Ele brinca com seu copo de cerveja, virando-o de um lado para o outro e em seguida o afasta para longe. — Eu chequei o casal de Lake Tahoe. Pareceram surpresos em saber que Franny fora assassinada. A mulher é contadora, especializada em impostos, o homem, advogado, e estão casados há vinte e sete anos. Têm três filhos. Além do fato de gostarem de brincar com chicotes e facas, não há nada peculiar a respeito deles. E, quanto ao professor, só têm elogios. Disseram que ele levou Franny até lá várias vezes; que ela era tímida mas participava das brincadeiras voluntariamente.

—

Não acredito nisso.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Joe dá de ombros, num gesto um tanto neutro. Ele chega para a frente e repousa os c

otovelos

sobre a mesa.

—

Se ele a matou, é provável que o peguemos. Mas, por enquanto, não há prova alguma que aponte em sua direção. Você terá que encarar a possibilidade de jamais sabermos quem a matou. Ou por quê. Ou como. Um forasteiro pode ter passado pela cidade, matou-a e foi embora. Pode ter ido para a Flórida ou para Illinois ou para fora do país.

Viro o rosto enquanto fala e olho o céu pela janela. Escurece. Não quero ouvir suas palavras; não quero ser cúmplice de sua derrota. Penso em M., que estará dando um recital no *campus* esta noite. Quando Joe termina, olho para ele mais uma vez e afirmo:

—

Ou pode ser alguém daqui que é esperto o bastante para não se deixar pegar. Alguém que goste de causar dor, de castigar e de ver mulheres sofrendo. Ele toma um gole de sua cerveja. As gotículas de água se desprendem do copo e formam uma pequena poça sobre a mesa. Ele toma um longo trago, termina a cerveja e coloca o copo mais uma vez em cima da mesa. Então me olha fixamente e pergunta sem rodeios:

—

O que anda fazendo com ele?

Agora é minha vez de dar de ombros.

Nada — respondo baixinho. O que posso dizer sobre meus encontros com M.? Como posso explicar uma coisa que nem eu mesma entendo? Não posso confessar minha disposição em me submeter à dominação de M., por mais limitada que seja; não consigo pronunciar as palavras em voz alta. Agora entendo o motivo que levou Franny ao segredo: vergonha. Sua vergonha era aceitar a humilhação infligida por um homem; a minha é a vergonha do prazer que ela me proporciona. Não é

algo que se consiga contar facilmente.

Nada — eu repito e me sinto apequenada.

Joe nada diz. Ele olha para fora, para o céu da noite que chega. Um homem de jaqueta cáqui passa em sua bicicleta, o farol dianteiro formando um pequeno cone de luz à sua frente. Finalmente ele diz:

— O que é que você realmente pretende conseguir dele?

— Você sabe a resposta.

—

Não, não sei — Joe discorda com impaciência. — Não sei o que anda fazendo com ele, exceto, talvez, estar se metendo numa bela encrenca.

—

Se foi ele mesmo quem matou Franny, eu vou descobrir.

—

Você acha que é mais bem treinada do que nós? Já fizemos tudo que era possível fazer. Não conseguimos encontrar nada que o incrimine.

Laura Reese - Falsa Submissão

147



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Isto não quer dizer que ele não a tenha matado.

—

E também não quer dizer que tenha. Ela pode ter sido morta por um psicopata, agindo ao acaso.

—

Você não acredita nisso.

— Talvez sim, talvez não. — Joe se recosta na cadeira e coça o pescoço. Eu gostaria que ele fosse sincero e me dissesse o que realmente acha, o que lhe diz o seu instinto, mas sei que ele não faria acusações infundadas.

— Não havia sinais aparentes de resistência — afirmo. — Nada foi encontrado sob suas unhas, nenhuma luxação em seu corpo. Ela deixou que alguém a amarrasse. Tem que ter sido alguém que conhecia. E vocês não têm outro suspeito. Ele é a opção mais lógica.

- Em seguida acrescento: — Vão continuar a investigá-lo? Joe hesita antes de responder:

— Nós nunca paramos — admite. Ele massageia o nariz com o indicador e o polegar. Parece cansado de mim, e decepcionado.

— Qual foi o verdadeiro motivo pelo qual me ligou, Nora? Quer que eu lhe diga que é uma boa idéia aproximar-se dele? Que você deve continuar saindo com ele? Quer minha permissão para dormir com ele? É isso?

— Não, eu queria lhe contar o que aconteceu, que ele me avisou para não falar com você. —

Eu suspiro, queria poder contar tudo a respeito do meu relacionamento com M. Esta manhã acordei me sentindo desorientada. Meus sonhos me deixaram agitada, como se eu tivesse passado a noite num labirinto, num quebra-cabeça do qual não há saída. As conexões são óbvias; meus sonhos não são sutis. A influência de M. sobre mim aumenta, me puxa, como a força da gravidade, de forma indesejada, sem que eu consiga escapar, sem me deixar escolher aonde vou. Acordei precisando de equilíbrio, e Joe imediatamente me veio à cabeça. Vejo em seu distintivo um antídoto à influência que M. exerce sobre mim. — Não sei o que fazer, Joe. Eu tenho que descobrir mais a respeito de Franny: quem a matou, como a matou.

Ele estende o braço por cima da mesa e coloca a mão pesada em cima da minha.

—

De qualquer ângulo que encarar a coisa, Nora, verá que boa coisa ele não é. Faça-se o favor de ficar o mais longe que puder daquele homem. Volte a viver sua vida.

A preocupação de Joe me toca profundamente, e sua mão sobre a minha me faz sentir estranhamente protegida, amparada. Queria que a deixasse ali para sempre, mas, enquanto desejo isto, ele a tira. Por algum motivo eu penso em sua esposa e em seus três filhos, especialmente nos três filhos, e como estão protegidos firmemente, sob a infalível égide de seu amor. Penso que jamais

PDL – Projeto Democratização da Leitura

voltarei a sentir isto na vida. Sinto as lágrimas encherem meus olhos e pisco repetidamente

para não

deixar que caiam. Sinto surgir em mim a mesma necessidade que Franny tinha pela figura paterna. Começar a compreender isso agora me faz rir com amargura, e constato que com sua morte, e apenas com sua morte, nossas vidas passaram a correr paralelamente. M. estava certo: Franny e eu somos dois lados

da mesma moeda, diferentes na superfície, mas, no fundo, parecidas. Outra risada escapa de meus lábios, e Joe franze a testa, olhando para mim com estranheza. Hoje faz um ano que Franny morreu.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

VINTE

Faz seis semanas que fui assistir à aula de M. vestida de colegial, mas parece que foi há muito mais tempo. Parece que uma vida se passou. Tenho dificuldades em lembrar como era meu mundo antes de M. entrar nele. Eu estava obcecada com a morte de Franny, eu sei, mas era uma obsessão sã, que qualquer irmã teria, sabendo que o assassino de sua irmã continuava vivo e impune. O mundo no qual vivo agora, com M., é doentio, e minha obsessão beira a autodestruição. Tenho plena consciência disso. E também de minha impotência para impedi-lo.

M. manteve sua palavra: ele me castiga quando acha necessário. Seu modo de disciplinar revela-se através de formas doentias de sexualidade, misturando sexo com dor, sexo com domínio, sexo com humilhação, e, para selar o elo, há o prazer, sempre o prazer: ele faz de tudo para me garantir orgasmos poderosos. Meu patamar de resistência aos poucos vai se exaurindo, e a dor é

lancinante. Assim como o êxtase que se segue. Eu conheço o poder de suas mãos e do estalar de seu cinto em minha bunda; eu sei que o prazer que se segue é de uma doçura quase insuportável, a maior doçura que jamais senti. Esta é a arma definitiva: ele me satisfaz como nenhum outro. Descobri que tenho um anseio, um apetite latente, pelo lado sombrio da natureza humana. Gosto que me empurrem até o limite e não consigo ficar longe. Antecipo, com receio e com excitação, o que está

por vir. Aprendi a aceitar a disciplina de M., que, como prometera, usa frugalmente mas com completa autoridade. Ele não me dá escolha a não ser aceitar. Se resisto ele se torna, também como prometera, mais severo. Ele me

trata como uma criança, me leva às lágrimas, me faz implorar por clemência, mas apesar de meus apelos, não mostra piedade. Espreme minha resistência até a última gota, até que, aos soluços, eu me submeto à sua vontade. Ele faz o que deseja, e seu desejo é me ter sob o peso de sua mão. E mesmo assim eu sei que ele exercita seu autocontrole; uma paixão feroz, que ele ainda há de liberar em meu corpo, arde dentro dele, esperando se incandescer. Há algumas semanas, eu lhe perguntei por que não usava a bengala comigo, não que eu estivesse pedindo, só

queria entender seu raciocínio. Ele respondeu: "Agora não. É muito fácil machucar com uma bengala, e você ainda não está pronta para isso."

Ainda não estou pronta. Franny nunca esteve pronta. Ele a martirizou e depois a matou.

— Mas logo estará pronta. Então poderá experimentar a bengala, minha gatinha. Ele me faz sentir como se eu estivesse sendo treinada como um animal, e seu uso freqüente de *gatinha* só reforça minha crença. Quando começou a me chamar de gatinha, achei que fosse um Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

apelido carinhoso, como benzinho ou doçura. Mas para ele demonstra possessão. Uma gatinha é algo que se treina, se disciplina se possui. Eu sou, aos seus olhos, o mesmo que o gatinho da família sua propriedade para ser treinada à sua vontade. Para ser disciplinada quando ele quiser. E, quanto ao fato de eu voltar sempre, não estou bem certa. Sinto a necessidade de saber o que fez com Franny; tenho urna necessidade de saber que vai além da curiosidade normal.

Mas os motivos que me levam a voltar vão além da mera curiosidade; volto por motivos muito mais complicados. Por motivos que não sou capaz de expressar com exatidão.

Reconheço que sou cúmplice de minha própria queda até as profundezas do mundo de M. Não estou isenta de culpa, eu sei. Mas sua influência é perniciosa. Ele encontra as fraquezas de cada um e as explora. A fraqueza de Franny era o fato de fazer qualquer coisa pelo amor desse homem. Ao contrário de mim, ela não gostava de sua torturante marca de sexualidade, mas mesmo assim se submetia.

E eu, por que me submeto? Pelo prazer inigualável que se segue à dor? Para conhecer Franny?

Porque, em algum nível, acho que mereço ser castigada? M., desde o começo, me conhece melhor do que eu imaginara. Ele sabia, antes mesmo de eu tomar consciência, que eu me submeteria, como Franny, embora o fizesse por motivos diferentes. Ele enxergou minha fraqueza e a explorou para seu próprio prazer. É verdade que me sinto atraída por ele, por sua sexualidade, mas também sinto que, se tivesse escolha, eu não estaria com ele. Ele está revelando uma face de minha alma que eu preferiria manter oculta. Não quero fazer parte de seu mundo, mas não sei como escapar dele. É sábado, e ele me convidou para passar a tarde em sua casa. Tomo um banho e visto uma calça *jeans* e uma camiseta cinza desbotada. Ele prefere que eu use saias curtas e vestidos justos, calcinhas de renda, ligas e sutiãs pretos. Mas ultimamente, como forma de protesto, comecei a me vestir mal: calças *jeans* rasgadas, macacões e vestidos largões que vão até quase o tornozelo e calcinhas antiquadas de velha. Isso — minha indumentária surrada — é uma inútil demonstração de desobediência. Embora eu sucumba à sua dominação, não facilito as coisas para ele. Tenho dificuldades em ceder sem lutar.

Estacionado no meio-fio, perto da casa de M., está um caminhão branco do Exército da Salvação, vazio, as portas traseiras abertas, a rampa de carga e descarga armada, inclinada até o asfalto. A porta da frente da casa de M. está escancarada e assim que entro ele me dá uma rápida olhada e sorri.

—

Divirta-se enquanto pode — avisa, olhando de soslaio para minhas calças *jeans* e minha camiseta mal-ajambrada. Ele, em compensação, está elegante, sensual até, vestindo calças Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

claras de linho e uma camisa vinho, macia, aberta na gola. — Logo você aprenderá a coopera r mais efetivamente.

Tento responder mas ouço vozes vindas da parte de trás da casa. Surgem dois homens, um com cinqüenta anos aproximadamente e o outro uns vinte anos mais novo. Cada um segura uma extremidade de uma cômoda de nogueira que pertencia ao quarto de hóspedes. situado nos fundos da casa.

—

Cuidado com esse canto — diz o mais velho com aspereza. Ele parece um estivador envelhecido. Não que seja propriamente grande, e há algumas camadas extras de gordura em volta de sua cintura, mas ele tem uma aparência sólida, firme, como se cada quilo escondido por baixo da camiseta branca estufada tivesse sido empacotado a vácuo. Seus cabelos negros estão se tornando grisalhos, e ele tem aquela aparência enrugada, bronzeada, típica de um homem acostumado a passar a vida ao ar livre.

O outro, um gordinho de cabelos encaracolados, veste um macacão acinzentado. Machuca o dedo e solta um palavrão. Saem porta afora com o móvel.

— O que está acontecendo? — indago. M. coloca uma das mãos em meu ombro, abaixa-se e me dá um beijo suave no pescoço.

—

Algo que quero fazer já há algum tempo — responde gentilmente. Sinto seu hálito em minha pele, a pressão de seus lábios. — Eu decidi que não preciso de dois quartos de hóspedes. Um é

o suficiente.

Os homens do Exército da Salvação entram na casa mais uma vez e somem pelo corredor. Voltam carregando o espelho da cama, um criado-mudo e um abajur. O mais velho faz um gesto rápido com a cabeça na direção de M. e sai. O gorducho pára, repousa o criado-mudo sobre a perna direita e diz:

— Já levamos tudo. Muito obrigado pela doação. Esses troços são muito bacanas. — Ele ergue o criado-mudo e sai. M. fecha a porta às suas costas, pega minha mão e me leva até o quarto dos fundos. Está completamente vazio, sem móveis, bibelôs, tapete, cortinas, quadros. O quarto, com seu teto alto e suas vigas, parece oco.

— O que está pensando em fazer? — pergunto.

Ele olha para mim e não responde imediatamente. Sem móveis e com as paredes brancas vazias, o quarto ganha uma aparência severa e parece muito maior do que antes. Há um janelão na parede leste, e a luz do sol bate no chão de tábuas.

—

Pensei em transformá-lo em sala de jogos — responde por fim; e em seguida olha para minhas roupas e acrescenta: — Mas em vista de sua obstinação, talvez eu devesse chamá-la de sala de adestramento.

Laura Reese - Falsa Submissão

152



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Mais uma vez, a mesma história: obstinação. *Não foi a curiosidade que matou o*

gato, foi a

obstinação. Está aí algo que Franny jamais aprendeu. E algo que é melhor aprender antes que seja tarde Nervosa, eu rio, mas M. não esboça nem mesmo um sorriso. Seus olhos, brilhantes com o reflexo da luz, me calam.

—

Que quer dizer com sala de adestramento?

Mais uma vez escolhe o silêncio. Sinto o perigo no ar, como se fosse tangível, cortante como arame farpado. Uma sala de adestramento. O simples som das palavras me dá arrepios. M. segura minha mão.

— Logo vai descobrir — diz; me leva até o quarto e manda que me dispa. Ele se senta numa cadeira de espaldar alto e me observa. Vou até a cama e tiro meus tênis e minhas meias, as calças *jeans* e a camiseta cinza. As cortinas estão abertas e o sol enche o quarto. Minhas roupas estão empilhadas aos meus pés. — O resto — diz quando hesito, e então tiro as calcinhas e o sutiã brancos, lisos. Na luz suave e pálida do sol da tarde, aguardo as próximas instruções. Ele remexe a gaveta de sua cômoda e tira uma corda preta, de seda

— Não — digo. Não estou tão perdida assim em seu mundo que cedesse a ele neste ponto. Apesar de afirmar que não me machucaria, não deixarei que me amarre; não cederei completamente.

— Não — repito. — Eu jamais deixarei que me amarre, de nenhuma forma. Ele caminha até onde estou e coloca a corda sobre o criado-mudo, senta-se na cama e me coloca sobre os joelhos. Ele está vestido e eu estou nua. O contraste me excita.

—

Você ainda tem medo de mim? — indaga. Ele acaricia meu corpo enquanto fala em meu ouvido com doçura. — Solte-se, Nora. Pode confiar em mim. Sei até onde posso ir com você. Você gosta da dor mas tem medo dela. Comigo, você não precisa ter medo. Sei até onde você

agüenta. Confie em mim, minha gatinha. Eu posso cuidar de você. — Ele beija meu pescoço e meu ombro suavemente, me toca com ternura e sinto uma excitação crescente, mas, ao mesmo tempo, cada uma de suas palavras provoca em mim indescritíveis temores. — Conheço você, Nora, pelo avesso. Vou lhe dar aquilo do que precisa. Você precisa que alguém a domine, que alguém a controle, que a castigue quando faz o que não deve. Você precisa de mim. Ele

abre minhas pernas e afaga a parte interna das minhas coxas. - Não vai doer. Algumas vezes só vou querer amarrá-la porque me agrada vê-la amarrada. Vou querer ver minha gatinha linda arreganhada na cama, completamente submissa, com tiras pretas muito bem amarradas em seus punhos e tornozelos, uma mordaça de seda preta tapando sua boca. Eu quero foder você enquanto estiver presa, desamparada, à minha mercê. Você vai gostar, Nora. Imensamente. Quando se vir sem seu livre-arbítrio, totalmente entregue a mim, vai sentir um novo tipo de liberdade: o mais completo Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

abandono, sem responsabilidade, sem escolha a não ser a aceitação do prazer e da dor que e u posso

proporcionar. E prometo que não lhe darei mais do que poderá agüentar. Conheço seus limites, Nora. Melhor do que você os conhece.

Ofego, e em algum lugar, contra minha vontade e contra minha sensibilidade, percebo que suas palavras são verdadeiras.

—

Você não conhecia os limites de Franny — sussurro. — Você foi além do que ela podia suportar.

M. envolve meu pulso com a mão e o agarra com força, com a outra mão

envolve meu pescoço, sem apertar. Eu resisto ao desejo de me afastar. Eu o olho, aguardando uma resposta, o medo se arrastando pelas minhas veias.

—

Intencionalmente — diz. Ele ainda me segura observa minha reação. Respiro com dificuldade, sentindo sua mão em minha garganta. Meu corpo está tenso. Quero dar um salto, mas sei que M. me apertaria ainda mais. Um minuto se passa, talvez mais. Rouca, a voz quase sumida, sussurro:

—

Você a matou.

Os dedos de M. passeiam pelo meu pescoço. Conheço a força de seus braços, de suas mãos. Sei que ele poderia me esmagar se quisesse.

—

Não. Eu falava de limites sexuais, não de homicídio. Um dia você acreditará em mim; saberá que não a matei e então, talvez, você descubra quem a matou. — Ele retira os dedos de meu pescoço e deixa que escorreguem pelo meu peito, até minha coxa. E continua:

— Eu excedi os limites sexuais dela. Mas você não é Franny seus limites não são os dela. Ela não estava ciente disso, e é bem possível que discordasse, mas tive muito cuidado em não a assustar. Eu conhecia seu limite de aceitação, porém a empurrava pouco mais além a cada nova experiência. Eu achava seu desconforto emocionante. Tenho outros motivos para me conter com você. Quero que sinta prazer com tudo o que lhe proporciono, e sentirá, se eu lhe apresentar cada nova forma de gozo com cuidado. Não irei longe demais com você, não antes de estar pronta Você pode confiar em mim. É importante para mim que você encontre prazer em tudo que lhe ofereço. Somos farinha do

mesmo saco, Nora. Fomos feitos um para o outro. Só que você ainda não sabe. Ele acaricia minhas coxas e minha barriga enquanto permaneço sentada, nua, em seu colo, suas palavras ecoando em minha mente, palavras que me assustam. Eu me encosto nele, procuro apoio, mas sei que não é isso que tem a me oferecer. Eu me pergunto até onde chegará. Por enquanto, toma cuidado quando me castiga, mas por quanto tempo?

—

Você já fez uma mulher sangrar? — indago, sabendo a resposta.

Ele pára, sua mão repousa em minha barriga e responde:



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Sim, mas só as fiz sangrar quando pediram. Lembro-me da conversa que tive mos há

algumas semanas.

— Você disse que às vezes dava mais do que lhe pediam.

— Só porque elas queriam, e agüentavam mais do que sabiam. Não as forçava a fazer nada que não escolhessem fazer, Nora. E elas sempre voltavam, querendo mais.

— Você gostava de fazê-las sangrar?

— Gostava.

— Você fez Franny sangrar?

— Não.

Avalio sua resposta certa de que está mentindo.

— E quanto a mim? Vai me fazer sangrar? Ele coloca meus cabelos por trás da orelha e beija o lóbulo.

— Vamos ver — diz. Em seguida acrescenta: — Talvez. Passo algum tempo em silêncio, e ele também, querendo que eu acredite que terminou. Preciso me afastar dele agora, antes que me faça mal, antes que seja tarde, mas não consigo. Enquanto eu não descobrir o que fez com Franny, como a matou, não posso me libertar, Minha cabeça está a mil, tomada pelo pavor do que ainda está por vir. M. intui minha ansiedade. Com brandura, ele me diz:

—

Não quero que se preocupe. Não sou um homem violento, e nunca baterei em você

por raiva. Eu quero dominar minhas mulheres, mas apenas através do sexo. Eu tinha trinta e dois anos de idade quando uma mulher me mandou amarrá-la

pela primeira vez. A sensação de controle absoluto foi extasiante. Ela me pertencia, podia fazer dela o que bem entendesse. — Ele ri baixinho e continua: — Era minha chefe naquele tempo, a coordenadora do departamento de música. Era mais velha que eu, tinha quarenta e sete anos e era uma mulher muito forte. Mas na cama ela gostava de se despojar completamente, queria que outra pessoa exercesse o controle da situação. E eu descobri, naquela noite, na primeira vez em que a amarrei e a espanquei de leve com as mãos, que era incrível aquela sensação de ter o controle, de ter tanto poder. Era uma inversão de papéis da qual ambos gostávamos. E da qual continuo a gostar, tanto tempo após terminado nosso relacionamento. Gosto que minhas mulheres obedeçam.

Começo a falar mas ele me cala antes que pronuncie a primeira palavra.

—

Não me pergunte por quê — responde, adivinhando minha pergunta. — É possível que não haja explicação psicológica alguma. Eu gosto de dominar, ponto final. Faz parte de mim, faz parte da minha psique, assim como a submissão fazia parte da dela e da sua. Gosto de amarrar, de prender as mulheres, e gosto de bater numa bunda pelada. Eu percorro distâncias variadas com Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

mulheres variadas. Gosto de bater em você com o cinto. É excitante; fico de pau duro na mesma hora. Usarei a palmatória, o chicote de nove tiras, o de equitação e qualquer outra coisa que eu quiser. Vou bater na sua bunda, nas suas costas, nos seus seios e até na sua boceta. O que eu não farei, a não ser que você

me peça, é claro, é esfolar sua pele, fazê-la sangrar. A disciplina que imponho nada tem a ver com violência, e sim com controle domínio. Pode confiar em mim, Nora. Ele me soa convincente, mas eu me pergunto se ele fez o mesmo discurso para Franny antes de sua morte. Não confio nele. Eu me recuso a deixar que me amarre, e M. permite isso. Ele me faz sentar na cama; tira os sapatos, as meias e desafivela o cinto. Ele tira o cinto da presilha das calças, e prendo a respiração esperando para ver se vai usá-lo em mim. Quando não deixei que usasse as cordas, senti que lhe dava um motivo para me castigar. Mas ele se levanta e atravessa o quarto, põe o cinto sobre a cômoda. Sei que gostou do suspense que causou.

—

Há algo que quero que assista. — Ele me leva pela mão até o escritório. Ele me manda sentar no sofá, em frente à televisão, e coloca uma fita no vídeo. Ele possui uma enorme coleção de filmes pornográficos, e já vimos suas fitas antes. Quando bem realizada, a pornografia me excita. Normalmente, no entanto, após quinze ou vinte minutos, o filme começa a me cansar e eu quero um estímulo mais direto, quero que M. me excite.

O título aparece na tela, *Amor paterno,* e entendo imediatamente se tratar de um filme sobre incesto. Eu me deito e procuro uma posição confortável. M., ainda vestido, senta-se numa poltrona, à

minha esquerda. É assim que ficamos normalmente, quando assistimos às suas fitas; ele gosta de me observar enquanto assisto aos filmes, para ver minha reação, para ver quais cenas me excitam. Às vezes ele faz com que me masturbe enquanto assisto ao filme, enquanto ele fica ao lado, observando, impassível.

Há dois atores neste filme, um homem de seus quarenta anos e uma menina. Ela deve ter uns nove ou dez anos. Meu corpo enrijece quando me dou conta de que se trata de um vídeo ilegal. O

homem tira a roupa da menina e ela se coloca na frente da câmera. Não se

trata de uma mulher de dezoito anos fingindo ser uma criança. Ela não tem seios, não tem cintura ou quadris amplos, nem pêlos pubianos. O homem a coloca na mesa e levanta suas pernas de forma a se abrirem sobre sua cabeça.

— Eu não vou assistir a isto — digo com raiva, pondo-me de pé para desligar o vídeo. — É

imoral. É ofensivo.

— Mas você ficou excitada



PDL – Projeto Democratização da Leitura

- Não. — Caminho até sua escrivaninha e me sento, cruzo as pernas. De repente, minha nudez me faz sentir vulnerável. - Assim que você viu a menina, soube que era de verdade. Mesmo assim você assistiu um pouco e estava hipnotizada.

Não foi por desejo. Foi por... sei lá. Eu não conseguia desviar vista. Fiquei chocada. Não assistirei a esse tipo de vídeo.

- Está bem.

Sua resposta, tão simples, me confunde.

Você fez Franny assistir? — indago. Ele assente com a cabeça. — Você a deixou desligar o vídeo?

—

Não, mas ela poderia tê-lo feito. Eu não a impedi, fisicamente, de desligar a televisão. Fico furiosa com seu jeito de torcer os fatos.

— Não precisava impedi-la, você usava chantagem emocional ela. "Faça o que mando ou eu a deixo." "Assista ou a deixo."

— Ela poderia ter desligado tudo, como você fez. Ela tinha escolha.

—

Não, ela não tinha escolha. Ela o amava. Ela teria feito qualquer coisa que mandasse. Você sabia disso e aproveitou-se. — Caminho até o sofá e me sento, subitamente cansada. Abraço os joelhos contra o peito.

— Talvez, mas e você, Nora? Você é mais forte do que Franny. Quando realmente não quer fazer alguma coisa, não faz. Você tem escolha. — Ele sorri, satisfeito, e acrescenta: — E isto quer dizer que tudo o que fez comigo, quer acredite ou não, fez porque quis.

—

Errado. Só estou aqui para saber mais a respeito de Franny.

—

Não se iluda, Nora. Você está aqui porque quer estar. E as coisas que faz comigo, e tudo o que ainda não fez mas haverá de fazer, são feitas porque você quer fazer. Você gosta do sexo, gosta da dor e gosta de mim.

Ele põe a fita na caixa e a guarda. Aproxima-se de mim, senta-se ao meu lado e põe a mão em meu joelho.

— Portanto, não use a morte de Franny como desculpa. Tudo aquilo que faz é por escolha própria.

M. está enganado, e sabe disso. Meu livre-arbítrio é apenas uma ilusão. Eu o desejo, assim como desejo o estranho sexo que oferece, intensamente. Mas jamais tive escolha. Se me afastar dele, estarei me afastando também da morte de Franny, algo que não posso fazer. Estou decidida a saber a verdade, e M. sabe disso.

Ele escorrega comigo pelo sofá e fazemos amor de uma maneira quase terna, de um jeito para o qual eu não estava preparada. A ternura não é nosso *modus operandi*. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

VINTE E UM

Mais tarde, volto para casa. Estaciono o Honda e permaneço dentro do carro, pensando. O

vídeo da menininha não sai de minha cabeça. Ela não tinha mais que dez anos, talvez até menos. É

claro que eu sei que estas coisas existem, mas nunca tinha visto. Quando ouço falar em vídeos pornográficos com crianças, ou de crianças vendidas à prostituição, costumo pensar que esse tipo de coisa ocorre em terras distantes daqui, na Tailândia, no Vietnã, no Camboja, não nos Estados Unidos. Estou sendo ingênua, eu sei. Nosso país também pode ser um lugar sombrio, e, enquanto houver mercado para pornografia infantil, alguém a produzirá. A maldade não tem barreiras geográficas. Penso em Franny aos nove ou dez anos. Não consigo vê-la em um vídeo como esse; é

incompreensível, pavoroso até. Penso em mim mesma aos nove anos de idade: brincando de boneca, recebendo pequenas medalhas de mérito das bandeirantes, pensando no que vestir para ir à escola. Enfim, foi uma infância normal, que deixou recordações normais, o tipo de infância que a menininha do vídeo deveria ter.

O cipreste que ladeia minha casa balança suavemente ao vento. Os pássaros que vivem nas copas das árvores adejam, entrando e saindo dos pinheiros. Minha casa está vazia, e hoje pelo menos não quero ficar sozinha. Considero minhas

opções e descubro que são poucas. Ian está trabalhando e não quero ver M. Afastei-me amigos e de meus colegas; não tenho família. Pressiono a testa com a palma das mãos, lembrando de quando Franny era um bebê. Passei anos insistindo com meus pais para me darem um irmãozinho, ou uma irmãzinha — de preferência urna irmãzinha. Alguém com quem pudesse brincar quando acampávamos, ou quando fazíamos piqueniques, alguém com quem conversar quando meus pais estivessem sendo injustos comigo. Mas quando finalmente tiveram Franny, já era tarde. Ela não seria companhia para mim nas brincadeiras, pois era dez anos mais nova. O que acabou acontecendo foi muito mais precioso. Quando meus pais trouxeram Franny do hospital, minha mãe mandou que eu me sentasse no sofá e colocou o bebê em meus braços. Franny era tão minúscula, tão frágil. Eu a segurei e senti uma imensa onda de amor me invadir, amor por aquela criaturinha que acabara de entrar em minha vida. Assim, me tornei uma segunda mãe para Franny. Eu corria para casa depois da aula para brincar com ela, para alimentá-la, para vesti-la. Guardei minhas bonecas. Eu tinha um bebê de verdade agora, e sabia que um dia teria muitos, só meus.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Fecho os olhos e vejo, como um filme em minha cabeça, minha mãe sentada à

mesa da

cozinha, amamentando Billy enquanto eu banhava Franny na pia de porcelana. Quero que o tempo volte. Quero colocar Franny na pia da cozinha, cheia de água morna e espuma, e vê-la rir, tentando estourar as bolhinhas com os dedinhos gorduchos. Quero mergulhar o patinho de borracha amarela na espuma, mantê-lo debaixo d'água, como se fosse um submarino, e deixá-lo ali, escondido, enquanto Franny revolve a água à sua procura, e, quando ela não está olhando, eu o solto e: surpresa!, ele sobe à superfície, coberto de espuma, e bóia na água. Franny dá risinhos de felicidade, agarra o pato e tenta ela mesma afogá-lo, enquanto mamãe nos olha, sorrindo, com Billy ainda em seus braços. Então meu pai chega em casa, adentrando a porta da cozinha com a maleta debaixo do braço e atirando o jornal na mesa, ajeitando os óculos. O alvoroço causado por seus movimentos nos deixa estáticos, é como se o tempo ficasse suspenso, e Franny dá gritinhos, agita os braços e sorri um sorriso tão enorme que parece que ela não o vê há dias. Meu pai ri, aquela risadinha rouca só dele, põe a maleta no chão, beija minha mãe e acaricia a cabeça de Billy. Então se aproxima de mim e pergunta: "Como vão minhas outras garotas?", me abraça e faz cócegas no queixo de Franny. Quero que aquele tempo volte. Quero tirar Franny da água, com todo o cuidado do mundo para não a deixar cair. Seu corpo rosado, morno e escorregadio, suas pernocas gorduchas chutando o ar, coloco-a sobre a toalha, sua toalha favorita, do Mickey, em cima da bancada. Eu a envolvo na toalha e esfrego seu corpo até estar completamente seco. Quero polvilhar seu corpo com talquinho de bebê

e beijar sua barriguinha, a pele aveludada, com cheirinho de talco, enquanto ela agarra meus cabelos e começa a puxá-los, impaciente. Quero massagear seus pezinhos com talco até vê-la sorrir e retorcer-se na toalha, e em seguida soprar a planta dos pés e beijar seus dedinhos de bebê, um a um, vendo-a bocejar enquanto seus olhinhos se fecham. Quero vestir Franny com seu pijaminha de lã

com gola de renda e segurá-la, já quase adormecida, contra o meu peito para sentir o hálito doce que escapa de seus minúsculos lábios entreabertos. Quero esfregar meu rosto nos cabelos de Franny, quero beijar sua cabeça, só um beijo, só mais uma vez, enquanto ela dorme, profundamente, em meus braços.

Abro os olhos e vejo Franny aos cinco anos de idade, numa foto tirada no jardim-de-infância, seu sorriso tímido, os cachos castanhos presos em duas

marias-chiquinhas, suas presilhas de borboletas de plástico, com uma das mãos segurando o queixo. O fotógrafo tentara, em vão, conseguir que Franny tirasse a mão do queixo. Eu tinha quinze anos naquela época, e ser a segunda mãe de Franny não mais me fascinava. Franny tinha cinco anos e Billy quatro, e já não eram mais novidade. Eu os amava, é claro, mas eles me irritavam com uma certa freqüência: me seguiam pela casa, falando sem parar, entrando em meu quarto despercebidos e rasgando minhas revistas favoritas à procura de fotos de animais, ou usando meu batom para que um pintasse o rosto do outro. Naquela Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

época eu estava muito interessada em meninos e detestava os raros fins de semana em que fic ava em

casa com eles para que nossos pais pudessem ir ao cinema. Eu obviamente culpava Franny e Billy por isso. Quando fiz dezessete anos estava vivendo intensamente minhas crises de adolescência e, portanto, ocupada demais para prestar atenção a meus irmãozinhos. Aos dezoito, saí de casa para ir para a faculdade. Eu os visitava de vez em quando, mas estava atarefada com aulas, provas, um emprego de meio expediente no jornal local, tentando construir um futuro para mim mesma. Minha família, Billy, Franny e meus pais, fazia parte de uma vida anterior, importante, é bem verdade, mas relegada a uma posição secundária. Dos dezoito aos 24, quando Franny veio morar comigo, tenho muito poucas recordações bem definidas dela: quando eu ia para casa para as festas de aniversário, no Natal, no enterro de Billy, quando ela se escondia ao fundo, como que em transe, sem falar com ninguém. Na melhor das hipóteses, são recordações vagas. O

processo de negligência já começara. Ela precisava de mim, mas eu nunca notei.

Entro em casa e, com tristeza, constato que todas as minhas boas lembranças de Franny estão relacionadas aos primeiros anos de sua vida. Ian virá para cá esta noite, então começo a preparar o jantar: peixe assado, salada e pãezinhos. Quando chega, ele me abraça e enlaça minha cintura, beijando-me a nuca com doçura. Uma doce fragrância espalha-se pelo ar. Ian, como faz com freqüência, passou pelo vendedor de flores, na rua F, para comprar um buquê. Enquanto jantamos, Ian me conta como foi seu dia. Ele parara em seu apartamento e trocara o terno por uma calça *jeans* e uma camisa quadriculada de vermelho e cinza, e parece um lenhador, sólido, largo. Me faz lembrar Paul Bunyon, a maneira com que o garfo e a faca somem em sua mão. Mas sua voz é suave, mansa até, e me conta sobre a cobertura que está fazendo do Capitólio, e me debruço por cima da mesa de vez em quando, para tocar a manga de sua camisa enquanto fala, sentindo-me amparada pelo tom de sua voz, pela maciez de sua camisa, sabendo que compreenderia que não foi minha intenção negligenciar Franny.

Mais tarde, Ian e eu nos aprontamos para dormir. Despimo-nos sem a menor cerimônia, acostumados à nudez um do outro. Vestidos com nossos roupões, escovamos os dentes, passamos fio dental e usamos o vaso sanitário. Descubro a cama e tiro meu roupão. Vejo meu reflexo no espelho da porta do armário, meus pêlos raspados. Logo depois de me vestir de colegial, M. os raspara. Aquela noite, quando Ian notara, reagira com desconfiança.

Por que se raspou? — perguntou, incisivo, olhando minha virilha. Seu rosto estava sombrio, sua testa, franzida. Hesitei e disse: Para você.

Ele andara pelo quarto, o rosto fechado, sem dizer coisa alguma. De repente perguntou:

— Você está saindo com outro homem?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— O quê?

— Você ouviu. Está saindo com outro homem?

Eu fiquei ali, estática, sem responder, me perguntando como ele sabia.

—

Você achou que eu não notaria sua ausência, Nora? Quantas vezes eu quis vir para cá

e você me disse que tinha um compromisso. Eu ligo para cá, tarde da noite, e você não está em casa. O sentimento de culpa me invade.

—

Às vezes eu não atendo o telefone — digo, sem convicção. — Quando estou

cansada ou não estou com vontade de conversar, deixo que a secretária atenda. — Tento abraçá-lo e sinto a tensão em seu corpo, o ressentimento. Ele me evita.

— Não respondeu à minha pergunta. — Sua voz é dura, amarga, cheia de desconfiança.

— Você é o único homem que amo — digo, e é verdade. — O único homem. — Mas não é o único com quem tenho trepado, penso, sabendo o que realmente sou: uma farsante. Ian fica quieto e diz por fim:

—

Tem certeza?

Faço que sim com a cabeça. Vagarosamente, ele relaxa:

— Sinto muito, Nora. Não sei por que de vez em quando me dá essas coisas. Eu tento não deixar que aconteça, mas acontece. — Fica mais uma vez em silêncio, mas completa: — Não é

verdade. Eu sei por que fico assim. Era a Cheryl.

Deixo que continue. Há em seu rosto uma expressão atormentada que eu jamais vira.

— Ela provocava coisas em mim que eu jamais soube que existiam.

- Isso aconteceu comigo também, quando Franny morreu. Eu não sabia que podia...

— Não — Ian me interrompe. — Não estou falando do assassinato de

Cheryl, estou falando de... quando estávamos juntos. Nosso relacionamento era tumultuado. — Hesitou, mas acrescentou:

— Ela mentia para mim, ela saía com outros homens. Não com freqüência, mas o bastante para me deixar maluco. Eu achei que ela mudaria, mas não mudou. A coisa foi ficando tão... horrorosa. Não sabia que era capaz de uma raiva tão cega, e isto me apavorava. Não quero passar por isso outra vez.

— Ele me abraçou bem junto ao peito e disse baixinho: — Nunca faça isso comigo, Nora. Nunca. Senti uma culpa sem igual naquele instante, um remorso sem igual. Mais tarde, quando consegui convencê-lo de que eu me raspara para ele, Ian ficou extremamente excitado. Disse que nenhuma de suas namoradas jamais se raspara para ele. Ele não me deixou mais em paz, e passou dias levantando minha saia ou baixando minhas calças só para dar mais uma olhadinha. Agora, no entanto, ele já se acostumou a me ver sem pêlos. Uma vez, quando viu o trabalho que dava raspá-los, sugeriu que os deixasse crescer. Eu lhe disse que gostava de não ter pêlos; disse que me excitava. O que eu não disse é que M. ordena que eu permaneça assim. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

VINTE E DOIS

Estou prestes a tocar a campainha de M. quando ouço o som distante de seu piano. Giro a maçaneta. A porta não está trancada, então entro e a melodia me invade, com mais pujança agora, e encosto a porta. Os raios do sol da tarde descem pela clarabóia, iluminando o *hall*. Num canto, há

uma figueira em flor, com folhas brilhantes, delgadas. Ouço a música, mas não reconheço a peça que M. está tocando. É leve, lírica, romântica.

Olho para dentro do escritório, mas M. não me vê. Suas costas estão eretas, os cabelos levemente em desalinho, e ele parece estar a quilômetros de distância, completamente absorto. Os cabelos caem em seus olhos, e sinto vontade de ir até ele e arrumá-los. Mas não ouso. Ele me parece intocável neste momento, extasiado, perdido num outro mundo. A imagem me excita, e quero interrompê-lo de qualquer maneira. Quero que ele me foda em cima de seu precioso piano. Mas me lembro de minha aparência desmazelada: calças de moletom desbotadas e rasgadas nos joelhos e uma camisa azul que pertenceu a algum ex-namorado, com o colarinho e os punhos esfarrapados. Não lavo os cabelos há três dias. Mudo de idéia. A aura que envolve M. me intimida. Ele está

sensual demais para mim.

A melodia se acelera, seus dedos longos e elegantes correm freneticamente pelo teclado. Enruga a testa.

— Merda! — resmunga. Pára de tocar, ajeita os cabelos negros com os dedos e começa outra vez, ainda sem me ver. Deve ter tocado a nota errada, embora eu não tenha percebido. Ele balança a cabeça para marcar o tempo.

Saio sem importuná-lo e caminho pelo corredor em direção quarto de hóspedes. Abro a porta e nada vejo. É escuro como uma caverna subterrânea. Tateio a parede em busca do interruptor, pressiono o botão, mas nada acontece. Aparentemente não há abajures no quarto, ou lustre. Vou até a cozinha em busca de uma lanterna Abro uma gaveta e encontro fita adesiva, bloquinhos de papel, canetas, uma tesoura e os manuais de instrução do forno de microondas e do fogão. Fecho a gaveta e caminho até o armário de limpeza, que se encontra num canto. Além das vassouras e dos esfregões encostados na parede, e da lata de lixo no chão, vejo um extintor de incêndio na prateleira de cima, e ao seu lado encontro a lanterna. Eu a pego e volto pelo mesmo caminho, parando à porta do escritório. M. ainda toca, alheio à minha presença.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

De volta ao quarto de hóspedes, acendo a lanterna. Um feixe de luz ilumina uma parede

, depois

outra e mais outra. Tudo negro. O quarto foi totalmente pintado de negro. Pesadas cortinas, também negras, impedem a entrada da luz do dia. Inútil, as

janelas foram vedadas. Um tapete preto, oval, cobre quase toda a extensão do chão, revelando apenas o perímetro das tábuas do piso. Uma sala de adestramento, foi assim que M. a chamou. E disse também que eu logo saberia para que seria usada. Sinto-me debilitada e apago a lanterna. Saio do quarto e encosto a porta. Coloco a lanterna em seu lugar na cozinha e fico de pé, ouvindo a música. Está diferente, fúnebre, lúgubre, repleta de acordes pesados e climas dramáticos. Lembra-me de uma viagem que fiz, em pleno inverno, subindo a costa de Big Sur. A paisagem era cinza e gélida, a neblina encobria a cordilheira de Santa Lúcia. Observando o inexorável chocar das ondas, o espetáculo indômito das forças da natureza a sensação de insignificância do ser humano revelava-se por inteiro. Sinto minha insignificância neste momento, e deixo a casa de M., antes que note minha presença.

Vários dias depois, enquanto M. toma banho, eu pego a lanterna e examino outra vez o quarto. Não pode mais ser chamado de quarto de hóspedes, pois um hóspede de verdade jamais ficaria nele. Num canto pendurada em correntes, há uma funda, um arreio talvez, com correias para as pernas e estribos para os pés. No meio do quarto há algo que lembra um guincho, com roldanas de aço, rolos de náilon e cordas pendendo de uma viga no teto. Corro o feixe de luz pelo teto e noto vários ganchos de metal espalhados. Mais cedo, M. me disse que o quarto ainda não está pronto. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

VINTE E TRES

Ontem, enquanto ouvia M. tocar aquela música lúgubre, compreendi o quão hermética minha vida se tornou. Caí num mundo sombrio, de isolamento, no centro do qual está M. Eu tinha uma carreira. Eu tinha amigos. Mas pouco a pouco perdi tudo. Estamos em meados de junho e não vejo Maisie desde fevereiro, um mês antes de começar a sair com M. Era minha melhor amiga antes da morte de Franny. Eu a afastei de mim.

No sábado, ligo para Maisie e, por insistência dela, vou até sua casa, em Sacramento. Há pouco tempo, ela adquiriu uma casa em estilo vitoriano-gótico, com trapeiras no telhado, e a transformou em pensão. Há meses que prometo conhecê-la. Reduzo a velocidade e viro a esquina, verificando o endereço. Estaciono no meio-fio, em frente a uma casa enorme, quase em ruínas, de três andares. A rua é arborizada e charmosa, ladeada por graciosos olmos e plátanos troncudos, mas o imóvel mostra sinais evidentes de decadência. Maisie me dissera que estava reformando a casa, mas eu não esperara encontrar uma desordem destas: a tinta está descascando e a varanda cedeu bem no centro, tal qual um cavalo velho e cansado que foi montado muitas vezes. As folhas das janelas despencaram, as janelas estão manchadas e quase opacas, e na entrada da garagem vê-se uma lata de lixo amassada, descuidadamente deitada.

Entro na casa. À minha frente há uma escadaria antiga que com certeza deve ranger. Uma lâmpada, apagada, pende no corredor sem vida, revestido em madeira barata que já empenou e se soltou em alguns lugares. Viro à direita e entro numa sala cor de damasco iluminada por uma luz pálida. As cortinas estão semi-abertas, os abajures de pé cobertos com cúpulas bordadas. Encostada à

parede há uma mesa coberta com uma toalha de linho pesado.

- Você chegou! — grita Maisie. Eu me viro. É uma mulher robusta, de trinta e tantos anos, usa óculos, tem as sobrancelhas pontudas e lábios muito finos. Está com um vestido branco estampado com imensas e espalhafatosas rosas. Eu esquecera que Maisie sempre usava vestidos de tecidos com motivos florais que me dão vontade de gritar. Eu também esquecera que, para compensar os lábios finos, ela exagera no batom, usando vermelhos berrantes e pintando a boca além do contorno natural. O resultado era que, quando ria, seu sorriso se espalhava pelo rosto de uma forma um tanto grotesca.

— Estou tão feliz em ver você — diz, correndo para me dar um abraço.

— Eu também.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Ela se afasta de mim, à distância de um braço, e me espia através dos imensos óc ulos de

gatinho, lilás.

— Você está com uma aparência horrível — declara, sem a menor cerimônia. Dou de ombros; não há nada que eu possa dizer a esse respeito.

— Venha—diz, agarrando meu braço. — Vamos fazer o grande tour da casa. No final das contas, o grande *tour* não é tão grande assim. O balaústre precisa ser consertado, as paredes precisam ser pintadas, todas as torneiras trocadas, a porta dos fundos trocada. Tento pensar em algo positivo para dizer, e finalmente comento a respeito do teto.

— Gostei dos arabescos pintados nas abóbadas. — Felizmente a tagarelice de Maisie compensa minha falta de entusiasmo.

Ela me leva até o quarto do bebê, o único cômodo da casa que está mais ou menos apresentável. Foi pintado de amarelo, com um barrado de palhacinhos vermelhos e azuis. Observa seu filhinho de dois anos profundamente adormecido num berço de madeira branca, de bruços, com o polegar enfiado na boca. Estico o braço e acaricio suas costas, ternamente. Está vestindo uma camiseta azul e fralda estampada com dinossauros. Tem braços e pernas gorduchos cabelos ruivos encaracolados e um nariz de tobogã, arrebitado na ponta. Pequenas sardas, muito claras, enfeitam seu nariz.

— Você logo vai querer um — sussurra Maisie. O menino faz um bico em torno do polegar e ouve-se um estalido muito suave. Desde que teve um bebê, Maisie vem tentando me convencer a ter um também. Segundo ela, ser mãe solteira não é tão difícil como dizem.

— Eu acho que não — discordo; afasto os cabelos da testa do bebê e toco sua face. Ele tem aquela pele macia e rechonchuda que só os bebês têm. Quando Franny e Billy eram pequenos, eu os amava tão profundamente que sabia que seria mãe algum dia. Como uma espectadora, desde os vinte e poucos anos vi quase todas as minhas amigas casarem-se e terem filhos. Mas eu tinha uma carreira, e não seria isso uma coisa muito melhor? Homens pedem divórcio, filhos crescem e vão embora. E

acabamos, afinal, apenas com nossas carreiras. Bem, pelo menos era isso que eu dizia a mim mesma e a qualquer um que perguntasse, e quase soava

convincente.

Ao deixarmos o quarto do bebê, Maisie me mostra os quartos que aluga. Os inquilinos parecem não se importar com a invasão quando ela bate em suas portas e pede permissão para mostrar seus aposentos. Ela me mostra cada um dos quartos, deliciando-se com sua casa velha.

—

Eu sei que precisa de muitos reparos — diz, me levando de volta à sala. — Mas acho que vai valer a pena, daqui a alguns anos, quando estiver pronta. Sorrio.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Achei o máximo — digo, com a mais absoluta sinceridade. Esta casa é uma ba gunça, mas sinto inveja da paixão de Maisie, de estar decidida a transformar em algo de valor uma verdadeira ruína Desde que Franny morreu não sinto paixão por coisa alguma, exceto pela necessidade de descobrir seu assassino. Sento no sofá, uma peça de um vermelho vivo, coberto com veludo. Maisie se coloca à minha frente, quieta. Ouço um baque, um ruído qualquer vindo de um quartos do segundo andar. Ponho as mãos no colo e as olho, como se as

censurasse.

- Maisie — começo lentamente, mas hesito. Tento outra vez. - Sinto muito. Por quê?

Por não retornar suas ligações. Por ter desaparecido. Maisie acena com a mão como se aceitasse assim meu pedido de desculpas.

Não se preocupe com isso — diz, sentando-se ao meu lado.

Mas quando é que vai voltar para o trabalho?

—

Logo. Logo.

Maisie ergue sua sobrancelha pontuda e me olha.

— Você diz isso há meses. Não acha que já chegou a hora de voltar?

— Não, ainda não. Eu ainda... — Paro e balanço a cabeça. Não posso lhe contar a respeito de M., do envolvimento de Franny com ele e, principalmente, do meu envolvimento. — Preciso de mais tempo. Ainda estou lutando para entender tudo isso.

— Tudo isso o quê, Nora? Não faz sentido algum a maneira como Franny morreu. Mas ela morreu há mais de um ano, e agora já é hora de pôr sua vida em ordem. Você precisa procurar ajuda. Olhe como você está. Parece que não dorme há semanas. Está sem um pingo de maquiagem e seus cabelos estão horríveis. E olhe só o que está vestindo: calças *jeans* esfarrapadas e uma camiseta velha. Você nunca se vestiu assim. Parece que foi ao inferno e voltou. Baixo a vista e

olho minha camiseta. Há uma mancha de leite no local onde derramei meu cereal quando tomei o café da manhã.

—

Há várias maneiras de se chegar até o inferno — digo, pensando no quarto negro da casa de M., na funda de couro, no guincho de aço. — Voltar é que é difícil. Laura Reese - Falsa Submissão

166



PDL – Projeto Democratização da Leitura

VINTE E QUATRO

— O que aconteceu com suas aulas desta tarde? — pergunto a M., pensando no que faço aqui, irritada por ter dormido tão pouco. Ele me ligara da universidade mais cedo e me pedira para encontrá-lo em sua casa. A cozinha me parece clara demais, brilhante, com o sol da tarde entrando pela janela, refletindo-se nos utensílios de cozinha. O esmalte brilhante do fogão e da geladeira me cega. Até a alegria de M. me irrita. Está encostado na bancada, e parece até um anúncio de revista de moda masculina, cada fio de cabelo no lugar certo, nas roupas sequer um mísero amassado, tudo arrumadinho demais, fastidioso.

—

Eu as cancelei. Queria ter a tarde livre.

Puxo as mangas da camisa para cima. Está amarrotada, pois passou a noite na secadora.

— Para quê?

— Tenho algo especial planejado para hoje. Espero que continue a falar, mas não continua.

— E então, não vai me contar? — indago, ficando irritada. Ele se contenta em sorrir, mas acho que está zombando de mim.

— Venha — diz, saindo da cozinha. Eu o sigo pelo corredor, ate o quarto dos fundos, a sala de adestramento. O quarto está escuro e há velas acesas por todos os lados: algumas são grossas e curtas, outras compridas e finas, algumas estão postas em candelabros e outras em pires. Bruxuleiam uma luz pálida por todo o quarto e devem ser aromáticas, pois sinto a fragrância suave, picante e ao mesmo tempo doce de noz-moscada. Olho ao meu redor. Já vira a funda de couro num canto. Da mesma forma, já vira o guincho e os ganchos no teto. Mas agora há uma cama encostada na parede oposta e algum tipo de banco acolchoado no meio do quarto. Correntes pesadas pendem da parede, afastadas o suficiente para que os braços permaneçam abertos, e há, fixados ao chão, ferros grossos para as pernas. Na parede sul, pendurada em ganchos, a coleção de chicotes, cintos e palmatórias. Entre os objetos, montado sobre dois ganchos, o alfanje que o pai de M. usou na Segunda Guerra Mundial.

Sobressalto-me quando sinto a mão de M. em meu pescoço.

— Quero ir embora.

— Ainda não, vou te foder primeiro.

— No seu quarto.

Ele segura meu braço.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Não, aqui.

Olho para ele e vejo firmeza em seus olhos. Nós vamos trepar neste quarto. Ele desabotoa minha blusa, que escorrega pelos meus ombros. Em seguida tira minhas calças *jeans* e minhas calcinhas. Vejo a televisão e o vídeo, ao lado de uma cômoda alta, cheia de gavetas. No canto, há

uma câmera de vídeo num tripé. Olho para os ferros no chão.

— É só isso que quero fazer — digo. — Trepar. M. vê que estou olhando os ferros e sorri.

— Você pode confiar em mim, Nora. Sabe disso.

— Fode logo.

— Está bem — diz M., e me leva até a cama. Eu me deito e sinto os lençóis macios embaixo de mim. Olho as velas queimarem. As sombras das chamas lambem as paredes negras, formando desenhos fluidos. As velas seriam românticas em um outro ambiente; aqui elas me parecem sinistras, ameaçadoras, medievais. Há perigo neste quarto.

M. senta-se na cama. Veste uma camisa azul-escuro. A cor fica bem nele, deixa-o sensual. Ele se inclina e me beija, um beijo longo e sensual, e percorre meu corpo com as mãos. Sinto o aroma suave de sua colônia, cheiro de

especiarias, cheiro de mato, e retribuo o beijo, acariciando seus cabelos, sentindo sua maciez, puxando-o para mim. Ele afasta meus braços e os coloca acima de minha cabeça.

—

Mantenha-os assim e não me toque — diz. Ele se aproxima para me beijar mais uma vez. Sinto sofreguidão em sua língua, em seu peito que se esfrega contra o meu, e o desejo desesperadamente Sinto suas mãos em todo meu corpo, descendo por minhas coxas subindo até os meus seios, percorrendo meus braços.

Ele sussurra:

—

Tenho pensado na discussão que tivemos na semana passada, quando disse que jamais me deixaria amarrá-la ou prendê-la de maneira alguma. — Ele pára um instante e acrescenta: —

Decidi que não vou mais favorecê-la desta forma.

Olho para ele com apreensão.

— Não creio que caiba a você tal decisão.

— Mas é minha a decisão, Nora. Você ainda não compreendeu o princípio básico da submissão. É muito simples: você faz tudo o que eu quiser, quando eu o quiser. Não sei por que você

tem tanta dificuldade em compreender este conceito.

Sinto algo frio e duro se fechar em tomo do meu punho esquerdo. Então, antes que eu reaja, M. agarra meu outro braço e prende algo nele também.

Laura Reese - Falsa Submissão

168



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Viro a cabeça para ver o que está prendendo meus braços e o que vejo me enche de pânico:

algemas em torno dos pulsos, com correntes curtas soldadas aos punhos e presas à parede. Sinto meu coração acelerar, e em seguida tento me acalmar. O medo só serve para piorar as coisas.

—

Solte-me.

M. ignora meu pedido e me beija com brandura.

— Você própria provocou esta situação — diz em meu ouvido. — Se tivesse confiado em mim, eu poderia tê-la amarrado, teríamos nos divertido um pouquinho e eu a teria soltado.

— Tire estas algemas de mim—digo, mas ele apenas me encara com frieza.

— Você entende? Você compreende que você mesma causou esta situação? Se você fosse mais flexível, eu não teria tomado medidas tão drásticas. Eu lhe avisei que não fosse tão obstinada. Agora é tarde, vou lhe ensinar uma lição.

Uma gota de suor escorre em minha testa. Suor de medo, não do calor que faz no quarto. M. se levanta. Ele dobra minhas roupas cuidadosamente e as coloca na mesa; então sai do quarto e fecha a porta.

Eu puxo as correntes, mas estão muito bem presas à parede. Dou outro puxão e sinto os punhos arranharem minha pele. Ao meu lado há uma mesa sobre a qual há uma chave, fora do meu alcance. Torço o corpo, jogo uma das pernas e tento alcançar a chave com os dedos dos pés. A mesa está

longe demais. Tento mais uma vez, estico todos os músculos, e os punhos queimam minha pele. Em vão. Não há como escapar.

Eu grito, mas M. não responde. Olho as velas queimarem. É perigoso me deixar aqui sozinha, com todas estas velas. Uma imagem indesejada invade minha mente: o quarto pega fogo enquanto estou acorrentada à cama, desamparada.

Subitamente, a porta se abre. Eu me sobressalto, prendo a respiração. Vejo apenas o corredor escuro.

Então M. entra. A primeira coisa que noto é o capuz negro. É um capuz de carrasco, do tipo que se vê no cinema: rente à sua cabeça, com buracos enormes no lugar dos olhos e das sobrancelhas, margeando seu maxilar e subindo até o nariz, deixando descobertos, portanto, o nariz e a boca. Em seguida, noto as calças *jeans*, muito justas — M. nunca veste *jeans* —, e o peito nu. Usa uma faixa tacheada na parte de cima do braço e veste luvas sem dedos. Presa a seu cinto há a bainha de uma faca, e apenas o cabo é visível.

Ele bate a porta, caminha até a cama e olha para mim. O corpo pertence a M., mas não reconheço os olhos que se escondem por trás do capuz. São olhos sem expressão, tão destituídos de sentimento humano que poderiam pertencer a um autômato. Ele sobe na cama e monta em meu peito. Laura Reese - Falsa Submissão

169



PDL – Projeto Democratização da Leitura

O peso de seu corpo, o brim em contato com minha pele, a bainha da faca me cutucando as c ostelas,

tudo me deixa claustrofóbica. Ofego. Meus braços estendidos forçam os punhos e as correntes. M. olha as algemas. Ele coloca uma das mãos enluvadas no meu braço direito; seus dedos nus, quase frios, contrastam com o calor do couro da luva.

- Solte-me.

Ele baixa a cabeça num gesto abrupto, como se surpreso por eu ter uma voz. Olhos escuros, agora plenos de uma emoção furiosa me olham por trás daquele capuz horrível. Ele dá um tapa em meu rosto e eu grito.

— Eu, por acaso, permiti que falasse? Permiti?—E me espanca outra vez.

— Pare! — digo, mas minhas palavras só servem para deixá-lo ainda mais enfurecido. Sinto o peso de sua mão mais uma vez, lancinante, quente, e meus

olhos se enchem de lágrimas. Ele baixa a cabeça e coloca o rosto próximo ao meu.

—

Se pronunciar mais uma palavra — geme, agarrando meu pescoço —, será a última. Eu pisco e uma lágrima quente, cheia de dor, corre em meu rosto. Fico ali deitada, sem dizer coisa alguma, com medo de que me bata mais uma vez, rezando para que isto seja o pior que poderá

me acontecer.

M. larga meu pescoço e sai de cima de mim. Estende o braço na direção da mesa e pega uma vela, longa, fina, num candelabro de bronze. Caminha até o pé da cama, carregando a vela ardente.

—

Me dê seu pé — diz, estendendo uma das mãos para que eu ponha o calcanhar na palma de sua mão.

Balanço a cabeça e, instintivamente, trago os pés para perto do corpo. M. nada diz por alguns instantes.

—

Podemos fazer isto de duas maneiras—diz, finalmente, com a voz controlada. — Ou você põe o pé em minha mão por escolha própria ou eu amarro suas pernas. A escolha é sua. Fecho meus olhos e tento conter as lágrimas. Isto foi um erro terrível, penso. Eu não deveria estar aqui. Isto não deveria acontecer. Abro os olhos e abaixo as pernas. M. estende a mão mais uma vez e coloco meu pé direito em sua mão. Minha perna está tremendo, mas eu não

consigo controlála. M. baixa a vela, pára e olha para mim. Seus olhos brilham à luz da vela, dois globos faiscantes atravessando o capuz negro.

—

Shhh — diz ele, alertando-me. — Lembre-se de que não pode falar. Ele leva a chama para bem perto de minha pele, e eu cerro o maxilar para não gritar. Fecho os olhos. M. agarra meu tornozelo e o segura firmemente. Sinto o calor em meus dedos, na planta de meu pé mas não sinto dor. Fico esperando que me queime. Não me queima. Quando abro os olhos ele me solta e diz:



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Muito bem. Eu sei que você queria falar, mas não falou.

Afinal, você pode ser treinada. — Ele se vira, liga a televisão; em seguida, caminha até a câmera de vídeo e a liga. Minha imagem invade a tela, fraca, na luz bruxuleante das velas. M. franze a testa. Ele caminha até a lateral da cama, ainda com a vela nas mãos.

—

Permito que fale agora — diz, e vira a vela.

A cera quente pinga sobre minha barriga. Dou um pulo e grito, mais pelo choque do que pela dor. M. me olha com desdém.

— Você não sabe o que é dor — declara, baixa a vela mais um pouco e a vira. Desta vez o grito é justificável. A cera queima minha pele como ferro quente.

— Por favor. Chega — peço, mas M. me ignora. Gotas de cera quente são pingadas em minha barriga, em volta dos mamilos, na parte interna de minhas coxas. Ele calcula a distância da vela pelos meus gritos, erguendo ou baixando a vela para variar a intensidade da dor. Quando a levanta, a cera esfria um pouco antes de tocar minha pele; mais próxima, a cera me escalda como água fervente. Imploro-lhe que pare.

— Parar? — indaga, segurando a vela a centímetros de minha pele. — Você quer que eu pare?

Olho a chama, sem conseguir desviar os olhos dela.

— Sim — murmuro. — Por favor.

— Você não está gostando? — pergunta, e ouço o escárnio em sua voz. Eu balanço a cabeça. M. levanta a vela e a afasta de minha pele, e respiro aliviada.

—

Então talvez eu devesse lhe dar uma outra coisa — diz, colocando a vela sobre a mesa; olha meu corpo, a cera endurecida sobre meu tronco e minhas coxas, me avaliando. Então caminha até a cômoda, abre a gaveta do meio e volta até o pé da cama com uma corda nas mãos. —

Talvez um pequeno castigo, só para resolver seu problema de disciplina. — Ele estica a corda. São dois pedaços, bem longos; uma das extremidades de cada um está presa a um punho de couro por um anel de metal.

Mais uma vez, instintivamente, recolho as pernas. M. estende mão para evitar que eu o faça. Choramingo ao toque de sua mão; mal resisto, pois sei que, com os braços acorrentados, não vai adiantar muito lutar. Ele coloca um dos punhos de couro em torno de um tornozelo, depois do outro. Fica de pé sobre o colchão e joga minhas pernas para trás de minha cabeça, me dobrando ao meio, e prende a extremidade de cada corda a uma fêmea presa à parede. Minhas pernas estão abertas e meu traseiro suspenso, acima da cama. A parte interna dos punhos que prendem meus tornozelos é forrada com alguma coisa macia, possivelmente lã, e não machuca minha pele, mas a posição é incômoda. M. sai de cima da cama, admira sua obra, caminha até a cômoda e volta com um longo lenço vermelho. Ele o torce em torno dos braços e o estica; então, passa-o por entre minhas Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

pernas e o amarra em volta de meu pescoço. O pânico retorna, pois acho que vai me estrangula r. Mas ele o levanta até minha cabeça e o coloca sobre minha boca, forçando-o por entre meus dentes e amarrando-o atrás.

—

Não posso deixar que faça muito barulho. E você vai fazer muito barulho. Eu

o olho caminhar até a parede sul e pôr-se diante de seus chicotes. Escolhe uma bengala fina, de mais ou menos um metro de comprimento.

—

Bambu — diz, envergando a bengala, de pé sobre mim. — Esta será diferente de qualquer surra que já lhe dei. Pense nas surras anteriores, de palmadas ou de chicote, como meras preliminares sexuais. — Ele corre os dedos pela extensão da bengala, tocando-a de leve. — Isto não vai excitá-la. É castigo. — Ele levanta a bengala e golpeia minha bunda com ela. Minhas pernas puxam as cordas, e uma dor lancinante faz meu corpo estremecer. Gemo, e as lágrimas imediatamente brotam em meus olhos e escorrem pela minha face. — Para mim chega de tolices. Você está me entendendo? Nunca mais quero ouvi-la reclamar quando eu pegar minha corda. E eu a prenderei quando bem entender. — Caminha até a mesa ao lado da televisão e volta com minhas roupas, mostrando-as para mim. Estou farto de ver você de calças *jeans* e camisas sujas — diz, jogando-as no chão. — De agora em diante, vestirá roupas mais apropriadas. Ele estala a bengala mais uma vez, na parte posterior de minhas coxas. Mais uma vez a dor sacode meu corpo, quente, espalhando-se pelo meu corpo, e eu grito apesar da mordaça. Luto com as cordas e correntes.

—

Você está entendendo? — Ele pergunta e eu assinto em meio a lágrimas e gemidos, ainda sentindo a dor na parte posterior de minhas pernas. No entanto, entendi suas palavras muito bem. *De agora em diante vestirá roupas mais apropriadas.* De agora em diante. Ele não pretende me matar aqui. Ele não será meu algoz, não aqui. Não ainda. — Muito bem. Mas ainda não terminei. Mais cinco golpes de bengala.

Balanço a cabeça, desesperada.

—

Sim, minha gatinha — diz, massageando minhas panturrilhas com a mão. — Quero que se lembre disso da próxima vez que pensar em me desobedecer. — E me golpeia com a bengala mais cinco vezes, cada vez com mais força. Uma dor lancinante invade meu corpo. Quando termina, desamarra minhas pernas e as abaixa. Desamarra também o lenço e o tira de minha boca, mas meus braços continuam presos à parede. Ele se senta na cama. As lágrimas ainda escorrem em meu rosto, meu corpo está banhado de suor e maculado pela cera. Passo alguns minutos tentando parar de chorar.

Quando paro, ele pergunta:

— Vai se comportar de agora em diante? Humildemente, eu respondo: Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Vou.

—

Você é uma boa menina — afirma, acariciando meu rosto de teve. — Vai ser uma boa menina de agora em diante, não vai?

Concordo com a cabeça.

—

Foi o que pensei. — Ele olha para mim com cuidado, como se tentasse decidir qual a próxima atitude a ser tomada, seu rosto sinistro escondido no capuz do algoz. Ele solta a bainha da faca do cinto. Vagarosamente, tira a faca e repousa a mão sobre o joelho. A lâmina é lustrosa e curva, com um gancho afiado na ponta. De um namoro anterior, reconheço este tipo de lâmina: é

uma faca de caça, própria para tirar a pele de animais. Ele bate com ela na perna. -Não precisava ser assim. Você mesma provocou isto.

Respiro com dificuldade, olhando a faca enquanto bate com ela nas calças. Penso em Franny, nos cortes em sua barriga e em seus seios. Meu coração bate descompassado. Quero dizer alguma coisa mas não consigo abrir a boca. Ele disse de agora em diante, penso sem parar. Ele disse de agora em diante. Isto não é o fim.

Ele levanta a faca e encosta a ponta em meu seio. Quando sinto a lâmina afiada, deixo escapar um gemido.

—

Você ainda não sabe com quem está lidando, sabe? Eu podia ser um maníaco com uma faca. — Ele pressiona a faca com mais força. — Ou até mesmo um assassino psicótico. Sinto o cheiro do medo em meu suor. Mais uma vez as lágrimas enchem meus olhos.

—

Abra as pernas — ordena. Fecho os olhos. Não consigo fazer o que manda. Ouvi sua ordem mas estou incapacitada de me mover, minhas pernas estão paralisadas, atrofiadas pelo medo e pelo arrependimento.

—

Abra — repete, e eu abro as pálpebras e olho para ele. Ele me encara com uma expressão inflexível, implacável, indecifrável De repente compreendo: vai me matar hoje. Está

irreconhecível por trás desta máscara, é uma pessoa diferente, uma pessoa enlouquecida. Foi isto que Franny viu em seu último dia de vida. Foi isto que aconteceu antes dele trinchar seu tronco. Sinto as lágrimas. — Abra — repete mais uma vez. — Agora.

Balanço a cabeça. M. pressiona a faca com mais força ainda contra meu seio. De alguma maneira, minhas pernas se abrem. E como se outra pessoa as tivesse afastado com as mãos, como se não tivesse sido por vontade própria.

—

Abra mais. Mais.

Meu corpo está pegajoso, úmido de suor. Passo a língua nos lábios. Minhas pernas se abrem mais ainda. Agora estou arreganhada sobre a cama. Sinto-me mais vulnerável do que nunca na vida. Olho a ponta da faca pressionando meu peito e penso em Franny.



Num instante, a faca está entre minhas pernas. Perco o ar quando sinto a ponta gelada tocar os

lábios de minha vagina. Olho as mãos que se encontram no meio de minhas pernas e soluço.

- Não se mova — M. me avisa. Com a mão livre ele segura meu queixo e me força a olhar para ele, não para a faca. — Não se mova — repete, seu rosto colado ao meu, seu hálito quente. Então ele se abaixa no meio de minhas pernas. Fecho os olhos e os aperto bem, murmurando uma prece para alguma força superior.

Sinto a faca raspar a parte interna de minha coxa esquerda. Enrijeço quando sinto a lâmina, esperando que M. a enfie dentro de mim, esperando a dor.

Continua a raspar, primeiro em um local de minha coxa, depois em outro. Olho para baixo e vejo que ele está retirando a cera que endurecera em minha perna. Terminada a coxa esquerda, passa para a direita, tirando toda a cera. Passa para minha barriga, sem deixar sequer um arranhão. Com os dedos, retira a cera de meus mamilos e de meus seios. Há pedaços de cera espalhados por toda a cama. Quando termina, enfia o dedo em minha vagina, torcendo-o.

—

Sua xota está molhada — declara, retirando o dedo e lam-bendo-o. — É incrível o que um pouquinho de medo pode fazer.

Permaneço imóvel.

M. se levanta e tira a bainha do cinto, repõe a faca e a coloca sobre a mesa.

Tira o *jeans* e a cueca mas deixa o capuz, a faixa tacheada e as luvas sem dedos. Caminha em minha direção, de pênis ereto, apanha a chave de sobre a mesa e liberta meus pulsos. Estou livre. Aconteceu tão subitamente que fico atordoada. Baixo os braços e os esfrego, massageando o enrijecimento e a dor. Não consigo expressar o que sinto. Continuo a esfregar os braços, ganhando tempo, tentando entender o que aconteceu. Sinto as lágrimas mais uma vez e fecho os olhos para contê-las.

—

Maldito desgraçado! — digo, tentando me sentar.

Ele me empurra para trás e prende meus braços com os seus.

—

Eu a assustei? — pergunta, me provocando. Tento me levantar, mas ele é forte demais. Meus braços estão doloridos e fracos. — Não tente me resistir, Nora — avisa, e ri em seguida.

Só vai conseguir me deixar com mais tesão. — Ele tenta me beijar, mas viro o rosto. Ele se levanta. — Quer que eu coloque as algemas outra vez?

Fico deitada, furiosa, e o encaro. Ele se põe sobre mim, sua ereção imensa, projetando-se no ar como uma besta enfurecida. O capuz negro ainda está enfiado em sua cabeça, fazendo com que pareça estranho mas ao mesmo tempo familiar.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

E então, trepamos. Não sei por quê, pois ainda estou com raiva pelo que fez. Acho que só

posso ser doente ou tarada. Deitamos na pequena cama, não nos abraçamos mas nossos corpos se tocam. M. tira o capuz e o atira no chão.

—

Hoje eu almocei em Sacramento. No Paragary's. Antes de você vir para cá. Pergunto-me por que estaria me contando isso.

—

Foi perigoso me deixar aqui sozinha, com todas estas velas acesas. Ele muda de assunto.

—

Que bonitas! — ele comenta, tocando as manchas vermelhas em minha barriga. Marcas redondas de queimadura salpicam minha pele. Não há muitas, pois na maioria das vezes M. segurou a vela longe o bastante para a cera esfriar antes de atingir minha pele, chamuscando, mas não queimando. Porém, as marcas que deixou são feias e doloridas. — Gosto de ver minhas marcas em você — diz, delineando-as com os dedos. — Vire, quero ver minha arte em seu traseiro. Eu me deito de bruços e M. sorri, satisfeito.

— Você chegou a esfolar minha pele? — indaguei, certa de que o fizera.

— Nem um pouquinho.

— A sensação é de ter esfolado.

— Mas não esfolei, embora haja uns belos lanhões aqui. Eu poderia ter sido muito mais severo com você.

— Eu não gostei.

— Não era para gostar. Esta foi uma surra para castigar, não para dar prazer. É bom que aprenda a diferença.—Ele baixa a cabeça e beija minha bunda. — Eu gosto de marcar você —

declara, e em seguida acrescenta: — Mas estes ferimentos fecharão dentro de alguns dias, talvez em uma semana. Não deixarão cicatrizes. Eu não lhe disse que jamais a machucaria de verdade? Você

deveria ter lembrado de minha promessa. Assim, não teria sentido tanto medo. Teria sabido que era apenas um jogo.

Eu me viro, franzindo as sobrancelhas. Não acho que M. seja capaz de manter uma promessa, e eu certamente não confiaria minha vida a ele.

— Não foi jogo algum. Você realmente me machucou.

—

Você ainda não sabe o verdadeiro sentido da palavra dor, mas saberá. Em breve. Cruzo os braços. Algumas das velas já se apagaram e o quarto ficou bem

mais escuro. Da parede, o alfanje reluz nas chamas das velas que ainda ardem.

—

Por que trouxe o alfanje de seu pai para cá? M. sorri.

—

Achei que gostaria dele aqui. É só para causar impacto, criar um ambiente apropriado, que cause medo. Faz parte do jogo.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

E esse guincho? E o banco acolchoado? São para quê?

—

Logo descobrirá. — Ele se vira para mim e coloca uma das mãos em meu

seio. —

Algo me diz que está gostando disso.

—

Gostando do quê?

— Do espetáculo como um todo: do medo, do susto. Balanço a cabeça.

— Você foi longe demais.

— Não foi isso que me disse sua xota.

Eu me levanto da cama e apanho minhas roupas.

—

Você sempre gosta quando sou um pouquinho cruel com você, quando puxo seus cabelos, quando sou brusco. Você gosta de um mínimo de medo quando está transando. Confesse, Nora, você gosta do perigo.

Nego.

—

Gosta, sim. Eu senti a adrenalina pulsando pelo seu corpo. Eu senti na sua xota molhada.

Visto minhas roupas.

—

Você descobriu que gosta de viver no limite. Você acha que eu matei Franny e está

temerosa de que a mate também. Isso a amedronta, a apavora, e a enche de um tesão que você jamais sentiu.

—

Não sei do que está falando — digo, abrindo a porta para sair.

- Nora — diz M., com a voz áspera. Eu me viro, impaciente.

— O que é?

— Não quero mais ver essas roupas. Viro as costas mais uma vez.

— Nora.

— O que é? — digo, parando na soleira da porta.

— Há um presente para você na mesa da cozinha.

Eu o deixo sem pronunciar uma só palavra. Entro na cozinha e vejo várias folhas sobre a mesa. Na página de cima está escrito: "Rata d'Água."

Laura Reese - Falsa Submissão

176

PDL – Projeto Democratização da Leitura

VINTE E CINCO

RATA D'ÁGUA

por Frances Tibbs

A garota está alheia a si própria, a seu corpo, à sua mente. Ela tem uma irmã, Nora, e, quando a irmã descobriu o que ela havia feito, ameaçou castigá-la. Nada de televisão durante uma semana, disse Nora severa, como se isto tivesse o poder de detê-la. Mas, quando olhou para a garota, sua raiva pareceu extinguir-se. Nora sentou-se ao seu lado, para uma conversa de irmã para irmã, seus olhos azuis suaves, suplicantes. Ela segurou a mão da garota com força, como se tivesse medo de perdê-la, e com a voz trêmula chamou sua atenção Para os perigos e a convenceu a prometer que não faria aquilo de novo. Seus olhos estavam tão cheios de amor que a garota, com apenas quinze anos, de pele clara e sobrancelhas castanho-claras, baixou a cabeça e concordou, embora soubesse que fazia uma promessa que jamais poderia cumprir.

O que a garota fez foi entrar no mar, serenamente, num dia frio de inverno. O sr. Clancy, o carteiro, levara a garota e sua própria filha até a costa para passarem o dia. A garota não quisera ir, mas Nora tinha que trabalhar naquele dia e disse que ela passava muito tempo dentro de casa, sozinha, e que nunca

brincava com as outras crianças. Então a garota foi com o sr. Clancy e sua filha, Jeanine. O sr. Clancy é um homem alto, o homem mais alto que a garota jamais vira, e ela não conseguia entender como ele entraria naquele Toyota minúsculo no qual viera, mas ele entrou, dobrou-se ao meio como se seu corpo tivesse dobradiças. Jeanine, que freqüentava uma das aulas da garota, foi atrás com ela, conversando sobre um menino que a garota não tinha a menor intenção de conhecer.

Andavam pela praia, embrulhados em seus casacos. Faz frio demais para nadar, disse o sr. Clancy, mas a garota foi entrando, com água até o pescoço, sem se importar com a água gelada que encharcava suas roupas e se infiltrava por sua pele, sem atender aos chamados Laura Reese - Falsa Submissão



desesperados do gigantesco sr. Clancy pedindo-lhe que voltasse à praia. E de repente pareceu

que todos sabiam de sua caminhada para dentro do mar. E pela vizinhança a história correu, o sr. Clancy espalhando a notícia como se fosse uma carta a ser entregue. Ela só quer que a deixem em paz, mas agora, na escola, as crianças a chamam de Rata d'Água. Eles acham que ela ama o mar, ama-o tanto que tem que brincar na água até mesmo no inverno. Rata d'Água. Ela odeia o nome. Eles não sabem o que dizem. Não sabem que o mar a assusta mais do que qualquer outra coisa. Nem mesmo Nora, que devia saber porque vive com a garota e a vê todos os dias e é a única pessoa que sobrou que se importa com ela — nem mesmo Nora sabe por que ela entrou no mar.

Agora a garota está em seu quarto, sentada na cama, com Nora a seu lado.

—

Seus cabelos são tão bonitos — diz Nora, penteando-os com sua escova favorita, de cabo de madrepérola, a escova que um dia fora de sua mãe. — Deveria deixá-lo crescer. A garota não acha seus cabelos bonitos. Não tão bonitos quanto os de Nora. Os cabelos de Nora são negros, brilhantes e completamente lisos, muito chiques, pensa a garota, muito diferentes dos seus, sem graça, castanhos, mal chegando aos ombros. Já foram muito mais curtos, espetados, com quase dois centímetros de comprimento, mas ela parara de cortá-los no dia em que seus pais morreram.

—

Detesto deixá-la aqui, sozinha — diz Nora. É sábado de manhã e ela trabalha, como quase todo sábado. E domingo.

Tudo bem — diz a garota. — Além do mais, eu não vou estar sozinha. Vou à biblioteca. A garota fecha os olhos e sente a escova massagear seus cabelos, lenta, suave, repetidas vezes. Lembra-se do tempo, há mais de dois anos, antes da morte de Billy, quando seus cabelos eram longos e encaracolados — quase batiam na cintura —, e sua mãe os escovava todas as noites. Mas após a morte de seu irmão a escovação terminara, e a garota não viu motivo algum para manter seus cabelos longos. Então ela os cortara, centímetro por centímetro, até que sumissem por completo.

—

Eu fazia isso quando você era pequena — diz Nora, ainda passando a escova pelos seus cabelos. — Eram tão sedosos, tão macios. Eu adorava escová-los. — E acrescenta: —

Ainda adoro. Há quanto tempo eu não fazia isso. — As duas ficam em silêncio. Nora pára e envolve a garota em seus braços. Seu perfume enche o ar, cheiro de flores, etéreo.

Laura Reese - Falsa Submissão

178



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Esta noite faremos algo bem especial — diz, abraçando-a, suas cabeças cola das. —

Vamos sair para jantar e talvez ir ao cinema.

— Está certo — concorda a garota, embora saiba que algum imprevisto surgirá no trabalho e que acabarão não fazendo coisa alguma de especial. A garota não sente amargura; ela acha que deve ser difícil para Nora: fazer um trabalho que exige dela tantas horas e ainda assim tentar encontrar tempo para ela. E Nora tentará, a garota sabe disso, ela tentará; mas ela ficará em casa esta noite, sozinha, sozinha com suas recordações. Nora aperta seus ombros.

—

Eu sei que não passo muito tempo com você. Eu queria que fosse diferente, mas tenho que trabalhar.

—

Tudo bem — diz a garota, decidida a não ir à biblioteca. Nora se levanta e caminha até a porta. Hesita e coloca uma das mãos no portal. Veste um conjunto preto e uma blusa vermelha; está pronta para o trabalho.

—

Tenho tanto orgulho de você. Foi um ano tão difícil e mesmo assim você está indo tão bem. Você só tira A na escola, me ajuda em casa, na cozinha e na limpeza. Às vezes você

age de forma tão adulta que esqueço que você não passa de uma criança. — Ela sorri e sai. A garota espera até que Nora saia do apartamento. Então quando ouve a porta bater, ela se levanta. Tira a roupa, veste um maiô vermelho e se olha no espelho. Ela não sente mais pertencera seu próprio corpo. Está fora dele, em algum outro lugar, e todas as vezes que se olha no espelho uma estranha a encara, uma desconhecida que ela jamais vira. Ela era tão magrinha e agora estas camadas extras de carne iam surgindo em suas coxas e em sua barriga. Seu maiô é

vermelho, com um arco-íris em diagonal, e cabe nela como uma luva. Suas pernas são gorduchas, a pele clara. Não é um corpo com o qual se sinta à vontade, não é um corpo que reconheça.

Ela veste a roupa por cima do maiô e deixa o apartamento. Sente o golpe do ar frio imediatamente e fecha o zíper da jaqueta azul. É outono, e as folhas mortas enchem as calçadas e as sarjetas. Ela caminha pela rua apressada. Ouve o filho do vizinho chamá-la, pedir-lhe que espere, mas ela não pode esperar. Precisa chegar até o mar. Caminha várias quadras até

alcançar a estrada e levanta o dedo para pedir carona. A viagem até a costa demora muito. Portanto, tem que sair muito cedo para voltar antes que Nora note sua ausência. Desta vez ela leva quatro horas para chegar até o litoral e

tem que pegar sete caronas: uma mulher numa perua, uma família numa caminhonete, um carro velho cheio de Laura Reese - Falsa Submissão

179



PDL – Projeto Democratização da Leitura

adolescentes, quatro homens num caminhão — três deles lhe dizem que não deveria pegar caronas, uma garota nova como ela poderia se dar mal. A última carona, um velho num caminhão de terra, a deixa numa pequena cidade litorânea, cujo nome ignora, numa estrada asfaltada, estreita.

Ela caminha apressada, atravessa a estrada para cortar caminho por um campo irregular, pois bem sabe que tem pouco tempo. Logo terá que dar meia-volta e ir para casa. A grama da campina se transforma em faixas de areia; no céu, os pássaros deslizam até a terra e retornam ao mar fazendo uma curva graciosa para o oeste. Ela corre por entre uma fileira de casas de concreto, decadentes, até o oceano, onde uma enseada se esconde sob um promontório rochoso, um local onde ninguém pode vê-la. Aprendera a ter cuidado: seus encontros com o oceano são momentos muito particulares. Ela os aciona, resiste ao máximo e jamais, em hipótese alguma, entra no mar se houver outras pessoas por perto. Ao se aproximar do mar, acelera o passo, e seu coração bate mais rápido. Os barulhos do mar a chamam, atraem-na para mais perto, cada vez mais, movendo-a como a lua move as marés. Caminha com pressa. Logo se encontra no promontório, olhando o mar. Uma brisa salgada embaralha seus cabelos castanhos e curtos. Assusta-se ao ver as ondas ganharem vida, mais pujantes a cada batida, açoitando a praia com fúria crescente. Para cima e para baixo, como uma montanha-russa, íngremes, assustadoras e arrepiantes. O coração em disparada, ela segue o caminho que serpenteia por entre as rochas, levando até a praia. Quando chega na areia, se livra da jaqueta azul e tira os sapatos e as meias. O ar está frio e o céu de um cinza-chumbo melancólico; não

há mais ninguém na praia. Úmida e áspera, a areia está pontilhada de algas lustrosas e o ar está impregnado daquele cheiro úmido, salobro que precede a tempestade. Despe rapidamente as calças jeans *e o casaco cinza. Em pé, na praia, usando apenas o maiô vermelho, ela se sente exposta e nua, vulnerável. O vento joga seus cabelos no rosto, e todo o seu corpo se arrepia.*

Enterra os dedos dos pés na areia. Na escola aprendeu o seguinte: não é sempre que se notam mudanças físicas. Ano após ano, as ondas varrem as rochas e gradualmente, embora ninguém note o que está acontecendo, vão virando seixos, virando areia. Ela suspira e tritura a areia com o calcanhar. Com os olhos arregalados, encara as lonjuras, onde o mar é plano e cinza, pacífico. O mar a amedronta, sua imensidão a amedronta, e no entanto ela anseia por aquela paz. Ela quer estar lá fora, bem distante, onde pode boiar sem ser incomodada. Mas a Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

garota também quer o poder do mar, sua capacidade de transformar rocha em are ia, de transformar algo imenso, sólido e esmagador em coisa alguma. Entra no mar, ofegante; o frio é intenso. A água gelada irrita e corta sua pele. E mesmo assim ela caminha mar adentro, cada vez mais distante, forçando-se a ignorar o frio. Uma onda respinga água salgada sobre ela; as algas se enroscam em suas pernas. Quando a próxima onda chega, ela mergulha e deixa que ela se quebre por cima de seu corpo. Ela emerge tiritando, seus cabelos molhados gotejando até quase o ombro. Mais uma onda chega e a envolve puxando-a para dentro do mar. Desta vez, quando emerge, não encontra o chão. Equilibra-se sobre as águas, esperando a próxima onda. Começara a jogar este jogo há vários meses: ver até onde conseguia ir; ver se o mar conseguia exorcizar todos os seus medos todas as lembranças, boas e ruins. Ela quer que

uma onda imensa e assustadora a trague, que o buraco negro do medo a engula, para que não se lembre de coisa alguma. Mas cada vez que vem até aqui sente que está

ficando mais difícil atingir seu objetivo, e que precisa avançar um pouco mais além. Acima, uma gaivota grita. Uma pequena onda a faz submergir e cobre sua cabeça. Ela sente a água passar por entre os dedos dos pés e das mãos, tentando penetrar por cada poro, cada cavidade de seu corpo. A água a envolve, sufoca-a como a lembrança de Billy. As algas acariciam seu rosto e ela vê os dedos de Billy, engalfinhan-do-se no solo fofo. Suas últimas palavras desabam sobre ela, a voz assustada, chorosa, implorando para que ela não o deixe cair. Ela ainda a escuta, em sonhos. Ela jorra e vaza, a voz onírica, não tão branda assim, como o mar agitado da maré alta. E, como a água nas rochas, ele a gasta, ele a rasga, pedacinho por pedacinho. Ela se atira para cima e mal rompe a superfície da água, caminha em círculos e aguarda. Na praia, há uma fileira de casas sem vida, algumas inclinadas, outras com espaços desajeitados entre uma e outra, mais parecendo uma boca com dentes tortos e sem cor. Enquanto é arrastada pela água, as casas vão ficando cada vez menores. Ela olha por cima do ombro e vê uma onda imensa se formando. Vem rolando em sua direção com a força de um trovão e de repente pára à sua frente, monumental. Parece momentaneamente suspensa, como uma ameaça pairando no ar. Ela sente o medo pesar em seu estômago como uma pedra segundos antes da onda quebrar. Ela é tragada por uma força intensa, trituradora. Ela se sente cair, mais e mais, e em seguida recuar, às cambalhotas, de cabeça para baixo, enquanto a água a arrasta para alto-mar. É o que quer. Quer que o medo a livre de tudo; que todos os pensamentos, todas as imagens sejam sugados pelas profundezas do mar.



A água a envolve, empurrando, fazendo girar seu corpo, puxando-a para baixo. Se u peito parece prestes a explodir, e, inopinadamente, o pânico a domina. Esquece-se de tudo, até mesmo de Billy, exceto da necessidade de sobreviver. Suas pernas roçam o fundo do mar e ela enterra os dedos na areia, desesperada, e mesmo assim o m a r a levanta e a carrega, e a joga de um lado para o outro enquanto a correnteza a carrega. Ela tenta nadar até a superfície, estica os braços, luta para tentar chegar até em cima, mas um rodamoinho insiste em jogá-la para baixo. Seus pulmões começam a doer e ela agita as pernas e os braços, debatendo-se na água, sem resultado. Estende os braços e tenta agarrar alguma coisa, qualquer coisa, mas não encontra nada. Sente que passou a vida inteira estendendo os braços. A água salgada faz seus olhos arderem, e seu corpo está

dolorido. Quando sente que seus pulmões vão realmente explodir, sua cabeça rompe a superfície da água. Ela engole o ar, ofega, o peito arfante. Então ela grita, não sente coisa alguma além de medo, dor, e mais medo, muito medo. Suas lágrimas misturam-se ao mar, despercebidas. A água faz ondas à sua volta, esbofeteando seu rosto, calando seus soluços, calando sua dor. Ainda chorando e assustada, ela começa a nadar em direção à praia. De alguma forma sente-se melhor do que jamais se sentira, com tudo quase, mas não exatamente, esquecido.

PDL – Projeto Democratização da Leitura

VINTE E SEIS

São seis horas da tarde quando chego em casa. Tomo banho, na esperança de que a água morna me purifique, me liberte das lembranças de M. e de sua sala de adestramento e das escapadas de Franny rumo ao mar. Não funciona. No espelho, vejo as manchas vermelhas da cera quente espalhadas pelo meu tronco. Vejo os vergões da bengala em meu traseiro e a pele do pulso levemente esfolada. Porém, com mais intensidade do que os vergões ou as queimaduras, sinto como fui negligente com Franny. Como pude ignorar sua dor?

Visto calças compridas, uma camisa de mangas compridas e acendo a churrasqueira no quintal. Não estou com fome, mas já havia convidado Ian para jantar. Ouço o telefone tocar e corro para atender.

— Alô — digo, e aguardo a resposta. — Alô — repito quando não há resposta. — Há alguém aí? — E continua o silêncio. Ouço a respiração de alguém, mas não dizem nada. Então a respiração torna-se mais alta. — Cristo — resmungo ao telefone. — Será que vocês não têm mais o que fazer?

— Desligo o telefone, irritada. Lembro-me de quando era criança, quando meus amigos e eu passávamos horas nos divertindo passando trotes, às gargalhadas, imaginando a irritação de quem estivesse do outro lado da linha. Ligo a secretária. Se ligarem outra vez, ela atenderá. Volto ao quintal para ver como anda o fogo e volto à cozinha. Eu temperara uma tigela cheia de peitos e asas de frango, e agora a tiro da geladeira. Na bancada, uma garça em miniatura, esculpida em tília, abre suas asas e se prepara para voar. É a escultura mais recente de Ian, e gosto de tocá-la, gosto da tensão das asas abertas, sugerindo

movimento. Faz-me recordar as tantas vezes que vi garças na região de Sacramento, nos brejos, nas beiras dos rios, nos deltas. Estou tirando o plástico que cobre a tigela de frango quando Ian entra porta adentro — ou talvez eu devesse dizer simplesmente quando ele adentra a cozinha. Ele tem um passo leve, como um trotar, como se quicasse no peito do pé. Parece aterrissar na cozinha, tomando posse do espaço com o movimento de seu corpo. Eu lhe dei uma chave da casa há algumas semanas. Não o fiz porque meus sentimentos em relação a ele tenham se intensificado da noite para o dia. Sou uma mulher prestes a se afogar e procuro uma bóia, um salva-vidas: quanto mais M. me atrai para perto dele, mais eu estendo os braços para Ian e o puxo de encontro a meu próprio corpo, para minha própria segurança. Ele chega por trás de mim e me abraça, seus braços de lutador são grossos, fortes. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Que cheiro gostoso — diz ele, beijando meu pescoço. Deve ser o xa

mpu ou o

condicionador com o qual lavei os cabelos. Eu relaxo, encostada em seu corpo, absorvendo o calor de seus braços, aceito o amor que me oferece livremente. Seu corpo é um tronco, sólido o bastante para me servir de apoio. Veio direto do *Bee* e ainda veste seu terno azul, amassado nas costas e nos

joelhos, com a gravata frouxa e torta no peito. Ele começa a se afastar, mas seguro seus braços que envolvem minha cintura.

—

Não tão rápido. É gostoso ficar assim.

Ian obedece e me abraça com mais força ainda. Algumas vezes, acho que se ele me abraçar demoradamente, e com toda a sua força, me fará esquecer M. Eu queria tanto que Franny tivesse tido alguém Para abraçá-la como eu tenho Ian.

—

Vamos jantar frango? — pergunta ele, olhando por cima de meu ombro e afrouxando o abraço.

Deixo que me solte.

— Vamos. E você chegou na hora certa. Se fizer o churrasco eu preparo a salada. Está bem — concorda, tirando o paletó, pendurando-o na cadeira da sala de jantar e livrando-se da gravata. Ele penteia os cabelos louros com os dedos, mas eles imediatamente cobrem-lhe os olhos outra vez. Pega a tigela com o frango, tira um refrigerante da geladeira e sai. Enquanto corto os tomates e a alface, ouço-o assoviar. Me faz sorrir. É tão fácil viver com ele, é tão afável e normalmente tão agradável. Além de suas ocasionais crises de ciúme, não tem um lado obscuro, misterioso, ou tendências a embates psicológicos. Pára de assoviar e eu o ouço conversar com os vizinhos por cima da cerca; ri de alguma coisa. E então sua melodia recomeça, uma música alegre que não identifico.

Depois de algum tempo ele volta à cozinha, pega os pratos marrons e põe a mesa enquanto eu termino a salada. Ele me diz que está escrevendo um artigo a respeito do deputado que apresentou um projeto para permitir que as pessoas decidam se querem que a Califórnia seja dividida em três estados. Acho difícil

sentir algum interesse pela política de meu estado quando meus problemas me parecem tão prementes, e certamente não posso discutir tais problemas com ele. Portanto, quando ele faz uma pausa eu lhe conto a respeito de meu projeto sobre a violência em Sacramento, sobre o que eu fizera hoje pela manhã.

— Não consigo me entender com o artigo. Há um homem que esfaqueou a mulher, surrou-a com uma pedra e em seguida a atropelou duas vezes com o carro dela. E um outro casal, uma mulher mais velha e um homem, foi executado a tiros num assalto a um bar, sem motivo algum. Já haviam entregue todo o dinheiro do caixa para o assaltante. E uma garotinha de três anos que foi morta quando dois ladrões fugiam do Payless de Fruitridge Road e bateram no carro em que ela estava. É



PDL – Projeto Democratização da Leitura

só que... Ah, sei lá, Ian. Nunca tive problemas como estes antes. Tenho toda a informação da qual

preciso, todos os fatos, mas não consigo juntá-los. Não consigo extrair uma história de tudo isso. Não conto a Ian do desespero e da sensação de inutilidade que me invadem quando começo a escrever o artigo. À medida que vou peneirando as informações, os atos de violência sofridos por pessoas anônimas, penso em Franny. É como se ela fizesse parte de todos aqueles acontecimentos. Houve um tempo em que eu conseguia ler tais artigos e permanecer impassível; agora, sinto cada ato como uma ofensa pessoal, e isto está prejudicando minha capacidade de escrever. Não conto a Ian da impotência que toma conta de mim

cada vez que me sento ao computador. Não digo que vejo o mundo com manchas de sangue. Em vez disso, tempero a salada, divido-a em duas tigelas e colocoas sobre a mesa. Ian, que ficara calado enquanto me ouvia falar, começa a dizer alguma coisa, mas muda de idéia. Seus olhos azuis me encaram cheios de preocupação. Ele vai até lá fora e volta para me dizer que o frango ainda precisa de mais alguns minutos na grelha. Quando vou abrir uma garrafa de vinho, ele coloca as mãos em meus ombros.

—

Meu bem — começa com doçura, e eu imediatamente entro em estado de alerta. —, talvez você não devesse escrever este artigo. Você precisa se afastar de pensamentos tão mórbidos, em vez de se concentrar neles. Você não está pondo as coisas em perspectiva. O índice de violência de Sacramento não tem variado muito nos últimos anos e não é pior do que o de qualquer outra cidade do mesmo tamanho. Só que você vem prestando mais atenção para o problema desde a morte de sua irmã.

Entrego a Ian a garrafa de vinho e duas taças.

—

Ponha isto na mesa — digo e saio da cozinha. Eu sei que deveria ouvi-lo, que deveria fazer o que me diz, mas não consigo. Gostaria que fosse mais incisivo, mais inflexível em sua solicitação. Se ele insistisse para eu não escrever o artigo, se me mandasse não o escrever, talvez eu obedecesse. O despotismo é a única forma de autoridade que eu pareço obedecer hoje em dia, e Ian, meu doce Ian, não nasceu para dominar.

Durante o jantar ele está cuidadoso. Mantemos um bate-papo superficial para evitar discussão. Conto a ele que fui ver Maisie no sábado e ele fica contente. Já há algum tempo ele insiste para que eu saia mais, visite meus velhos amigos. Terminamos o frango e a salada estamos comendo amoras com creme de *chantilly* quando Ian olha ara mim e exclama:

— Ah, esqueci de contar. Encontrei Philip Ellis hoje.

— Quem? — pergunto, sem reconhecer o nome.

Laura Reese - Falsa Submissão

185



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Você sabe, aquele homem que encontramos no Ding How. O biólogo sobre o qual escreveu, que trabalha com sapos. Com a escolha da fêmea, ou qualquer coisa do gênero. Ele estava passando pelo *Bee* bem na hora em que eu estava saindo. Conversamos um pouco e fomos almoçar no Paragary's. É um sujeito interessante; foi um almoço agradável. Na semana que vem vamos jogar golfe juntos Eu disse a ele que não jogo desde os tempos de faculdade. Sinto um peso no estômago. Como as amoras sem sentir o sabor Esta tarde, M. mencionou ter almoçado no Paragary's, mas não disse que almoçara com Ian. Estou certa de que seu encontro nada teve de casual. Escuto Ian falar sobre o almoço. Eu me pergunto, com um mau pressentimento, quais seriam os planos de M.

Mais tarde, me dispo no banheiro. Visto uma camisola de mangas compridas para que Ian não veja as marcas. A tensão anterior foi se extinguindo com o passar das horas e mais uma vez nos sentimos à vontade um com o outro. Decido mostrar a ele as histórias de Franny, "Rata d'água" e "A última defesa de

Franny", omitindo que as consegui com M. Digo a Ian que as encontrei no computador de Franny. Ian lê as histórias em silêncio, com os olhos marejados. Em seguida me abraça sem dizer nada, sabendo que as palavras não ajudarão em coisa alguma. Eu me sinto tão próxima de Ian que me pergunto por que não lhe mostrara a primeira história antes. De noite, repouso em seus braços, pensando em Franny e na sala de adestramento. Quando Ian me abraça, é como se tivessem me concedido uma moratória, várias horas de adiamento, para que eu consiga passar pela próxima etapa da provação com M. Com Ian, caminho em terra firme, conhecida. Sei o que esperar e sei que posso relaxar, certa de sua sanidade. M. tira tudo de mim, esgota minhas energias, faz com que me sinta como uma pilha usada. Preciso que Ian me recarregue. Ele me dá

forças para que eu possa tomar outra dose da sedutora loucura de M. Para que eu possa me embrenhar pelo lado obscuro de sua alma.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

VINTE E SETE

Estou usando uma saia de algodão florida, uma blusa branca sem mangas e sandálias, tudo isto por respeito a M. Não é nada sensual, mas nada do qual ele possa reclamar.

— Por que está fazendo isso? — pergunto, referindo-me à sua recente e, creio eu, fictícia amizade com Ian. Estamos almoçando no Baker's Square, meu café favorito nesta cidade. Não há

ninguém nas mesas ao nosso redor, embora várias garçonetes, já quase no final do turno do almoço, estejam ocupadas com suas tarefas secundárias: encher os saleiros, as pimenteiras, limpar e pôr mesas. Querem ir embora. Estou tomando café e sopa, e M. pediu um prato de frango com legumes.

— Por puro divertimento — responde, como eu esperava que respondesse. É uma de suas respostas favoritas. Ele muda de assunto. - Vou dar um recital na galeria Crocker este domingo e gostaria que estivesse lá.

Não respondo. Ainda estou zangada por ter se encontrado com Ian. Ele dá várias garfadas na comida e diz:

Ora, não fique assim tão amuada. Não vou lhe contar a nosso respeito. Nosso segredo está a salvo comigo.

—

Nada está a salvo com você—comento. A sopa é de legumes Parece fresca. Sei que não há nada que eu possa fazer para que M. deixe de se encontrar com Ian, então decido salvar o que posso. E você planeja continuar a vê-lo? — indago. Quando ele assente com a cabeça, digo: — Então me dê alguma coisa em troca.

—

O quê?

—

Você disse que parou de se encontrar com Franny três semanas antes de sua morte. Fale sobre isto.

M. pára de mastigar, baixa o garfo e me olha dentro dos olhos. Vejo a veia de sua têmpora pulsar.

— Por quê? Por que eu deveria lhe contar qualquer coisa? Fico perplexa com a resposta.

— Por puro divertimento. O mesmo motivo de sempre.

M. ergue o garfo e recomeça a comer. Algum tempo depois, diz:

—

Hoje não. Este assunto está me aborrecendo. Vamos falar sobre você. Mastiga a comida vagarosamente, pensativo. Então, com o guardanapo, ele

limpa a boca. Laura Reese - Falsa Submissão

187



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Quero que responda à minha pergunta original. Aquela que lhe fiz na primeira vez em

que corremos juntos. — Ele sorri e diz: — Por que o espanto? Você sabe a que me refiro. Quero saber por que é tão indiferente com os homens.

Eu me recosto.

— Isso sim, iria aborrecê-lo.

— Vou correr o risco — retruca M., terminando seu prato. — Conte para mim por que é tão indiferente com os homens de sua vida.

Tomo um gole d'água. Passei anos achando que não havia nada de extraordinário na forma como trato o sexo masculino. Estava ocupada com a faculdade e com o trabalho; não tinha tempo para envolvimentos sérios. Só ultimamente, depois de tantos anos, comecei a questionar meu comportamento. Quando pouso o copo sobre a mesa, digo:

—

Na verdade não há nada de extraordinário para relatar. É um tanto banal a resposta, sem importância, a não ser para mim. — Tomo outro gole d'água. Ele aguarda, em silêncio, que eu continue. Dou de ombros e continuo: — Se está procurando traumas de infância, não encontrará

nenhum. Nada de tenebroso, que deixasse cicatrizes, jamais aconteceu comigo. Não houve nada, só

uma história corriqueira e enfadonha. Fiquei grávida no ultimo ano do segundo grau e o cara me largou. A experiência me fez ter mais cuidado com os homens. — Brinco com a colher da sopa e digo: — Ponto. Fim da história. Acontece com milhares de mulheres, o tempo todo. Você enfrenta o problema e vai em frente.

M. se recosta e olha para mim com ceticismo.

—

Só que este não foi o fim da história. Continue.

A sopa ainda está quente e eu a sopro antes de tomá-la. Abro um pacote de biscoitos, mordo um e esmigalho o outro dentro da sopa.

—

Aconteceu há dezoito anos; as pessoas agiam de forma diferente naquela época. Parecia maior do que foi. O garoto, o pai da criança, simplesmente me disse que o problema era meu, não dele, e que eu não contasse com sua ajuda para coisa alguma. Eu esperava isto dele: era um imbecil. O que eu não esperava foi a reação dos meus amigos. Eu tinha muitos amigos na escola. Saíamos juntos

sempre. E todos eles reagiram da mesma maneira que o cara: o problema era meu. Baixo a colher e olho pela janela. Nuvens brancas, onduladas, se arrastam pelo céu. No vidro da janela, uma mosca solitária voa em semicírculos, a vidraça uma barreira invisível para os seus intentos. Volto os olhos para M., que espera que eu continue.

—

Bem, o problema era meu. Não sei o que eu esperava deles. Apoio moral, talvez. —

Brinco com o guardanapo que tenho no colo. — Sabe o que minha melhor amiga disse? Palavra por palavra? "O que é que eu vou dizer para a minha mãe? Quando ela souber que você está grávida, vai Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

achar que eu saio por aí dormindo com os garotos também." — Eu suspiro. — Sei lá, ac ho que

esperava um pouquinho de solidariedade da minha melhor amiga. É claro que, pensando bem, compreendo que estava esperando demais deles, de qualquer um deles. Eles só tinham dezessete anos, vivenciavam seus próprios problemas. Mas não consegui enxergar isso naquela época. Só o que eu sabia era que estava enfrentando a maior crise da minha vida e que não havia ninguém Para me ajudar. Eu precisava de alguém. Eu me senti só, abandonada.— Sorrio, tentando encarar com naturalidade uma coisa que um dia me afetara profundamente. —

Sei que soa melodramático mas foi como me senti na época. Eu não podia contar aos meus pais. Não queria desapontá-los. Entrei em pânico. Finalmente percebi a realidade da situação: eu estava completamente só com o meu problema. Ia ter que enfrentá-lo sozinha. Não podia procurar apoio em ninguém.

"Bem, de qualquer forma, fiz um aborto. Isso resolveu o problema. Mas depois, depois do aborto, todos os meus amigos voltaram. Queriam retomar as coisas de onde as deixáramos. Queriam que eu começasse a sair com eles de novo, como se nada houvesse acontecido. — Olho a mosca na janela, ainda tentando escapar, e dou-lhe um peteleco. — Mas algo aconteceu, sim. Eu não podia permitir que as coisas voltassem a ser como eram antes. Terminei o segundo grau, mas de uma forma muito diferente de como começara. Um a um, afastei meus amigos, sistematicamente. Acho que eles não estavam cientes do que eu estava fazendo. Quando ligavam, eu dizia que estava ocupada. Depois de um tempo, pararam de ligar. E era isso mesmo que eu queria, ou foi o que pensei na época. Dou de ombros mais uma vez e acrescento:

— De qualquer maneira, isto se tornou um modelo. Quando conheci pessoas novas, na faculdade, tomava um cuidado extremo. Não só com homens, mas com mulheres também. Alguma coisa dentro de mim dizia que eu não podia contar com ninguém além de mim mesma. Não queria me aproximar das pessoas. Elas iam acabar sempre me desapontando, me magoando. Eu tinha namorados, mas os mantinha a uma certa distância. Estava absorvida pelo trabalho. O trabalho era algo do qual eu gostava e não queria que homem algum se pusesse no caminho. Recentemente, comecei a me questionar se minha vida seria diferente se eu jamais tivesse engravidado, se eu teria estabelecido laços sentimentais mais profundos. Mas a essa altura o modelo antigo já se tomara arraigado. Com Ian no entanto é diferente. A morte de Franny me deixou muito vulnerável, e, de repente, lá estava ele. Ele me fez compreender que eu podia confiar nele, que podia contar com ele. Olho pela janela e em seguida para M.

Já faz muito tempo — digo, pensando que, se as coisas tivessem acontecido de outra forma, eu agora teria um filho ou uma filha de dezoito anos de idade; mais velho do que eu quando fiz o aborto. Parece-me incompreensível: um filho, *meu* filho, um menino ou uma menina, prestes a Laura Reese - Falsa Submissão



ingressar na faculdade. E talvez, mais tarde, um neto. Torço o guardanapo em meu colo e o a liso em

seguida. Penso em contar o resto da história para M. Mas não conto. Seu olhar é penetrante. Ele enxerga mais longe do que eu gostaria.

— Está deixando alguma coisa de fora.

— Estou. Mas não quero falar sobre isso agora.

M. chega o corpo para a frente e põe a mão sobre a minha. É um gesto carinhoso que me surpreende.

—

Perfeito, mas um dia vou querer saber o resto da história. Ele se recosta no assento e continua:

— Há outra coisa que eu gostaria que me contasse. Quero os detalhes do assassinato de Franny. A...

— Não é você que deveria dá-los a mim? — pergunto, impassível, tirando minha mão de debaixo da sua.

Vejo um lampejo de irritação nos olhos escuros de M., uma tensão em seu maxilar que ele rapidamente relaxa. Ele continua, como se eu não o tivesse interrompido.

—

Os jornais deixaram os detalhes de fora, e a polícia, como você pode imaginar, relutou em compartilhar tais informações comigo.

A garçonete pára à nossa mesa e enche minha xícara com café. Quando nos deixa, M. diz:

—

Dê-me esses detalhes e eu lhe conto como foi meu último contato com sua irmã. É

importante, Nora. Eu talvez possa ajudar você a encontrar o assassino de Franny. Afasto a tigela de sopa. Não sei que tipo de jogo é este, ou por que finge ignorância. Ele conhece muito bem as circunstâncias da morte de Franny.

Permanecemos em silêncio enquanto a garçonete tira nossos pratos. Ela pergunta se queremos torta para sobremesa, e, quando nenhum dos dois responde, ela se afasta, desconcertada com silêncio.

—

Você não tem nada a perder me contando — diz M. — se fui eu que matei Franny, sei como morreu. Mas se não fui eu, talvez possa ajudá-la. Preciso saber como morreu. Reflito.

— E você me contará como foi seu último contato com Franny? Um pouco antes de sua morte?

— Sim.

Hesito, sem saber o que fazer. O simples fato de ele querer esta informação me faz relutar em fornecê-la.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Certo — digo, decidida a minimizar os fatos. — O que publicaram nos jornais é ve

rdadeiro:

não sabem como morreu. No atestado de óbito, a *causa mortis* consta como "não-determinada".

— E o resto? — M. está inclinado para a frente, ouvindo atentamente. Dou de ombros.

—

Não sei o resto. Quando a encontraram estava nua e presa. Foi só o que a polícia me disse. — Não lhe digo que estava presa com fita isolante. E que tinha marcas de cortes por todo o peito e pela barriga. Não eram lacerações profundas, eram cortes superficiais. Desenhos. Estampas. Como se fosse uma obra de arte que demorara bastante para ser completada. Uma das marcas era um círculo cortado com uma linha: o símbolo universal da negação, o símbolo matemático para um conjunto vazio, como se o assassino negasse sua existência. Não lhe conto que ela fora amordaçada para que os vizinhos não ouvissem seus gritos.— A necropsia nada revelou. Eles não sabem o que a matou.

Ele se recosta. Está em silêncio. Eu também. Finalmente, e com uma enorme dificuldade para eliminar o sarcasmo do tom de minha voz, digo:

—

E como é que esta informação vai ajudá-lo a encontrar o assassino de Franny?

M. balança a cabeça.

—

Não sei ainda, mas tenho uma idéia.

- Agora é sua vez — digo.—Quero saber como foi seu último contato com minha irmã. Ele faz sinal para a garçonete e pede mais café. Depois que ela enche sua xícara, ele começa a falar. Eu ouço, atentamente. Terei que escrever tudo o que me diz quando chegar em casa.

Laura Reese - Falsa Submissão

191





PDL – Projeto Democratização da Leitura



PDL – Projeto Democratização da Leitura

VINTE E OITO

Franny deu heparina, um anticoagulante, a um paciente de hemodiálise de 59 anos de idade, o sr. Cole, e em seguida caminhou até a seção de enfermagem para checar os resultados de seus exames. Queria ficar de olho nele. Tinha pressão baixa muito baixa e na semana passada sua fístula coagulara antes do tratamento. Ela precisara enviá-lo para o hospital para que um médico a abrisse, e eles fizeram a diálise lá mesmo, mantendo-o internado aquela noite. A equipe da clínica estava completa, então ela ficara com os pacientes: distribuindo remédios, interpretando resultados de exames, fazendo as rondas quando o médico aparecia e se certificando de que as ordens eram cumpridas. A semana transcorrera relativamente bem, sem problemas além do sr. Cole. Todos os pacientes vinham três vezes por semana durante um período entre duas e quatro horas, e já conheciam a rotina. A maioria estava lendo, dormindo ou assistindo a algum programa nos televisores presos ao teto, acima de suas poltronas. A sala parecia estar mais alegre hoje, talvez porque fosse primavera. O céu azul adquirira um novo brilho, um maravilhoso resplendor, como se tivesse sido polido recentemente. Das árvores brotavam folhas novas, que se abriam ternamente em frágeis tons de verde. Do lado de fora da janela Franny podia ver um gaio azul voar da copa de uma árvore à outra. Ela sempre gostara da Primavera, sua estação favorita, um tempo de renovações e novos começos. Mas este ano a alegria da estação lhe escapara.

Ela foi até a sala dos funcionários, comprou uma xícara de café e duas barras de chocolate da máquina e se sentou. Estava com dor de cabeça e não se sentia bem. Rasgou o papel do chocolate e pensou na noite anterior. Michael a prendera outra vez. Não conseguia compreender por que ele o fazia. Não conseguia compreender como uma pessoa tão gentil podia ser tão cruel. Ele a segurara em

seus braços e afastara seu cabelo do rosto, com ternura, ouvindo enquanto ela lhe implorava, baixinho, para não a machucar. Então, quando ela parara de chorar, ele lhe explicara calmamente que a prenderia sempre que desejasse, que ele a castigaria sempre que quisesse, e que esperava que ela se submetesse aos seus desejos. Beijando-a suavemente, ele tirou suas roupas e acariciou seu corpo afetuosamente, enquanto ela permanecia deitada na cama chorando no travesseiro. Ela compreendera então, pela primeira vez, que seria sempre assim, que ela não poderia mudá-lo e que ele sempre necessitaria, por motivos que não entendia, vê-la humilhada, subjugada diante dele. E ela também sabia que estava disposta a ver em sua brutalidade o preço de seu eventual amor. Talvez fosse um teste, sua brutalidade, algo que devesse suportar. E em algum canto de sua mente fragmentos Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

desconexos de pensamentos antigos, os altos e baixos de um tempo passado, vagaram dia

nte dela:

sofrer para ter poder, usar a dor para aliviar a dor, a lógica sioux de que uma coisa leva à outra. Ele então a fez se ajoelhar na frente da cama, com o peito e o rosto pressionados contra o colchão, e amarrou cada uma de suas mãos a uma estaca apertando as amarras de tal forma que ela ficara com marcas de queimadura nos pulsos quando tentara se soltar. Ele a surrou com uma bengala, que era mais dolorosa do que o chicote ou a palmatória ou o chicote de montaria. Ela tinha vergões vermelhos no traseiro, marcas horríveis, como cortes num

pedaço de carne, as marcas longas, finas, símbolos de uma afeição maldirecionada. Michael se desculpara mais tarde. Dissera que não fora sua intenção deixar vergões tão graves, mas que se empolgara, e prometeu que não a castigaria de novo, pelo menos fisicamente, até que as feridas cicatrizassem. Mas o resto, o não-físico, continuou como antes, ou até piorou. Ela não conseguia escrever no diário as coisas que ele fazia com ela; sentia vergonha demais. Ela pensava em terminar com ele todos os dias, mas sabia que não o faria jamais. Especialmente agora, depois da morte da sra. Deever. Agora ela precisava dele mais do que nunca. Franny comeu os dois chocolates e se levantou para comprar mais um. Há duas semanas, a sra. Deever chegara na clínica com uma aparência horrível. Estava letárgica, a pressão sangüínea baixa e o estômago dilatado. Franny ligou para o médico, que a mandou enviar a sra. Deever para o Hospital Kaiser. Uma semana depois, ela morria no hospital. Franny esperara por isso, não foi surpresa alguma. Mas mesmo assim ficou triste. Ela se tornara enfermeira para salvar as pessoas, pessoas como Billy, e sofria quando um paciente morria. Mas a sra. Deever, era como perder os pais outra vez. Aqueles velhos sentimentos que tentava esconder, a solidão, o abandono, a insegurança, todos voltando à tona, fazendo-a lembrar o quão frágeis eram os laços que tinha com todos aqueles que amava. Estava tomada pela dor, uma dor que ia além de seu pesar pela sra. Deever. Sua primeira reação foi querer guardar os sentimentos consigo mesma, como fizera durante tantos anos, mas sabia que chegara a um ponto crítico. Estava se perdendo de si mesma e, se não pedisse ajuda agora, estaria perdida para sempre. Ligou para Nora mas não a encontrou, e Nora jamais retornara sua chamada. Quanto a Michael, bem, ele fora solidário em relação à sra. Deever, mas não se importava muito. Estava claro pela forma como agia. Ele não conhecia a sra. Deever, portanto não podia culpá-lo por não se importar com sua morte. Mas ele poderia ter sido um pouco mais sensível em relação aos seus sentimentos. A falta de reação, tanto de Michael quanto de Nora, a fez recuar. Ela estava só, deslizando lentamente para dentro de um abismo criado por sua própria mente. Michael deveria tê-la salvo. Ela achou que, a essa altura, ele já a amaria. Mas a cada semana que passava ele se tornava mais e mais distante. Ela fazia tudo o que ele pedia, e mesmo assim sentia que não conseguia agradálo. No fundo, ela sabia que seu relacionamento com Michael era destrutivo, mas também sabia que Laura Reese - Falsa Submissão



não conseguiria deixá-lo. Mesmo que as coisas não melhorassem entre eles, sabia que se c

ontentaria

com o que tinha. Lembrava como fora sua vida antes de conhecer Michael e que jamais poderia voltar a ser que era. Fora uma pessoa vulnerável, tivera poucas e lamentáveis experiências com os homens e construíra uma barreira, impenetrável, para proteger-se da possibilidade de ser magoada. Ela se acostumara à solidão. Mas Michael rompera barreira, e, se ele a deixasse agora, ela se tornaria ainda mais vulnerável do que antes. Ela sabia agora o que era amar alguém, pertencer a alguém, e não podia deixar que sua vida voltasse a ser como antigamente. Michael era tudo o que lhe restara. Ela aceitaria seus castigos e todas as coisas indescritíveis que ele fazia com ela, atos mais cruéis do que as mais violentas surras. Enquanto ele a amasse, ou tentasse amá-la, ela faria tudo o que ele pedisse.

Lembrava-se de quando se conheceram. Lembrava-se de como quisera abandonar sua vida para adotar a dele. Franny quis que Michael lhe ensinasse o sentido da vida; quis ser sua aluna. Sentira-se como se estivesse começando uma jornada, uma grande busca, e Michael, seu mestre, seu mentor, a libertaria e a amaria, ele a protegeria. Ou pelo menos assim pensava. Seria uma jornada esplendorosa. Teriam uma vida maravilhosa. Jamais pensara que as coisas chegariam a esse ponto. Como poderia ela prever que as coisas iriam chegar a esse ponto?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

VINTE E NOVE

Franny chegou à casa de Michael preocupada. Ficara presa num engarrafamento em Sacramento e estava dez minutos atrasada. Não sabia mais o que era capaz de provocá-lo. Ela fazia todo o possível para não o desagradar, mas, ultimamente, não importava o que fazia, ele sempre encontrava alguma falha. Estacionou seu Cadillac preto ao lado do meio-fio e trancou a porta. Dando a volta em torno do carro, notou que precisava de uma camada de cera e um bom polimento. Quando Michael abriu a porta, ela esperou que estivesse irritado, mas ele apenas a convidou para entrar e a conduziu até a sala. Sentou-se no sofá ao seu lado e deixou uma distância respeitosa entre os dois corpos. Estava bem-arrumado, vestindo um suéter branco de tricô, as mangas arregaçadas até os cotovelos, e calças cinza-chumbo.

—

Tenho algo a lhe dizer, Franny — começou num tom preocupado que a pôs imediatamente em alerta. — Isto não está funcionando.

Nervosa, Franny juntou as mãos sobre os joelhos.

—

O que não está funcionando? — perguntou, embora soubesse a que ele se referia. Um sorriso triste foi invadindo o rosto de Michael lentamente.

—

Você sabe do que estou falando — afirmou com brandura, tomando a mão de Franny. Seus olhos encheram-se de compaixão.

Franny não podia se lembrar da última vez em que ele fora tão terno com ela, há meses talvez, logo que se conheceram.

—

Somos diferentes demais. Está na hora de você encontrar outra pessoa. Seu lugar não é a meu lado.

O pânico invadiu Franny.

—

Mas meu lugar é ao seu lado.

Michael olhou-a em silêncio. Não disfarçou a piedade que invadiu seu rosto, o rosto que ela tanto amava: moreno, belo, de queixo quadrado. Mas o rosto agora estava diferente, mais forte, as rugas mais acentuadas, as linhas da testa mais profundas, o maxilar enrijecido. Era como se sua decisão tivesse endurecido não só seus sentimentos, mas também seu rosto. Ela queria se aproximar para beijá-lo: seus olhos, sua face, sua testa enrugada; beijá-lo até que seu rosto ficasse sereno e ele reconsiderasse suas palavras. Mas isto não funcionaria, não com ele. Ele a afastaria. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Meu lugar é ao seu lado — repetiu, mas Michael simplesmente olhou para e la com impaciência, fazendo um gesto de desagrado com os lábios, como se tivesse comido algo de que não gostara. — Eu sei que somos diferentes — acrescentou ela. — Mas eu mudei muito desde que nos conhecemos. E posso mudar mais ainda. — Ela sabia que parecia desesperada. Estava desesperada. Ele estendeu o braço e acariciou-lhe o rosto de leve, com as costas da mão.

— Não faça isso. Não vou mudar de idéia, e nada que disser mudará coisa alguma. Nosso tempo se esgotou.

— Não precisa ser assim.

— Acabou para mim, Franny—disse ele com tal frieza que ela compreendeu que nada o faria mudar de idéia.

— Mas por quê? — indagou Franny, esforçando-se ao máximo para conter a emoção da voz. Michael deu de ombros:

—

Por que é que as coisas acontecem, Franny? Às vezes, simplesmente porque acontecem.

Franny sentia que as lágrimas estavam prestes a brotar. Sua garganta ficou

apertada e seca. Ela pensou em tudo o que fizera por ele, e agora ele lhe dizia que fora tudo em vão.

—

Me diga por quê. Eu quero a verdade. Você nunca me amou? Ou pelo menos gostou de mim?

—

Franny, não vamos fazer assim.

—

Me diga. Eu quero a verdade. Ele suspirou e se recostou no sofá.

—

Você não quer a verdade, Franny. Você quer que eu diga que estou brincando, que eu a amo e que sempre a amei. Você quer que eu implore pelo seu perdão. Ela esfregou o rosto com as palmas das mão, secando as lágrimas.

—

Não. Diga apenas a verdade. Diga o que significuei para você.

— Não...

— Por favor.

Michael passou alguns minutos em silêncio e em seguida disse:

— Eu gosto de você, mas é só isso. Nós não temos coisa alguma em comum. A verdade é

que... eu sei que você não vai gostar de ouvir isto, pois não foi uma atitude muito nobre... mas a verdade é que me envolvi com você para o meu próprio divertimento, apenas.

— Você não está dizendo a verdade. — Franny mordeu o lábio inferior. — Não é verdade —

repetiu.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Você deveria estar contente por estar saindo desta história, Franny. Você dete

stou cada

minuto. Você detestou as coisas que eu a obriguei a fazer. Você deveria me agradecer por estar terminando nosso caso.

— Agradecer? — disse, começando a rir mas engasgando num soluço. — Agradecer? Como pode dizer uma coisa dessas?

— Digo porque é verdade. Estou lhe fazendo um favor. Você não precisa de alguém como eu em sua vida. Eu a faço infeliz, você sabe disso. Fica com os nervos à flor da pele cada vez que vem aqui.

Ele inclinou o corpo para a frente e tomou a mão de Franny mais uma vez, acariciando-a de leve. Ela mal notou. Sentia-se como Perdida num sonho, o corpo dormente, sem sensação alguma.

—

Só ia piorar, Franny. Eu lhe garanto. Eu tornaria as coisas cada vez piores para você. Ela balançou a cabeça como se tentasse libertar-se de um pesadelo. As palavras de Michael soavam distantes, como se ele estivesse muito longe.

—

Você não pode fazer isso. Preciso de você. Eu fiz tudo para você, tudo o que pediu. Você não pode... não pode simplesmente...

Michael esperou que terminasse a frase, mas, quando viu que não conseguiria, disse:

—

Você não precisa de mim, Franny. Se há uma coisa da qual não precisa é de

mim.

Franny encontrava-se em seu apartamento há sete dias. Ligara para o trabalho dizendo estar doente, embora soubesse que teria que voltar mais cedo ou mais tarde. Metida num roupão, sentavase numa poltrona ao lado do telefone, esperando que tocasse. Em sete dias, recebera apenas quatro ligações: duas do trabalho, uma do jornal perguntando se o serviço de entrega era satisfatório, outro de uma mulher oferecendo assinaturas de uma revista. Seu isolamento era completo. A sra. Deever fora embora, Michael fora embora, e Nora poderia perfeitamente ter ido também: Franny lhe telefonara outra vez, várias vezes, mas ela não retomara as ligações. Se ao menos pudesse conversar com Nora, talvez conseguisse sair desta. Mas Nora não queria conversar, pelo menos não com ela. Tinha seus próprios amigos, sua própria vida, e quando se encontravam, para o jantar mensal, Franny sentia sua impaciência, seu desejo de ir embora assim que chegava. Franny não podia contar com a ajuda de Nora. Mais uma vez estava só, e compreendeu que sempre seria assim. Sentia-se atraída para dentro de si mesma e deixou-se levar: soltou-se, como fizera há tanto tempo, ao largar as mãos de Billy e permitir que ele escorregasse para as profundezas de um outro mundo.





PDL – Projeto Democratização da Leitura

Laura Reese - Falsa Submissão

199

PDL – Projeto Democratização da Leitura

TRINTA

0 diário de Franny terminava ali. Não fez outras anotações, embora tivesse vivido mais duas semanas. Voltou a trabalhar, e, embora seus colegas houvessem dito à polícia que parecia distante, ninguém suspeitara que houvesse algo errado. Ela sempre fora tímida e um pouco ensimesmada. Ela simplesmente se fechara um pouco mais, realizando suas tarefas normalmente, evitando qualquer contato pessoal com os outros. Era cortês para com os pacientes e eficiente, mas parecia ausente, como se fizesse tudo automaticamente. Ela havia, como temera, se enclausurado dentro de seu próprio mundo.

Suas últimas anotações eram superficiais, meros registros, mas comprovavam os fatos narrados por M. Mesmo após haver terminado com ela ele contou que ela continuara a lhe telefonar, insistentemente, até voltar a trabalhar. Ele compreendia bem seu estado de espírito. O que M. pôde lhe dar, aquilo que as últimas anotações suprimiam, foi a emoção, a compreensão, os sentimentos escondidos Por trás dos fatos. Franny escrevera simplesmente: "Liguei para Nora, mas ela não estava em casa." Ao ler esta frase, como poderia eu adivinhar que ela procurava apoio em mim, que procurava salvação? A culpa que sinto, a sensação de cumplicidade em sua morte apenas aumenta. Falhei com ela mais do que jamais imaginara.

Finalmente, retornei suas chamadas, e até marcamos uma data Para jantarmos no Radisson. Eu quisera ligar para Franny antes, mas foi uma época especialmente agitada no jornal. Estava escrevendo dois artigos ao mesmo tempo e me dividia entre Berkeley e Los Angeles em busca de informações.

Além disso, estava saindo com vários homens. Tive que cancelar nosso jantar em cima da hora, surgiu uma entrevista com um cientista que trabalhava numa nova área de pesquisa, fotofísica de polímeros, cuja tônica era o uso da luz para que polímeros realizassem coisas úteis. Franny foi assassinada antes que eu pudesse vê-la outra vez. Ela jamais teve a oportunidade de me contar a respeito da sra. Deever, ou a respeito de M., ou a respeito das coisas que ele a obrigava a fazer. Suponho que jamais tenha lhe dado a oportunidade. Eu a amava. Ela não era uma simples conhecida, como M. disse certa vez. Mas ele tem razão: eu a tratava como se fosse. Pergunto-me agora o que passou pela cabeça da minha pobre irmã enquanto seu assassino a prendia com fita isolante, enquanto dava início à lenta tortura. Será que pensou em mim? Será que morreu achando Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

que ninguém gostava dela? Se me dessem outra chance, Franny, eu faria tudo para que soube sse que

eu gostava, e muito.

Paralelos. Vejo os paralelos por todos os lados. Como pude ser tão cega? Quando viu que não tinha mais ninguém, Franny fechou-se dentro de si mesma isolou-se do mundo. E eu, por não confiar em ninguém, passei toda a minha vida adulta num mundo parecido. Somos tão parecidas, tão profundamente parecidas. Eu poderia tê-la salvado. Eu tinha poder para tanto. Só me resta agora este sentimento de compensação, de retribuição. Vou me certificar de que M. pagará pelo que fez. Terminarei minha jornada com ele, seguirei o mesmo caminho trilhado por Franny e porei um ponto final em tudo isto.

Joe Harris e eu estamos no Paragon mais uma vez, tomando outra cerveja. Tornou-se uma espécie de ritual para nós dois. Terça-feira à noite, ao sair do trabalho, nós nos encontramos para tomar um drinque antes de ele ir para casa. Eu preciso mais deste ritual do que ele. Procuro equilíbrio em Joe. Minha vida tomou-se limitada, uma pequena esfera que, como uma estrela moribunda promove sua própria auto-implosão. Atualmente, só me relaciono com três pessoas: Joe, Ian e M. Minha tríade de moralidade conflitante. Joe e Ian representam tudo aquilo que eu admiro nos homens; M. representa tudo o que desprezo. Eu me sinto no meio de um jogo de poder, do velho conflito do bem contra o mal, no qual os lutadores brigam por minha alma. Como um corpo celeste, pendo para a massa que exerce o maior poder de atração. Gravito na direção de M., não por querer, mas porque é de onde vem a maior atração. Quando eu era mais nova, durante a adolescência e os vinte e poucos anos, sempre me sentia atraída pelos garotos mais endiabrados. Eu sentia grande afinidade por mentes marginais, pelo excessivo, pelo bizarro. Pensei ter superado minha atração por esse tipo de menino e por seus jogos arriscados, mas agora creio que não. Lá fora o vento sopra, uma brisa quente e abafada que desalinhou meus cabelos. Joe desabotoa o colarinho e se recosta na cadeira. A cadeira range com seu peso. Está cansado hoje, e o leque de rugas que circunda seus olhos parece mais profundo que o normal. Ele toma um longo gole e olha em volta do bar.

—

Ele está ficando preocupado — digo. — Outro dia me pediu os detalhes da morte de Franny. Queria saber o quanto a polícia sabia.

Joe nada diz.

— Só lhe contei o que foi divulgado pelos jornais. — Seu rosto redondo permanece impassível.

— E então? — indago, esperando que comente alguma coisa. — Isso não lhe diz nada?

Dá de ombros e toma mais um gole. Finalmente declara:



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Está tão concentrada nele que está deixando de considerar outras possibilidades.

— O que quer dizer com isso?—pergunto, em repentino estado de alerta.

— Ele ainda é um dos suspeitos, mas estamos considerando uma outra possibilidade.

—

Quem? Me conte. Joe sacode a cabeça.

—

Não, é muito cedo. Além disso, venho lhe dizendo este tempo todo para ficar fora das investigações.

—

Eu tenho o direito de saber. Mais uma vez ele balança a cabeça.

— Só o que tem feito até agora é se intrometer em nosso caminho, Nora. E se meter em encrencas.

Abruptamente, Joe estende o braço, pega minha mão e a segura entre as suas. Eu me pergunto o que estaria fazendo, mas ele levanta a manga de minha blusa para cima. Tenho marcas de ligadura na parte externa de meus pulsos, onde as algemas de M. machucaram minha pele. Joe fecha os olhos e solta minha mão.

Puxo minha manga para baixo. Estou prestes a tomar um gole de cerveja, mas reponho o copo sobre a mesa e olho para o chão. Minha mão ainda segura o copo. Estou envergonhada demais para falar.

—

Pensei que tivesse dito que podia se cuidar sozinha — disse. Ergo meus ombros levemente, ainda olhando para o chão. Num gesto nervoso, sem olhar, viro meu copo de cerveja no círculo de água sobre a mesa.

—

É só isso que você pode fazer para se cuidar?

Não consigo levantar a vista. Estou envergonhada por ele saber que eu deixo M. me amarrar. Minha derrocada, nas últimas semanas, foi completa. M. me

acorrenta, me prende à sua cama, à

mesa da cozinha ou a qualquer coisa que queira. Ele amarra minhas mãos e meus pés. Sinto o estalido de seu chicote em minha bunda. Ele me marca com o chicote, como fazia com Franny, e sequer se desculpa. Depois, me beija com ternura, me desamarra e me abraça. Ele me diz que sou amada e em seguida diz que fará tudo outra vez.

E eu sempre volto. Preciso de informações e de seu tipo de sexo. Coisas que só ele pode me dar.

Joe me acompanha até meu carro. É uma típica noite de julho em Davis: quente, seca, e uma certa prostração paira no ar. Ao enfiar a chave na fechadura, ele pousa uma das mãos sobre meu ombro. Eu me viro para encará-lo.

— Acho que precisa ver alguém — diz. Olho para ele sem entender.

— Um analista. Alguém que possa ajudá-la.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Começo a negar, a dizer que não preciso de ajuda, mas é tão óbvio, até para mim

mesma, que

preciso mesmo, que as palavras morrem na minha boca. Joe coloca a mão mais uma vez sobre meu ombro e eu inclino a cabeça para um lado, a fim de sentir seus dedos em minha face. Fecho os olhos e, quando os abro, Joe está me olhando com tristeza. Dou um passo à frente e me agarro a ele, encostando a cabeça em seu peito. Ele me abraça sem jeito no início, logo dá tapinhas em minhas costas e me conforta como se eu fosse uma menininha.

Eu me afasto e abro a porta do carro.

Estou bem — digo. — Estou sim. — Entro no carro e dou a partida. No caminho de casa, paro na lanchonete Taco Bell e peço um *burrito* supremo para o jantar. É

raro eu cozinhar hoje em dia, até mesmo tirar alguma coisa d *o freezer* e jogar no microondas. Ou esqueço a hora das refeições ou paro em alguma lanchonete. Estou me tornando tal e qual Franny, uma viciada em *fast food.* As únicas refeições decentes que faço são as que M. prepara para mim. Quando chego em casa, pego a correspondência na caixa e ponho a lata de lixo no meio-fio para a coleta de amanhã. Finalmente entro em casa. Ligo a televisão e como meu *burrito* sentada no sofá da sala, assistindo ao noticiário das seis. O *burrito* está morno, as notícias desinteressantes, uma recapitulação insípida dos acontecimentos desta tarde. Quando termino de comer, checo a secretária eletrônica Há apenas um recado, de Ian, dizendo que sairá para jantar e que me verá logo mais à

noite. Eu me pergunto o que fazer até sua chegada. Nunca tive tanto tempo livre como hoje em dia. Estava sempre tão ocupada com o trabalho, saindo com minhas amigas e com vários homens, que eu raramente passava as noites sozinha. Do outro cômodo, as vozes vindas da televisão fazem com que me sinta menos sozinha. A vida devia ser assim para Franny, noite após noite. Não é à toa que se apegou tanto à sra. Deever e a M. Vejo a correspondência sobre a bancada

e caminho até lá para dar uma olhada. Há várias revistas, muita propaganda que imediatamente jogo fora a conta de telefone e a do Master Card, uma carta de um amigo que mora em Los Angeles e uma outra, sem remetente, enviada de Davis.

Abro o último envelope e retiro uma foto. Não há mais nada dentro. Olho para a foto e vejo que foi tirada há vários dias. Nela apareço destrancando a porta do meu Honda em frente ao Mercado Nugget. Estou abraçada a uma sacola de compras e carrego minha bolsa a tiracolo. Verifico o envelope mais uma vez — está vazio. Por que alguém tiraria uma foto minha? E por que haveria de enviá-la assim, anonimamente?

O telefone toca e eu dou um salto, deixando a foto cair no chão. Levanto o telefone do gancho.

—

Alô — digo. Ninguém responde. Ouço alguém respirar profundamente do outro lado e digo com aspereza:—Vocês não têm mais o que fazer, crianças? — Mas ninguém responde. Eu Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

escuto. A respiração é profunda e constante. Com o telefone no ombro, eu me abaixo para pegar a

foto e a olho mais uma vez. O que significaria aquilo? A respiração continua. Na foto, estou com uma expressão estranha. O que estaria eu pensando naquela ocasião? Não tenho idéia, provavelmente algo relacionado a M.

M.! A respiração torna-se mais alta mas continua constante, quase ritmada. Seria M. do outro lado da linha? Mais uma tentativa de me assustar, como a foto?

A foto, a ligação. Algo me perturba bem no fundo de minha mente, mas não consigo juntar as coisas. Olho a foto, um retrato de mim mesma, enquanto a pessoa do outro lado da linha respira em meu ouvido. De repente sinto calafrios de pavor. Bato o telefone.

Duas horas depois, ouço Ian na porta da frente, seu chaveiro balançando na fechadura. Ele entra em casa e chama meu nome. Estou inquieta. Não respondo. Penso em Cheryl Mansfield. Ele entra na sala, põe a sacola de ginástica e a raquete que carrega no chão. Ele joga *squash* no clube todas as terças e ainda veste *shorts* pretos e uma camiseta branca. Parece cansado, seu rosto está sem expressão e os cabelos louros caem sobre seus olhos. Parece um garotinho que passou o dia inteiro brincando e chega em casa exausto. Sorrio quando penso no absurdo que seria considerá-lo capaz de cometer alguma perversidade. Ele caminha em minha direção e beija meu rosto. Seus lábios são macios e cálidos.

—

Ele lhe deu mais uma surra?

Ian solta um longo suspiro e se joga no sofá.

—

Não sei como ele consegue. O cara é bom.

Está se referindo a M., que ele conhece como Philip Ellis. Iam para meu imenso pesar, está se aproximando cada vez mais dele. Jogam *squash* uma vez por semana, enquanto eu vou ao Patagon com Joe. Acho que M. faz isso propositadamente, para me punir por conversar com Joe. Quando disse a M. que ia continuar a me encontrar com Joe, quer ele gostasse ou não, ele ligou para Ian imediatamente, naquela mesma noite, na minha frente, e o convidou para jogar *squash* na terça-feira. Jogam desde então.

—

Ele me convidou para jantar em sua casa esta noite. Por isso me atrasei. Recebeu meu recado, não é?

Um nó de ansiedade prende-se em minha garganta. Eu apanho o controle remoto e desligo a televisão.

—

Você foi jantar na casa dele? — indago.

Ian está recostado no sofá com os olhos fechados, relaxado. Sonolento, ele diz: Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Ele mora a algumas quadras daqui. Descendo a Montgomery e virando à direita, onde ficam as casas mais antigas. Bonita a casa.

— Acho que você devia ficar longe dele. Ele é meio esquisito. — Há aspereza em minha voz. Ian abre os olhos e me encara de maneira estranha.

—

Não, ele não é esquisito. E, uma vez que se recusa a nos encontrar onde quer que seja, como poderia saber se é esquisito ou deixa de ser?

Dou de ombros.

—

Ele só me parece um pouco estranho. Não se esqueça de que passei um bom tempo entrevistando-o. É ambíguo. Não parece ser de confiança.

Ian se ajeita no sofá.

—

Não é verdade, Nora. Não sei por que não gosta dele, mas é meu amigo. É bom ter um amigo com quem posso conversar.

—

Você tem muitos amigos.

—

É verdade, e com a grande maioria eu converso sobre trabalho, sobre esportes, sobre o que está acontecendo no mundo ou sobre qualquer coisa que não envolva sentimentos. Philip não tem medo de falar de coisas sentimentais. Gosto de ter um amigo homem com quem posso conversar. Temos muita coisa em comum.

Isto me deixa com um pé atrás. Além de mim, Ian e M. não têm coisa alguma em comum.

— E sobre o que conversam?

Ian hesita, coça a perna, ganhando tempo. Por fim, olha para mim e afirma:

—

Sobre tudo. Esportes, trabalho, é claro. Mas sobre outras coisas também. Falamos dos problemas que vimos enfrentando Falamos sobre mulheres. Falamos de você.

— De mim? — pergunto, e um alarme imediatamente dispara dentro de mim. — Vocês falam de mim?

— Nora — Ian começa. Então ele pára e balança a cabeça. Olha para o outro lado do cômodo, para as estantes de livros, pensativo. Tenta começar outra vez, sua voz está cheia de preocupação: —

Às vezes sinto que estou enlouquecendo, Nora. Você não conversa comigo. Estamos tendo problemas e você não os discute. Preciso conversar com alguém. Então converso com Philip. Estou sentada na beirada do sofá, com a respiração quase presa. Incrédula. Irada.

—

Você fala com ele sobre mim? Você fala com ele dos nossos problemas?— Estas frases saem como acusações, não como perguntas. — Como pode? Sem nem ao menos pedir meu consentimento.

Baixinho, cheio de sarcasmo, ele diz:

—

Não sabia que precisava do seu consentimento.

Laura Reese - Falsa Submissão

205



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Você traiu minha confiança — digo com a voz aguda. — O que acontece entre

nós dois é

particular.

— Não há grande coisa acontecendo entre nós dois, há? Isto é parte do problema. Ian está se referindo ao fato de fazermos sexo muito raramente hoje em dia. Toda a paixão que eu sentia por ele, que fora imensa um dia, extinguiu-se. Após meus encontros com M., não sinto coisa alguma por Ian além de culpa. E há também a necessidade de ter que me esconder. Os vergões no meu traseiro demoram a cicatrizar. Quando estão vermelhos e visíveis, eu me dispo no escuro. Não deixo que Ian me veja, ou que me toque. Isto o confunde, e minha recusa em discutir o assunto, mais ainda. Ele deve achar que estou ficando frígida, e, se for o caso, está correto. Minha frigidez em relação a ele é quase completa.

— Você não quer mais fazer amor comigo. Você não sente mais atração por mim.

— E você disse isto a ele?—Sinto meu rosto queimar, tal minha raiva. — Minha nossa! Você

disse isto a ele?

—

Com quem quer que eu fale, Nora?

Com ninguém — digo, praticamente aos berros. Eu me levanto e saio do aposento. Entro na cozinha, e Ian vem atrás de mim.

Ótimo! — exclama, irado ele também. — Simplesmente dê as costas e saia andando. Ultimamente esta tem sido sua resposta para tudo.

—

Me deixe em paz. Vá embora e me deixe em paz.

Ele se põe na minha frente, e eu vejo a irritação em seu rosto tenso.

—

Não.

— Não? Não?! Caso tenha se esquecido, esta casa é minha, e eu não o quero aqui.

— Não faça isso, Nora. Não faça isso. — Suas palavras são um aviso. Ele me avisa para não ir longe demais. Seu rosto está vermelho de raiva.

Hesito. Olhamos um para o outro. Ian respira bem fundo e tenta se acalmar. Ele caminha em minha direção e coloca as mãos sobre meus ombros.

—

Não faça isso. Não quer dizer o que disse. Está com raiva. Ele tem razão: estou com raiva. Eu não quero que se vá. Não quero que as coisas terminem desta forma. Ian não é perfeito. Às vezes ele é excessivamente irracional. Além de eu não gostar do fato de estar se abrindo com M. Mas, no fundo, sei que é um homem bom. Encosto minha testa em seu peito e sinto a raiva abandonar meu corpo. Cheguei muito perto de perdê-lo, penso. Cheguei perto de estilhaçar uma coisa frágil da qual preciso desesperadamente. Fico grata pela maturidade de Ian, grata por me dar mais uma chance.

—

Sinto muito — digo. Ele me abraça, e ficamos em silêncio, abraçados. Laura



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Após algum tempo, ele diz:

—

Eu a amo, Nora. Eu converso com Philip simplesmente porque preciso me abrir com alguém. Não posso continuar desta forma por muito tempo mais. As coisas vão ter que melhorar entre nós. Se você conversasse comigo, se me dissesse o que está acontecendo, eu não estaria abrindo o coração para Philip. Você vai precisar conversar comigo, é uma questão de tempo. Isto não pode continuar assim.

Concordo com a cabeça. Logo logo, de uma maneira ou de outra este assunto terá que ser resolvido.

Mais tarde, Ian e eu estamos deitados, lado a lado, na cama, cobertos apenas com um lençol de algodão branco. Um silêncio doloroso paira sobre nós.

—

Vou tomar um gole d'água — diz ele por fim. — Está com sede?

Eu digo que não e ele sai da cama. Eu o ouço na cozinha, o clique do interruptor, a porta do armário se abrindo, a torneira sendo aberta. Viro para o lado e abraço o lençol contra o corpo. Tentamos fazer amor, mas não funcionou muito bem; para mim, então, não funcionou nada. Quando beijo Ian, não sinto nada. Não, não é verdade. Sinto culpa. Mas não sinto mais desejo algum por ele. Quando fomos para a cama esta noite, Ian deitou-se ao meu lado, me beijou vagarosamente e percorreu meu corpo com as mãos, as curvas de meus seios, a planície do meu abdome, a pele morna da parte interna de minhas coxas. Fico deitada, deixando que me toque, fingindo que o tolero. Quis pedir que parasse, mas há três semanas que eu o evito, usando uma desculpa ou outra: dor de cabeça, cólica menstrual, cansaço. Há muito tempo que não deixo que me toque, e achei que não podia dizer não. Não foi uma experiência agradável. Tentei sentir algum entusiasmo, mas não consegui. Me senti como uma esposa a quem é dito que terá que ocasionalmente aceder à lascívia do marido. Ian sabia que eu não estava interessada e fez de tudo para me excitar. Fez de tudo que normalmente incendiaria qualquer hormônio, mas nada aconteceu dentro de mim. Fiquei ali, deitada, com os braços ao longo do corpo. Por fim desistiu de tentar. Simplesmente deitou em cima de mim e me fodeu, com raiva, forçando. Eu não lutei. Nem um pouco. Simplesmente fiquei ali, deitada, deixando que continuasse, me perguntando por que sua crueldade haveria de me excitar menos do que a de M. Perguntando-me quando aquilo acabaria. Até mesmo em sua raiva, Ian não tem vigor. Saio da cama, visto uma camiseta azul-clara e caminho ate a cozinha. Ian está sentado à mesa e levanta os olhos quando entro.

—

Sinto muito. — É só o que diz. Eu suspiro e me sento ao seu lado.

—

Por quê? A culpa foi minha.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Ele olha para baixo e balança a cabeça. Puxa o lábio inferior, estende o braço por c ima da

mesa, pega minha mão e a segura. Nada diz, apenas acaricia minha mão. É um momento difícil para ele. É uma pessoa tão meiga, sei que ele se sente como se tivesse me estuprado, mas não foi nada disso. Ouço um carro dobrar a esquina e descer a rua.

Finalmente, ele diz:

—

Sinto muito. Eu sabia que você não queria fazer amor, mas eu quis mesmo assim, e não deveria ter feito isso. — As palavras saem vagarosas e hesitantes. Há dor em sua voz. - Eu não sei o que fazer, Nora. Sinto uma frustração tão grande. Você não me diz o que está acontecendo, não me deixa ajudá-la. — Ele pára por alguns instantes e acrescenta: — Não quero que aconteça de novo. Não gosto de me ver agindo desta maneira. — Faz outra pausa. — Talvez fosse melhor pararmos de nos ver.

Ouço Ian falar, sinto-o tocar minha mão, mas ele me parece tão distante. Está se afastando de minha vida. Não é sua presença física, ela continua, mas já não

sinto ligação alguma com ele. Minha culpa o afasta de mim. Estou tomada pelo remorso: por ter negligenciado Franny, por corresponder sexualmente a M., por ser infiel a Ian. Minha vida é cheia de culpas, e isto comanda cada uma de minhas ações. Tenho dois homens e duas vidas, ambos tão diferentes e tão interligados quanto uma imagem no espelho e o objeto refletido. M. é minha fantasia; Ian é a realidade. Mas esta clareza começa a perder seus contornos. Olho do espelho para o objeto e tenho dificuldade em separar os dois. M. está se tornando minha realidade. Ian ainda está aqui, mas nos meus pensamentos ele começa a desaparecer. Não quero que seja assim. Estou vivendo uma vida dupla, e a que eu quero que prevaleça, minha vida com Ian, desvanece. M. está tomando posse de mim. Eu me ajoelho no chão, ao lado de Ian.

—

Não me deixe — digo, com a voz quase inaudível. Ele se abaixa para poder me ouvir.

— Eu preciso de você. Não será sempre assim. Preciso de tempo.

Mas, no íntimo, não creio que o tempo seja a resposta. É cada vez maior o poder de M., seu fascínio aumenta com o passar do tempo. Não consigo me afastar dele. A ele me submeto, da mesma forma que Franny se submeteu, aguardando o que ainda virá.

Voltamos para a cama e dormimos mal. Às três da manhã eu acordo e sinto que algo mudou. Na escuridão, escuto. É o vento. Eu o ouço gemer, fantasmagórico, empurrando a janela, lutando para entrar. Os galhos das árvores chocam-se nas paredes laterais da casa; uma lata de lixo de metal cai espalhafatosamente e o furor da ventania a arrasta de um lado para o outro. Eu me aproximo de Ian, abraço seu peito e me agarro a ele.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

TRINTA E UM

Os dias ficam mais longos, e o verão, mais quente. Recebi mais fotos pelo correio, e uma delas me mostra saindo da academia com a sacola de ginástica na mão e a outra ao entrar no consultório de meu médico para o *check-up* anual. Mostrei as fotos a Joe. Ele procurou impressões digitais mas não encontrou nenhuma além das minhas. Ele diz que pode ser uma brincadeira, mas mesmo assim me avisa para ficar longe de M. É uma sensação estranha, saber que alguém está me observando, que alguém me segue pela cidade afora. M. nega conhecimento das fotos. Tentei descobrir onde guarda sua máquina fotográfica, mas nada consegui. O calor de agosto afeta minha vigilância e me deixa indolente.

O verão é a estação de que menos gosto. Penso nele como algo que precisa ser suportado e aguardado, assim como o mau humor de um grande amigo. Não ligo que a temperatura chegue aos trinta. Até os trinta e tantos é suportável, mas quando chega aos quarenta, começo a sofrer. O arcondicionado ronrona o dia todo, e quando saio de casa o calor parece me esmagar, me asfixiar. Eu deveria estar acostumada aos verões de Sacramento e de Davis, depois de passar por trinta e cinco deles, mas não estou. Ao percorrer as estradas mais afastadas, de carro, nos dias mais quentes, vejo as ondas de calor flutuarem no concreto, e o asfalto negro, como uma miragem solúvel, ferve e se estende à minha frente. Do lado de fora do carro, o calor parece penetrar minha pele, como se eu estivesse sendo bombardeada.

Tenho tido dificuldade para dormir e, quando sonho, estou sendo tomada por uma sensação de asfixia, de afogamento. De manhã, fico na cama, meio dormindo, meio acordada. Parte de mim quer ceder à bênção da inconsciência:

Volte a dormir, algo me diz. *Não se levante. Para que se levantar?*

E me sinto flutuando, caindo numa piscina, tão sem peso quanto uma folha. Mas de repente, um pouco antes de chegar ao fundo, uma estranha sensação me atormenta, tenho que me levantar, há

coisas a fazer, não há? E assim começa a luta. Às vezes luto para chegar à superfície, luto contra aquela sensação cálida, aconchegante, molhada, que me incita a relaxar, a aquiescer. *Solte-se, por que não se solta?* Eu acordo, exausta da luta. Às vezes chego à superfície engolindo o ar, e meu peito dói, corno se eu tivesse prendido a respiração debaixo d'água por muito tempo. Quando isto acontece, vou lá fora, respiro bem fundo o ar da manhã e caminho na grama cortada e úmida de orvalho, descalça, vestindo um roupão. As pequenas lâminas de grama grudam por entre os dedos de meus pés e fazem cócegas. Eu caminho pelo gramado, e a sensação de pânico, de asfixia, vai me Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

deixando, vai escapulindo de mim como o vapor de um bule de chá, cada vez mais fino, e vai se dispersando até tornar-se nada. O sol ainda não nasceu, e tudo, as árvores, as flores e até mesmo a grama são um só naquela luz desbotada e cinzenta da madrugada, luz que me acalma. Eu me sento na varanda, na frente da casa, e assisto ao nascer do sol. O quintal se ilumina, preenchendo as sombras com a luz do dia. O gramado tem pontas e os arbustos estão bem aparados. Prevalece a ordem. Aqui, neste momento, não me sinto asfixiada.

M. levantou-se cedo e saiu para correr. Eu me levanto, me visto e vou para casa. O Cadillac preto de Franny continua no meio-fio, imundo, com as palavras *Me lave* escritas anonimamente no pó que cobre o vidro traseiro. Apanho o *Bee* do chão e vou buscar a correspondência de ontem na caixa de correio. A caixa fica bem na esquina, em frente ao quintal de meu vizinho, na outra parte da casa passo a correspondência rapidamente em revista e reconheço imediatamente o envelope branco, sem remetente, com carimbo postal de Davis. Abro o envelope enquanto atravesso o gramado me perguntando como terá o fotógrafo me capturado em filme desta vez. Em frente à minha casa? Na farmácia? Mas não há foto dentro do envelope, e sim uma folha branca de papel com as seguintes palavras: "Você tem duas semanas para parar sua busca. Do contrário, você será a próxima." Paro e fixo os olhos naquelas palavras. Sinto a ansiedade me apunhalar o peito. As letras, recortadas de uma revista, estão cuidadosamente coladas no meio do papel. Não há mais nada dentro do envelope. Entro em casa.

O telefone está tocando mas não atendo. A secretária eletrônica, que mantenho ligada o tempo todo desde que comecei a receber trotes, atende. Ouço a mulher do banco de sangue de Sacramento perguntar se quero doar sangue. Ela deixa um número de telefone e desliga. *Você será a próxima.* O significado é tão óbvio. Ligo para Joe Harris e leio o bilhete para ele.

— E agora? — pergunto.

— Vamos procurar impressões digitais, mas duvido muito que encontremos alguma coisa. É

mais uma coisa para acrescentar ao SRM é o serviço de registros mistos. Serve para aquelas ocasiões em que não há um crime específico mas que a polícia precisa fazer algum tipo de registro. Joe fez um SRM quando recebi a primeira foto.

— Só isso? Você sabe que foi ele quem mandou.

— Não, não sei. Pode ter sido enviado por outra pessoa.

Da última vez que me encontrei com Joe no Paragon ele me disse que estavam investigando um outro suspeito pelo assassinato. Fico em silêncio durante alguns minutos e pergunto:

- Quem?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Joe respira fundo.

—

Não me peça para lhe dar esse tipo de informação. Você não deveria estar envolvida nisso de forma alguma. Se está preocupada com o bilhete, tome as precauções de praxe. Mude o seu dia-a-dia, não caminhe no escuro, instale um alarme em sua casa e compre um cachorro. Desligo o telefone.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

TRINTA E DOIS

Encontro-me na casa fria de M., com o ar-condicionado ligado, sozinha. Caminho de quarto em quarto e, apesar da ambivalência que sinto em relação a ele, uma corrente elétrica de baixa tensão atravessa meu corpo, percorrendo membro por membro. É uma corrente de excitação ilícita. A casa dele: nunca em minha vida um objeto inanimado representou tanto erotismo para mim. Penso no que já fizemos aqui, no que ainda vamos fazer, e a excitação aumenta. Fico molhada só de pensar. Sexualmente, eu quero M. como jamais quis homem algum.

Tesão. Me inunda por dentro, e não é puro nem simples, nasce do desespero, da dor, do pesar e da culpa. Sim, lá está ela mais uma vez, a culpa me fazendo procurar apoio em M., para me entregar a ele de vontade própria. No êxtase sadomasoquista do prazer e da dor, à sombra da dominação de M., minha culpa se atenua. E sob seu balanço despertam em mim novos apetites. É como abrir os olhos um dia e descobrir que sua visão alcança novos limites. Então você precisa ver tudo, precisa experimentar cada nova sensação visual. Com a visão exacerbada, sua necessidade de maiores estímulos se torna insaciável. Meu tesão me faz caminhar por um abismo. Conheço os perigos, mas não quero outra coisa. Eu me disponho a arriscar tudo por esta paixão que me castiga: Ian, meu respeito próprio, minha vida. Tenho plena consciência de que não há nada de admirável neste sacrifício. Percebo o desatino de minhas ações, mas não há nada que eu possa fazer. Eu me transmutei de um mundo para outro.

Entro no escritório, tiro os sapatos e me deito no sofá. Fecho os olhos e penso no que já

fizemos aqui, neste escritório, neste sofá. A excitação que sinto é enorme. Quero me masturbar e penso em fazê-lo, mas logo M. estará em casa, e não quero diminuir a intensidade do meu desejo. Lá

fora, ouço os corvos e um garoto da vizinhança chamando seu cachorro. *Duque! Duque! Vem aqui, Duque!*

Minutos depois, M. entra em casa. Meu carro está na frente de sua casa, portanto ele sabe que estou aqui, esperando. Ouço-o caminhar pela casa, pela cozinha, pela sala, me procurando em silêncio. Ele entra no escritório e me vê deitada no sofá e coloca alguns livros e papéis sobre a mesa. Ele olha para o piano e franze a testa. Estou invadindo seu território, roubando seu tempo precioso com o piano de meia-cauda, sua verdadeira amante. Ele já me avisou quanto a isto, e sei que me chicoteará mais tarde por esta transgressão. Ele nada diz, mas sei pelo jeito que me olha, percorrendo meu corpo com o olhar, que venci. Vejo o desejo em seus olhos. Eu me pergunto o que fará, como Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

me foderá hoje. A escolha é dele; é sempre dele. Talvez seja por isso que o tesão que tenho por ele jamais diminua. Há sempre uma surpresa, além do perigo e da certeza de ter que me submeter a ele, a seus desejos, a suas preferências.

Ele permanece ao lado da mesa, aguardando, com uma aparência de frescor, de limpeza, vestindo um terno de linho branco e uma camisa cinza-chumbo. Minha excitação se transforma em apreensão, e sei que é isto que M. quer. Eu me sento e aguardo, ansiosa demais para pronunciar uma palavra que seja.

Pergunto-me se me chicoteará hoje devido à minha transgressão ou se guardará o castigo para uma ocasião futura. Talvez me amarre hoje.

Está encostado na mesa, sem se mover, e compreendo completamente, de uma só vez, por que me sinto atraída por ele. Assim que nos conhecemos, achei que tinha uma aparência agradável, mas não concordava com a avaliação de Franny. Ela escrevera que havia nele uma sensualidade que ela não conseguia compreender, algo poderoso Porém distante. Eu repudiara sua avaliação por achá-la insípida, apenas parte das anotações ingênuas de uma mulher que se impressionava com enorme facilidade. Mas aos poucos, com o passar dos meses, observei minhas reações irem mudando, crescendo a cada encontro. A atração de M. é hipnotizante, mais psicológica do que física, e portanto mais poderosa, cativante, perigosa. Franny tinha medo de sua sensualidade, e eu também, mas anseio por ela assim mesmo. Até conhecer M., eu não sabia o que era me sentir atraída por um homem dominador, eu não conhecia o outro lado do sexo, o lado obscuro, onde as lides sexuais podem ser tão cruéis quanto doces.

—

Tire a roupa—diz ele por fim, cruzando os braços. — Quero vê-la nua na minha frente.

Eu não visto mais calças *jeans* e camisetas. Estou usando um vestidinho curto, de verão. É

branco e solto, de um tecido enrugado. Eu me levanto e o tiro. Por baixo, visto uma combinação de seda bege e a tiro por cima da cabeça. Desabotôo o sutiã e tiro as calcinhas. Nua, com os braços colados ao corpo, aguardo as próximas instruções, aguardo seu toque. Sinto a perturbadora dor do desejo.

—

Agora sente-se na beirada do sofá e recoste-se. Obedeço. Não me passa pela

cabeça desobedecer.

—

Deslize até o final e abrace as pernas. Ponha as mãos nos joelhos e afaste-os. Mantenha-os abertos para mim.

Faço o que me pede e o aguardo, com os joelhos afastados. Minha respiração fica mais pesada. Minha exibição, minha submissão me excitam.

Ele se aproxima de mim sem a menor pressa.

Laura Reese - Falsa Submissão

213



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

É assim, é assim que gosto de ver você. — Ele se ajoelha à minha frente e c

oloca uma

das mãos entre as minhas pernas. A pele de minha virilha e da vulva foi recém-depilada e está lisa, macia como seda, sem os pêlos pubianos, e ele a acaricia como se fosse um pequeno animal. Ponho as mãos em torno de seu pescoço para puxar sua cabeça para próximo à minha, beijar seus lábios, mas ele tira minhas mãos e as coloca de volta em meus joelhos.

—

Mantenha-as assim — ordena, e me acaricia mais uma vez. Tento de tudo para me conter mas sinto um enorme calor no meu sexo e preciso de mais do que M. está me dando.

—

Toque meus seios — digo, querendo um estímulo maior. Beije meus lábios. Ele agarra meus cabelos e puxa minha cabeça para o lado. Olha oara mim, ergue uma das sobrancelhas e diz com frieza:

Eu não quero sua boca, sua bunda ou suas tetas. E não quero que fale. Só quero sua boceta. Você compreende?

Tento dizer que sim com a cabeça, mas ele a segura com força, contendo qualquer movimento. Quando ele tem certeza de que obedecerei, solta minha cabeça. Coloca as mãos na parte interna de minhas coxas e as abre ainda mais; abaixa a cabeça e põe a boca na minha fenda. Ao toque de seus lábios, deixo escapar um pequeno gemido. É disso que preciso. Eu o assisto se alimentar, me chupando e me lambendo, esfregando a língua em meu clitóris, então fecho os olhos para bloquear as sensações visuais, para senti-lo apenas a um nível puramente tátil. Gozo com rapidez e intensidade, e, assim que o faço, ele abre as calças e põe o pênis, já duro, para fora, e o mete dentro de mim. Ele me fode de forma brutal, animalesca, seus olhos brilham, cheios de uma ira que não consigo entender, e diz:

—

O Ian consegue te foder assim? Consegue? *Consegue?* Ele exige que eu responda e eu, furiosa, respondo:

—

Consegue. Ele é muito bom de cama. Ele é ótimo, o melhor que já tive na vida. Ele pára de foder por alguns instantes, joga a cabeça para trás e ri.

—

Você está mentindo—diz, e recomeça seus golpes, enfiando com ainda mais força. —

Ele te come assim? — sussurra.

Há ciúme em sua voz. Seu ataque deixou minha respiração ofegante.

— Não — arquejo. — Ele é gentil.

— E enfadonho. — Ele agarra minha bunda e me ergue, como se me impalasse com o pau. Eu o sinto bem dentro de mim, me possuindo por completo. E recomeça com mais sofreguidão. — É

assim que você gosta, não é? Eu te conheço, Nora. Você é igual a mim.

— Eu não sou igual a você!



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Ah, é sim, minha querida, minha gatinha. — E, com um golpe final e brutal, ele goza dentro de mim. Deita-se por cima de mim durante alguns segundos, se levanta e se afasta, fechando a braguilha. Caminha até uma poltrona e se senta, cruzando as pernas. Eu me sento no sofá, sentindo-me dolorida e vazia. Ele sabe que eu detesto quando ele sai de mim com tanta rapidez. Tento pegar minhas roupas.

—

Ainda não. Fique assim um pouco.

Eu me encolho no sofá e ponho as pernas por baixo do corpo. M. me olha com desdém e diz:

—

Como pode se sentir atraída por um homem como ele? Ele é fraco. Um choramingas. Devia ouvir algumas das coisas que me diz.

— Então pare de se encontrar com ele. Ele sorri com malícia.

— Mas é tão prazeroso.

Há algumas semanas ele vem cultivando um ódio intenso por Ian. M. o inveja porque ainda o quero em minha vida e não o deixarei partir. Ridiculariza Ian na minha frente o tempo todo. Ele me conta como está conquistando sua amizade: os almoços freqüentes, os jogos de *squash* uma vez por semana, e até mesmo idas aos cassinos de Lake Tahoe. E em seguida o ridiculariza. O desprezo que tem por Ian é enorme, e eu acredito que isto se dê devido à sua inocência, à sua bondade inata e à sua incorruptibilidade. Ian pensa que são bons amigos, talvez até seu melhor amigo, e isto me preocupa.

— Fique longe dele — digo a M., mas sei que não me dará ouvidos. Nunca deu.

— Por quê? Não vou revelar seu segredinho. E eu me divirto com as informações que me dá a seu respeito.

—

Está com ciúmes.

M. caminha até o sofá e se senta ao meu lado. O tecido de seu terno de linho branco roça contra a minha pele. Na sua presença, me sinto perdida, pequena, desamparada e infantil. Ele coloca um dos braços em torno de meus ombros e brinca com meu seio com a outra mão. O mamilo endurece, o que não está sendo tocado também. Ele o belisca suavemente, colocando-o entre os dedos, e mais uma vez sinto o calor no meu sexo.

—

Ian jamais a conhecerá como eu a conheço. Ele nunca a possuirá como eu a possuo. Chego mais perto de M. Ponho minha boca próxima à sua, e desta vez ele me beija. Ele me puxa para mais perto, coloca minha perna esquerda em seu colo e continua a brincar com meus seios. Afasta os lábios dos meus e diz:

— Quero lhe contar uma coisa.

— O que é? — pergunto, alheia, sem realmente ouvir. Não quero que pare de me beijar. Laura Reese - Falsa Submissão

215



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Ouça, quero lhe contar uma a respeito de Franny — diz, e encosta minha cabeça em seu peito. Ele brinca com meus mamilos enquanto fala, pressionando-os de leve no início e em seguida com mais força, de maneira que sinto uma dor constante, e doce. À medida que aumenta a pressão, meus dedos apertam seu braço com mais força. Mas sinto-me complacente; eu o quero outra vez. Ele sabe disso e aumenta ainda mais a pressão em meu mamilo, e nada posso fazer além de gemer de dor... ou seria de prazer? Não sei.

— Você sabe alguma coisa sobre cachorros? — Pergunta e não espera minha resposta. — Se a cadela não estiver pronta para ser coberta, o macho urina ao seu redor para avisar aos outros machos que o território é seu e que a fêmea é sua. Eu disse a Franny que queria fazer o mesmo com ela, marcá-la como meu território, minha propriedade. Eu a levei até o banheiro, mandei que tirasse a roupa e que entrasse na banheira.

Começo a erguer a cabeça para dizer alguma coisa, mas M. a aperta contra o peito.

—

Shhh. Ouça. — Ele põe a mão de volta sobre o meu seio e massageia o mamilo entre o polegar e o indicador. — Ela fez o que pedi, é claro; ela sempre fazia o que eu pedia. Eu não lhe dava escolha. Ela tirou a roupa e se deitou na banheira. Eu urinei nela. Mijei em sua barriga, em sua boceta, em seus seios. Eu a mandei fechar os olhos e mijei em seu rosto. Então montei sobre seu peito.

Disse que sobrara um pouco de urina e mandei que abrisse a boca. Disse a ela que não precisava engolir, que podia deixar que caísse de sua boca, mas que mesmo assim ia mijar em sua boca. Eu balanço a cabeça.

— Sei que está inventando esta história. Há certas coisas que ela não conseguiria fazer. Esta é

uma delas.

M. se levanta e caminha até a mesa; recosta-se e calmamente continua:

—

Em seguida, abri a torneira e deixei que enxaguasse a boca. Enchi a banheira com água morna e a banhei para que ficasse limpa mais uma vez, conversando com ela, carinhosamente, enquanto ensaboava seu corpo. Eu lhe agradeci por me deixar urinar em seu corpo. Eu sempre lhe agradecia quando ela fazia alguma coisa para me agradar. Queria que ela achasse que tinha escolha e que estava fazendo aquilo de vontade própria. Nunca precisei forçá-la a fazer coisa alguma; era raro, até, eu precisar levantar a voz com ela. Enquanto eu deixava a água escoar da banheira, disse que não ia querer urinar nela com muita freqüência, mas que de vez em quando teria que fazê-lo. Então a enxuguei e a levei até o quarto. Eu lhe disse que, agora, precisava ir até o fim. Coloquei as mãos sobre a cômoda, me inclinei para a frente e mandei que lambesse meu ânus, outra coisa que ela detestava fazer. Mandei que me fodesse com a língua enquanto

acariciava meu pau por entre minhas pernas. Quando eu estava pronto para gozar, eu me virei e gozei em sua boca. Laura Reese - Falsa Submissão

216



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Estou sentada no sofá sorrindo, inquieta.

—

Boa, a história. Mas não acredito nela.

Ele dá de ombros e manda que eu me levante. Quando estou de pé, manda que o siga, pois iremos até o banheiro. Como não me movo, ele diz, calmamente, que sou sua propriedade, sua cadela e que vai me possuir de uma maneira que Ian jamais conseguirá. Ele me diz que, realmente, sente ciúmes e que me fará pagar por manter Ian em minha vida. Exige que eu o acompanhe até o banheiro.

Permaneço imóvel. Meus nervos estão abalados, confusos, à flor da pele. Começo a compreender que não sei o que estou fazendo. Começo a compreender que entrei num pântano, um charco do qual será difícil escapar. Julguei que o confronto com M. seria simples, direto. Ele é o vilão, eu sou a heroína; logo, eu deveria vencê-lo. Mas as coisas não estão sendo tão simples assim. Eu me sinto como se ele estivesse me puxando para dentro, não, não está me puxando, está me chupando para dentro. Seu domínio me parece frágil, mas é na verdade tenaz. É como se eu estivesse presa em areia movediça, com apenas uma direção

possível... para baixo. Até o fundo. M. aguarda. Ele sente minha apreensão e diz:

- Pense nisso como mais um passo em direção à compreensão sua irmã. Não consigo me mexer. Ouço o garoto mais uma vez, distante, queixoso: *Duque! Onde está*

você, Duque? Aquiiii, Duque! Vem aquiii! Duuuuuuque! Com os gritos desolados do menino, chega a compreensão de que não escaparei do caminho percorrido por Fran-ny. Sigo os passos dela de perto, reproduzindo suas experiências com M., a cada revelação que ele decide compartilhar comigo. Finalmente, eu digo:

—

No meu rosto, não. Nem dentro de minha boca. Ele se aproxima de mim e diz:

—

Tudo bem. — Beija minha testa e acrescenta:—Por enquanto. — Ele pega minha mão e me leva até o banheiro. Eu me sinto como um cachorro, sendo puxado pela coleira, obedecendo, cegamente. Achei que minha derrocada em relação a M. já fosse completa, mas agora vejo que irei ainda mais longe, que posso afundar ainda mais.

Quando entro na banheira, tenho uma sensação inebriante, não muito diferente da sensação de ter bebido demais: sinto-me levemente desorientada. Sinto um certo asco de mim mesma por haver me permitido perder o controle. E, apesar do asco, sinto um calor alcóolico, entorpecente, que faz com que tudo fique bem. Deslizo a dentro da banheira e me pergunto se gostarei disto também.

Mais tarde, naquela mesma tarde, estamos nus na cama.

Laura Reese - Falsa Submissão

217



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Ontem recebi um bilhete pelo correio me avisando para parar de procurar o a ssassino

de Franny. Suponho que você vá negar que o tenha mandado, como fez com as fotos. M. se apóia num dos cotovelos e me encara com a testa franzida:

—

Diga exatamente o que dizia o bilhete. Depois que eu lhe conto, ele diz:

—

Acho que deveria mostrar as fotos e o bilhete a seu detetive. Pode ser que não seja nada, apenas alguém fazendo uma brincadeira de mau gosto, mas está começando a me preocupar. Ele não sabe que as fotos e o bilhete já estão com Joe Harris. O laboratório ainda não enviou o resultado do bilhete a Joe.

M. ainda franze a testa. Sua preocupação me parece verdadeira, mas minha incredulidade deve estar estampada em meu rosto, pois acrescenta:

— Nora, eu não tirei aquelas fotos nem enviei o bilhete. Eu juro.

— Você achou que iriam me intimidar? Que eu ia desmoronar e que pararia de procurar o assassino de Franny?

M. balança a cabeça.

—

Quero que você descubra quem matou Franny. Se não por outro motivo, pelo menos para que saiba que não fui eu. Mas está na direção errada. Não tive nada a ver com sua morte. Como ele jamais admitirá que os mandou, deixo que o assunto morra. Viro de lado, e M. se aconchega a meu lado. Ele sussurra no meu ouvido:

—

É claro que sabe que vou castigá-la. Já avisei para não interferir com meu horário de ensaio.

Meu corpo é invadido pela ansiedade, embora saiba que não me castigará hoje.

— Adoro ouvi-lo tocar. Você é muito talentoso. Por que ensina, em vez de tocar profissionalmente? Por que não se tornou um... — Hesito, sem saber a palavra exata.

— Um virtuoso. Não é sempre que o talento é recompensado. Sou muito

bom, mas não bom o bastante. Nunca fui e nunca serei. Reconheço meus limites, e aprendi a aceitá-los. Meu desejo excede meu talento em muito. É simples.

Ele fala isto como se fosse um fato consumado, sem a menor amargura. Passa alguns minutos em silêncio e beija meu ombro nu, um beijo muito carinhoso.

—

Quero que termine sua história—diz suavemente, mudando de assunto. — Você disse que havia mais.

Está se referindo ao aborto. Deito de barriga para cima e olho para o teto. Ele coloca a mão sobre meu ventre e passa os dedos pela minha pele, aguardando pacientemente enquanto procuro as palavras.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

É provável que eu o desaponte. Não há muito o que contar. — Ele me a caricia levemente. Não é um toque com conotações sexuais. Tem, simplesmente, um efeito calmante. Como permaneço em silêncio, ele diz:

— Não é uma questão de me desapontar ou de me agradar. Eu gosto de você. Quero saber mais a seu respeito.

Respiro fundo e me pergunto até onde me revelar, até onde me resguardar.

—

Depois do aborto fiquei em abstinência sexual durante cinco anos. Só que ninguém soube disso. Eu falava a respeito de namorados, mas eram apenas fantasmas. Eu os criava para não ter que responder a pergunta alguma. Quando tinha 23 anos de idade, decidi que minha abstinência não era normal. Então, sem mais nem menos, dormi com alguém. Ele não significava coisa alguma para mim. Então comecei a dormir com vários homens, e eles também não significaram coisa alguma. Era só sexo, mais nada. E combinava com meu estilo de vida. Eu havia começado a trabalhar no *Bee* e estava extremamente atarefada. Casos eventuais eram tudo o que eu podia ter. Paro de falar. Após algum tempo, digo:

—

É engraçado como um simples acontecimento pode mudar o curso de uma vida. Ninguém acharia que os ecos chegariam tão longe. Uma decisão tomada na adolescência não deveria exercer tanta influência; não deveria poder mudar uma vida para sempre. As escolhas deveriam ser pesadas, assim como as questões num exame. Você tem dezoito anos de idade e faz uma escolha insensata? Tudo bem, a decisão a afetará por apenas quatro anos. Mas durante vinte e oito? Bem, você já está com dez anos a mais e deveria ter sido mais esperta. A mesma decisão lhe custará mais dez anos. Quarenta e oito? Agora ferrou. O resto de sua vida está mudado. — Penso em Franny e em como o curso de sua vida foi alterado no dia em que Billy morreu. Mais uma vez vejo os paralelos. Ela se sentiu responsável por uma morte que não podia ter evitado. Eu, pela morte que causei. E, assim, um único acontecimento transformou as nossas vidas, a minha e a de Franny, para sempre. Suspiro e continuo: — O aborto resolveu meu problema. Não pensei muito na época, não sobre o aborto em si. Estava em pânico, e não me permiti pensar a respeito. Mas vários anos se passaram, e eu

não conseguia esquecer. Tudo voltava, como uma péssima refeição que eu preferia jamais ter comido. — O ar-condicionado liga automaticamente com um som surdo, como um sussurro. O

quarto fica frio de repente, e me cubro com um cobertor. M. me procura por debaixo da coberta e me toca.

—

Não estamos falando de um embrião. Eu estava com três meses e meio de gravidez, quase quatro. Era um feto do tamanho de minha mão. Tinha aproximadamente quinze centímetros de comprimento, com pernas, braços e unhas; tinha olhos, nariz e boca; tinha órgãos genitais; tinha um Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

cérebro, um coração e um sistema nervoso. Era um ser humano, um ser vivo, um bebê. E e u, sem refletir, tirei sua vida.

Balanço a cabeça devagar, pensativa.

—

Sou a favor da livre escolha. Acredito que as mulheres têm direitos sobre o próprio corpo. O aborto deve ser legal; deve ser uma escolha da própria mulher.

Mas mesmo assim... tirar uma vida... mudou minha vida para sempre. Me diminuiu. Não imediatamente, levou anos para que as conseqüências se manifestassem, mas um belo dia elas me atingiram. Um belo dia eu compreendi que meu ato fora irreversível, eterno. Que minha alma fora maculada. Solto uma risada nervosa.

—

Não sou uma pessoa religiosa. Mas, se fosse, acho que isto me deixaria bem longe do céu. Um ato, um momento de fraqueza e... Puft! Estou na lista negra de Deus. M. não ri de minha tentativa infeliz de alegrar o ambiente. Chega mais perto e me abraça com mais força. Quero terminar a história, falta apenas mais uma parte. Talvez seja a parte mais importante, mas não consigo continuar. Como se conseguisse pressentir minha relutância, ele pergunta:

— Ainda há mais?

— Sim, há.

— Conte-me, então.

— Não.

Ele não me pressiona para continuar. Beija meu pescoço suavemente e coloca a cabeça em meu peito. Bem baixinho, ele me diz

—

Você não significava coisa alguma para mim quando conhecemos, e sua certeza absoluta de que eu matara Franny me divertia. Eu até gostava do papel que você inventou para mim: se ele o assassino ou não? Era um jogo para mim, fingir que eu matara Franny. Mas tudo isso mudou. Aprendi a gostar de você,

profundamente. Eu não tinha idéia, no início, de que me apaixonaria por você.

Fico em silêncio enquanto ouço sua declaração de amor. Suas palavras, e o significado óbvio em sua voz, a ternura tão transparente me pegam de surpresa. Não sei o que dizer. Meus próprios sentimentos não estão tão claros assim. Permanecemos deitados, em silêncio, membros interligados, nossas peles se tocando como que unidas.

Após algum tempo, M. diz:

—

Vou lhe contar uma coisa importante.

O tom de sua voz é de seriedade, e fico atenta.

— Sobre Franny? — indago.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— É.

— O que é? — pergunto, sentindo meu coração bater mais rápido.

M. me larga. Ele se apóia sobre um dos cotovelos, olha para mim. Mantém uma das mãos sob o cobertor e brinca com meu umbigo.

— Ian conhecia Franny. Ele trepou com ela.

— O quê? — pergunto, sentando-me na cama. Ele não responde. Sabe que ouvi o que disse.

— Está mentindo.

— Ele estava tão atormentado pela culpa que fez esta confissão a seu mais novo amigo do peito: "Philip Ellis."

— Não acredito em você.

— Não precisa acreditar, está em seu diário. Você já leu. Ela o conheceu em uma das festinhas do pessoal do seu trabalho. Ela não menciona o nome de Ian no diário, só que era um repórter do *Bee* e que dormiram juntos na noite em que se conheceram. Ele se arrependeu na manhã seguinte, levou-a ao Café Food for Thought e disse a ela que aquela noitada havia sido um erro.

— Você está mentindo. Por que é que vou acreditar no que diz? Você leu o diário, sabia a respeito do cara do *Bee*. Poderia ter sido qualquer pessoa. Você está tentando envolver Ian nesta história. Não foi com ele que Franny dormiu.

— Eu não liguei as duas coisas no começo, mas Ian confessou para mim.

—

Não acredito em você. Ele teria me contado. M. faz uma pausa e em seguida afirma:

—

Não se a tiver assassinado. Pense bem nisso: você mal o conhecia, e ele surge misteriosamente assim que Franny é assassinada. E foi se imiscuindo em sua vida. Saio da cama e vou até o escritório para pegar minhas roupas. Estou furiosa e descrente. M. me segue até lá e, ainda nu, encosta no portal e me observa enquanto me visto. Ponho minhas calcinhas, enfio o vestido pela cabeça e o abotôo e calço os sapatos.

— Abra os olhos, Nora. Está tão convicta de que matei Franny que não consegue enxergar a verdade, ou não quer enxergar a verdade. Pergunte a Ian onde estava no dia em que Franny morreu.

— Perguntarei — digo, saio do cômodo e bato a porta ao sair. Lá fora os melros brincam na grama reluzente, ainda úmida do irrigador de M. Faz calor, e o céu brilha como se houvesse sido polido. O friso de cromo de um carro estacionado na rua reflete os raios de sol e emite estilhaços de luz forte, penetrante e cruel, fazendo com que eu aperte os olhos e vire o rosto. Vasculho minha bolsa em busca dos óculos escuros.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Neste exato instante estou mais irada do que jamais estive em toda a minha vida. Eu deveria

saber que M. tentaria desviar as suspeitas para longe de si. Mas dizer que Ian e Franny andaram trepando, francamente, é ridículo. Como o exercício físico sempre me ajudou a eliminar o estresse ou a raiva, vou até a academia. Passo em casa para pegar a bolsa de ginástica e, quando estou saindo da garagem, olho, como sempre faço, o Cadillac de Franny. Noto mais uma vez que precisa ser lavado. Sigo pelo Mace-Covell Boulevard até a academia. É uma longa rua, nos limites da cidade, que atravessa o centro da cidade. Um vento forte agita a grama comprida que ladeia a rua. Quando chego na academia, a piscina está cheia e tenho que compartilhar uma raia com outra pessoa. De pé, na parte rasa da piscina, usando um maiô preto da Speedo, touca e óculos ao redor do pescoço, passo alguns instantes observando os nadadores, procurando o mais veloz. Já que tenho que compartilhar a raia com alguém, que não seja com alguém lento. Há duas mulheres usando pranchas e jogando água para todos os lados enquanto passeiam pela raia lentamente, conversando na ida e na volta. Nas três outras raias todos estão nadando vagarosamente, e há gente demais na raia de fora. Caminho até a segunda raia, onde um rapaz de cabelos escuros e as costas queimadas de sol está nadando. Quando ele chega ao final da piscina, coloco meus óculos. Quando ele começa a voltar, eu mergulho. Fico submersa durante alguns segundos, e é como se tivesse mergulhado num mundo diferente, mais calmo, um espaço interno fluido, como um útero, sem gravidade e sem os problemas do dia-a-dia para me puxar para baixo. Mas, quando volto à superfície, a tranqüilidade volta também. M. surge mais uma vez em minha mente. Braço após braço, minhas braçadas me carregam adiante, e o outro nadador e eu chegamos à metade da piscina. Aumento a velocidade, e já

na volta seguinte estou uma braçada à frente de meu colega de raia. Mas na volta seguinte empatamos. Quando aumento a velocidade, ele faz o mesmo.

Imagino que ele é M., meu castigo, e que estamos numa corrida em que apenas um sobrevivente cruzará a linha de chegada. Com isto em mente, me forço a nadar cada vez mais rápido, estou certa de que o mais rápido que já nadei em toda a minha vida, mas o rapaz me alcança sempre. Penso nas palavras de M.: *Ian trepou com Franny. Pergunte a ele onde estava no dia em que ela morreu.* Minha raiva retorna, me empurrando para adiante. Na décima quinta volta, estou decidida a me distanciar, mas na décima sexta noto que estou sozinha na raia. O rapaz não está mais aqui. Paro um instante e, através do visor embaçado dos meus óculos, eu o vejo caminhar na direção do prédio e atravessar a porta. Continuo a nadar, sentindo que roubaram minha vitória. Nadando mais lentamente, me concentro em minha forma. Cada braçada que dou é forte, certeira e equilibrada. Encontrei uma velocidade constante, e na vigésima volta minha raiva se transforma em dúvida, tenebrosa, insistente. E se M. estiver dizendo a verdade?

Laura Reese - Falsa Submissão

222



PDL – Projeto Democratização da Leitura

TRINTA E TRÊS

Quando chego em casa, vejo a escultura de Ian na bancada da cozinha: a

garça de tília, com as asas abertas, pouco menos de oito centímetros de altura, com tantos detalhes talhados na madeira, tanta precisão que se percebe, imediatamente, tratar-se da obra de um artesão de imensa habilidade. Paro ali por alguns minutos, pensando nos intrincados desenhos talhados no tronco de Franny, também obra de um artista.

Ian. Tenho a chave de seu apartamento, e penso em ir até Sacramento para revistá-lo. Não sei bem o que espero encontrar, fotos de Franny, talvez, ou qualquer coisa que pertencesse a ela, bijuteria, roupas, uma presilha de cabelo, qualquer coisa que provasse que ele a conhecia. Mas no mesmo instante ouço a porta da frente abrir e fechar. Ian chama por mim e um minuto depois já se encontra na cozinha, invadindo o aposento com sua maneira peculiar, apressada, de andar, os ombros arredondados, a cabeça um pouco baixa, perdida em pensamentos. Ainda veste as roupas do trabalho: calças cinza e uma camisa branca amarrotada. Sua presença, sua lourice e corpulência se impõem. Ele levanta o olhar.

— Nora! — exclama, e seu rosto se abre num sorriso. Os lábios cheios se abrem para revelar dentes perfeitos, retos e brancos. -Pensei que não estivesse em casa. Por que não atendeu quando liguei? — Carrega uma pilha de livros com uma das mãos e a maleta com a outra. Ele caminha em frente, coloca tudo sobre a mesa e se aproxima de mim para me beijar. Seus lábios pousam sobre os meus num breve contato. Eu me sinto enrijecer por dentro, como se todo o carinho que eu sentira por este homem houvesse sido congelado, transformando-se em algo duro e quebradiço. Faço um imenso esforço para não me esquivar dele. Ele me olha, confuso.

— O que foi? — pergunta, e neste momento eu me esquivo. Caminho em volta da mesa para pô-la entre nós dois.

— Você conhecia Franny — acuso. Eu o observo com atenção. Uma expressão que não consigo identificar marca seu rosto. Seria medo, tristeza, culpa? Não sei dizer. Mas ele conheceu Franny. Isto fica óbvio pela sua expressão. Espero que minta. Suspirando, ele coloca ambas as mãos no espaldar da cadeira, abaixa a cabeça e encara o vazio. Finalmente me olha nos olhos. Bem baixinho, diz:

—

Eu quis lhe contar. Não planejei fazer segredo disso. Quando ela morreu, você estava tão abalada que não achei ser boa hora para confissões. E na semana seguinte você me pareceu tão Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

frágil, como se o menor incômodo pudesse machucá-la. Não podia lhe contar naquele mome

nto, pelo

menos enquanto não estivesse mais forte. Então as semanas tornaram-se meses, e o momento passou. Nunca foi minha intenção esconder de você. Sempre planejei lhe contar, mas um dia acordei e achei que já era tarde demais. Em uma dada semana eu estava procurando o momento certo; na semana seguinte esse momento já se passara. Então comecei a racionalizar a ilusão que eu criara: ninguém sabia a respeito de Franny e de mim; não ajudaria em nada que você soubesse; na verdade só pioraria as coisas. Meu encontro com Franny começou a me parecer irreal. Talvez eu jamais houvesse dormido com ela. Mas eu sabia que havia. Só não sabia como lhe contar. Ainda estou de pé, por trás da mesa, sem conseguir falar. Ian conhecia Franny. Ouvi suas palavras, vi a expressão em seu rosto, e mesmo assim eu esperava que ele negasse tudo. Eu

estava esperando que ele negasse. Não quero crer que M. me dizia a verdade. Mas dizia. Dizia. Como descobriu?

Eu rio, um riso grave e amargo. Ian conhece M. apenas como Philip Ellis e ainda não tem a mínima idéia de que trepo com ele.

—

O diário. Está no diário de Franny. Ela menciona que conheceu alguém em uma das festinhas do trabalho à qual a levei. Só que ela não dizia quem era. Disse apenas que era um dos repórteres do *Bee*. Eu me lembro que da primeira vez em que li seu diário fiquei me perguntando quem do trabalho poderia ter dormido com ela. O gorducho que trabalha meio expediente no caderno de esportes? Um dos caras que cobrem a cidade? Talvez o tal cara estivesse só fazendo gênero e não fosse repórter coisíssima alguma. Talvez trabalhasse na contabilidade ou em assinaturas. Eu nunca teria suspeitado de você. Nem em um milhão de anos. — Dou de ombros. Com frieza, acrescento: —

Foi um palpite feliz. Talvez se eu não houvesse confiado em você tão completamente, eu tivesse juntado peças do quebra-cabeça mais cedo.

Minhas palavras fazem com que Ian recue; no entanto, ele não desvia o olhar.

—

Foi só uma vez, Nora. Eu juro. Eu tinha bebido; sei que isto não é desculpa, mas foi um erro. Só aconteceu uma vez. Por favor, acredite em mim.

Vejo tristeza em seus olhos, olhos tão dolorosamente azuis, e, embora eu queira acreditar, não estou certa de que conseguirei.

—

Continue — digo.

Ele olha para as mãos. Está segurando uma na outra, como uma criança amedrontada. Deixando que caiam ao longo do corpo, ele diz:

—

Ela me telefonou umas cinco ou seis vezes depois da festa, depois de eu ter dormido com ela. Ela era... insistente. Acho que ela achava que se saíssemos algumas vezes eu ia acabar Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

gostando dela. Eu deveria ter lhe dito a verdade desde o começo, que não estava intere

ssado nela

como mulher. Mas não disse. Eu sabia que era difícil para ela, dar aqueles telefonemas. Eu sabia que era um ato de desespero, e dizer a ela que eu não estava interessado me pareceu cruel demais. Então eu deixava que ela telefonasse e, quando o fazia, eu inventava desculpas para não nos vermos. Era

uma situação muito incômoda para nós dois, então, finalmente, lancei mão do bom e tradicional talvez devêssemos ser apenas bons amigos. Ela parou de ligar imediatamente. Senti alívio, mas também senti remorso. Eu agi mal desde o início, desde que nos conhecemos. E foi a última vez que soube dela, até ler a respeito de sua morte nos jornais. Então me senti ainda pior. Eu sabia que deveria ter sido mais gentil com ela, mas não fui. Talvez tenha achado que podia compensar alguma coisa ajudando você após sua morte. Tentando me redimir, acho. Eu me senti atraído por você. Quis estar a seu lado, ajudar de alguma maneira. Então...—abre os braços num gesto descontrolado, desamparado —, me apaixonei por você.

Permaneço em silêncio. Franny correu atrás de Ian. Ela ligou para ele meia dúzia de vezes, tentando chamar sua atenção. No diário, sem dúvida por se sentir humilhada, ela admitiu ter ligado apenas uma vez. Não consigo imaginar como seria, correr atrás de um homem, ligar para ele sem parar quando ele obviamente não estava interessado. Neste momento, sofro por ela. Sinto-me como se tivesse sido eu a rejeitada. Queria ter estado presente para poder consolá-la. Com amargura, afirmo:

— Deixe eu ver se entendi direito. Você não me contou que comera Franny porque achou que o momento mágico já passara? Então, você se apaixonou por mim e, obviamente, não podia me contar, uma vez que me amava.

— Tive vergonha, Nora. Não sentia orgulho algum pelo fato de ter dormido com ela e de não poder retribuir sua afeição.

Ao ver a dor estampada no rosto de Ian, eu me calo. Quero acreditar em tudo que acaba de me dizer, mas não tenho mais certeza de nada. Nem sobre ele, nem sobre M.

—

O que estava fazendo no dia em que ela foi assassinada? — Pergunto por fim. Inclinando a cabeça levemente, Ian nada diz. Em seguida, quando percebe o

que estou querendo dizer, parece desmoronar.

—

Como pode me fazer uma pergunta destas? — indaga, claramente ofendido. — Acha que eu poderia estar envolvido na morte dela?

Dou de ombros. Quando vê que aguardo a resposta, diz:

—

Eu a vi apenas uma vez, seis meses antes de sua morte. Por que é que eu ia querer matá-la? Como pode sugerir uma coisa destas?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Como pude? Realmente soa ridículo. Ele não tinha motivo algum e não a via há seis meses. Penteio os cabelos com as mãos, tentando me agarrar à realidade. Suspeitar que Ian tenha alguma coisa a ver com o assassinato é um absurdo. Beira a insanidade. M. está fazendo isto, plantando as sementes da dúvida, apenas para me confundir ainda mais. Meus pensamentos estão fora de controle.

—

Você deveria ter me contado que conhecia Franny. O que quer eu pense quando sei que escondeu uma coisa destas de mim?

Ele toma minha mão e a segura. Bem baixinho, diz:

—

Você deveria pensar que sou humano, não que sou um assassino.

Não me parece que haja mais coisa alguma a ser dita. Eu queria poder abraçá-lo, mantê-lo perto de mim e deixar que saiba que o julguei mal, que sei que ele seria incapaz de assassinar alguém. Mas meu corpo não me obedece. Não dou um passo à frente para abraçá-lo. Não tento consolá-lo. A mão que ele segura parece morta, e eu a puxo para mim.

—

Ian, quero passar a noite sozinha.

Ele começa a reclamar, mas muda de idéia.

—

Telefone quando quiser me ver — diz, resignado; me beija suavemente no rosto, só

encostando os lábios em minha pele, e vai embora. Vou para a cama, me perguntando quando o verei outra vez.

Laura Reese - Falsa Submissão

226

PDL – Projeto Democratização da Leitura

TRINTA E QUATRO

Ann Marie, a vizinha de frente, está no quintal mais uma vez, cuidando do jardim. Ela é uma mulherzinha minúscula e usa um chapelão de palha, um vestido desbotado e luvas de jardinagem imensas e desajeitadas, que a fazem parecer, em comparação, ainda mais minúscula e delicada. Eu me aproximo para batermos papo. Parece que ela está sempre aqui, trabalhando no jardim, mas eu sei que não é bem assim. Ela ensina matemática em Sacramento e passa a maior parte do dia fora. O fato de eu sempre encontrá-la cuidando do jardim é pura coincidência. Revela mais meu isolamento do que sua dedicação ao jardim. Se eu passasse mais tempo aqui fora, a veria realizar outras coisas. Do jeito que levo minha vida, tenho pouco contato com os vizinhos. Moro aqui há um ano e não sinto que faço parte deste bairro. Ann Marie e eu fazemos a mesma aula de *jazz*, e é por isso que a conheço.

Está ajoelhada, revirando a terra com uma espátula.

—

O que vai plantar? — indago.

—

Margaridas — responde, enquanto arranca um punhado de flores do chão. —

Na verdade, não vou plantar. Estou separando as mudas que estão próximas demais, para que tenhamos mais flores no próximo verão. — Suas pernas bronzeadas surgem por debaixo do vestido. Eu a observo desbastar uma fileira de margaridas. Quando termina, senta-se sobre os calcanhares e examina seu trabalho. Com o braço, ela limpa um filete de suor que lhe escorre da testa. Ela se levanta e passeia pela grama. Não sei ao certo o que procura, mas eu a sigo.

—

E quais são as novidades? — pergunto. Ela sabe que me refiro a nossos vizinhos. Ela liga os irrigadores e ouço um gargarejo rouco antes da água sair num jorro constante.

—

Bem... — começa, e, enquanto se abaixa para ajustar os irrigadores, ela me conta o que está acontecendo na vizinhança. Quase tudo que sei a respeito de meus vizinhos é ela que me conta. — Os proprietários daquela casa ali estão virando o quintal pelo avesso e refazendo tudo. Olho mais adiante e vejo uma montanha de terra. O fato de não ter notado antes me surpreende. Invejo a vida rotineira de meus vizinhos e gostaria de ter uma certa normalidade em minha própria vida. Nenhum deles se preocupa com possíveis atacantes e assassinos, nem vivem olhando para trás, apavorados. Nenhum deles se pergunta o que vai acontecer quando se esgotarem suas duas semanas. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

E é neste instante que meu senhorio, Victor Puzo, vestindo *shorts* bege e uma cami sa pólo,

chega em minha casa, de bicicleta. É um homem alto, magro, de seus setenta anos. Tem a pele morena e a voz macia, e passa por aqui de vez em quando para se certificar de que o jardineiro está

cuidando bem do jardim. Deixo Ann Marie com seus irrigadores e atravesso a rua para cumprimentar Victor. De repente me passa pela cabeça, no meio da rua, que estou tendo mais contato com meus vizinhos hoje do que em um mês inteiro. Estou começando a me ver como uma daquelas velhas excêntricas, da qual todos falam às costas, a figuraça do bairro. Eu sou o Fantasma do Bairro. A Mulher Invisível.

Victor examina uma das árvores do quintal. Está com as mãos na cintura e sua cabeça pende para o lado. Parece pensativo.

—

Olá, Victor — digo. Ele me olha e sorri, amável.

— A prefeitura me escreveu uma carta. Vão substituir as duas árvores do quintal.

— Por quê? — pergunto. Ele protege os olhos do sol e olha para mim, zombeteiro.

—

Porque estão morrendo.

Olho para as árvores e vejo que, realmente, elas parecem pouco saudáveis. Estamos no final de agosto e elas estão perdendo as folhas. Tenho quase certeza de que isto deveria acontecer apenas no outono. Eu me lembro do ano passado, quando suas folhagens densas cobriam o quintal, fazendo bastante sombra. Agora, são raras as folhas, e os galhos parecem mirrados. Quando teria começado isto, me pergunto, logo chegando à conclusão de que não importa.

— Têm raízes superficiais. Vivem pouco mesmo.

— E isto é típico?

— Para este tipo de árvore, é. — E ele fala a respeito daquelas árvores, diz que elas normalmente vivem entre dez e quinze anos, e depois aponta para outras árvores do bairro, mostrando quais vivem muito tempo, quais dão uma boa sombra.

— Está vendo aquela ali?—pergunta, apontando rua acima. — Aquela árvore é boa de sombra. Penso nas músicas da Madonna, na maneira com que ela joga com as palavras para ocultar algum sentido sexual. Felação. Ela é boa de boca. A árvore é boa de sombra. Começo a rir, mas me contenho quando Victor me dá mais uma olhadela ambígua.

— Como vão Richard e Abby?—pergunto, tentando ser gentil. Richard é seu filho e também é

construtor. Vive com a esposa na mesma rua que eu. Ele e Victor construíram a casa geminada onde moro. O próprio Richard morou nela até construir a outra casa.

— Estão bem — responde, ainda olhando a árvore desfolhada. — Estão bem. O bebê nasce em agosto.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— O bebê? — indago. Ele me conta que Abby está grávida.

— Eu não sabia disso. Ela está grávida? É incrível.—Por algum motivo, a gravidez de Abby me deixa estupefata. Parece que falei com ela há poucas semanas. E ela certamente não estava grávida então, sua barriga estava lisa como papel. Mas isso deve ter sido há seis ou sete meses. —

Ótimo — digo, ainda surpresa. Então sinto aquela dor, aquela ponta de tristeza no coração que sinto sempre que sei que alguém vai ter um bebê. — Que maravilha. Eles querem um menino ou uma menina?

— Menino. Vai ser um menino. Ela já fez exame e o médico disse que vai ser menino. Um menino, penso. É só o que falta ao mundo, mais um menino. O sul de Davis está sendo invadido por meninos. O casal que vive na casa geminada à minha teve um menino no mês passado, o segundo. E há duas semanas, a mulher do outro lado da rua, que mora numa casinha azul, estilo Tudor, também teve um menino, o quarto. Só fui saber que estavam grávidas depois do nascimento dos bebês, quando Ann Marie me contou. Ela não deve saber que Richard e Abby vão ter um bebê. Um bebê menino. Onde estão as menininhas? penso eu. E por que alguém ia querer quatro meninos?

Eu bem sei por quê.

Deixei de ir a Sacramento, a não ser em caso de extrema necessidade. A verdade é que fiquei medrosa, tal minha preocupação com a morte e com o prazo de duas semanas. Moro num pequeno mundo, confinado aos limites de Davis. Ao passar o elevado de Yolo, sinto como se estivesse deixando um santuário e entrando num país estrangeiro. Santuário! Tenho que rir. Minha vida em Davis, minha vida com M pode ter tudo, menos proteção. M. não me oferece abrigo. Mesmo assim, Sacramento me parece território estrangeiro. Representa a vida que eu abandonei, e, ao atravessar Tower Bridge, sinto-me como uma nativa que retorna após uma longa ausência e se sente estrangeira em sua própria terra, constrangida e um pouco ansiosa.

Ian tem um apartamento no centro da cidade; vou até o Capitol Mall e viro à direita, no palácio do governo, um edifício com cúpula dourada. Ian mora a algumas quadras ao sul dali, numa rua sombreada por olmos. Paro o carro junto ao meio-fio e caminho até o prédio, uma construção de estoque marrom com hera nas paredes. O tempo deixou rachaduras na calçada, e por algum motivo isto me faz sentir menos estrangeira.

Toco a campainha de Ian e aguardo. Ele me deu uma chave, mas eu nunca a usei. Foi um gesto simbólico de sua parte, nós nunca nos encontrávamos na casa dele. Eu sabia, porém, que ele sonhava que nosso envolvimento evoluísse, que nossas vidas realmente se entrelaçassem. As coisas acabaram não acontecendo como ele planejara desde o dia em que descobri que ele trepara com Franny, e até

antes, quando dormi com M. pela primeira vez, nossos destinos começaram a se distanciar. Nós nos Laura Reese - Falsa Submissão



vemos cada vez menos. Não houve nenhuma grande discussão, nenhum dramático mome nto de separação, apenas um desvanecimento gradual. Três dias de ausência tornaram-se quatro, quatro se tornaram cinco, e assim por diante. Algo se rompeu, e agora há um mal-estar entre nós, uma área vazia que não conseguimos preencher. Mantenho a chave, como um símbolo. Agora do fracasso, não da esperança. Seria até presunção minha usá-la neste estágio de nosso relacionamento. Espio pelo vidro nas laterais da porta. Vejo Ian caminhar em minha direção, olhando para o chão, com uma expressão distraída. Está usando os óculos para perto, seus cabelos louros estão em desalinho, e ele segura um amontoado de papéis. Abre a porta e me vê. Um lampejo de surpresa e de irritação passa em seu rosto. Na mesma hora, ele o disfarça com um sorriso. Mas é tarde demais. Já

notei seu desprazer em me ver.

— Nora—diz ele, batendo os papéis contra a perna.

— Oi, eu estava nas redondezas.

—

Nas redondezas — repete ele e sorri, pois ambos sabemos que é mentira. Ele ainda não me convidou para entrar.

—

Preciso conversar com você — afirmo.

Ele dá um passo atrás e deixa que eu entre. Atravessamos o corredor até a sala. Seu apartamento é claro e arejado, com ventiladores de teto e paredes brancas que ainda não foram decoradas. Só lá um quadro pendurado numa das paredes, a reprodução de uma pintura de Georgia O'Keeffe, do crânio de uma vaca. Quando me sento no sofá, uma mulher robusta de cabelos grisalhos, de uns cinqüenta anos, entra na sala carregando um balde cheio de produtos de limpeza: desinfetante, esponjas, luvas de borracha amarela e uma escovinha para a privada. Deve ser Pat, a faxineira de quem ele já falou.

—

Terminei, Ian — exclama com um vozeirão alegre. Quando me vê, acrescenta: — Oh, desculpe. Não sabia que tinha companhia.

Ian me apresenta como sua namorada. Trocamos algumas palavras, ela apanha o cheque de cima da mesa, junta seus produtos de limpeza e vai embora, avisando a Ian que voltará na semana seguinte. Com sua partida, um silêncio incômodo se instala.

— O que está fazendo? — pergunto, indicando os papéis que segura na mão.

— Estes papéis? — Ele os levanta, distraidamente. — Ah, não é nada não. Resolvi trabalhar em casa hoje. São apenas... — Sua voz some. Ele atira os papéis em cima da mesa de centro, que já

está entulhada com facas e três pequenos blocos de madeira. Ele se senta à minha frente. Vai direto ao assunto: — O que veio fazer aqui?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

O rosto de Ian me parece tão atormentado que sinto vontade de estender o braço e acaric iar sua testa. Mas não o faço. Há frestas em nosso frágil relacionamento que não permitiriam a familiaridade que um gesto destes envolve. Seria muita audácia.

Eu me concentro em sua pergunta. Por que estou aqui?

—

Não tenho certeza — confesso com um suspiro. — Não exatamente. — Paro, tento organizar meus pensamentos e começo outra vez. — Nós não nos vemos com muita freqüência. É

raro hoje em dia. E eu sei que grande parte da culpa é minha—Dou de ombros e sorrio sem graça. —

Acho que a culpa é toda minha. Não o culpo por não querer me ver. Sei que venho agindo como uma verdadeira vaca ultimamente. — Respiro bem fundo e digo: — Mas ainda amo você. Ian não responde, olho para baixo e digo bem baixinho:

—

Vou resolver isto de alguma maneira. Só preciso do seu apoio. Preciso que

espere por mim. — Até eu mesma ouço o tom de súplica em minha voz. Olho para Ian. — Vou dar um jeito nesta desordem toda. Vou sim.

Ele permanece mudo enquanto falo, mas agora me parece mais perturbado do que antes. Chego para a frente, seguro sua mão e digo:

—

Eu vou sim, Ian. Prometo. Só preciso de mais tempo. Não posso explicar o que está

acontecendo. Mas vou dar um jeito. Vou achar um meio.

Ele retira a mão das minhas e diz, gentilmente:

—

Você não pode dar jeito algum, Nora. O que nós fomos um para o outro terminou. E a culpa não foi só sua. Foi minha também.

Não consigo me conter e toco seu rosto. É tão macio, tão lisinho, tão puro.

—

Oh, Ian. Você não é responsável por nada. Você sempre foi maravilhoso comigo, sei disso. E eu nunca quis duvidar de você com elação à morte de Franny. Você é tão...

- Pare!—Ele se levanta de repente e caminha pela sala, o rosto sombrio, fechado. Ele me parece agitado, contrito, como eu jamais vira. Ele volta e se senta mais uma vez. — Eu não sou esta pessoa maravilhosa que você pensa. Sou

apenas um homem normal. Nora, eu tenho fraquezas e defeitos como qualquer outro homem. E neste instante, neste instante, Nora, simplesmente não consigo lidar com os seus problemas. Não consigo.

Ele caminha até a janela da sala e olha para fora. De costas para mim, diz baixinho:

— Eu também amo você. — Em seguida, mais baixinho ainda, diz: — Meu Deus, Nora, ainda amo você. Mas preciso de espaço para respirar. Preciso de tempo para pensar. Olho as costas de Ian. Estão duras, rígidas. A tensão é quase visível, e fico triste em saber que sou responsável pelo seu desconforto. Eu queria saber o que dizer, mas não sei. Nem tenho certeza do porquê da minha vinda até aqui. Enquanto eu lhe implorava por mais uma chance, parte de mim Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

compreendeu que ele já pertencia ao passado, como uma relíquia. Eu o amo; ele me ama, m as isto não quer dizer grande coisa. Não é o bastante para nos manter juntos. E, certamente, não é o bastante para me manter afastada de M.

Deixo sua casa enquanto ele ainda olha pela janela, tentando me evitar. Pego a estrada e volto para Davis. Ele diz que precisa de tempo para pensar, mas eu sei o que quer dizer. É a dissolução gradual de um relacionamento, a maneira educada de se dizer adeus. Eu mesma já usei esta frase com vários homens: preciso de tempo para pensar. Traduzindo: não quero mais ver você. Ian tem toda a razão, é claro. Eu lhe dei diversas razões para se afastar de mim, razões que ele desconhece. M. conseguiu o que queria, finalmente. Ian está fora de minha vida.

O rompimento faz com que eu me sinta quase aliviada, leve. Não Preciso mais responder às perguntas de Ian. Não preciso mais tentar explicar meu comportamento. Mas, ao mesmo tempo, sinto que cometi um erro gravíssimo. Estou na beira do abismo, desta vez, e não há ninguém para me impedir.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

TRINTA E CINCO

A porta da casa de M. está destrancada, portanto entro sem bater e ouço música assim que giro a maçaneta. Ele está sentado ao piano, no escritório, mas pára de tocar quando entro no cômodo. Caminho até o sofá e me sento.

—

Você conseguiu o que queria — eu lhe digo.

Ele se vira na banqueta de forma a me encarar e cruza os braços. As cortinas estão fechadas, o aposento, escuro. A luz de cima do piano ilumina M., salientando as maçãs de seu rosto, o queixo forte. Seus lábios se erguem nas extremidades, sensualmente, e penso no quão belo deve ter sido quando jovem. Ele diz:

—

Sempre consigo o que quero.

Sinto raiva e ressentimento, e não estou para brincadeiras.

—

Graças a você, Ian não quer mais saber de mim. Se eu não tivesse conhecido você, Ian e eu ainda estaríamos juntos.

M. diz:

—

Quer um drinque? Eu o fuzilo com os olhos.

Ele caminha até onde estou e se senta ao meu lado. Põe a mão sobre meu joelho num gesto possessivo.

Eu empurro sua mão, negando-lhe a posse. Quero castigar este homem pelo que fez. Eu o culpo pela rejeição de Ian, embora, objetivamente falando, eu saiba que a culpa é toda minha. M., professor, disciplinador rígido, Nestor, algolagníaco, Pigmalião. Ele me olha durante algum tempo, um olhar estudado, paciente, e diz:

— Você nunca teve bons relacionamentos com homens, Nora. Não foi diferente com Ian. Mesmo se você e eu não nos tivéssemos conhecido, vocês dois não teriam ficado juntos por muito tempo. Você precisou dele depois da morte de Franny. Ele foi apenas uma muleta para você, alguém em quem se apoiar.

— Ele é alguém a quem amei. Que ainda amo.

— Você não o ama mais do que amou todos os outros homens que passaram por sua vida. E

ele jamais conseguiria satisfazê-la como eu.

— Isto não é verdade.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— É sim, e você sabe que é. Você pode saborear a idéia de estar apaixonada por ele o quanto quiser, mas na verdade precisa de alguém como eu.

Irritada com sua análise superficial, balanço a cabeça.

— Você não sabe do que está falando. Ian era especial e eu o amava.

— Você amava a idéia de amá-lo, Nora. Ian era tão seguro. Você poderia ter se casado com ele, ter tido dois filhos e vivido feliz para sempre. Só que isso não funcionaria. Você ficaria de saco cheio. Acabaria fazendo da vida dele um inferno e odiando tudo aquilo que ele representa. Coloca a mão por trás do sofá e cruza as pernas. Está vestindo uma camisa clara, de mangas curtas, e calças marrons de gabardine. Continua com a voz calma e, creio eu, condescendente.

—

Relacionamentos são coisas difíceis, Nora. E você morre de medo de mim. — Ele se ajeita no sofá. — Sua irmã tinha medo de mim, mas ela nunca desistia. Ela era um tanto destemida, de uma forma que lhe era peculiar. Ela odiava o que eu fazia com ela, mas me queria, e teve coragem bastante para agüentar firme até

o fim. Você adora o que eu faço com você mas não consegue admitir em voz alta. Preciso cozinhá-la em banho-maria para atenuar seus temores. E quanto a Ian e aos outros homens com quem saiu, você os escolheu por serem seguros, por não a desafiarem de modo algum.

Está na hora de crescer, Nora. Está na hora de começar a lidar com os homens.

— E você? — replico, irada. — Você não é muito diferente. Vive trocando de mulher.

— Há uma grande diferença—discorda, impassível.—Eu não temo as mulheres e não tenho medo de me envolver. Se eu como uma mulher depois da outra é por escolha, não porque tenha medo de arriscar um envolvimento mais sério. Você não vive o presente, Nora. Eu tenho o que precisa, mas você tem medo de admiti-lo. Você acha que, se não ficar comigo, alguém melhor que eu vai aparecer. — Ele chega o corpo para a frente.—Nós somos perfeitamente apropriados um para o outro, Nora. Mas ou você está vivendo em função do futuro, ou tem medo de viver o presente, ou está vivendo no passado ou está exorcizando seus velhos demônios, com medo de levar sua vida adiante. Você gosta de achar que é mundana, sofisticada, mas é ainda mais tímida do que Franny. Não passa de uma almazinha tímida.

Sinto um ódio fulminante. Meu rosto enrubesce e estou prestes a explodir. Mas não explodo. Mais uma vez, M. tem razão. É como se ele empunhasse um espelho e me mostrasse minha vida. Não gosto da imagem refletida.

Minha súbita compreensão me desnorteia. E então mudo de assunto.

—

Você matou Franny? — pergunto. Não consigo disfarçar o tom desesperado de minha voz. Já faz muito tempo que desisti da pretensão de me igualar a M.

Não sou páreo para ele. Só o que quero agora é a verdade.—Eu preciso saber. *Preciso* saber. Mesmo se tiver matado, não há nada que Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

eu possa fazer. Não há indícios, não há provas. Será a minha palavra contra a sua. Você jama is verá

o sol nascer quadrado. Mas preciso saber se você a matou, como a matou e por que a matou. Só

quero que diga a verdade. Por favor...

M. estende o braço e acaricia minha mão.

—

Oh, Nora — diz baixinho, quase com tristeza. — Quando é que vai abrir os olhos?

Não tenho provas, mas Ian me parece o suspeito mais provável.

Eu balanço a cabeça.

—

Quando ela morreu, fazia seis meses que ele não a via. E não tinha motivo algum para matá-la.

Às vezes não é necessário ter motivos. Além do mais, ele mentiu para você, não mentiu? Ele jamais teria mencionado Franny se eu não tivesse lhe contado que eles se conheciam. Então quem sabe ele não mentiu a respeito de outras coisas também. Como sabe que ele não a via há seis meses?

— Ele me disse.

— E você acreditou? — Percebo o cinismo em sua voz.

— Acreditei.

— Claro. Você se acha capaz de julgar Ian com objetividade? Você descarta qualquer fato que o faça parecer suspeito. Ele fodeu Franny, omitiu o fato de conhecê-la, gruda-se em você logo após a morte dela e assim que se apercebe que você desconfia dele, depois que você pergunta onde ele estava no dia em que Franny morreu, ele se afasta de você. Você não acha que o detetive Harris se interessaria em saber disto? Conte à polícia. Deixe que eles provem sua inocência.

— Ele não matou Franny. — Eu me levanto e começo a caminhar de um lado para o outro. —

E se você tem certeza de que é ele o assassino, por que não me disse antes? Você diz que gosta de mim, que está se apaixonando por mim. Não teve medo de que ele me matasse também?

M. me observa enquanto caminho de um lado para o outro. Muito

calmamente, ele afirma:

— Não. Sua vida não estava em perigo. Ian não é um assassino, não por natureza. Não é um criminoso nato. Acho que foi um acidente, um erro.

— Ela foi presa com fita isolante. Como pode me dizer que foi um acidente? Um erro?

— Não tenho todas as respostas, Nora. Só acho que ele perdeu o controle. Ele não tem sanguefrio. Não acho que quisesse matá-la. Eu me sento na extremidade oposta do sofá. Chegando para a frente, coloco os cotovelos sobre os joelhos. Suas palavras ecoam em minha cabeça: *ele perdeu o controle.* Lembro da noite em que Ian perdeu o controle, quando me fodeu de pura raiva, brutalmente, sem minha aquiescência. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Se você realmente acredita que ele a matou, por que não me disse antes? Por que não

disse à polícia quando o interrogaram?

—

Eu só relacionei os fatos recentemente, quando Ian confessou a seu novo amigo, Philip Ellis, que dormira com Franny. Nora, se eu tivesse lhe dito isto, você teria acreditado? Você

continua se negando a acreditar. E a polícia? Por que acreditaria em qualquer acusação feita por mim, o homem que eles preferem crer ser o culpado?

Eu nada digo, não tenho resposta. O que ele diz faz sentido, mas não confio mais em minha própria capacidade de discernimento.

Ele sai do escritório e retorna alguns minutos depois, carregando uma pequena caixa de papelão.

—

Trouxe isto para casa hoje — diz, e em seguida sorri como se pedisse perdão. — Eu a guardei em meu escritório para que você não a achasse. — Ele se senta a meu lado e abre as abas da caixa. — Achei que você talvez quisesse estas coisas, algumas das coisas que Franny deixou comigo. Ele enfia a mão na caixa e tira um lenço azul, de seda. Não sei se pertenceu ou não a ela, então ele coloca um par de brincos de jade na palma de minha mão. Dei estes brincos a Franny em seu aniversário, dois anos atrás. Fecho a mão e eles parecem se aquecer. Sensações: quero tê-las, sentir sua presença nos brincos, fazer uma conexão extra-sensorial entre os dois mundos. *Fale comigo, Franny.* Mas nada acontece. Apenas o silêncio, sem significado algum. As lágrimas brotam em meus olhos e eu os aperto com força para que M. não me veja chorar. Censuro meu sentimentalismo barato. O que é que eu esperava? Algum sinal?

— Tome — diz M., e abro os olhos. Ele me entrega um par de óculos.

— Franny não usava óculos — digo e estou prestes a devolvê-los.

— São óculos de leitura. Ela os comprou duas semanas antes de

terminarmos. — Em seguida ele me entrega um livro de Jean Auel, *O clã do urso da caverna*, e duas revistas sobre enfermagem. Tira um suéter marrom de dentro da caixa e me entrega também. E, finalmente, retira da caixa uma minúscula escultura de madeira, uma cobra saindo do ovo. Como um mau presságio, minha pele se arrepia quando a vejo. Penso na escultura que Ian talhou para mim há mais de seis meses e que ainda continua sobre a minha mesinha de centro.

Estou confusa e não posso ficar aqui com M. hoje. Recoloco tudo na caixa: o lenço azul, os brincos de jade, os óculos, as revistas, o suéter marrom, o livro de Jean Auel e a escultura. Levantome e vou embora sem nada dizer. Eu sei que, mais tarde, ele me fará sofrer por ter saído desta maneira, mas não importa.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Vou para casa e telefono para um homem chamado Peter Byatt que trabalha na página policial

do *Bee*. Embora eu o conheça há mais de dez anos, nunca nos vimos fora do trabalho. É um homem mais velho, competente, que já me ajudou com diversos artigos. Aguardo enquanto transferem minha ligação para sua mesa. O telefone toca várias vezes antes dele atender. Com a voz monótona e enfadada, ele diz simplesmente:

—

Pete, aqui quem fala é Nora Tibbs.

Há um momento de silêncio até que ligue o nome à pessoa. Quando me identifica, fala efusivamente:

— Nora! Como está? Quando é que volta para o trabalho?

— Logo. Preciso de um favor.

Ele faz uma pausa breve e pergunta:

— No que posso ajudá-la?

— Você se lembra do caso Mansfield?

—

A mulher do Canal 3? Namorada do McCarthy ? É claro que lembro.

—

Me conte a respeito. Fale do cara que a matou.

Ouço o ranger da cadeira e consigo vê-lo se recostar e colocar os pés sobre um dos arquivos. Já

o vi nesta posição várias vezes.

—

Mark Kirn. O cara era doidaço. Um ex-namorado que não a deixava em paz. Vivia importunando-a. O cara era muito doido mesmo. Ela conseguiu uma ordem judicial para que ele fosse mantido longe dela, o que, obviamente, não funcionou. Ele continuou a importuná-la e ela fez queixa. Afinal, ele deixou de contestar uma queixa por espreitá-la, foi posto em condicional de dois ou três anos e mandaram que procurasse um psiquiatra. Não adiantou bulufas. Ele a esfaqueou no estacionamento da emissora oito ou nove vezes, não lembro direito.

—

Como é que ele a importunava?

—

Ih, foi há tanto tempo — diz, pensativo. Hesita por alguns minutos e diz: — Se bem me lembro, ele telefonava para ela sem parar, declarando amor eterno. Ela, finalmente, teve que trocar o número do telefone. Então ele a seguia por todos os lados, aparecia quando ela estava fazendo alguma cobertura em externa e normalmente fazia aquele papelão. Ele tirava fotos dela, centenas de fotos, e as enviava pelo correio. Como ela o ignorou, ele começou a enviar cartas com ameaças. Ele até entrou na casa dela algumas vezes, ou pelo menos foi o que ela disse. Ele negou tudo. Ele se diz inocente até hoje. Diz que foi armação e que seu assassino foi um outro namorado, Ian. Os dois chegaram a brigar feio uma vez, quando Kirn os seguiu até um restaurante. A polícia checou a história, mas nunca suspeitaram realmente de Ian. As provas contra Kirn eram bastante Laura Reese - Falsa Submissão

conclusivas. Na verdade, ninguém o viu matá-la, mas suas impressões digitais estavam na fa ca. E a testemunha que o identificou o viu no estacionamento poucos minutos depois do assassinato. Enquanto ele falava, eu sentia uma vaga inquietação invadir meu corpo. Ian jamais dissera que o homem se declarara inocente. Ele nunca dissera que haviam brigado.

—

Obrigada, Pete.

Desligo o telefone antes que ele me faça alguma pergunta.

Meu carro está na garagem, mas eu decido, apesar do calor que está fazendo, andar até a cidade para esfriar a cabeça. Vou levar uma hora para chegar à rua Dois, isso caminhando ligeiro. Assim, terei tempo suficiente para chegar ao Paragon às cinco e meia, quando devo me encontrar com Joe Harris. Ian. Penso em Ian.

Atravesso a passagem subterrânea, por baixo da linha do trem, e chego à cidade. Joe está me esperando quando chego ao Paragon. Como estou suada, vou direto ao banheiro para lavar o rosto. A caminhada me deixou um pouquinho agitada. Continuo a pensar em Ian. Eu me sento e começo a despejar tudo o que me aconteceu nos últimos dias, atabalhoadamente. Falo tão rapidamente que minhas palavras não fazem sentido algum.

—

Mais devagar, Nora. Mais devagar. O que está dizendo?

Olho para Joe, estou confusa. Não sei. Não faço a menor idéia do que estou dizendo.

— A pessoa que matou Franny. Podia ser qualquer um. Qualquer um — digo finalmente. E

então compreendo por que estou tão agitada. Estou prestes a trair Ian.

—

É o que tenho lhe dito este tempo todo — concorda Joe, com cautela. Ele está

vestindo uma camisa de poliéster verde apertada no peito. Toma um gole da cerveja e me observa por cima do copo. Coloca-o na mesa e diz: — Então, você finalmente mudou de idéia? Acha que não foi ele quem a matou?

É estranho que não digamos o nome de M. em voz alta um para o outro. É como se ao pronunciarmos seu nome estivéssemos validando sua existência, tornando-o mais humano.

—

Não—respondo, mas acrescento rapidamente:—É. Talvez. — Paro para ordenar minhas idéias. — Não sei. Há outra pessoa.

Joe levanta as sobrancelhas cerradas, mas permanece em silêncio. Respiro bem fundo e digo:

—

Você mencionou que estavam investigando uma outra pessoa. Estava falando de Ian, não estava?

Ele explode em gargalhadas, logo seguidas por um acesso de tosse, pois se engasga com a cerveja. Ele está rindo, como se eu tivesse contado alguma piada.

—

Seu namorado? Pelo amor de Deus, Nora. Você só pode estar brincando. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Agora eu é que estou surpresa. Eu estava certa de que Ian seria o outro suspeito.

— Eu sei que é uma coisa meio doida, mas...

— Mais que meio doida.

— Mas ouça só.

E lhe conto que Ian tivera um caso com Franny, que omitira tal informação, seu interesse repentino por mim após a morte dela, sua habilidade com facas, a escultora em madeira que ele lhe dera antes de sua morte. Respiro bem fundo e pergunto se ele se lembra do assassinato de Cheryl Mansfield. Quando ele responde "Vagamente", eu lhe conto que ela fora namorada de Ian.

—

E as fotos que venho recebendo? São iguais às que ela recebia. Podem ser obra de Ian. Joe nada diz, olha para a mesa, pensativo, enquanto brinca com o copo de cerveja.

—

Ele terminou comigo assim que soube que eu suspeitava ser ele o assassino. Ele permanece em silêncio.

— E quando lhe perguntei onde estava no dia em que foi morta, ele não respondeu. — Estou acusando Ian... Balanço a cabeça de um lado para o outro. — Eu não sei. Talvez esteja doida. Não sei mais o que pensar.

— Não — afirma Joe por fim, erguendo os olhos cinza, imersos em pensamentos. — Você não é doida. Vale a pena dar uma verificada.

Não retorno à casa de M. esta noite. Estou confusa e preciso ficar sozinha. Será que agi corretamente em relatar a Joe minhas suspeitas em relação a Ian? Mostrei a Joe a cobra nascendo do ovo, esculpida em madeira. Fora talhada em azevim, a mesma madeira usada por Ian na escultura que fez em fevereiro passado. Esteve sobre minha mesa de centro este tempo todo. Quando Joe me trouxe em casa esta noite, apanhou as duas esculturas.

Vou para a cama exausta por tudo o que me aconteceu hoje e adormeço imediatamente. Meus sonhos são estranhos, e acordo durante a noite. Há alguma coisa errada, mas não sei bem o que pode ser. Eu me sento na cama e olho em volta, sentindo-me desorientada. Meu despertador, um daqueles digitais eletrônicos, com números vermelhos, está apagado, o mostrador está negro, e não há luzes nos postes, nenhuma claridade entra pelas cortinas. Faltou luz no bairro. Foi isto que me acordou, o silêncio. A geladeira não está zumbindo, nem tampouco o ar-condicionado do vizinho, que passa a noite inteira ligado. O quarto está escuro, não há lua. Um carro deve ter batido num poste, desligando a energia elétrica.

Eu me deito outra vez e estou quase adormecida, naquele estágio intermediário, hipnagógico, entre a sonolência e a inconsciência, quando toca o telefone: um som estridente, dissonante no meio da noite, penetrando as trevas do quarto. Reajo em sobressalto. Tento alcançá-lo antes que toque outra vez e não o encontro. O tilintar agudo continua, rude e impudente. Ao tentar agarrá-lo outra Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

vez, deixo-o, acidentalmente, cair. Tateio na escuridão e levo o fone ao ouvido. Nada. Então ouço a respiração. Eu deveria ter deixado que a secretária atendesse, mas nem pensei quando ouvi o tinido. Mantenho o fone no ouvido e ouço. Nada digo. Nem ele. A respiração é profunda e constante, apenas para que eu saiba que ele continua lá. Seria Ian ou M.? Acho que é Ian, mas como posso ter certeza?

Eu me sento para ouvir, incapaz de pronunciar uma só palavra. Deveria

desligar, mas não consigo. Uma curiosidade mórbida, ou talvez o medo, é isso, o medo do desconhecido, me mantém ao telefone. Minhas duas semanas estão chegando ao fim. Com o peito apertado, ouço aquela respiração ritmada. O quarto está totalmente escuro. Acho que ouço vozes em minha casa, mas sei que é apenas imaginação. A casa parece ranger, um gato caminha pelo telhado. Ian não está em minha casa. Nem M. Mas um deles está aqui, ao telefone, do outro lado da linha. Um deles me mandou aquele bilhete. A respiração continua. Fecho os olhos, bem apertados, e ouço. Minha respiração é leve, angustiante. Finalmente, desligo o telefone e passo o resto da noite acordada. Nas noites que se seguem, tiro o fone do gancho antes de dormir. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

TRINTA E SEIS

Como não estou mais com Ian, passo a maioria das noites na casa de M. Já criamos algumas rotinas. Ele acorda antes de mim, faz o café, traz uma xícara para o quarto enquanto ainda estou dormindo e a coloca no criado-mudo, ao lado da cama. Minha vida tornou-se muito mais simples sem Ian. Não há mais mentiras, não há mais fingimentos. Não tenho mais que despistar nada, e isto é

um enorme alívio. Estou dormindo melhor e as olheiras sumiram.

Estou sentada na cama quando M. entra no quarto com uma toalha azul amarrada na cintura, os cabelos ainda úmidos do banho. Ele caminha até a cama, toma um gole de café e entrega a xícara para mim. Ele sabe que de outra forma eu não a tocarei. Ele entra debaixo das cobertas.

— Gosto de ver você na minha cama quando acordo de manhã — declara, e eu sei o que quer dizer com isto. Ele se aconchega contra meu corpo, seu corpo ainda quente do banho.—E gosto de tê-la aqui à noite — acrescenta. Ele me abraça e eu me encosto nele, ainda bebendo meu café, ainda tentando acordar, esperando que a cafeína faça efeito. Olho para o despertador, em cima do criadomudo, e vejo que ainda não são seis horas. Pelo janelão, no sol da manhã, os melros adejam, da cerca ao gramado. Rameau, deitado pacificamente no pátio, os ignora.

M. afaga minha cabeça suavemente e pergunta:

—

Não acha que está na hora de me contar o resto de sua história? Eu gostaria de ouvi-la. Eu suspiro. Não estou bem certa se quero falar. Eu me levanto, visto um dos roupões de M. e caminho até o janelão. Seguro a cortina entre os dedos, acaricio o tecido. Lá fora o céu começa a clarear.

Ainda olhando para fora, digo:

—

Quando tinha 21 anos de idade, eu liguei as trompas. É um método de esterilização feminina. Tive que ir para San Francisco para fazer a operação. Não encontrei nenhum médico em Davis ou em Sacramento que quisesse realizá-la. Diziam que eu era jovem demais, que eu mudaria de idéia quando ficasse mais velha, que eu ia querer filhos algum dia. Finalmente, encontrei um médico em San Francisco. Teve boas intenções, mas os outros médicos tinham razão: vinte e um anos de idade é cedo demais para uma decisão desta ordem, uma decisão que afetaria o resto de minha vida. Contei a alguns de meus amigos. Fui tão loquaz: "Não preciso de filhos para me sentir realizada." "Filhos são um ato de puro narcisismo: são pais tentando produzir pequenas reproduções Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

deles próprios." "Sou uma mulher, uma feminista, e não uma fábrica de bebês." Como se a s duas coisas fossem incompatíveis. Mas a verdade era que eu

morria de pavor de engravidar outra vez. Rio, inquieta, ainda acariciando a cortina.

—

Foi uma coisa tão desnecessária, a esterilização. Eu não estava nem transando com ninguém. Aconteceu durante meus cinco anos de abstinência sexual. Além do mais, eu tomava a pílula. Eu era uma mocinha muito precavida: não transava, tomava pílula e, mesmo assim, liguei as trompas.

Soltando a cortina de repente, me afasto da janela, me sento na poltrona azul no canto do quarto e cruzo as pernas.

—

Quando eu tinha 21 anos de idade, me pareceu muito lógico. Eu não podia engravidar de novo. Eu não podia passar por aquilo outra vez, de jeito nenhum. Então fiz a laqueadura, sem saber direito o porquê. Eu só queria esquecer o aborto, o bebê e tudo o que acontecera. — Num gesto de puro nervosismo, brinco com o braço da poltrona. Percorro a extensão do braço com a mão direita, para cima e para baixo. — Mas o passado tem uma maneira de nos alcançar. Você pode tentar negar, fingir que nada aconteceu, mas lá está ele, sempre lá, esperando para vir à tona. Anos depois ainda me pergunto a mesma coisa: por que me esterilizei quando não havia a mínima possibilidade de concepção? Eu estava tomando pílula, era abstêmia. Não havia necessidade alguma de ligar as trompas. Então surgiu a resposta: eu destruíra uma vida, portanto eu queria eliminar a possibilidade de voltar a gerar outra vida. Eu jamais poderia dar à luz. Foi uma forma de castigo. Tenho consciência, agora, de que eu queria terminar a história para M. Eu me calara durante quase vinte anos, e pronunciar estas palavras, em voz alta, para outra pessoa, apesar de difícil, foi uma catarse. Eu precisava falar a respeito disso. Eu deveria tê-lo feito há muitos anos. Só agora compreendo que não adianta fugir do passado. Ele fica dando voltas em algum lugar, lá dentro da gente, fazendo-se notar das maneiras mais estranhas, mais dolorosas, até que você se se conscientize de sua presença. Por que demorei tanto tempo para compreender isto?

O silêncio cobre o quarto como uma mortalha de veludo sobre um caixão. Penso nos filhos que jamais terei, nos netos que não me farão sorrir enquanto envelheço e que ninguém, jamais, poderá

perpetuar a linhagem dos Tibbs. Meu castigo se justifica? Finalmente, pela primeira vez na vida posso dizer que não. Um suspiro sonoro, longo, lento escapa de meus lábios. Alívio. Sinto alívio, embora não esteja bem certa do motivo. Nada mudou, a não ser minha percepção. Talvez seja o bastante.

Volto para a cama e me deito. M. me abraça mas nada diz. Ele apenas massageia minhas costas e meus ombros com ternura. Permanecemos algum tempo em silêncio. Começo a me sentir sonolenta e pego a xícara de café.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Finalmente, M. diz:

—

Por que não vem morar comigo?

Na mesma hora, eu acordo, como se tivesse tomado a sexta xícara de café.

—

Morar com você? — repito, segurando a xícara com mais força.

Ele se levanta e começa a se vestir.

—

Pense nisso. Sabe como eu me sinto, e você já passa tanto tempo aqui. — Ele termina de se vestir e se abaixa para me beijar.

Posso até estar enganado, mas acho que você está começando a gostar de mim. — Antes que eu possa responder, ele diz: — Marquei uma reunião para o café da manhã, antes de minha primeira aula, e se não sair agora vou me atrasar. Conversamos sobre isto mais tarde. Ele sai do quarto e me deixa completamente confusa.

Fico deitada mais um pouco, pensando em sua proposta, no quão absurda é. É verdade, meus sentimentos em relação a ele estão mudando, estão evoluindo, crescendo. Eu me abri com M. como jamais me abrira com outra pessoa, e os jogos sexuais que jogamos, sua dominação e minha submissão me enlouquecem. Ele é excitante, inteligente e um pouquinho perigoso, uma combinação que me agrada muitíssimo. Mas... De suspeito por assassinato a companheiro? Acho que não. Afasto todos estes pensamentos. Tenho coisas mais importantes para resolver esta manhã: conhecer o homem que supostamente matou Cheryl Mansfield.

Mark Kirn está preso no corredor da morte, em San Quentin. Quando recebi permissão para visitá-lo, os oficiais da prisão me mandaram um manual de

informações que me dizia como me vestir. Eu não poderia usar azul ou verde-escuro. Nada de brim, calças de moletom, nada que mostrasse o umbigo, nada de saias curtas, nada de decotes, nada de tomara-que-caia, nada de costas nuas. Então me dirijo à região da baía de San Francisco vestida de maneira conservadora: uma saia branca até os joelhos e uma blusa pêssego de mangas curtas.

Pego a ponte até San Rafael e viro na estrada que leva à prisão. Como a estrada margeia a baía de San Pablo, tenho a impressão de que me perdi. Vejo simpáticas casas vitorianas, todas antigas, e muito pequenas, algumas em franca decadência, em ambos os lados da rua. Por entre as casas, capoeiras típicas desta região, algumas flores silvestres esmaecidas e um ou outro jardim. A terra mergulha pelos costões rochosos, e do outro lado da baía vejo a silhueta da cidade de San Francisco. A vista é pitoresca, lembrando um cartão-postal. Não é o local mais provável para uma prisão. Continuo a dirigir. Após uma curva na estrada, vejo um prédio grande, de pedra, granito, imagino, antigo, com um tom amarelo-pálido, cercado por um muro alto de concreto: San Quentin. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Seguindo as instruções que me foram enviadas, subo um morro até um prédio estreito, onde os

visitantes são revistados. Lá dentro fico impressionada com a choradeira de tantos bebês. É uma sala triste, o chão é de concreto e há bancos de madeira encostados em paredes sem pintura. Está cheio: há alguns homens, mas mulheres e crianças são maioria. Vou para o final da fila e aguardo. Na minha frente, uma

loura atarracada está com uma criança doente jogada por cima do ombro como se fosse um pesado saco de farinha. Ela choraminga, se remexe, o nariz escorre sem parar. Levanta a mão, seca o nariz, enfia o polegar gorducho na boca e me olha com imensos olhos castanhos. A fila anda. Do outro lado da sala, uma porta é aberta em intervalos irregulares por um dispositivo eletrônico, permitindo que uma pessoa saia. A maioria das mulheres carrega sacos de plástico transparente. Na verdade são bolsinhas baratas para cosméticos, com os artigos que podem trazer para a prisão: três chaves, uma carteira com foto, lenço de papel ou de pano, um pente ou uma escova e vinte dólares em notas de valor menor que cinco dólares. Nada de comida, nada de papel, lápis ou caneta, nada de gravadores.

Finalmente, depois de uma hora, chega a minha vez de passar pela porta. Entro e vejo um guarda atrás do balcão. É um homem mais velho, de seus cinqüenta anos, com cabelos grisalhos e olhos sem vida. Veste um uniforme verde-escuro com distintivos costurados nas mangas. Seu nome, E. Cullen, está bordado em preto por cima do bolso da camisa, do lado esquerdo. Coloco minha identidade, as chaves do carro e vinte dólares sobre o balcão. E. Cullen não diz coisa alguma. Ele tem uma expressão aborrecida e me olha como se não me visse, sem o menor interesse. Inspeciona minhas roupas com os olhos, checa minha identidade com a lista de visitantes aprovados e me entrega um passe amarelo. Apanho meus pertences e passo por um detetor de metais. Penso que acabou, mas o processo apenas começou.

Saio do prédio e entro no terreno da prisão. Uma calçada muito longa leva até a prisão, uma estrutura maciça tão antiga que parece doente, com icterícia. San Quentin foi construída em 1852 e parece um castelo antigo, uma fortaleza, com torres e telhados ameados e janelas com arcos pontiagudos nas paredes de pedra. Há uma torre de observação, em forma de obelisco, separada da prisão. Está cheia de guardas armados. Mais além vejo a baía, maravilhosamente azul nesta tarde transparente.

A calçada parece se estender eternamente, o que, suponho, seja apropriado, considerando-se que estou indo de um mundo para o outro: do mundo dos livres para o mundo subterrâneo dos condenados. Uns poucos presos de baixa periculosidade, vestidos de azul, arrancam ervas daninhas de um morro coberto

de grama.

Finalmente avisto um outro portão com uma guarita adjacente. Mais burocracia: uma assinatura, mais um detetor de metais, mais um guarda aborrecido, vestido de verde. Eu lhe mostro Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

meu passe amarelo e ele carimba minha mão. O carimbo está borrado e não consigo lê

lo. É um

carimbo fluorescente, amarelo-esverdeado, parecido com os de algumas boates. Viro à esquerda e acompanho o muro da prisão. Há presos fazendo ginástica no pátio interno. Como soldados em treinamento, grunhem em uníssono enquanto fazem exercícios. À minha frente há uma fileira de portas sem marcação e sem maçanetas. São controladas eletronicamente e têm painéis de vidro, ou talvez de acrílico, tão espessas e riscadas que mal se enxerga o outro lado. Quando o guarda me vê, a porta desliza e abre. Caminho até uma antecâmara, mostro minha identidade, passo e entro numa jaula de metal. A porta de vidro se fecha às minhas costas. A jaula é do tamanho de um pequeno elevador, com barras de ferro batido, e durante alguns instantes sinto que o prisioneiro sou eu. Ouço um clique e a porta é destrancada eletronicamente. Empurro o portão e finalmente me encontro na sala de visitas.

Não é o que eu esperava. Parece o grêmio recreativo de uma faculdade com

total integração racial. Há máquinas que vendem tudo: doces, hambúrgueres, frango, batatas fritas, café, refrigerante. Há um microondas e várias fileiras de mesas e cadeiras bem no meio da sala. Em torno de setenta a oitenta pessoas, visitas e presos, enchem a sala. O lugar é barulhento, caótico, com bebês chorando, criancinhas choramingando e homens e mulheres conversando muito alto para se fazerem ouvir. A cabine de vidro do guarda se encontra à minha direita e ocupa quase um lado inteiro da sala. É alta, e preciso me espichar para colocar minha identidade e meu passe pela abertura da janela. O

guarda, um homem de rosto comprido e cabelos curtos e espetados também portando uniforme verde-escuro, me manda sentar. Todas as cadeiras são de vinil azul com frisos de metal e estão ligadas a outras cadeiras, formando uma fileira perfeita. Encontro duas cadeiras vazias num canto e aguardo.

Olho em volta. Todos os presos vestem camisa azul e calças *jeans.* As paredes chamam minha atenção, pois nelas foram pintados murais coloridos. Estou sentada ao lado de uma garota robusta, de origem hispânica, que me dá um cutucão.

—

Foram feitos pelos presos. São bons, não são? — A garota tem uma voz sussurrante, de gente muito jovem, sem sotaque algum.

Um dos murais é uma cena do mundo lá fora, talvez seja o Parque Yosemite, com uma abóbada de granito e uma cachoeira. O outro mural tem um tema mais mítico, retrata uma mulher robusta, vestida com uma toga, sentada num cavalo alado, Pégaso, o símbolo da inspiração poética. Eu me pergunto se o preso que pintou isto aqui sabe que Pégaso foi capturado por Zeus, tratado como um burro de carga e usado para capturar os raios lançados por Zeus. Acho que não. O artista Laura Reese - Falsa Submissão



devia estar mais interessado na mulherona robusta. Yosemite e Pégaso. Natureza e mitolog ia. Que

incongruência, estes dois murais neste ambiente.

—

São — respondo. — São legais. — Olho meu relógio e me remexo na cadeira dura. Um casal atravessa a sala de mãos dadas, dois garotinhos de rostos alegres o seguem. Um outro casal, numa mesa perto da máquina de doces, se beija e se agarra como se estivessem a sós, num piquenique romântico num parque qualquer. Homens vestidos de azul seguram crianças em seus colos, brincam de cavalinho e riem com suas namoradas e esposas. Parecem homens normais, homens comuns. É difícil acreditar que cada um destes homens já matou uma ou mais pessoas. Esta é a sala de visitas do corredor da morte, e todos estes homens vestidos de azul são assassinos. A duas mesas da minha está uma mulher negra de trancinhas, masturbando o namorado, a mão enfiada dentro das calças dele, num movimento frenético, para cima e para baixo. Chego para a frente e leio o aviso na parede, logo acima de suas cabeças: MANTER SEMPRE AS MÃOS VISÍVEIS. Eu me recosto na cadeira. Uma ruiva de calças pretas passa por mim usando um colarinho de religioso por baixo de uma camisa havaiana, rosa e azul. Deve ter pelo menos uma dúzia de furos nas orelhas, preenchidos com tachas de prata, argolas e pendentes brilhantes.

—

É a reverenda Betsy — diz a garota ao meu lado. — Ela vem ver os homens que normalmente não recebem visitas. Ela é legal, não é como os outros. — Ela

aponta para uma mesa onde um preso escuta um homem ler trechos da Bíblia. Olho ao meu redor e vejo que há muitas bíblias sendo lidas. — Eles vêm aqui o tempo todo, esse povo cristão — continua a garota. — Fazem um bom trabalho. Os presos gostam deles porque compram *cheeseburgers*, mas aí têm que ouvi-los falar de Jesus, da Bíblia. — Ela dá de ombros. — Tudo bem, né? Pelo menos eles comem *cheeseburgers.*

Já se passaram quinze ou vinte minutos. Olho os presos, um a um, entrarem na sala pela porta de metal. Ela fecha com um baque alto e metálico. Eles dão seus nomes para o guarda que está atrás do vidro e vão procurar suas visitas.

—

Lá está meu marido — diz a garota hispânica e se levanta. Ela se aproxima de um rapaz de aparência doce que não parece muito mais velho que ela. Eles se abraçam e caminham de mãos dadas até as máquinas. Parecem dois adolescentes passeando no *shopping center.* Só que este rapaz não é adolescente e, apesar da aparência, não é nada inocente. A porta de metal bate mais uma vez. Observo o preso dar seu nome para o guarda que está

atrás do vidro e fazer uma pergunta. O guarda aponta para mim. O preso se vira e olha para o local indicado pelo guarda. Ele então caminha em minha direção, ereto. Parece nervoso, como se não pertencesse a este ambiente. É alto e magro, com olhinhos apertados e lábios finos que parecem



PDL – Projeto Democratização da Leitura

selados. Deve ser Mark Kirn. É um homem de meia-idade com uma área calva bem no topo da

cabeça. Se estivesse de terno e gravata, pareceria um homem de negócios, não um preso. Ele se senta ao meu lado e pergunta:

—

Você é Nora Tibbs? — Quando concordo com a cabeça, ele diz: — Você disse em sua carta que talvez pudesse me ajudar. Pode mesmo? — Seus olhos são azul-celeste, da cor de sua camisa de preso, e são completamente frios.

—

Não estou bem certa — digo, desejando ter trazido papel e lápis, ou um gravador. —

Preciso saber algumas coisas.

Ele olha furtivamente para a esquerda e em seguida volta aqueles olhos frios para mim.

— Que tipo de coisas? — indaga, batucando os dedos nervosamente sobre o joelho.

— Sobre as cartas que escreveu a Cheryl Mansfield. Sobre os telefonemas. Ele olha para mim e pergunta:

— Você compraria um *cheeseburger* para mim? As máquinas têm *cheeseburgers.*

— Está bem — concordo e me atrapalho com o dinheiro que tenho na mão. Eu lhe mostro uma nota de cinco, mas Kirn não a pega.

— Terá que vir comigo. Não nos deixam tocar em dinheiro aqui dentro. Caminhamos até as máquinas. Uma mulher, empunhando a Bíblia, diz a um homem, curvado sobre a mesa, comendo *pizza* de microondas:

—

Jesus morreu pelos seus pecados.

Troco a nota de cinco dólares em uma máquina, compro um *cheeseburger* por um dólar e setenta em outra máquina e o entrego a Kirn.

—

Quero café também — diz. Vai até o microondas e coloca o *cheeseburger* dentro. —

E aquela *enchilada*. Não nos servem nada picante aqui dentro. Troco outra nota de cinco e compro o resto da comida. Sinto-me como uma garçonete. Kirn esquenta tudo no microondas e se senta a uma mesa vazia. Eu me sento à sua frente e o observo. Ele abocanha o *cheeseburger* inteiro com três dentadas.

—

Eu não a matei. Ninguém acredita em mim. — Ergue o olhar. — Exceto, talvez, você. Você acredita em mim?

Não sei a resposta para esta pergunta. Li todos os recortes sobre o assassinato e conversei com os detetives que acompanharam o caso. Mark Kirn é o

assassino; todos tinham certeza disso, assim como o júri que o condenou. Dou de ombros.

— As circunstâncias são um tanto incriminadoras. Você foi visto no estacionamento minutos após o assassinato e suas impressões digitais foram encontradas na faca. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Foi armação. Se eu a tivesse matado não seria idiota de deixar a faca na cena do cri me. —

Ele olha para o lado, nervoso, vasculha a área. — Além do mais, eu amava Cheryl. Eu não a machucaria.

— Ela conseguira uma ordem judicial para mantê-lo longe dela. E você estava cumprindo a condicional.

— Eu não devia ter ido à emissora, sei disso. Mas eu queria vê-la. Só isso. Não a matei.

— Conte-me como você fazia para segui-la por todos os lados, obsessivamente. Você ligava para ela, tirava fotos e as enviava para ela e arrombou sua casa.

— A polícia não conseguiu provar isto. Nunca arrombei a casa dela Foi a

palavra dela contra a minha. Não havia impressões digitais.

— E o resto?

Ele engole o resto do café.

—

É, tem as outras coisas. Mas isto não quer dizer que eu a tenha matado.—Ele hesita e acrescenta:—Namoramos durante dois anos. Íamos nos casar. Quando ela terminou comigo, fiquei furioso. Admito que fiz algumas coisas que não deveria ter feito. Mas não a matei. Ele estica o corpo e me encara com sinceridade:

—

Escute, você tem que me ajudar. É a única pessoa que pode fazê-lo. — Ele inclina o corpo para a frente e coloca a mão sobre a minha. Embora esteja implorando por ajuda e pareça sincero, há algo de frio e distante nele. É como se nada pelo menos nada deste mundo, pudesse atingi-lo. Afasto minha mão.

— Fale-me a respeito das cartas — digo. Kirn cruza os braços.

— Está certo, houve as cartas. E daí?

— O que foi que escreveu nelas?

— Eu disse o quanto a amava

— Você a ameaçou de morte.

Ele descruza os braços e se ajeita na cadeira.

—

Eu só queria chamar atenção. Ela andava me ignorando.

Aquilo não significava nada. — Ele inclina o corpo para a frente mais uma vez.—Eu estava com raiva. As cartas e as ligações não querem dizer coisa alguma. Ela foi à polícia e fez queixa contra mim. Me deram uma pena leve e me colocaram em condicional. Tive até que enfrentar um psiquiatra. Depois disso fiquei longe dela. Nada de ligações, nada de cartas, nada. Então uma noite decido ir até a emissora de televisão para me desculpar. Quando cheguei lá, mudei de idéia. Achei que ela poderia me delatar, que ela pensaria que eu estava ali para importuná-la. Então fui para casa. E de repente a polícia estava na minha casa dizendo que eu a assassinara. Só que não fui eu. Outra Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

pessoa a matou. Alguém que sabia que eu a estava importunando. Há um homem cha

mado Ian

McCarthy. Vá investigá-lo, se quiser encontrar o assassino. Deve ter sido ele.

É um homem violento. Um homem ciumento. Ele me deu uma surra uma vez, na frente de um restaurante, o Scott's Seafood, só porque Cheryl e eu estávamos conversando. — Ele se recosta na cadeira e continua: — Ele sabia que podia matá-la e pôr a culpa em mim.

Eu me lembro da noite em que Ian me contou que Cheryl saía com outros homens, que isso o enlouquecia. Mas será que o enlouquecia tanto que ele seria capaz de matá-la? Observo Kirn sem saber em que acreditar. Não sei, ao certo, o que esperava conseguir com esta visita: uma inspiração quanto à sua inocência ou à sua culpa, suponho. Talvez a confirmação de que eu estava certa quando entreguei Ian à polícia. Eu me recosto em minha cadeira e o observo. San Quentin não parece o lugar certo para este homem. Talvez seja para Ian.

Um guarda vem se aproximando com uma câmera Polaroid. As pessoas começam a se levantar e caminhar até o mural do Yosemite.

— O que está acontecendo? — indago.

— O horário de visita está quase no final. O guarda tirará uma foto sua, se quiser. Tenho um ducado para pagar esta foto.

Olho para ele sem entender. Um ducado não é uma moeda de ouro?

—

É um tíquete. Estas fotos não são de graça. Tem que comprar um ducado. Assisto aos guardas tirarem fotos dos presos com suas namoradas, esposas, pais e filhos, o Yosemite como pano de fundo. Como é estranho este lugar, penso. Estamos no chamado corredor da morte, todos aqueles homens são assassinos condenados à pena capital, porém, neste momento, posam para fotografias com seus entes queridos como se fizessem turismo. Kirn, tranqüilamente, mete a mão no bolso e tira um tíquete.

— Vamos tirar uma foto. Eu gostaria de ter uma foto de nós dois, juntos. Olho para ele, para aqueles olhos azuis gelados, com uma sensação esquisita no estômago. Laura Reese - Falsa Submissão

249



PDL – Projeto Democratização da Leitura

TRINTA E SETE

Acordo preguiçosamente. Não consegui dormir a noite passada até bem depois das três da manhã. Foi uma daquelas noites agitadas, insones, a mente sempre ligada, e eu olhava o relógio de meia em meia hora para ver as horas. Quando, finalmente, consegui dormir, imagens desconexas começaram a flutuar pela minha cabeça: penhascos cobertos de gelo, cachoeiras, cavalos brancos alados, o vale do Yosemite. A abóbada de El Capitan se funde ao rosto de Mark Kirn, seus olhos de um azul-celeste, gelados. Então surge Pégaso, cavalgando em Helicon, lar das Musas, e me encanto com a fonte que jorra sob os seus cascos. Descubro então que o que jorra não é água e sim sangue e que estou debaixo do casco de Pégaso e que ele cavalga sobre mim, sobre o meu corpo, e que visto uma toga. São sonhos que me deixam exaurida.

Acordo cansada, como se tivesse trabalhado a noite inteira. Eu me espreguiço, bocejo e viro de lado. Embora queira me enfiar cada vez mais fundo nas cobertas, visto o roupão e me levanto. Na cozinha, vejo um envelope branco bem no meio da bancada. Franzo as sobrancelhas, pois não me lembro de ter deixado coisa alguma aqui, antes de ir dormir. Não organizei minhas contas ontem à

noite nem escrevi cartas. Meu corpo enrijece. Abro o envelope com as mãos trêmulas. É parecido com o que recebi pelo correio, com a mensagem escrita com letras recortadas de revistas.

"Eu avisei. Seu tempo está esgotado."

A carta treme em minhas mãos. Foi enviada por Ian; só pode ter sido Ian. É a única pessoa que tem uma chave de minha casa. Ele esteve aqui ontem à noite enquanto eu dormia. Com os braços, envolvo meus ombros. É um gesto de proteção, este de me abraçar. Ele poderia ter me matado se quisesse.

De repente eu gelo. Ouço um barulho em minha casa. É um estalido agudo, ou talvez um clique. Ainda abraço meu próprio corpo e enterro as unhas na carne. Será que foi só a casa estalando ou o barulho de alguma outra coisa? Ian ainda está aqui? Aguço os ouvidos. Prendo a respiração. Não ouço nada.

Ao lado da porta da frente, em cima de uma mesinha, há uma lata de gás paralisante. Eu a pego e vasculho a sala. Procuro atrás dos móveis para me certificar de que Ian não está aqui, à espreita. Então caminho, hesitante, até o corredor. Paro antes de chegar. Nas entranhas, sinto o pânico e o pavor gerados pela idéia da presença de um intruso, aqui, agora, violando a segurança de meu lar. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Hesito, irresoluta. Finalmente prossigo, pé ante pé, pelo corredor. Vasculho o esc ritório. Vagarosamente, abro a porta do armário. Ninguém. Então espicho o pescoço para olhar dentro do banheiro. Também não há ninguém. Ainda armada com a lata de gás, o coração na boca, entro no quarto. Procuro debaixo da cama e dentro dos armários. Não há ninguém. Ian não está em minha casa. Eu relaxo e verifico a porta da frente. Trancada. Checo a porta da garagem, a porta dos fundos e todas as janelas. Vou ter que trocar as fechaduras. Já deveria ter

trocado, assim que descobri que Ian dormira com Franny.

Volto à cozinha e leio o bilhete mais uma vez. *Seu tempo está esgotado.* Joe Harris precisa ver isto.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

TRINTA E OITO

— Não há nada que você possa fazer? — pergunto a Joe Harris. Estou na delegacia, sentada à

sua mesa. — Foi a mesma coisa que aconteceu com Cheryl Mansfield. Ele invadiu a casa dela também. Por que não estão fazendo nada?

Há uma lata de Coca-Cola sobre sua mesa e ele a pega para tomar um gole. Apesar do arcondicionado, o escritório é mal ventilado. O rosto de Joe está vermelho e suas mangas arregaçadas até o cotovelo. Quando termina o refrigerante, diz:

—

Me dê o bilhete. Eu o tiro da bolsa.

—

Você não acha esquisito que eu esteja sendo molestada da mesma forma que ela e que nós duas tivemos o mesmo namorado? Você não acha estranho que Ian tenha conhecido Cheryl e Franny e que as duas tenham sido assassinadas?

O telefone toca em sua mesa e ele o atende. Enquanto fala, lanço um olhar

pela sala. O

ambiente me parece estranhamente silencioso, mas suponho que seja devido ao tempo. O calor do verão em Davis é cruel. A temperatura de hoje deverá atingir mais de quarenta, o bastante para enervar até os mais resistentes. Uma mulher uniformizada passa pela mesa de Joe e deixa uma pasta de papel manilha. Ele coloca o fone no gancho e se levanta.

—

Tenho que ir andando — avisa, saindo do escritório e embrenhando-se pelo corredor. Eu o sigo, irritada com a expulsão sumária. — Então não vai fazer mais nada?

Lá fora o calor nos atinge em cheio, como se tivéssemos aberto a porta de um forno. Joe entra no carro e liga o motor.

—

Seria uma boa idéia você passar uns tempos com algum amigo. Só até descobrirmos quem anda molestando você. Dava para fazer isto por mim?

Concordo com a cabeça.

— E o Ian? O que vai fazer sobre o Ian? Ele joga o carro em marcha à ré e diz:

— Fique fora disso, Nora. — E desce a rua F.

Atravesso a rua até meu carro. O céu está azul e límpido, o sol, abrasador. Ninguém jamais diria que estamos em setembro. Uma vendedora ambulante

usando *shorts* quadriculados e camiseta vende flores sentada num balde, debaixo de um guarda-sol. Ela beberica água de uma garrafa plástica. Seus cabelos caem sobre seu rosto, escorridos, seus ombros estão encurvados. Entro em meu carro e atravesso a cidade me perguntando com quem ficar. Com Maisie, talvez. Laura Reese - Falsa Submissão

252



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Quando chego em casa, apanho a correspondência: mais um envelope sem remetente. Fe cho os olhos. Sinto um nó no peito, apertado, tenso. Sei o que vou encontrar dentro do envelope. Uma brisa quente sopra, jogando meus cabelos negros por cima dos olhos. Levo a carta para casa e a abro.

"Estou vindo te pegar", diz. Foi escrita da mesma forma que as outras, numa folha de papel branco com letras recortadas de revistas. Eu me surpreendo roendo a unha o polegar e noto o quão silenciosa está a casa. É um silêncio estranho. Eu me certifico de que a porta da frente está trancada. Então verifico as outras portas e as janelas. Volto à mesa da cozinha, ergo a carta e a leio mais uma vez e ainda mais uma vez. *Estou vindo te pegar.*

O ar-condicionado é acionado. É um barulho baixo, mas, aos meus ouvidos sensíveis, soa agourento. Vou até o quarto e tiro minha mala do armário. Jogo alguns vestidos, *shorts*, camisetas e calcinhas. Pego minha escova de dentes, pasta, e procuro um pacote de fio dental que comprei recentemente. Faço a mala com raiva por estar sendo expulsa de minha própria casa. Ian deveria ser o importunado, não eu. Jogo minha camisola na mala, enfurecida com o fato de uma pessoa poder causar um efeito tão negativo sobre outra. *Estou vindo te pegar.* Como ousa ele me intimidar desta forma? Quero fazer alguma coisa, agir

por conta própria, lutar de qualquer maneira. Não quero ir para a casa de Maisie, simplesmente me acomodar e ceder.

Vou até a cozinha e encontro as chaves do meu carro em cima da bancada, bem no lugar onde eu as atirara. No chaveiro, tenho uma latinha de gás paralisante de oito centímetros, a chave do meu carro da minha casa e do apartamento de Ian. Ainda não devolvi a chave. Uma idéia invade minha mente, algo que eu já deveria ter feito.

Com a desculpa de um papinho amigável, ligo para o *Bee* e converso com Maisie. Ela me acha maluca por achar que Ian poderia ser o assassino, mas fica feliz em ouvir minha voz e passa às fofocas. Finjo interesse. Finalmente consigo fazer uma pergunta casual, e ela me conta que Ian vai passar o dia em San Francisco cobrindo uma matéria. Desligo o telefone, vou até a farmácia para comprar luvas descartáveis, pego a estrada e vou até Sacramento. *Estou vindo te pegar.* As palavras ressoam em minha cabeça como ecos num *canyon.* Estaciono o carro a alguma distância do prédio de Ian, sob a sombra de um plátano. Ao longe, ouço a buzina de um carro, o lamento da sirene de uma ambulância, o sussurrar de um trem correndo pelos trilhos. *Estou vindo te pegar.*

Abro o pacote de luvas descartáveis. Sem dúvida, na minha última visita deixei impressões digitais no apartamento de Ian. Mas, se encontrar qualquer indício de que ele matou Franny, não quero que haja impressões digitais que não sejam dele. Enfio duas luvas no bolso e saio do carro. Laura Reese - Falsa Submissão

PDL – Projeto Democratização da Leitura

Atravessando a rua, vejo um operário numa escada, limpando as calhas do lado leste do prédio. Um carro cinza entra no estacionamento. A porta da garagem é aberta por controle remoto, o carro entra e a porta se fecha imediatamente. Enfio a chave no trinco, quase esperando que ela não funcione. Mas entra com facilidade e, quando a viro, a porta abre. Eu a empurro e aguardo, inclinando o corpo levemente para a frente, atenta a algum som, me certificando de que Ian não está

em casa. Tiro a chave do trinco. Eu me sinto cometendo um crime, invasão de domicílio, e meu coração bate, descompassadamente. Tento me acalmar. Em termos legais, não arrombei nada, e como posso estar cometendo um crime se tenho a chave?

—

Algum problema?

Eu me sobressalto e deixo as chaves caírem. Viro-me rapidamente e vejo o homem que faz consertos no prédio com a escada debaixo do braço. É um homem ossudo, de rosto pálido e magro.

—

Há algo errado? — indaga. Ele tem um bigode preto, grosso, que cai, triste, por cima de seus lábios, escondendo completamente a boca. Suas palavras parecem sair de lugar algum. Eu rio, nervosa, me abaixando para pegar as chaves.

— Não — respondo. — Só estou um pouco mole, hoje. É um dia tão bonito que sinto ter que entrar.

— Entendo — diz ele, o bigode subindo e descendo com o som de suas palavras. — Mas está

um pouco quente demais para o meu gosto. Não me importaria de trabalhar do lado de dentro num dia como este.

— É. Bem... — O homem permanece ali, sem se mexer, e me pergunto se estou com aparência suspeita. — Tenho que fazer um trabalho. Achei que seria bom trabalhar em casa hoje. Aqui é mais silencioso do que no escritório.

Ele troca a escada de lado.

—

Eu consigo fazer mais coisas aqui — acrescento, e entro no apartamento. Pelos painéis de vidro, ao lado da porta, eu o vejo caminhar pela calçada e encostar a escada na lateral do prédio. Eu me viro, me encosto na porta e respiro aliviada. Olho meu relógio, são duas e quinze, e decido começar.

Caminho pelo corredor e noto o frescor do apartamento. A sala, com paredes tão brancas quanto a calcimina, pareceriam anti-sépticas não fosse a profusão de facas, blocos de madeira e esculturas em miniatura espalhadas desordenadamente na mesa de centro. Dirijo-me imediatamente ao quarto, calço as luvas e inicio uma busca rápida nas gavetas da cômoda. Não espero encontrar coisa alguma num lugar tão óbvio, mas procuro mesmo assim. Estou certa, há apenas meias, cuecas, camisetas dobradas, suéteres e *jeans.* Enquanto vasculho a última gaveta, me lembro de como, há

apenas cinco meses, eu revistara a casa de M., achando que ele era o assassino e Ian meu sa lvador. Que ironia.

Procuro no armário, jogando todas as roupas para um lado checando as prateleiras de cima e olhando os cantos. Não encontro nada. No banheiro, abro as portas dos armários e olho debaixo da pia. Nada. Volto ao quarto. Achei que seu quarto seria o local mais lógico para esconder alguma coisa, não a cozinha ou a sala. Desapontada, corro a vista pelo quarto e o examino. Já revirei as gavetas, os criados-mudos, o armário. Olho para a cama. Não, nunca estaria na cama, é óbvio demais. Ainda assim vou até lá, me ponho de joelhos, levanto a colcha e olho debaixo da cama. Minhas entranhas são golpeadas por incontroláveis palpitações nervosas. Ali atrás, longe do alcance das mãos, vejo uma caixa de sapatos. Eu me arrasto pelo chão até alcançá-la com a mão. Puxo-a e levanto a tampa. Os primeiros objetos são um rolo, parcialmente usado, de fita isolante e a velha pulseira médica de Billy. Olho a fita e a pulseira, incapaz, por alguns momentos, de me mover. Alívio, medo, angústia. Todas estas emoções, em poucos segundos, invadem meu coração. Eu pego a pulseira e a viro. As palavras PACIENTE DE HEMODIÁLISE estão gravadas no verso. Franny sempre a mantinha por perto. Ela jamais a daria a uma outra pessoa, especialmente para uma pessoa com a qual, supostamente, teve um caso fugaz, que durou uma noite apenas. Coloco a caixa sobre o carpete e continuo minha busca. Há uma pequena faca, de lâmina reta, com o cabo de madeira. Teria sido a faca usada para entalhar o tronco de Franny? Uma ansiedade assustadora percorre meu corpo e paralisa a mão que segura a faca. Eu a solto depressa. Removo o rolo de fita isolante e encontro uma pilha de fotos, ao todo seis. Quatro são de Franny. São fotos obscenas, *closes* de seu corpo nu em posições lúbricas. Será que as tirou na noite em que foi morta?

O rosto não está visível em três das fotos, e eu não poderia garantir ao certo ser Franny não fosse o dedo amputado. Na quarta foto, lágrimas estáticas

marcam seu rosto e a boca está retorcida. Seu sofrimento é evidente.

As duas últimas fotos são minhas: pegando o jornal de manhã cedo, ainda de roupão e chinelos, e outra descendo a Pole Line Road no meu Honda. Olho mais uma vez as fotos de Franny; minha alma despenca e se perde em sua dor infinita.

Clique, clique.

Um alarme soa em minha mente. De repente, fico gelada.

Ouço um barulho vindo do outro cômodo, um clique, creio eu, a porta da frente sendo destrancada. Fico imóvel, rezando para que tenha sido apenas imaginação. Mas ouço outros sons: a maçaneta girando, a porta se abrindo e fechando com uma batida forte. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Rapidamente, ponho as fotos, a fita, a faca e a pulseira médica de Billy dentro da c aixa, a empurro para debaixo da cama, e continuo a ouvir passos no corredor. Levanto-me, arranco as luvas e as enfio no bolso da calça. Ouço mais sons vindos da sala: sapatos se arrastando, um baque surdo, cada som mais assustador que o outro. O único lugar no qual eu poderia me esconder é o armário. Ou será que eu deveria dizer a Ian que viera apenas devolver sua chave? O rádio é ligado aos berros. Abro a porta do armário devagarinho, para que ele não me ouça, e então um grito de horror me faz parar. Eu me viro e vejo Pat, a faxineira.

— Cristo Rei! Você quase me mata de susto. — Ela coloca um balde verde no chão. — Pensei que não tivesse ninguém em casa. É Nora, não é?

— Sou, sim — respondo, feliz por seu nervosismo sobrepujar o meu. Acho-a maior do que me pareceu anteriormente, mais gorda, os braços grossos e brancos. — Desculpe, não quis assustá-la. Eu deveria ter dito alguma coisa quando a ouvi entrar.

Ela pega uma flanela de dentro do balde e passa na cômoda.

—

Ian não me disse que estaria aqui hoje.

Fecho a porta do armário para ganhar tempo, enquanto penso numa boa desculpa.

—

Ele não sabia que eu viria — disse, esperando que ele não houvesse mencionado que terminámos o namoro. — Fui pegar sua roupa na lavanderia e vim deixá-la aqui. Pat acaba de limpar a cômoda e caminha até o criado-mudo. Parece que achou minha explicação plausível.

—

Acho melhor ir embora. Tenho que voltar para o trabalho. Ela ri um sorrisinho levemente desconfiado. Fica claro que está aliviada, pois não ficarei para atrapalhá-la enquanto limpa o apartamento.

—

Tchau — diz ela, e eu saio do quarto.

Passo a tarde toda ligando para Joe, mas ele não se encontra na delegacia. Naquela mesma noite, tento encontrá-lo em casa, mas nem ele nem a esposa atendem o telefone. Deveria me encontrar com M. esta noite, mas quero falar com Joe primeiro, contar o que encontrara no apartamento de Ian. Talvez agora, finalmente, o assassino de Franny seja preso. Como, às nove da noite, Joe ainda não chegou em casa, desisto. Terei que esperar até amanhã para ligar para ele. Pego minhas chaves e decido andar as muitas quadras que me separam de M. O ar noturno está fresco, gostoso após um dia tão quente. Fico feliz por não ter vindo de carro. As estrelas brilham lá em cima e o céu está magnífico, tão negro e tão reluzente quanto a obsidiana. Tomo a direção leste na Montgomery e penso em Franny e nas fotos que vi no apartamento de Ian. Sinto-me imensamente aliviada que isto tudo tenha, finalmente, terminado. Seu assassino não escapará impune. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Um galho se quebra. Eu me viro mas não vejo ninguém. Imediatamente penso em Ia n e me

pergunto se Pat contara que me encontrara no quarto dele hoje. Tiro as chaves do bolso e retiro a tampa de segurança do gás. Caminho cada vez mais rápido, olhando por cima do ombro. Não vejo ninguém. Fico assustada, a escuridão me parece repentinamente assustadora, e decido correr, agarrada à lata de gás. Penso ouvir passos atrás de mim e em seguida o barulho de pedrinhas soltas no asfalto. Saio correndo a toda. *Estou vindo te pegar.* Quando chego na

parte antiga de Willowbank, entro em Meadowbrook Drive. Não há postes de luz neste trecho, e corro ainda mais rápido, com o peito ardendo, e viro à esquerda em Almond. Quando chego à casa de M., estou ofegante e molhada de suor. Mechas de cabelos grudaram-se no meu rosto e na minha nuca. Eu me abaixo para tentar recuperar o fôlego, sem tirar os olhos da rua. M. me vê pela janela da sala e vem ao meu encontro.

—

O que houve? — pergunta, caminhando em minha direção. Aponto rua acima, ainda ofegante.

—

Alguém me seguiu — relato, engasgando com as palavras. — Me perseguiu. Ele olha para a rua mas não vê ninguém.

—

Você tem certeza?

Confirmo com a cabeça, ainda respirando com dificuldade, e recoloco a tampa de segurança na lata de gás. M. me abraça. Alguns minutos depois um garoto de seus dezessete ou dezoito anos aparece, passos lerdos, ouvindo um *walkman.*

—

Olhe aí seu agressor—diz M., rindo. — Viu só? Apenas um adolescente. Sua imaginação está lhe pregando peças. Não passa de um menino.

Eu balanço a cabeça.

—

Não. Havia outra pessoa. Tenho certeza. Era Ian. Sei que era ele. — Conto a M. tudo o que me aconteceu hoje e o que encontrei debaixo da cama de Ian. M. me larga e dá um passo atrás. Vejo seu rosto fechado e sombrio, envolto pela pálida luz da varanda.

— Meu Deus, Nora. Que coisa mais perigosa você fez. Por que não me telefonou? Eu teria ido com você. Ou, melhor ainda, por que não deixou isto para a polícia? — A raiva é visível em sua voz, em seu rosto.

— Eu precisava descobrir. Eu precisava ter certeza. — Abruptamente, ele entra em casa, ainda zangado. Eu o sigo. — Você está parecendo Joe — acuso. — Me mandando ficar fora do caso. Laura Reese - Falsa Submissão

257



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Talvez você devesse prestar mais atenção ao que ele diz. — Passa alguns insta ntes em

silêncio, balança a cabeça e toca a minha mão suavemente. — Nora, às vezes você consegue levar qualquer um ao desespero. E se Ian a surpreendesse?

— Não me surpreendeu.

— Não, mas poderia ter surpreendido. E poderia tê-la ferido. — Ele me enlaça com seus braços e me aperta. — Será que você não sabe o quanto significa para mim?

Sinto o calor de seu corpo contra o meu. Eu o sinto tremer, apenas um leve tremor, e imediatamente me sinto culpada, comovida pela profundidade de seus sentimentos. Eu não sabia que ele se preocupava assim. Há um mês eu o teria achado incapaz de uma emoção tão intensa.

—

Sinto muito. Acho que foi burrice ir até lá sozinha. Não estava raciocinando. Depois de receber mais uma carta, a única coisa que eu queria fazer era agir, para não me sentir uma pobre vítima impotente.

M. me leva até a sala e nos sentamos no sofá. Durante alguns minutos, ele apenas me abraça com ternura. Sinto o som de sua respiração sussurrante, leve e cálida, em meu pescoço. Por fim, muito brandamente, ele diz:

—

Você me tocou fundo, Nora, como ninguém jamais o fez Não tenho certeza se sei por que, só sei que aconteceu. Eu amo você e quero contar tudo a meu respeito, tudo sobre minha vida. Quero compartilhar tudo com você. É uma sensação totalmente nova para mim, Nora. Ele diz estas palavras em meus ouvidos, nossos corpos continuam entrelaçados. Não posso ver seu rosto, mas sinto o palpitar suave de seu peito. Ele segura meu queixo, ergue minha cabeça e diz:

—

Você está me mudando, Nora. — Ele sorri com doçura, uma expressão que raramente vi em seu rosto, e acrescenta: — Acho que esta mudança está me fazendo muito bem. Encosto a cabeça outra vez em seu peito e me aconchego ainda mais. Estamos respirando juntos: meu peito sobe e desce com o seu. Após algum tempo ele sussurra, triste:

—

Você nunca diz meu nome, nunca.

Fico em silêncio durante incontáveis minutos, pensando, extremamente confusa. O que quer dizer isto? Ele está me pedindo para compartilhar sua vida, algo impensável há alguns meses. Mas agora sinto alguma coisa se abrandar dentro de mim. É uma sensação gostosa, esta que sinto bem no coração. Pensei que Ian fosse o homem de minha vida, mas será possível que sempre fora M.?

Poderiam meus sentimentos em relação a ele sobrepor-se ao desejo sexual? É possível, penso, e então, muito baixinho, digo:

—

Michael.

PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Gosto do som — diz, e eu sorrio, sentindo-me subitamente excitada com a pe

rspectiva

de nossa união, não de amor, mas de sexo, de sua dominação, de seu controle. Eu me ajoelho à sua frente. É a primeira vez que o faço sem que ele ordene, e digo:

—

Eu quero... — Hesito. Não concluo a idéia e abaixo a cabeça.

—

Diga — segura minha cabeça com as duas mãos, me forçando a olhá-lo dentro dos olhos. — Diga o que você quer. Diga.

Eu sei o que quero, do que preciso, mas reluto dizer em voz alta. Tento desviar o olhar, mas ele me segura com força.

—

Quero que você me espanque — digo com a voz sumindo. Ele me solta e acaricia meu rosto.

—

Quero que você me açoite — peço, mais alto desta vez, com mais urgência. — Por favor — acrescento. Tiro minhas roupas e me deito, por minha própria vontade, sobre seu colo, aguardando a doce liberação que me acalentará, o complemento erótico que acompanha a dor. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

TRINTA E NOVE

A polícia ainda não prendeu Ian, mas o fará num futuro muito próximo. Eles revistaram seu apartamento e encontraram a caixa de sapatos debaixo da cama. Suas impressões digitais estavam em tudo: na fita isolante, nas fotos, na pulseira de Billy, na faca e na própria caixa. Ian admite que a faca pertence a ele, é uma de suas facas de entalhar madeira que, segundo ele, sumiu há várias semanas. Mas jura jamais ter visto o resto das coisas. A investigação continua, agora com Ian como o principal suspeito.

Ele deixou várias mensagens na minha secretária eletrônica, implorando que eu retorne suas ligações, pedindo minha ajuda. Eu não ligo de volta. Não tenho nada a dizer a Ian e, certamente, não o ajudarei em coisa alguma. A sensação de ter sido traída é enorme. Sinto-me tola por ter confiado nele durante tanto tempo. Como a maioria das pessoas, eu julgava conhecer o ser humano. Se pusessem dois homens, lado a lado, eu certamente distinguiria o assassino dentre os dois. Não é

verdade. Não confio mais em minhas percepções. Ian me enganou completamente. Mesmo agora, com tantos indícios apontando, inquestionavelmente, em sua direção, tenho dificuldades em imaginálo empunhando uma faca, frente a frente com Franny, com o corpo amarrado. Deixemos as intuições de lado.

Estou saindo da garagem com meu Honda, olhando no retrovisor, quando o Bronco azul de Ian me fecha, na saída. Piso no freio, mal conseguindo evitar a batida, e, embora eu ponha o carro em ponto morto, mantenho-o ligado. Pelo espelho, vejo Ian sair de seu carro e caminhar, decidido, em minha direção. Ele é forte e, se não fosse sua cara de garoto e os cabelos louros, pareceria um gângster com aquele terno de risca-de-giz. Seu rosto, normalmente agradável, sem rugas, está

transtornado, carrancudo, sombrio, pavoroso. Aperto o botão que tranca as portas no momento em que ele se aproxima do meu carro.

—

Puta merda, Nora! — diz ele quando ouve o clique das trancas. Ele puxa o trinco mas a porta não se abre. — Por que está fazendo isso?—Ele se abaixa, e seu rosto enfurecido e seus ombros largos ocupam todo o espaço da janela. A ponta de seu nariz toca o vidro e se achata até ficar do diâmetro de uma moeda de dez centavos. — Por quê? — Ele grita e eu me encolho, para longe da janela, mas o cinto de segurança impede meus movimentos. Ele bate no teto do carro com a palma da Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

mão, produzindo um tinido exasperante, e em seguida se afasta alguns metros balançando a c abeça. Ele pára e olha em volta com as mãos nos quadris. Seu peito arfa e ele tenta conter a raiva. O cachorro do vizinho late para um carro que passa. Um garotinho, de uns quatro ou cinco anos, vestindo um macacão e tagarelando sozinho, passa pelo Cadillac de Franny, bamboleante,

arrastando um galho pelo chão. Uma voz de mulher o chama, lá de cima da rua, e ele pára com o pé

no ar e a cabeça erguida, como um personagem de desenho animado com a imagem congelada. Então, da mesma forma como parara, abruptamente, ele recomeça a andar, bamboleando pela calçada na direção da voz.

Ian volta, agora mais calmo, e olha para mim.

—

Está com medo de mim, Nora? Precisa se esconder dentro do carro?

Olho para o volante, incapaz de olhar em seus olhos, incapaz de responder às suas perguntas.

—

Eu não entendo. Por que está fazendo isso comigo? — Há um tom de desespero em sua voz, fraco porém inconfundível. Agarro-me ao volante, a cabeça baixa. — A polícia me interrogou hoje, de novo. Vieram até o escritório, eu estava trabalhando.—Ele coloca as palmas das mãos no vidro, parece um garotinho deixando impressões digitais. — Eles me perguntaram se eu daria amostras do meu cabelo e das fibras do carpete da minha casa. Tive que contratar um advogado, Nora. Um advogado. — Ele abaixa a cabeça. — Como pôde dizer a eles que eu matei sua irmã? Como pôde, Nora, pensar uma coisa destas?

Suspirando, ele se vira e se encosta no carro com as costas para mim; cruza os braços. Uma leve brisa agita seus cabelos.

Falando ao vento, ele diz:

—

Por que está fazendo isso, Nora? Eu a amava, ainda a amo. Quando eu disse que precisava passar um tempo sozinho, de tempo para pensar em tudo, era só isso que eu queria: tempo. Só um pouquinho de tempo. Eu não estava terminando com você. Se estivesse, eu teria dito. Penso em você todos os dias, me perguntando se fiz a coisa certa, me afastando de você, mas sabendo, lá no fundo, que eu cometera um erro. Decidi telefonar para explicar o que realmente acontecera, por que eu precisava passar algum tempo sozinho, mas então a polícia começou a me interrogar sobre Franny. — Ele hesita, olha para o chão e diz bem baixinho: — Acho que posso entender sua raiva, pois você achou que eu terminara com você. Mas dizer à polícia que eu a estava perseguindo, enviando cartas ameaçadoras, dando telefonemas anônimos, e que matei sua irmã? Isso é mais do que vingança. Não tive nada a ver com tudo isso, Nora. Com nada mesmo. Eu juro. Ele pára de falar, e ouço o vibrar macio do motor do carro. O tom de apelo em sua voz é claro, indisfarçado. *Eu ainda a amo.* Será que ele pensa que pode me fazer mudar de idéia com uma Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

declaração de amor? Sua afeição, sincera ou não, não altera o fato de que suas impressões digitais

estavam em cada um dos itens daquela caixa de sapato. Por dentro, eu tremo. É assim que os psicóticos que seguem mulheres ameaçando-as agem. Matam em nome de um amor doentio.

—

Não sei ao certo o que mais me perturba. Se é o fato da polícia invadir minha vida até

quando estou trabalhando, se é encontrar todos aqueles objetos debaixo da minha cama ou se é saber que você acredita que andei perseguindo-a e que matei sua irmã. — Pára de falar por instantes. — Eu não fiz nada, Nora. Você me conhece. — Ele vira o rosto para olhar para mim e baixa a voz.

- Sei que sabe discernir melhor do que tem demonstrado. — Mal ouço suas palavras. Pelo pára-brisas, vejo o sol brilhar e refletir sua luz no vidro. O céu está azul, brilhante, alegre, e eu gostaria muito que Ian fosse embora. Não quero compartilhar dos seus problemas, ou dos de qualquer pessoa. Ele será preso brevemente e o júri decidirá por sua culpa ou inocência, não eu. Só o que quero é que me deixem em paz.

—

Eu estava fazendo uma caminhada no dia em que ela morreu — continua ele. Ainda fala com o vento, com as costas coladas ao carro. — Estava com um amigo em Desolation Wilderness. O único problema é que meu amigo não lembra ao certo a data em que estivemos lá. Faz muito tempo; ele não tem certeza da data.

Que conveniente, penso eu. Mais um suspeito sem álibi.

O rugido de um motor corta o ar. Um jardineiro está podando uma árvore na casa ao lado, e até

parece um lenhador esquelético de capacete amarelo, botas com biqueira de

aço e óculos de proteção. Suas mãos, uma envolvendo a manivela de controle e a outra o cabo, vibram com o rugir da serra. A serragem voa de dentro da corrente. Uma zoeira infernal penetra o ar e abafa o canto dos pássaros, o latido dos cães, o som dos carros que passam. O quintal parece encolher-se em meio a este barulho opressivo, ensurdecedor. E como se ocupasse todos os espaços. Ian suspira. Vários minutos se passam antes que ele fale novamente. Quando o jardineiro desliga a motosserra ele diz:

—

Não fui eu, Nora. Você sabe disso. Ouça seu coração. Sem me olhar de novo, ele caminha lentamente até seu Bronco.

Os galhos das árvores filtram a luz do sol e um brilho prateado reflete-se na capota de meu carro. Mesmo com as janelas fechadas, ouço o farfalhar suave das copas das árvores, murmurantes, enquanto a brisa sopra por entre as folhas. No retrovisor vejo Ian se afastar, deixando apenas o reflexo do Cadillac preto, rabo-de-peixe, no espelho. É um lembrete constante de como não consegui compreender minha irmã.

Uma vez, quando estava dirigindo em Sacramento, vi Franny em seu Cadillac, indo na direção oposta, a caminho da clínica de hemodiálise. Eu gritei e agitei os braços, tentando chamar sua Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

atenção. Quando eu ia buzinar, algo me fez parar. Ela me pareceu tão serena,

alheia a mim e a o resto do mundo, com um sorriso satisfeito a enfeitar-lhe o rosto, que não quis perturbá-la. Pasmada, eu a observei me ultrapassar, com uma expressão de quem não gostaria de estar fazendo outra coisa da vida senão passear por aí em seu reluzente Cadillac preto. Eu me senti como uma intrusa, invadindo um momento de intimidade. Eu quis virar o rosto, olhar para o outro lado, mas não consegui. Dei a volta e a segui, discretamente. Parecia uma baleia, o Cadillac, flutuando vagarosamente, pesadão e esparramado, ocupando a faixa inteira. Eu não lembrava do tamanho daquele carro; parecia ter crescido com o passar dos anos, como um ser vivo, dilatando-se com o tempo. Até mesmo à

distância de dois carros eu podia ouvir o Cadillac anunciar sua presença com um ribombar surdo, constante. Os outros carros saíam do caminho de Franny. Eles se encolhiam no acostamento, se desviando daquele carrão como se fosse um imenso peixe predador. Quando chegou à clínica, estacionou nos fundos, na linha branca, ocupando duas vagas. Franny saiu do carro como algum dignitário saindo de uma limusine: primeiro a cabeça, uma olhadela ao redor, um sorriso sem destino certo e então o corpo. Ela se levantou, colocou a alça da bolsa no ombro e então, com as mãos nos quadris, acenou para o carro com a cabeça, fazendo um gesto de aprovação. Havia uma expressão de puro deleite em seu rosto. Eu a espionava do outro lado da rua, me perguntando o que ela via naquele carro que lhe trazia tanta alegria. Sua expressão era de quem descobrira algo de valor inestimável, algo intangível, como o segredo da felicidade. O que seria? Eu quis saber. Qual era o segredo?

Mas, então, segui meu caminho, logo me esquecendo dela, envolvida pelos meus próprios problemas. Mais tarde, no mesmo dia, quando rememorei o incidente, achei graça, de mim por tê-la seguido, e de Franny por deixar que um carro a definisse e desse peso à sua presença. Eu não conseguia entender este tipo de mentalidade. Perguntei a ela uma vez por que era tão apaixonada pelo Cadillac mas ela apenas sorriu e respondeu, enigmática: "Me dá espaço para crescer." Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

QUARENTA

Um dia de ventos frios e cortantes marca a chegada do outono. Ian foi preso pelo assassinato de minha irmã. Embora nem seus fios de cabelo, impressões digitais ou fibras do carpete tenham correspondido aos encontrados no apartamento de Franny, a fita isolante, sim. Uma análise química provou, sem sombra de dúvida, que as fibras das pontas correspondiam à fita que cobria a boca de Franny. Ian insiste em dizer que é inocente e não revela como a assassinou. A *causa mortis* ainda é

desconhecida. Talvez eu jamais saiba como ou por que ele matou Franny e me pergunto se a história terminará assim. Talvez não tenha havido motivo. As pessoas matam sem que haja porquê, lê-se nos jornais todos os dias. Mark Kirn continua preso em San Quentin pela morte de Cheryl Mansfield, mas tenho dúvidas sobre sua culpa. Ian poderia tê-la assassinado também. Não sei as respostas, e provavelmente jamais saberei. Agora já consigo aceitar tal fato... acho. Desde o dia em que Ian foi preso, os telefonemas e as cartas contendo ameaças e fotos pararam. Um lânguido manto de serenidade se instalou sobre minha vida, e M. e eu nos damos muito bem. Temos um pacto único: ele ordena e eu obedeço. Acho que é isto que quis dizer quando disse que eu teria que aprender a lidar com os homens. É uma união satisfatória. Abri mão do pouco controle que eu ainda tinha sobre mim mesma, e não tenho mais responsabilidade alguma além de fazer o que ele me pede. E, por mim, tudo bem. A longa busca pelo assassino de Franny me exauriu. Emocionalmente me sinto ferida, traída pelo único homem no qual pensei poder confiar completamente. Como pude me enganar tanto a respeito de Ian? Agora, meu único desejo é deixarme guiar pela autoridade de M. Estou satisfeita assim; ele é meu timoneiro, define minha rota. Minha submissão fica, em grande parte,

restrita ao campo sexual. Mas as coisas se embaralham com freqüência, e outras áreas de nossa vida podem ser invadidas. Às vezes me sinto uma não-pessoa, alguém de pouco peso ou substância, como uma criança ou um escravo, sem obrigações além de obedecer e agradar a meus pais, aos meus mestres. Com o passar do tempo, é um papel que assumo sem a menor dificuldade. Deixe que alguém tome conta de mim. A paz de espírito que finalmente conquistei desde a morte de Franny foi conseguida através da perda de poder pessoal, mas é uma perda com a qual consigo conviver.

No entanto, não sou a única pessoa a renunciar ao poder. Em nome do seu amor por mim, M. também abdicou a parte de seu comando. No começo, achei que fosse algum truque, mais uma tentativa de me enganar. A forma com que tratou Franny foi deplorável, e eu não o imaginava capaz Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

de mudar, capaz de amar. Mas suas atitudes demonstram o contrário. Muitas noites nós conve rsamos

até depois da meia-noite. E, durante estas interlocuções noturnas, longe da diáfana luz do dia, ele se abre comigo, reparte comigo seus sentimentos, me fala de suas fraquezas, de suas fragilidades, de suas vulnerabilidades, de tudo que faz dele um ser humano expondo as sutilezas de sua alma. Eu sou a guardiã destas informações. Ele confia em mim para guardá-las com cuidado, e talvez isto o deixe mais vulnerável do que eu. No mínimo, somos iguais.

Um céu cruel, negro como o carvão, cobre a cidade. As nuvens dançam um balé sinistro, e a ventania inclemente força a chuva a cair em cortinas laterais, inundando os bueiros da rua Dois. Restos de lixo urbano: papel picado, papel de bala, guimbas de cigarro e pedaços de galhos se agitam na água barrenta como barquinhos de brinquedo atirados num mar raivoso. A água e os detritos correm pelo meio-fio e ficam presos no redemoinho logo acima do gradil do esgoto, onde rodopiam brevemente antes de serem tragados pelo ralo. Será um Dia das Bruxas diluviano. Esta noite, M. está fazendo o jantar para mim. Ele gosta de cozinhar, e é melhor cozinheiro do que eu. Ele me dá uma taça de vinho tinto e me empoleiro num banco para observá-lo. Ele está

vestindo uma camisa cor de vinho, do mesmo tom do que bebo, com o colarinho aberto, e sua testa brilha no calor da cozinha. Ele me faz lembrar um desses *cozinheiros-gourmets* da televisão, seus movimentos são rápidos mas precisos. Tem um pano de prato jogado por cima do ombro, e as mangas da camisa estão arregaçadas até os cotovelos. Um pirex de lasanha esfria em cima do fogão, os queijos dourados ainda borbulham. Está terminando de preparar a salada, e sinto o aroma do alho com manteiga do pão que esquenta no forno. Ele roda pela cozinha, temperando a salada, tirando o pão do forno antes que queime e arrumando-o no prato. Suas calças pretas estão vincadas sem um amassado sequer. Penso em vir morar com M. A idéia já não me parece tão absurda quanto pareceu anteriormente.

— Tudo pronto — declara, jogando o pano em cima da bancada. Ele some durante alguns minutos. Diz que quer desligar a luz da varanda para não sermos incomodados pelas crianças, que, por ser Dia das Bruxas, saem pedindo doces. Logo está de volta. Usa uma luva para levar a lasanha e o pão de alho até a sala de jantar. Eu o sigo com a salada e a garrafa de vinho. Já pus a mesa, e nos sentamos para comer. Senta-se à cabeceira e eu a seu lado, à direita. Enquanto serve a lasanha, me fala de um aluno seu, um pianista.

— Ele tem um desejo enorme de ser concertista — diz. Prova a lasanha e me oferece o prato de pão. — É extremamente esforçado, mas talento?! É, no mínimo, medíocre. Jamais será um grande músico.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Quantos anos ele tem, Michael? — indago. Michael. Acho estranho chamá-lo pelo pr imeiro nome. As palavras se grudam na minha boca como bala puxa-puxa.

— Vinte e um.

— Dê-lhe tempo. Se ele é esforçado, vai melhorar. — Faço uma pausa para levar uma garfada à boca. — Está excelente — digo, me referindo à lasanha.

—

Obrigado — agradece, franzindo a testa levemente. — Sua técnica melhorará com o tempo, mas ele jamais será um grande pianista. Ele não tem o impulso criativo que separa os bons dos grandes. Ele entende a música, intelectualmente, mas não a sente. Sorrio para ele e digo:

—

Bem, ele tem um bom professor.

M. dispensa meu elogio com um gesto de mão.

— Não é algo que se aprenda. Ou você tem ou não tem. Nem toda a técnica do mundo, nem todas as aulas, poderão ajudá-lo. Ele melhorará até certo ponto, ou talvez até muito, tal é sua garra, mas jamais será um grande músico. Empenho não é o bastante.

— Thomas Edison não teria concordado com você. Ele achava que a genialidade era proveniente de empenho, bem mais do que de impulsos criativos. "Um por cento inspiração e noventa e nove por cento transpiração." Se o seu aluno tiver bastante tempo para trabalhar sua música e o fizer com todo o empenho, provavelmente conseguirá seus objetivos.

— Não cite aforismos para mim, Nora. São completamente banais e quase sempre simplificam as coisas em excesso, o que quer dizer que proporcionam uma compreensão limitada de cada situação. A meu aluno falta a verdadeira genialidade, e transpiração alguma irá preencher este vácuo. Seria melhor para ele reconhecer suas limitações. Ele seria mais feliz como um advogado de primeira linha ou um contador do que como um músico de segunda categoria, sabendo sempre que jamais será

bom o bastante. E a coisa só vai piorar para ele: querer algo desesperadamente, sabendo que sempre lhe será negado, é a maior de todas as feridas; verá outros, menos merecedores do que ele, menos esforçados, serem abençoados com o talento e a genialidade que lhe faltam, sem darem valor ao que têm. Será uma vida de dissabores, a desse rapaz.

Há vestígios de compaixão em sua voz. Eu me pergunto se estaria falando, também, de si mesmo. Muitas vezes, no meio da noite, acordei com o som de seu piano. Uma vez entrei sorrateiramente no escritório e o encontrei curvado sobre o teclado, com uma expressão de agonia no rosto, tocando uma composição triste e belíssima. Era uma endecha, se não me engano. Uma mecha de seus finos cabelos negros caía sobre a testa; seus dedos longos e elegantes moviam-se com fluidez pelas teclas. Jamais vira uma cena tão extraordinária. Era tão intensamente pessoal, íntima e apaixonada que me retirei do aposento, me sentindo uma intrusa. Depois disso, todas as vezes que ouvi suas melodias noturnas, permaneci na cama. M. é muito conhecido, mas até eu, que entendo



PDL – Projeto Democratização da Leitura

muito pouco do mundo da música, sei que ele não é um dos grandes compositores contempor âneos. Eu pensei que ele estivesse satisfeito em lecionar, mas agora, ao ouvi-lo falar da falta de genialidade de seu aluno, começo a me questionar.

E também começo a questionar a psicologia de seu sadomasoquismo e se sua necessidade de dominar teria uma relação direta com sua inabilidade em se sobressair, de fato, como músico. Ele me disse certa vez que aceitava suas limitações como pianista. Talvez seu sadomasoquismo faça parte de um elaborado ato jungiano de equilíbrio: sua falta de controle sobre seu talento inato, sua falta de genialidade o fazem exigir controle total sobre mim. Comigo aconteceria o oposto. Sempre exerci absoluto controle sobre meus relacionamentos pessoais, conseguindo me sobressair em minha carreira. Talvez isto permita que me submeta, de minha própria vontade, a M. e ao êxtase da falta de controle.

—

Você vai dizer isso a seu aluno? Que lhe falta genialidade? Lentamente, M. sorri, triste, e sua voz se abranda.

—

Não, não cabe a mim destruir seus sonhos. Minha tarefa é ensinar a ele o máximo que puder. Ele terá que reconhecer isso sozinho. — Faz uma pausa e acrescenta: — Acho que se ele me perguntasse, eu teria que lhe dizer a verdade. Mas ele não perguntará. Eles nunca perguntam. Vou até a cozinha procurar o queijo parmesão. A campainha toca e eu, sem pensar, abro a porta. Dois garotinhos magros, com os lábios azulados, usando capas de chuva amarelas por cima das fantasias, entoam o "prendas ou peças" de praxe com voz cansada. Estendem as duas fronhas úmidas que estão usando para coletar as prendas. M. não tem balas em casa, então pego algumas moedas em minha bolsa e jogo uma em cada sacola. Eles se arrastam pelo passadiço com suas galochas, deixando pegadas enlameadas na varanda. Na calçada, seus pais se encolhem debaixo de um guarda-chuva, me fazendo lembrar todos os meus Dias das Bruxas quando eu era garotinha, antes do nascimento de Franny, indo de porta em porta, coletando doces enquanto meu pai, agachado, me olhava do meio-fio. Sua presença não passava de um pontinho escuro, envolto pelas sombras, com a chamazinha vermelha de seu cigarro brilhando na escuridão.

Volto à sala de jantar para comer a lasanha, pensando mais uma vez em M. e nos seus encontros noturnos com o piano. Ele olha para mim e sorri, desta vez com malícia.

—

Tire a blusa e o sutiã. Quero olhar você enquanto come. Assim que ele diz isso, sinto um frio na barriga, o desejo incontrolável me invade. Ele só precisa dizer isso: "Tire a blusa", para me excitar. Hesito. Para algumas pessoas, a antecipação do sexo tem um efeito galvanizador, incitando-as a agir. Comigo, acontece o inverso. Fico tão transtornada pela ansiedade que uma espécie de paralisia se instaura, mesmo que por poucos segundos. E, no silêncio destes segundos, meu coração bate mais rápido e minha respiração fica profunda, pesada. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

M. fixa seus olhos nos meus, e eu cedo, com todo prazer, à força de seu olhar. Baixo o garfo e

puxo a blusa de dentro da saia. A blusa é branca, de gola alta, com minúsculos botões de pérolas, de cima a baixo. Começo a desabotoá-los, um a um. Meus dedos perdem subitamente a destreza e eu demoro mais do que o usual. As casas me parecem menores do que nunca, e meus dedos, grandes demais, desajeitados. Empurro cada um dos botões de pérola pela pequena abertura. Enquanto janta, M. me observa. Quando acabo de desabotoar o último botão, baixo a blusa dos ombros e deixo que caia Pensando em Franny, em como ela deve ter se sentado nesta mesma cadeira, fazendo o mesmo para M., eu alcanço as costas, desabotôo o sutiã e me livro dele. Ele aprova com um gesto de cabeça.

—

Muito bem. Pode terminar de comer agora.

Ergo o garfo e recomeço a comer a lasanha. M. já me mandou fazer isso várias vezes. Algumas vezes ele quer ver apenas os meus seios expostos, outras somente da cintura para baixo. De uma forma ou de outra, isso nunca deixa de me excitar. Seu domínio sobre mim é emocionante. Essa exposição forçada me deixa louca de desejo. Eu quero que ele me foda, mas sei que não o fará, não ainda, não enquanto não estiver pronto, e esta espera me faz desejá-lo mais ainda. Ele estica o braço e roça os dedos nos mamilos, deixando-os eretos. Arqueio as costas um pouquinho, projetando meus seios em sua direção.

—

Bom — afirma, e volta as atenções para o jantar.

Quero pedir a ele que os aperte, que os afague, mas sei que não o fará. Ele nunca faz o que peço, apenas o que quer. Eu também volto a comer. Meus mamilos estão duros e prontos para ele. A campainha toca e, com um sorriso malicioso, M. pergunta:

—

Vai querer abrir?

Balanço a cabeça. Ouvimos passos se aproximando e, em seguida, vozes e passos que se afastam.

—

Você gostaria que eu lhe contasse outra história a respeito de Franny ? — indaga. Pega a garrafa de vinho e enche nossas taças. Sei que não transaremos tão cedo, então começo a relaxar.

Ele se recosta em suà cadeira, pois acabou de jantar.

—

Logo após ter levado Franny à pocilga, eu lhe contei a respeito de meus outros interesses para com animais. Na verdade, foi depois de um jantar, numa conversa como a que estamos tendo, os seios de Franny expostos para mim como os seus estão. — Ele levanta a taça de vinho e toma um gole. — É claro que os dela eram muito maiores. Os seus são bonitos, mas devo admitir que gosto de peitos grandes. Para mim, nunca são grandes demais. Laura Reese -



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Enrubesço, algo que não acontece com freqüência, porque meus seios são re

lativamente

pequenos, e, diante de M., sabendo que ele gosta de mulheres com seios grandes, me sinto insegura em relação ao tamanho dos meus.

Ele esfrega sua taça de vinho em meus mamilos e eles endurecem outra vez, me deixando mais excitada ainda.

—

Oh, você não tem que ficar envergonhada. Os seus são muito apetitosos, mesmo sendo pequenos. E você adora expô-los para mim, não é mesmo? Franny sempre se sentia pouco à

vontade fazendo isso, mas você não. Aposto que sua bocetinha está molhada, não está? Minha gatinha gostosa precisa de uma boa trepada. Você gostaria que eu cuidasse disso, meu bem?

Estou vermelha e sinto que não conseguiria falar. Eu o quero tanto, mas detesto quando ele me faz falar. Algumas vezes ele me excita de propósito, me leva à beira do orgasmo e não continua até

eu implorar para me foder. Ele gosta de me ver assim, suplicando, prometendo que farei qualquer coisa se ele for até o fim. Sei que me rebaixo por concordar em satisfazer todos os seus desejos, sempre. Minha paixão por ele não tem limites, e diante dele me sinto minúscula. Se ele quiser que eu implore, eu o farei. Ele me apequena com enorme facilidade.

—

Sim — sussurro, rouca. — Quero que você cuide disso. Ele se recosta na cadeira e sorri.

— Eu sei que quer, Nora. Mas vai ter que esperar. Quero contar minha história, primeiro. —

Ele toma outro gole do vinho e, mais uma vez, sinto que fui manipulada.

— Depois do jantar, levei Franny até o escritório e tirei o resto de sua roupa. — Ele pisca para mim e diz: — Você sabe como gosto de ver uma mulher pelada. — Mais uma vez tento imaginar Franny saracoteando pela casa afora, nua. A imagem, simplesmente, não se completa. Tenho dificuldades em vê-la como um ser sexual. Tenho ainda mais dificuldade em vê-la como o ser sexual de M., como um objeto para satisfazer seus desejos. Em minha imaginação, ela está sempre vestida com seu comportado uniforme de enfermeira e sapatos brancos de sola grossa. Sei que esta não é

uma imagem exata para ela. Pelo menos isso M. me ensinou. Mas é a imagem com a qual me sinto mais à vontade.

— Fiz com que se sentasse e lhe disse o quanto gostara de vê-la na pocilga,

com os porquinhos chupando seus seios. Eu também disse o quanto me deixava contente o fato de ela se dar tão bem com meu cachorro. Franny gostava muito de Rameau. Ela o alimentava e ia até o quintal brincar com ele. Às vezes, à noite, ela e eu levávamos Rameau para dar um longo passeio pela vizinhança. Expliquei a ela o quanto eu amava os animais e o quanto gostaria de vê-la com um animal. Ela ficou confusa Não tinha a menor idéia do que eu estava falando. Eu disse que gostaria de vê-la sendo fodida por um animal. Coitada da Franny. Ficou tão agitada. Ela sabia que eu a convenceria a fazê-lo Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

e não sabia o que dizer. Simplesmente permaneceu sentada, mordendo o lábio inferior, balanç ando a cabeça, seu pobre corpo nu tremendo no sofá. Eu disse a ela que teria que fazer isso por mim. Ela começou a chorar, fazia muito isso, e eu a abracei e a consolei. Mas fui firme com ela e expliquei que era algo que eu precisava ver. Eu lhe disse que ia ter que fazê-lo, mas que eu a deixaria escolher o tipo de animal, um porco ou um cachorro. Ela simplesmente balançava a cabeça e me segurava com força, como se seu desespero, suas lágrimas pudessem me fazer mudar de idéia. Bem, sempre acontecia o contrário. Seu medo sempre trazia à tona o que há de pior em mim. "Escolha", disse eu. Ela disse que não, que não poderia. "Então deixe eu lhe explicar a diferença", disse eu. "Isto ajudará

na sua decisão. Se escolher um cachorro, eu a porei de quatro e deixarei que Rameau a monte por trás. Ele ejacula quase que imediatamente, logo após começar a meter. Todos os cachorros fazem isso, mas tão logo te enchem de porra a base de seu pau incha como se fosse um nó e ele fica preso dentro de sua xota. Ele passará a perna por cima de você, cento e oitenta graus, até estarem

com as respectivas bundas coladas, ainda grudados, com o pau dele dentro de você até o nó se desfazer. Com Rameau, o inchaço leva meia hora para diminuir, então eu podia observá-la enquanto estivessem colados dessa forma, tiraria umas fotos e bateria punheta na maior calma.

'"Agora, com um porco, é bem diferente', disse eu. 'O pau do porco é um espiral comprido e duro, como um saca-rolhas, e, quando goza, leva uns dez minutos para esguichar tudo dentro de você. Ele ejacula quase duas xícaras de porra de porco. Acho que ia gostar disso', disse eu a ela, 'de um pau bem comprido que ficaria esguichando, esguichando dentro de você, enchendo sua xota com quase meio litro de esperma.' Isso assustou a coitada da Franny. Na verdade, nunca vi um porco com uma mulher. Não estou bem certo da logística envolvida ou como conseguiria fazer com que o porco montasse nela, mas eu queria levá-la até a pocilga para uma tentativa. 'Se você não escolher, eu escolho', disse eu, mas ela continuava a balançar a cabeça e a chorar. 'Está certo', disse eu. 'Eu escolho. Quero vê-la com um...' Então, ela gritou: 'Um cachorro! Não um porco! Um cachorro! Um cachorro!' Pobre Franny. Entrou em pânico. Estava desesperada. Não queria nenhum dos dois, mas um cachorro, para ela, era o menos degradante dos dois. Eu a abracei até parar de chorar, fiz com que se pusesse de quatro no chão do escritório e fui buscar Rameau. — M. ergue os ombros e os encolhe.

— Dá para imaginar o resto.

Estou chocada com a história. Embora não acredite em uma só palavra. É como as outras histórias a respeito de Franny, absurdas demais para ser verdade. Não, Franny não se submeteria àquilo.

—

Você está mentindo. Ela não faria uma coisa dessas, nem por você. Você não deveria inventar histórias tão bizarras — simplesmente as torna inacreditáveis. Ele faz um estalido com a língua.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Você é uma platéia difícil — diz, e em seguida me lança um sorriso amável.

— Mas

chega disso. Chega de contar histórias. — Pega minha mão e me leva até o escritório. Ele se ajoelha à minha frente e afrouxa meus sapatos. Tira-os de meus pés e beija a parte interna dos dois tornozelos. Então abre o zíper de minha saia e deixa que caia no chão. Enganchando os dedos por baixo do elástico da cintura, ele empurra minha calcinha para baixo com facilidade, e levanto um pé

de cada vez para tirá-la. Ele encosta o rosto no meu sexo raspado e beija meus lábios vaginais num gesto quase reverencial. Abro minhas pernas para ele, levemente, e sinto sua língua em meu clitóris. Minhas mãos agarram seus cabelos escuros de forma a mantê-lo bem próximo a mim. Mas ele se afasta, gentilmente.

"Venha, sente-se no sofá um minuto. — Ele me faz sentar, caminha até a porta de correr e a abre. Assobia. Rameau trota até o aposento. É um cachorro grande, de quase um metro, e deve pesar uns setenta quilos. É lindo. A maioria dos cães dinamarqueses que já vi tem o pêlo castanhodourado, mas o de Rameau

é curto, negro e lustroso. Ele se aproxima de mim e põe o focinho e o maxilar quadrado no lado externo de minha perna. Eu o acaricio e ele coloca a cabeçorra sobre minha coxa.

M. caminha até o sofá.

—

Nem pensar — digo. — Não vou foder Rameau. — A campainha toca mais uma vez, mas nós dois a ignoramos.

Ele se senta e acaricia a orelha do cachorro.

—

Eu sei — ele me diz. — Rameau é que vai foder você. Primeiro você vai para o chão e vai deixar que ele a foda por trás. Depois, após ele relaxar, quando estiver pronto para te foder outra vez, você vai se sentar no sofá e vai se recostar com as pernas abertas, e ele vai montar em você de frente. Quero que você olhe o Rameau te fodendo, quero que você saiba que está sendo fodida por um cachorro e que está fazendo isso para mim.

Cruzo as pernas e balanço a cabeça.

—

Esqueça.

M. simplesmente sorri e diz:

—

Rameau é bem-treinado e faz muito tempo que não come boceta de mulher, desde os tempos de Franny. Vou fazer com que te lamba muito bem antes de fazê-lo montar em você. Laura Reese - Falsa Submissão

271



PDL – Projeto Democratização da Leitura

QUARENTA E UM

Quando acordo esta manhã, M. já saiu para o trabalho. Permaneço na cama, pensando na noite passada. Fico estupefata por ter resistido tão pouco, por minhas objeções terem sido tão superficiais. Fazer sexo com um cachorro foi diferente do que eu imaginara. Como dissera M., cachorros ejaculam quase que imediatamente. Uma vez que Rameau me penetrou e começou a meter, ele gozou bem rápido, em segundos, no máximo vinte. Mesmo assim foi fascinante sentir sua língua morna em meu sexo, senti-lo me penetrar, sentir seu pêlo curto entre minhas pernas, se esfregando em meu corpo. Antes de deixar Rameau montar em mim, M. usou os dedos, brincou com meu clitóris e meus mamilos enquanto o cachorro me lambia. Quebrar um tabu me excitou imensamente, e quando Rameau pôs as patas em minhas costas, preparando-se para montar em mim, quando ele se inclinou sobre meu corpo e apertou minha cintura com as pernas, não reclamei. M. guiou o pênis do cachorro para dentro de mim enquanto massageava meu clitóris. Eu gozei junto com Rameau. Gozei muito, sentindo um prazer perverso em fazer algo bizarro assim, algo tão fora dos limites. É difícil descrever minha reação. O pênis do cachorro é menor do que o do homem, e a trepada em si praticamente acabou antes de começar, mas a sensação foi de um erotismo inimaginável. Não, erotismo não, pornografia. No instante em que senti a ponta do pênis de Rameau entre minhas pernas, procurando uma brecha, meu corpo estremeceu com uma lascívia tão carnal, tão animal, que perdi a noção de onde estava. Eu me senti transportada, embora não saiba para onde. Talvez para um local primitivo, devasso e orgiástico. O ato sexual foi depravado e inimaginavelmente prazeroso. O

cachorro me fodeu duas vezes na noite passada, da primeira vez por trás e depois de frente, para que eu pudesse vê-lo, e então foi a vez de M. "Você vai

aprender a botá-lo na boca", disse ele enquanto me fodia. "Não", disse eu, "Não quero fazer isso." Mas M. simplesmente agarrou meus quadris com força e meteu em mim com mais força ainda e disse: "Ah, mas vai. Vai sim”.

Saio da cama e tomo banho. Tomei um ontem, antes de dormir, mas sinto necessidade de tomar outro. Lavo meus cabelos mais uma vez e me seco com a toalha. Visto um dos roupões de M. e entro no quarto. Pela janela vejo Rameau deitado na grama. Eu me pergunto se o cachorro vai se tornar parte integrante de nossa vida sexual ou se M. vai querer me ver com o cachorro apenas ocasionalmente. Sou comida de cachorro. Não sei o que pensar disso. Agora com a mente iluminada Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

pela luz da manhã, posso ver a degradação do ato, o que isto significa para M. Ele quer me ver com

um animal, uma besta para provar que é meu senhor.

Comida de cachorro, é isso que sou. Assim que Rameau começou a me lamber, eu adorei cada minuto. Sou uma pessoa normal, penso. Como é que posso ser comida de cachorro?

Rameau me vê de pé diante da janela e seu rabo bate na grama. Vou até a cozinha e preparo um bule de café fresco. Espero enquanto coa. Na mesa da

cozinha há uma fita de vídeo com um bilhete.

"Para seu entretenimento, guardei como lembrança", diz. A letra é de M. Carregando a xícara, levo a fita até o escritório e a coloco no vídeo. Bebericando o café, ligo a televisão e me sento para assistir à fita. Primeiro, tudo está negro, sem imagem e sem som, e de repente surge a imagem: Franny, nua chorando, de quatro. Rameau está por trás dela com a cabeça enfiada no meio de suas pernas, lambendo seus órgãos genitais. A câmera a circunda e eu posso vê-la com o cachorro de vários ângulos. "Por favor, Michael", soluça Franny, olhando para a câmera "não me force a fazer isso." Mas M. não responde. A câmera dá mais uma volta. Rameau ergue a cabeça e sobe em suas costas, agarrando sua cintura com as patas, e começa a enfiar. Franny grita e desvia o corpo. M. está atrás da câmera, e, embora eu não possa vê-lo, ele está lá, espreitando-a. Ouço-o gritar com ela, severamente: "Não se mova!" E ela pára de se esquivar, sem nada dizer, embora continue a soluçar. As lágrimas molham seu rosto, sua boca forma um *O*, dolorido, perplexo, o terrível ricto de sua humilhação e de seu desespero.

Desligo o vídeo. Não quero ver mais nada. Não consigo ver o resto. Sua experiência com Rameau foi o contrário da minha. Embora tenha relutado no início, participei espontaneamente. M. me excitou, me fez querer o cachorro e eu estava excitada quando ele montou em mim. Mas com Franny, M. foi sádico, brutal. Ele sentiu prazer em vê-la humilhada. Após assistir à fita, acho o prazer que senti ontem à noite menos erótico. Tenho aprendido que há um limite muito tênue entre o erótico e o degradante. Com minha irmã, ele ultrapassou este limite. E sei agora que tudo o que me contou a respeito de Franny é verdade. A pocilga, a urina, a trepada com o cachorro e tudo o mais. Tudo verdadeiro. Pensei que ele estivesse apenas me atormentando, sentindo um prazer doentio em me fazer sofrer, mas era tudo verdade. Paralelos. Mais paralelos. Estou seguindo os passos de Franny de muito mais perto do que eu imaginara.

Rebobino a fita e a tiro do vídeo. Se Franny estivesse viva, não gostaria que ninguém visse isso. Pego uma tesoura e vou até a garagem procurar um martelo. Minha intenção é quebrar a caixa da fita, rasgá-la em milhares de pedacinhos e jogá-la na lata de lixo. Levanto o martelo, pronta para destroçar a fita, mas paro. É a única fita que tenho de Franny, por mais horrível que seja, e não consigo destruí-la.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Volto ao escritório e coloco a fita no videocassete. Ligo, e desta vez me forço a a ssisti-la,

inteira. Sinto que devo isso a Franny, que preciso sentir sua dor e sua humilhação para que ela não fique tão sozinha. É uma forma de compartilhar sua degradação. A fita é realmente desprezível, e, embora eu a assista, me concentro em outros objetos do filme: o tapete marrom, a pulseira de Billy no pulso de Franny, sua pele branca. Faço isso em vez de me concentrar na dolorosa cena de Rameau lambendo e fodendo.

Quando termina, me recosto no sofá, me sentindo exausta. As imagens ficam passando em minha mente. Franny no chão, de quatro, nua, depois Rameau montando nela. Massageio minhas têmporas. Uma imagem pela metade, nebulosa, me atormenta. Há algo errado, mas não sei o que é. Algo além da humilhação de Franny. Ela está no chão, ela está nua, o cachorro lambe seu órgão genital. A cabeça de Franny está baixa, as lágrimas correm em seu rosto, seus peitos são caídos, sua pele é tão branca, seu traseiro... O que foi que eu vi em seu traseiro? Algum tipo de marca. Um vergão de chicote? Não, outra coisa. Algo como um sinal de nascença. Eu me levanto e volto a fita. Paro logo antes de Rameau montar em suas costas e assisto. Está

em sua nádega direita. É algum tipo de marca, uma cicatriz, acho. É pouco

visível, como uma ferida que está quase, mas não ainda completamente cicatrizada. Os olhos do espectador se desviariam, normalmente, para Rameau, e, se eu não estivesse olhando para outras coisas, jamais teria notado. Volto a fita e a assisto mais uma vez. Ainda não consigo enxergar. Assisto mais uma vez e aperto o *pause. A* imagem congela. Em sua nádega direita, bem embaixo, no lado, há um círculo com uma linha passando pelo meio. O símbolo universal da negação. É fraco, apenas um leve traço, mas eu o identifico.

Dou um passo atrás. Sei o que isso quer dizer. Quando Franny foi encontrada, seu tronco estava coberto de cortes: círculos, quadrados, linhas. Devido à decomposição do corpo, a legista não pôde identificar a maioria dos desenhos. Mas uma das marcas que ela conseguiu identificar foi o círculo com uma linha atravessada no meio.

M. matou Franny. A ferida em suas nádegas, tão fraca que ele não a notou, quase cicatrizara quando ele fez esta fita. E havia cicatrizado por completo quando ele a matou, já que a legista não encontrou corte algum em seu traseiro. Mas lá está, na fita, o mesmo desenho que ele fez a faca em sua barriga, a prova de que M. matou Franny. Prova suficiente, sem dúvida, mas apenas para mim, não para a polícia. M. não aparece na fita, apenas Franny e Rameau. Ele negará que o vídeo lhe pertence. Eu tremo, não de frio, e sim de fúria. Todas as emoções que bloqueei durante o último ano, toda a raiva, toda a culpa liberam-se dentro de mim. O violento fogo da vingança. Não deixarei que escape. Não outra vez. Não desta vez.

PDL – Projeto Democratização da Leitura

Volto o vídeo, me acalmo e organizo meus pensamentos, refletindo no que fazer. S aio do escritório, percorro o longo corredor até o quarto. Até este momento, a casa de M. estava repleta de sentido sexual. A sala, o escritório, os móveis: tudo isso invocava lembranças passadas que me preparavam para futuros embates. Era fálica e carnal, esta casa. Nosso prostíbulo particular de prazeres lascivos. Mas agora, enquanto percorro os quartos, vejo uma nova imagem diante de meus olhos: a imagem da dor, do sofrimento. Estou assombrada com a fita de Franny. Ela ainda caminha por aqui, por este corredor, com passos hesitantes. Seu pranto silencioso ecoa em minha mente. Nunca mais verei esta casa com os mesmos olhos.

Entro no quarto de M. e me visto. Ele recolheu as roupas que eu vestia ontem à noite, minha blusa e meu sutiã da sala de jantar e a saia, os sapatos e as calcinhas do escritório. Dobrou-as cuidadosamente e colocou-as no vão da janela. Comigo é atencioso e metódico, e nestas últimas semanas modifiquei minha impressão de que ele era um homem perverso e cruel. Eu tinha certeza, no início, de que ele era assim. Então, com o passar do tempo e à medida que o conheci melhor, pensei que estivesse enganada. Minhas necessidades enevoaram meu discernimento. Eu quis compreender minha irmã para saber quem ela realmente fora e M. revelou minha irmã a mim. Graças a ele, eu a conheço melhor do que jamais a conheci quando viva.

Mas, em algum momento, perdi minha objetividade. Deixei de acreditar que era um homem cruel simplesmente porque não queria que fosse. Estava errada. Que tipo de homem, além de um que seja brutal, forçaria uma mulher a trepar com um cachorro e sentiria prazer com suas lágrimas?

Passo o dia todo esperando por M., me preparando para sua volta. Vasculho sua casa e coloco todas as coisas que pertencem a mim, as roupas que eu deixara em seu armário, meu xampu, minha escova de dentes, meu desodorante, o livro de Larry McMurtry que comecei e não terminei numa sacola de compras. Fico impressionada com meu controle, com minha calma. Agora que sei o que tenho que fazer, estou decidida.

Abro a porta que leva ao quintal. Rameau está deitado na grama, e suas orelhas se levantam quando ouve a porta abrir. É uma manhã acinzentada, sem sol, e o ar está frio e úmido. Sinto meu cabelo encrespar e abotôo o casaco, tremendo. Rameau mantém os imensos olhos castanhos colados em mim, e seu rabo bate de encontro à grama, mas ele não se levanta. Nós nos encaramos. Sei muito pouco sobre cachorros e me pergunto se ele se lembra de ontem à noite. Saio para o quintal; Rameau se levanta e trota em minha direção. Ele é macio e sua cabeça negra chega até o topo de minha perna. Fica estático enquanto acaricio suas orelhas. Quando paro, ele baixa a cabeça e encosta o focinho em minha coxa. Encho sua tigela com água e o observo beber um pouco. Entro em casa e fecho a porta. Pego a sacola, levo-a até a sala e a escondo atrás da cadeira, para que M. não saiba que planejo ir embora. Vou até a janela, o céu está triste e nublado. Lá fora um gato fuça um canteiro de flores e Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

olha para cima de repente, surpreendido por algum barulho que não ouço, atravessa o gra

mado como

um foguete e some por trás do carro do vizinho.

Quando assisti ao vídeo de Franny, quando vi o desenho em sua nádega direita, quando eu soube que era M. seu assassino, algo dentro de mim se

rompeu. Vejo minha vida e a pequena porção do universo que habito com maior clareza. Desde o assassinato de minha irmã, não via o mundo de forma tão transparente. Como pôde me passar pela cabeça viver na companhia de M.? Renunciei a tanta coisa para ficar com ele. Preciso aprender a me cuidar outra vez. Só eu posso fazer isso. Ele errou em me mostrar o vídeo de Franny. Foi um erro de proporções monumentais. Como pôde ser tão idiota? Mesmo que eu não tivesse notado a marca, por que teria me mostrado esse vídeo? Só posso concluir que ele não compreende, ou se recusa a compreender, que seu comportamento, sua imoralidade e sua falta de limites com minha irmã foram criminosos. Eu poderia ter permanecido a seu lado se não tivesse me mostrado o vídeo. Eu poderia ter ficado. Ah, sim, constava entre minhas possibilidades. Ele me seduziu com tanta facilidade, me induziu à tentação como fez com Franny, mas, ao contrário dela, eu gostei da sedução. Imensamente. Ele me levou numa odisséia sexual prenhe de prazeres incomuns, e, se eu não tivesse visto o vídeo, talvez ficasse para sempre. É isso que me espanta. Eu poderia ter vivido sob seu controle. Eu poderia ter sido, para sempre, escrava para este mestre.

Mas eu assisti ao vídeo e agora tudo mudou. E, mesmo que ele não tivesse matado minha irmã, como poderia eu ficar com ele? Após assistir ao tormento de Franny? Sua aterrorizante falta de limites é perversa. Ele foi longe demais. M. matou Franny, e eu hei de vingar sua morte. Ele pagará

pelo que fez.

Inicio minha preparação. Ele não voltará até as três e meia, portanto, tenho bastante tempo. Vou até o banheiro e abro o armário. Pego seus tranqüilizantes e os coloco em meu bolso. Então caminho até o quarto dos fundos, a sala de adestramento, e acendo várias velas. Este é o quarto favorito de M. e, devo confessar, meu também. Ele me trouxe aqui tantas vezes. Incongruentemente, há uma pilha de caixas de papelão ao lado da cama. Contêm documentos, pastas e livros que M. trouxe do *campus*, mas ainda não organizou ou guardou. No armário, estão minhas roupas: as roupas de brincar compradas por M. *Lingerie* de cetim com rendas, *collants*, combinações, uma fantasia de empregadinha *sexy*, uma sainha pregueada de menina com um colete, *baby dolls* de criança, espartilhos de gente grande, tangas e meias sete-oitavos. Pego o conjunto de quatro peças: um sutiã

com armação de ferro, luvas compridas sem dedos, ligas e tanga, tudo de vinil brilhante. Eu me sento na cama, calço as meias arrastão e os sapatos de salto, pretos. Entro no banheiro de M., passo maquiagem e me olho no espelho de corpo inteiro. Minha barriga é lisa, minhas coxas são firmes. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Estou ótima. Exceto pelo vermelho brilhante em meus lábios, estou toda de preto, dos cabe los aos

saltos altos. É assim que M. há de lembrar-se de mim: como sua escrava vestida de vinil preto. Volto à sala de adestramento e acendo mais velas, todas. Elas bruxuleiam pelo quarto, sobre as mesas, sobre a TV, sobre as caixas de papelão, no chão, enchendo tudo de luz, luz suficiente para eu conseguir uma boa imagem para a câmera de vídeo. Ponho a fita de Franny no vídeo e verifico se há

outra fita na câmera.

Vou até a cozinha e sirvo uma taça de vinho para mim e outra para M. Quantos tranqüilizantes devo pôr em sua taça? Resolvo que um será o bastante. Abro a cápsula e misturo o conteúdo ao vinho. Escrevo um bilhete e o coloco na mesa: "Estou na sala de adestramento, Mestre, esperando." Apanho as taças de vinho e as levo para o quarto. Coloco a taça de M. na mesa, ao lado da cama, ao lado da chave das algemas, me recosto na cama e aguardo, bebendo o vinho. Às

três e meia ouço M. chegar. A maçaneta gira e a porta se abre. Ele está de pé, no *hall*, provavelmente carregando sua maleta de couro marrom. Meu carro está na entrada da garagem, portanto, sabe que estou aqui. Ele fecha a porta, que range levemente quando fecha. Ouço passos. Ele entrará no escritório, largará a maleta e olhará para o piano. Vai querer tocar durante uma ou duas horas, como é seu costume ao chegar da escola, mas antes me procurará. M. é tão previsível. Ele tirará o paletó, afrouxará o nó da gravata, que tirará em seguida, irá à cozinha para pegar um drinque e encontrará meu bilhete. O bilhete o fará franzir a testa. Ele preferiria brincar com o piano, não comigo. Lerá o bilhete mais uma vez. Me imaginará na sala de adestramento, acorrentada à

parede, e o tesão vence. Ele virá a mim.

Eu o ouço atravessar a casa, percorrer o corredor. Está na soleira da porta e olha para mim sem dizer coisa alguma. Ergue uma das sobrancelhas, satisfeito em ver o conjunto de sutiã preto e tanga. Encosta o ombro displicentemente na porta e afrouxa a gravata; errei a respeito da gravata, mas está

sem paletó. Suas calças são escuras, a camisa é malva-pálido, a gravata é italiana, de *jacquard* de seda. Até mesmo vestido vê-se que é magro e musculoso, suas roupas caem bem sobre o corpo bemconservado de 49 anos de idade. Ele é esbelto, sensual e mortal.

—

Achei que podíamos brincar — digo, tomando um gole de vinho. — Fiz alguma coisa errada e preciso ser castigada.

M. arregaça as mangas vagarosamente, entra no quarto e olha meu corpo. Seus lábios se curvam para cima, num sorriso sensual. Ele pega a taça de vinho, ainda olhando para mim, fixamente. Toma mais um gole e passa a mão em minha perna, na pele nua de minha coxa, na meia arrastão.

— Errada? A que grau?

Laura Reese - Falsa Submissão

277



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Muito errada. Preciso ser açoitada. — Eu me sento. — Mas primeiro quero chupar seu pau.

— Deslizo da cama. M. agarra minha mão.

— Aonde vai?

—

A lugar algum. Só queria trocar com você. Quero que se deite para eu poder chupar seu pau.

— Eu disse que podia se mover?

— Não.

Ele põe a taça sobre a mesa e me coloca no colo, ainda agarrando meu pulso.

—

Talvez eu queira surrá-la primeiro.

Meu coração se acelera. Não digo nada. Será que sabe que coloquei alguma coisa em sua bebida? Não, ele não sentiria o gosto, eu não senti. De repente me ocorre que talvez ele tenha sabido o tempo todo a respeito da marca no traseiro de Franny. Talvez quisesse que eu a visse e que soubesse que ele matara Franny. Talvez seja um prelúdio para a minha própria morte.

—

Está certo—digo.—Vou pegar o chicote.—Há nervosismo em minha voz. M. olha para mim com estranheza. Sabe que há alguma coisa estranha. Ele não me solta. Espero para ver o que vai fazer.

De repente ele agarra meus cabelos e puxa minha cabeça para trás. Perco a respiração. Minha taça cai no chão. Ofego; minha cabeça está puxada para trás, de maneira que olho para o teto. Sei que se resistir ele puxará ainda mais. Ele enfia a mão em meus cabelos e torce até me ouvir gemer. Então beija minha nuca. Ele me beija mais uma vez e solta meus cabelos. Sua outra mão ainda segura meu pulso. Sinto os movimentos lentos de seus lábios, de sua língua molhada em meus ombros nus, em meu pescoço. Sinto o cheiro de seu suor, o perfume almiscarado, salgado de seu desejo.

—

Você me parece tão cansado. Achei que talvez quisesse que eu lhe chupasse um pouco para lhe dar um pouco de energia.

M. olha para mim,

—

Foi isso que pensou? — diz, e solta meu pulso.

Com cuidado, desço de seu colo e me ajoelho. Abro o zíper de suas calças, esperando para ver se me fará parar. Não faz. Ele se levanta e eu tiro suas calças e seus sapatos. Desfaço o nó de sua gravata e desabotôo sua camisa. Dobro suas roupas cuidadosamente, como ele o faria. Ele se deita na cama, encostado na parede. Eu lhe dou a taça de vinho.

—

Tome — digo, e ele a pega. — Quero que relaxe — falo com uma voz que, espero, seja muito sedutora. — Feche os olhos, beba o vinho e divirta-se. Vou chupá-lo mais e melhor do que nunca.

PDL – Projeto Democratização da Leitura

Começo a lambê-lo vagarosamente. Seu pau já está tenso e duro, com uma ve ia azul

intumescida descendo o corpo do pênis, mas minha meta é justamente o contrário, esfriá-lo. M., com os olhos fechados, bebe o vinho. Vejo seus ombros relaxarem, seu corpo se aquietar. Ele move a cabeça languidamente, de um lado

para o outro. Calmamente, sem perder o ritmo, tiro a boca de seu pênis e a coloco na parte interna de sua coxa, uma parte menos sensível de sua anatomia. Deixo que minha boca permaneça ali, roçando meus lábios em sua pele, suavemente. M. não se importa que eu tenha desistido de seu pênis ou então está longe demais para notar. Ele termina o vinho. Eu passo a boca para a outra coxa e em seguida para sua barriga e noto que seu pênis está quase flácido. Ele geme, um som profundo e relaxante. Ele abre a mão e solta a taça vazia.

—

Deite-se.

M. geme e diz, sonolento:

—

O quê?

Ele abre os olhos, com dificuldade.

—

Deite-se — repito eu, pegando a taça e colocando-a sobre a mesa. — Você ficará mais à vontade. — E o ajudo a se deitar na cama.

Massageio suas pernas, sua coxa, bem de leve, e subo para seus ombros e braços. A pressão de minhas mãos é suave, calmante, com o intuito de relaxar. Quando acho que está dormindo, ergo um de seus braços acima da cabeça. Ele tenta dizer alguma coisa, mas consente. As algemas pendem da parede. Cada punho está ligado a uma corrente de sessenta centímetros chumbada à parede. Coloco sua mão na algema, vagarosamente, e a tranco. A corrente está frouxa, não estica seu braço e ele não a sente. Ergo o outro braço e faço o mesmo.

Dou um passo atrás e olho para ele, nu, o pênis flácido. O assassino de Franny. Não sinto coisa alguma além de asco. Tiro o cinto de suas calças e o enrolo em seu pescoço. Então, pego dois pedaços de corda na cômoda e amarro suas pernas à cama. Ligo o vídeo. Franny chora, a câmera gira em volta dela e Rameau a lambe. M. ainda dorme. Eu aumento o volume. Ele acorda, sobressaltado, com uma expressão de surpresa. Desorientado, ele olha para a televisão que está aos berros e sente os braços acorrentados à parede. Ele vira a cabeça e os ombros, espichando o pescoço para tentar enxergar. Está bem acordado agora, e nota o cinto em torno do pescoço. Ele olha para mim.

—

Destranque-as — ordena, asperamente. — Já.

Ainda está no papel de senhor. Ainda pensa que me controla. Baixo o volume.

—

Por que me mostrou esse vídeo?

—

Você não acreditou que eu fizera Franny trepar com o cachorro. Queria que soubesse que eu sempre digo a verdade. — Sua voz é tranqüila, sem culpa.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Só que você não diz a verdade. Você nunca me disse a verdade.

—

Solte as algemas. Quanto mais tempo as deixar, mais severo eu serei. Eu o ignoro. Ouço Franny chorar e M. mandando-a ficar no chão. Suas palavras me enfurecem, e eu baixo o volume ainda mais.

—

Concordei com tudo o que fizemos. Posso até ter relutado, mas concordei. Tudo bem. Mas Franny não concordou, não concordou com nada do que fez com ela. Você a forçou. Você... foi longe demais. Há limites para todo.

Sorrindo levemente, ele olha para mim com uma expressão complacente. Ele ainda ignora a gravidade de seu erro, ignora que um abismo se abriu entre nós dois. Um abismo imenso que não mais será preenchido.

— Limites. Este é um conceito burguês.

— Você não pode fazer tudo o que quer.

— Não vejo por que não.

—

Porque causa sofrimento às pessoas. Você magoou Franny, você a machucou. Não deveria ter feito aquelas coisas com ela. Foi imoral. — A ira faz minha voz tremer. Ele solta uma gargalhada ao ouvir a palavra.

—

Imoral? — pergunta com desdém. — Ela não foi obrigada a ficar comigo. Poderia ter ido embora a qualquer momento. Ela escolheu ficar. A decisão foi dela, não minha.

— Ela não conseguia negar coisa alguma a você.

— E agora você vai querer me culpar por sua fraqueza?

— Vou, você é responsável. — Estou tensa, mas luto para controlar o tom de minha voz, para não revelar o furor do ódio que toma conta de mim. Eu o quero morto, e sei que, no meu atual estado de espírito, poderia realizar o ato com imensa facilidade. — Você era mais forte. Não pode fazer o que fez e livrar-se das conseqüências.

— Conseqüências? Que conseqüências? Não sinto culpa pelo que fiz com ela. Era uma mulher adulta. Maior de idade.

Ele ainda ignora que eu sei que matou Franny. Pensa que minha raiva é relacionada a Rameau e todos os atos sexuais e sádicos aos quais a submeteu, Olho para ele com fúria e ele me encara, impassível.

— Ela fez suas próprias escolhas. Talvez tenham sido as escolhas erradas para ela, mas ela as fez. Por que devo me sentir culpado por isso? Eu senti prazer em vê-la com Rameau, da mesma forma que senti prazer em ver você. Sei o que

quero, Nora, e corro atrás. É muito simples. Laura Reese - Falsa Submissão

280



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Não desta vez — digo, balançando a cabeça. — E não comigo. Você quase me en ganou. Disse que me amava, e eu quase acreditei. Mas você não ama a mim ou a qualquer pessoa. Você é

incapaz de tal coisa.

Ele olha para mim, placidamente. Sinto vontade de atirar alguma coisa nele, para destruir a serenidade cretina de seu rosto.

—

Você deve realmente odiar as mulheres. Não satisfeito em controlá-las, precisa humilhá-las também.

Ele ouve isso com uma expressão divertida no rosto. Por fim, diz:

—

Vai dar chilique, vai, Nora? Sabe que terei que castigá-la por isso?

Eu balanço a cabeça.

—

Você ainda não entendeu, não é mesmo? Não estou mais jogando seu joguinho. Não pode me castigar, pois não estou seguindo suas regras. — Chego mais perto dele. Coloco a palma da mão sobre sua cabeça. Seus cabelos escuros são finos e macios como lã.—Você esquece quem está

preso agora. — digo. Baixo a mão e a ponho em seu pescoço. — Você esquece quem é que está com o cinto em volta do pescoço.

Quando toco o cinto, vejo a mudança na expressão de M. Vejo que finalmente compreendeu que minhas intenções são sérias. Ele fica em silêncio. Seu corpo enrijece. Finalmente, diz:

— Então é assim que tudo termina? Você e eu chegamos ao fim? — pergunta, e ouço o tom de irritação em sua voz. Foi vaidoso o bastante para crer que eu jamais o deixaria, mesmo depois de me mostrar o vídeo de Franny.

— Chegamos — respondo, e caminho até a TV. Ele ainda não sabe, mas o fato de deixá-lo é o menor de seus problemas. Está na hora de descobrir que eu sei que matou Franny. Ele ergue a sobrancelha num gesto de indiferença.

— Tudo bem. Então está tudo acabado entre nós. Agora solte as algemas.

— Assista ao vídeo — ordeno. Franny olha para a câmera, as lágrimas banham seu rosto. Sinto minha raiva aflorar mais uma vez.

— Tire essas...

— Assista — grito. Meu corpo treme, e respiro fundo para me controlar. Preciso de controle agora. Agora mais do que nunca.

Passo a cena que mostra o traseiro de Franny. Volto a fita e a mostro outra vez.

— Você não vê, não é mesmo? Cometeu um erro e agora vai pagar. — Eu congelo a imagem.—Olhe para isto—digo, apontando para a marca.

— O quê?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— É quase imperceptível. Quase parece uma mancha de nascença, mas Franny nã

o tinha

nenhuma.

M. aperta os olhos para olhar a televisão, tentando localizar a marca.

—

É um círculo, com uma linha cortando-o ao meio. É exatamente igual à que a legista encontrou na barriga de Franny.

Antes que M. consiga disfarçá-la, vislumbro sua expressão de pânico, breve, alguns segundos apenas.

—

Não dá para dizer o que é. Poderia ser qualquer coisa.

—

Mas não é. É um círculo cortado por uma linha. Exatamente igual ao que você fez na barriga de Franny com uma faca.

Desligo a televisão. Caminho até a câmera e a ligo. Então me aproximo de M. e monto em seu peito, sentindo o contato de sua pele nua em minhas coxas.

—

Vai me dizer como matou Franny. Com o vídeo que fez com Franny e o que estou filmando, com sua confissão, vai passar o resto da vida numa cadeia, se tiver sorte. Talvez, simplesmente, seja condenado à pena de morte.

M. olha em meus olhos, impassível.

—

O que lhe faz crer que eu contarei alguma coisa?

Pego as duas extremidades do cinto que envolve seu pescoço. Ele ri uma risada curta, dissimulada.

Aperto o cinto e corto sua respiração. Ele luta, e eu tenho que usar de muita força para manter o cinto apertado. Não estou preparada para o vigor de sua tentativa de me deter. Antes que eu consiga reagir, ele levanta o cotovelo e o ombro esquerdos, vira o tronco e me estoqueia a costela. Uma dor intensa atravessa meu corpo. Fico atordoada e engulo o ar. A folga na corrente permite que M. se mova. Ele enfia o cotovelo em mim mais uma vez. A força do golpe me joga para cima da mesa, que vira, derrubando a taça de vinho, três velas e tudo o mais que havia sobre ela. A gaveta cai aberta, e dela caem uma caixa de preservativos, creme lubrificante, grampos para mamilos, bolas sexuais de metal. As bolas rolam pelo tapete, passam pelo chão de madeira e batem na parede. Duas das velas apagaram ao cair, mas a terceira faz um pequeno buraco no tapete. Eu pisoteio o fogo até

apagá-lo. Sinto o corpo dolorido e vejo uma marca em meu ombro, no local onde me choquei com a mesa. A pele está esfolada, sangrando.

M. sorri, satisfeito consigo mesmo. Tiro os sapatos e os atiro longe. Caminho até o pé da cama, agarro o espelho e puxo com força. A cama avança e os braços de M. se esticam até não haver mais folga nas correntes que conectam as algemas à parede. Estou ofegante, e a lateral de meu corpo lateja. Puxo mais uma vez e o ouço gritar.

PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Puta merda, Nora! Está cortando meus pulsos. Eu me aproximo dele e monto em seu

peito.

—

Agora vamos tentar mais uma vez. Vai me dizer como matou Franny ou quem morre é você.

M. ri, zombeteiro.

— Não vai me matar. Aperto o cinto.

— Vai me testar?

— Se me matar, será presa. Eu balanço a cabeça.

— Harris sabe como você é. Eu diria que você queria fazer algo bem radical, ultrapassar os limites. Eu diria que você queria experimentar o controle da respiração, que queria que eu o sufocasse. Eu protestei, é claro, mas você disse que me daria uma surra se eu não obedecesse. Então joguei seu jogo. O único problema é que o asfixiei tempo demais, com força demais. Que pena. Morreu. Foi um acidente. — Minha costela dói em conseqüência do ataque de M.

— Eles a pegariam.

— Talvez sim. Talvez não. Não poderiam provar que foi assassinato. Homicídio nãopremeditado, possivelmente, ou por negligência. Eu corro o risco só para vê-lo pagar pela morte de Franny. — Aperto o cinto só para que M. sinta o que digo. — Agora comece a falar. Ele não diz coisa alguma. Seu rosto está rígido, seu maxilar cerrado. Dou um puxão no cinto. Ele começa a ofegar e seu rosto fica rubro. Embaixo de mim, seu tronco faz um pequeno movimento, mas ele está completamente esticado, e qualquer esforço que fizer para me enfrentar será inútil. Eu afrouxo o cinto.

—

Está pronto para falar? — pergunto, sem deixar que responda. Sei que não cederá com tanta facilidade. Eu o sufoco de novo. Seus olhos me desafiam, e aperto o cinto mais ainda. Seu rosto fica rubro outra vez. Ele olha para mim fixamente, até não poder mais. Então seus olhos se enchem de água e reviram. Sua boca se abre, escancarada, em silêncio. Sinto os braços e o peito doloridos. Estou ofegante. Jamais imaginara que asfixiar um homem era tão difícil, que exigisse tanto esforço. Continuo a apertar o cinto, sem saber se vou parar. Seria um pequeno passo, daqui até a morte. Mais um pouquinho e ele estaria morto.

Solto o cinto. M. tosse, arqueja. Seus pulmões emitem sons longos, arfantes, enquanto ele engole ar.

— Vai falar agora ou não vai? — pergunto, e ele faz que sim com a cabeça, ofegante, ainda incapaz de falar. Saio de cima de seu peito e dou um passo atrás. Ele tosse, limpa a garganta e respira, desesperado, tragando o ar com avidez, os músculos do pescoço se contraindo em espasmos. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Ele não me parece mais tão confiante. Eu lhe dou vários minutos para se recompor e cami

nho até a

câmera para desligá-la. Volto a fita e começo a gravar outra vez. Não preciso da cena anterior em filme. Eu me viro para encarar M. Ele se aquietou e me olha com um ódio intenso, como eu jamais vira em seu rosto.

— Está bem, vou contar o que aconteceu. Mas não vai lhe adiantar de nada. Você não pode me ver no primeiro vídeo, e este aqui não vai ajudar em nada. Foi filmado sob constrangimento. Além do mais, a justiça não aceita vídeos.

Não digo nada. Não tenho a menor idéia se aceita ou não, mas quando Joe assistir à sua confissão, fará de tudo para ver M. preso.

—

Comece a falar.

M. hesita. Faz beicinho com a maior petulância e diz:

—

Desamarre minhas pernas.

Avalio a idéia. Não tenho a menor intensão de barganhar com ele, e seu bem-estar não me interessa. Mas estou próxima, tão próxima de descobrir como Franny morreu que até levo em consideração o que pediu. Sinto minha própria impaciência como uma comichão torturante, exigindo alívio imediato. Não posso esperar nem mais um minuto. Preciso da verdade. Olho para M. Com os braços acorrentados, não poderá me alcançar. Desamarro suas pernas mas chego para trás, para evitar que me chute.

— Certo. Agora comece a falar.

— Vou falar, mas vai ser a meu modo. Preciso explicar algumas coisas antes de lhe contar sobre Franny.

— Não estou interessada no resto.

— Azar. Vai ter que ouvir.

Cruzo os braços. M. pressente minha impaciência e mais uma vez puxa a minha corrente. Sinto a manipulação, fria, dura, de forma tão certa como se elos de aço inoxidável ligassem meu pescoço à

sua mão. Quero saber como matou Franny, preciso de todos os detalhes. Ele sabe disso, mas seu controle total sobre mim chegou ao fim. Ouvirei suas explicações, mas elas não terão influência para modificar nada. Terei sua confissão. Ele vai ser preso.

— Não era este o final que eu planejara para nós dois—declara. Sua expressão é de autosatisfação e autoconfiança. Seu rosto é um muro de

indiferença, como se jamais tivéssemos sido amantes.

— Comece a falar.

Ele franze as sobrancelhas levemente. Parece momentaneamente distraído, como se não soubesse por onde começar.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Em primeiro lugar, quero lhe contar a respeito de Ian.

Ao ouvir o nome de Ian, sinto um enorme remorso por tudo que o fiz passar. Reconheço o quão monumental foi meu erro. Aguardo, impaciente, para ouvir o que me dirá a respeito de Ian.

—

É — diz com sarcasmo. — Quero que você saiba que Ian, que você sempre pensou ser tão nobre e bom, seu leal e querido Ian a traiu.

Penso bem no que disse e não levo em consideração. Eu teria sabido se Ian estivesse dormindo com outra pessoa. Eu teria sentido.

—

Está mentindo, e, mesmo que tivesse traído, ele não lhe contaria. Ele olha para mim, tranqüilo.

—

Será que não? Não éramos confidentes? Ele me contava tudo, por que não me contaria isso também?

Não respondo.

— Bem, tem razão. Ele não me contou. Não precisava me contar. Sabe por quê? Porque foi comigo que ele a traiu. Seu doce Ian provou uma pica pela primeira vez.

— Está mentindo.

— Nora, Nora, Nora. —Ele estala a língua, zombando de mim. —Não vai aprender nunca?

Você sabe que eu sempre digo a verdade. — Ele sorri. — Bem, quase sempre. Pode entender por que não lhe contei que matei Franny. Mas todo o resto era verdade.

Continuo sem responder.

—

Já vi que terei que convencer você. Muito bem — ele estica as pernas. Olha para mim e afirma: — Ian às vezes vinha para cá depois de jogarmos *squash.* Vinha tomar um drinque, às vezes jantava, qualquer coisa. Eu o ouvia com tanta compaixão, e você não lhe dava a menor atenção. Ele não conseguia entender por que você estava se afastando dele. Não conseguia entender por que você não queria mais fazer amor com ele. Pobre Ian. Estava tão confuso. A última vez em que veio aqui, vários dias antes de terminar com você, eu lhe dei um uísque e deixei que abrisse seu coração. Foi uma cena tão comovente — diz M. com sarcasmo, sua voz cheia de falsa compaixão. —

Eu lhe dei mais um drinque e disse que você não o merecia. Ele disse que queria poder conversar com você como conversava comigo. — M. olha os punhos algemados e olha para mim. — Bem, pode imaginar o resto. Eu disse a ele que me sentia muito próximo dele, que o amava como a um irmão. Ele disse que sentia o mesmo. Um beijinho aqui, uma caricia zinha ali, foi muito fácil. Ele hesitou quando segurei seu pau, mas ficou tão duro que não foi difícil convencê-lo a me deixar chupá-lo. Uns drinquezinhos o relaxaram muito, sabe, Nora. Além do mais, ele não comia você já há

algum tempo. Estava com tanto tesão que eu diria que você jogou Ian no meu colo. Passei a noite Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

toda com ele. Eu o mantive bêbado para que continuasse complacente. Eu o fiz me chupar e c omi sua

bunda. Seu amado Ian perdeu a virgindade.

Continuo sem dizer coisa alguma. Sei que o que diz é verdade.

—

O pobre rapaz ficou tão confuso. Na manhã seguinte ele se foi antes que eu acordasse. Uma falta de educação, se quer saber minha opinião. Nem ao menos me deu um beijo de despedida. Ligou no dia seguinte. Disse que tudo fora um erro. Desculpou-se e disse que sentia muito pelo que acontecera e que não poderia retribuir minha afeição. Que comédia! O imbecil nem ao menos notou que fora seduzido propositadamente. — M. ri, desdenhoso. — Estava angustiado porque pensava ter me magoado e me iludido.

Finalmente, recobro minha voz. Sei que está falando a verdade, mas acho difícil aceitá-la. Não sei por quê. Ele matou Franny. Eu não deveria me surpreender com a maneira fria com a qual seduziu Ian.

— Por quê? Por que fez isso?

— Não queria que você continuasse com ele. Você estava sempre me falando do homem maravilhoso que ele era. Bem, aí está seu nobre e honesto Ian. Preferiu terminar com você a contar a verdade. Exatamente como eu pensei que faria.

Mas ele não terminou comigo, penso. Achei que tivesse terminado, mas só queria passar um tempo sozinho, para pensar no que acontecera entre ele e M.

—

Não havia necessidade disso. Ian e eu estávamos nos afastando por causa de você. Era só uma questão de tempo antes de nos separarmos. Você não precisava seduzi-lo. Não havia necessidade disso.

Sinto lágrimas nos olhos, por Ian, por mim mesma, mas principalmente por Franny.

— Não havia necessidade disso — repito. — Necessidade alguma. — Mas compreendo que necessidade não tem nada a ver com isso. Ele o fez por despeito, por maldade. E é por isso que me está contando a respeito de Ian. É um homem vingativo. Quer me machucar ao máximo. Não serei capaz de reparar os danos que causou a Ian, mas vingarei Franny. Ele pensa que não poderei fazê-lo pagar pela morte de Franny, mas está enganado. Fatalmente enganado.

— Mas havia necessidade. Eu precisava comê-lo.—Ele inclina a cabeça, exultante pela vitória, e acrescenta: — Omiti um pequeno detalhe: coloquei um tranqüilizante em seu drinque. Sabe, eu tinha algumas coisinhas afazer aquela noite. Eu precisava que Ian passasse algum tempo desacordado. Tempo o bastante para colocar suas impressões digitais em alguns objetos e para pegar a chave de sua casa emprestada e fazer uma pequena viagem até Sacramento. — Ele sorri.—Você é

tão fácil de manipular, Nora. Tão fácil quanto Franny. Tão fácil quanto Ian. Você foi revistar o apartamento dele, exatamente como eu sabia que faria.



Sinto uma dor no coração. Causei tantos transtornos na vida de Ian, suspeitando que c ometera

um assassinato, compartilhando minhas suspeitas com a polícia, fornecendo as provas que provocaram sua prisão. E mesmo depois de eu ir à polícia, Ian ainda disse que me amava. Ele é

muito mais leal e fiel do que eu. Sei que foi burrice deixá-lo escapar, e temo que me arrependerei por isso o resto de minha vida.

M. sorri seu sorriso arrogante. Espero que continue.

—

Você tem certeza de que quer ouvir o resto? — ele me pergunta por fim. — Posso lhe contar o que aconteceu com Franny, mas com que finalidade? Minha confissão não será aceita pelos tribunais. Servirá apenas para deixá-la irada, frustrada, e não poderá fazer coisa alguma com a informação que lhe darei. — Levanta a cabeça e diz: — Não seria a ignorância uma melhor alternativa?

A falsa preocupação em sua voz é inconfundível.

— Não.

— Ótimo — diz, pondo a cabeça de volta no travesseiro. Vejo uma expressão de satisfação cruzar seu rosto, como se quisesse me dizer que esteve o tempo todo com a situação sob controle. Pela conversa, alguém deduziria que estamos em posições inversas. Que estou acorrentada e ele, livre. Mas sei que, se tivesse escolha, M. não faria esta confissão. — Muito bem. Eu esperava que fosse esta a sua resposta. Sabe, quero contar o que aconteceu. Preciso contar a alguém, da

mesma forma que você precisava falar de seu aborto e de sua esterilização. Você compreende, não é mesmo?

É claro que compreende. Fui seu confessor, agora você será minha confessora. Ouvindo, você fará o favor de aliviar minha culpa.

Ele ergue a sobrancelha.

—

Ah, posso ver pela expressão de seu rosto que não me crê capaz de sentir culpa. É

bem verdade que não sinto remorso algum pelo comportamento que tive com Franny, mas sua morte foi lamentável. Foi um incidente infeliz.

Eu me arrepio com a frase que usa para descrever o assassinato de Franny: um incidente infeliz.

— Se você pensa que lhe concederei o perdão, está enganado.

— Não espero que *conceda* perdão algum, Nora. Eu o conquistarei. Admitir um pecado é o primeiro passo para a absolvição. Você sabe disso. E quem melhor para ouvir minha confissão que você? É um tanto irônico, não é mesmo? Eu revelarei a verdade que tanto busca, e você, mesmo sem querer, me devolverá a paz de espírito. — Ele ri. — Lembra-se de eu ter dito que Franny não me recusava coisa alguma? Não é verdade. Ela me negava muitas coisas, algumas delas realmente Laura Reese - Falsa Submissão



perigosas. Eu a respeitava mais cada vez que dizia não, embora nunca tenha lhe dito

isso. Na

verdade, eu a fazia pagar amargamente por sua intransigência. Ela tomava boas surras por suas recusas.

Mas ele não terminou comigo, penso. Achei que tivesse terminado, mas só queria passar um tempo sozinho, para pensar no que acontecera entre ele e M.

—

Não havia necessidade disso. Ian e eu estávamos nos afastando por causa de você. Era só uma questão de tempo antes de nos separarmos. Você não precisava seduzi-lo. Não havia necessidade disso.

Sinto lágrimas nos olhos, por Ian, por mim mesma, mas principalmente por Franny.

— Não havia necessidade disso — repito. — Necessidade alguma. — Mas compreendo que necessidade não tem nada a ver com isso. Ele o fez por despeito, por maldade. E é por isso que me está contando a respeito de Ian. É um homem vingativo. Quer me machucar ao máximo. Não serei capaz de reparar os danos que causou a Ian, mas vingarei Franny. Ele pensa que não poderei fazê-lo

pagar pela morte de Franny, mas está enganado. Fatalmente enganado.

— Mas havia necessidade. Eu precisava comê-lo.—Ele inclina a cabeça, exultante pela vitória, e acrescenta: — Omiti um pequeno detalhe: coloquei um tranqüilizante em seu drinque. Sabe, eu tinha algumas coisinhas a fazer aquela noite. Eu precisava que Ian passasse algum tempo desacordado. Tempo o bastante para colocar suas impressões digitais em alguns objetos e para pegar a chave de sua casa emprestada e fazer uma pequena viagem até Sacramento. — Ele sorri.—Você é

tão fácil de manipular, Nora. Tão fácil quanto Franny. Tão fácil quanto Ian. Você foi revistar o apartamento dele, exatamente como eu sabia que faria.

Sinto uma dor no coração. Causei tantos transtornos na vida de Ian, suspeitando que cometera um assassinato, compartilhando minhas suspeitas com a polícia, fornecendo as provas que provocaram sua prisão. E mesmo depois de eu ir à polícia, Ian ainda disse que me amava. Ele é

muito mais leal e fiel do que eu. Sei que foi burrice deixá-lo escapar, e temo que me arrependerei por isso o resto de minha vida.

M. sorri seu sorriso arrogante. Espero que continue.

—

Você tem certeza de que quer ouvir o resto? — ele me pergunta por fim. — Posso lhe contar o que aconteceu com Franny, mas com que finalidade? Minha confissão não será aceita pelos tribunais. Servirá apenas para deixá-la irada, frustrada, e não poderá fazer coisa alguma com a informação que lhe darei. — Levanta a cabeça e diz: — Não seria a ignorância uma melhor alternativa?

A falsa preocupação em sua voz é inconfundível.

— Não.

Laura Reese - Falsa Submissão

288



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Ótimo — diz, pondo a cabeça de volta no travesseiro. Vejo uma expressão de sati sfação cruzar seu rosto, como se quisesse me dizer que esteve o tempo todo com a situação sob controle. Pela conversa, alguém deduziria que estamos em posições inversas. Que estou acorrentada e ele, livre. Mas sei que, se tivesse escolha, M. não faria esta confissão. — Muito bem. Eu esperava que fosse esta a sua resposta. Sabe, quero contar o que aconteceu. Preciso contar a alguém, da mesma forma que você precisava falar de seu aborto e de sua esterilização. Você compreende, não é mesmo?

É claro que compreende. Fui seu confessor, agora você será minha confessora. Ouvindo, você fará o favor de aliviar minha culpa.

Ele ergue a sobrancelha.

—

Ah, posso ver pela expressão de seu rosto que não me crê capaz de sentir culpa. É

bem verdade que não sinto remorso algum pelo comportamento que tive com

Franny, mas sua morte foi lamentável. Foi um incidente infeliz.

Eu me arrepio com a frase que usa para descrever o assassinato de Franny: um incidente infeliz.

— Se você pensa que lhe concederei o perdão, está enganado.

— Não espero que *conceda* perdão algum, Nora. Eu o conquistarei. Admitir um pecado é o primeiro passo para a absolvição. Você sabe disso. E quem melhor para ouvir minha confissão que você? É um tanto irônico, não é mesmo? Eu revelarei a verdade que tanto busca, e você, mesmo sem querer, me devolverá a paz de espírito. — Ele ri. — Lembra-se de eu ter dito que Franny não me recusava coisa alguma? Não é verdade. Ela me negava muitas coisas, algumas delas realmente perigosas. Eu a respeitava mais cada vez que dizia não, embora nunca tenha lhe dito isso. Na verdade, eu a fazia pagar amargamente por sua intransigência. Ela tomava boas surras por suas recusas.

"Mas, depois que terminei com ela, ela disse que me deixaria fazer o que quisesse. Acho que ela metera na cabeça que eu era o único homem que jamais a amaria. Não me deixava em paz. Seu diário termina duas semanas antes de sua morte, então você não tem idéia de como ela ficou depois disso. Ela me ligava todos os dias, enchendo a paciência. Meu Deus, como era insistente. Tentei ser amável, mas nada do que eu dizia a dissuadia. Ela aparecia aqui sem ser convidada, a qualquer hora do dia, suplicando por mais uma chance, implorando pelo meu amor. Era demais. Finalmente, achei que se a levasse ao seu limite, se eu a forçasse a fazer aquelas poucas coisas que me negava, ela talvez se conscientizasse de que éramos incompatíveis. Ela compreenderia que eu era o homem errado para ela. Enchi uma mochila preta e fui até seu apartamento. Foi a primeira vez que fui até lá; Laura Reese - Falsa Submissão



era ela que sempre vinha até aqui. Mandei que tirasse a roupa e que se deitasse no chão. Tire i a fita isolante da mochila.

Ele olha para o teto, pensativo. Após alguns minutos, continua com a voz mais baixa.

— Fita isolante. Não é comum prender alguém com fita isolante. Dói muito removê-la, mas eu queria lhe dar uma lição. Ergui seus braços acima da cabeça, prendi seus pulsos e passei a fita em torno do pé do sofá. Em seguida prendi seus tornozelos. Tirei um bisturi de dentro da mochila e o coloquei sobre sua barriga. Eu disse que ia cortar sua barriga. Eu já o fizera uma vez, na bunda, como você viu no vídeo. Depois daquela vez, ela nunca mais me deixou cortá-la. Ela tinha medo da faca. Enfim, pensei que colocar o bisturi sobre seu corpo fosse o bastante, que a simples visão da faca a amedrontaria. Me enganei. Ela disse: "Vá em frente, Michael. Só assim você saberá o quanto eu o amo." As gotas de suor brilhavam em sua fronte. Ela estava com medo, mas não ia desistir, achava que isso me faria amá-la. Cobri sua boca com a fita e comecei a cortá-la. Primeiro um losango perto do umbigo. Eu ouvia seus gemidos. Arranquei a fita que a amordaçava e perguntei se já era o bastante. Ela balançou a cabeça e disse que eu fizesse qualquer coisa, contanto que ficasse com ela. Então voltei a amordaçá-la e comecei a cortar outra vez, as figuras mais variadas: círculos, quadrados, estrelas, linhas que subiam e desciam pelo seu corpo, e, é claro, o círculo cortado pela linha.

As lágrimas banhavam seu rosto; seus gritos saíam abafados, patéticos. Ainda assim ela não desistia. Por duas vezes, eu removi a fita, esperando que ela desistisse. Ambas as vezes ela disse: "Eu amo você. Nunca o deixarei." Era uma coisa enfurecedora. Quem diria que Franny, a tímida Franny, se revelaria uma pessoa tão obstinada? E tão desesperada.

M. faz uma pausa e eu penso no que ele me dissera tanto tempo atrás. *Não foi a curiosidade que matou o gato, e sim a obstinação. Algo que Franny jamais aprendeu.* Ele vira a cabeça e passa na testa o braço retesado. Seus olhos se perdem no vazio, e sei que está pensando naquele dia, que está vendo Franny diante de seus olhos. Sinto um nó no estômago e me pego com os pulsos cerrados, os nós dos dedos, brancos. Também vejo Franny, e ficar aqui, ouvindo, é só o que posso fazer.

— Bem, realmente, sangrava muito, mas não eram cortes profundos. Finalmente tirei minha caixinha de choques de dentro da mochila. É um gerador a manivela que eu pedira pelo correio. Ela já vira a caixa anteriormente e já me ouvira falar a respeito. Eletrotortura. Eu quisera usá-la em Franny há meses, mas ela tinha medo de eletricidade, mais até do que da faca, e nunca permitiu que a usasse. Foi inflexível quanto a isto. Então, naquele dia, pensei, já que os cortes não a assustaram, a eletricidade dará conta do recado. Ela chorava, estava quase histérica, as lágrimas jorravam em seu Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

rosto encharcado. Esperei até que se acalmasse e disse: "É assim que seria de agora em diante, Franny. Eu faria tudo o que bem entendesse, sem o seu consentimento. Não chega ainda? Será que você não vê que não sou o homem ideal para você?" Ela parara de chorar, mas seu peito ainda arfava e eu pensei que ela cederia. Então ela respirou fundo e em seus olhos eu via apenas uma coisa: teimosia. Em algum nível do subconsciente, lá no fundo, acho que ela queria que eu a machucasse. Acho que ela acreditava merecer a dor, provavelmente ainda na tentativa de redimir a morte de Billy.

"Eu faço qualquer coisa", sussurrou ela, com a voz enrouquecida por tantos gritos abafados.

"Qualquer coisa. Eu preciso de você." Sua submissão me enlouqueceu. Eu só queria que ela saísse da minha vida. Tapei sua boca mais uma vez com a fita. Então liguei seus mamilos: prendi um eletrodo em cada um e descarreguei uma corrente elétrica em seu corpo.

Ele olha para o teto e balança a cabeça lentamente. Continua com a voz cada vez mais baixa:

—

Não sei o que aconteceu. Não deveria tê-la matado. A voltagem estava tão baixa. Não havia marcas de queimadura em seu corpo. Eu só queria assustá-la, só isso. Queria intimidá-la. Queria que ela compreendesse que eu não servia para ela. Queria que ela parasse de me telefonar, parasse de me importunar cinco, seis, às vezes até sete vezes por dia. Ele fica em silêncio. Eu também. O mistério foi desvendado. Finalmente. M. a matou com choques elétricos. Ele diz que foi um acidente, com alguma razão. Acredito que esteja falando a verdade. Absorvo a revelação aos poucos. Eu me sinto como se estivesse fora do meu corpo, observando, ouvindo de longe. Ouço suas palavras, mas não consigo reagir. Ele diz:

—

Foi assim que ela morreu. Seu coração simplesmente parou de bater. Aconteceu tão rápido, em segundos, e eu não sabia o que fazer. Tentei ressuscitá-la, mas eu nunca tinha feito aquilo na vida, e não consegui reavivá-la. Arranquei a fita e tentei respiração boca a boca. Massageei seu tórax, tentando trazê-la de volta à vida. Tentei durante tanto tempo, uns trinta, 45 minutos, não sei. Pareceu-me uma eternidade. Nada funcionou. Acho que eu sabia que ela estava morta

após os primeiros cinco minutos, mas não conseguia parar. Eu não podia deixar que morresse. Respiração, pancada, respiração, pancada, sem parar, alternadamente. — M. fala pausadamente. — Por fim, quando desisti, simplesmente me sentei sobre os calcanhares e olhei para ela. Compreendi a gravidade do que fizera. Como pôde ela ter morrido? Como foi que aconteceu? Eu não quis matá-la. Foi um acidente.

Ele hesita e acrescenta:

—

Li muita coisa a respeito de eletricidade desde então. A voltagem interferiu com os impulsos elétricos de seu coração, provocando uma parada cardíaca. Ela não tinha problemas cardíacos, e a corrente elétrica era branda. Foi um acidente, jamais deveria ter acontecido. Mas aconteceu... aconteceu.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Ele ri nervosamente e diz:

—

Bem, eu sabia como o caso seria encarado. A polícia jamais acreditaria que fora um acidente. Nunca acreditaria que Franny permitira os cortes, os choques. Eu a amordacei com a fita mais uma vez, a última vez. As marcas de bisturi em seu corpo, o sangue, a fita pareciam homicídio premeditado, obra de um psicopata, cometido por um forasteiro de passagem por Davis. Foi exatamente o que eu quis que a polícia acreditasse.

Eu me sinto distante de M. e de tudo aquilo que ele está me contando. Suas palavras flutuam pelo quarto, seu peso abrandado pelo ambiente difuso, cheirando a vela. Ele quase cometeu um crime perfeito, com uma arma não-detectável.

— Como sabia que a necropsia não revelaria a eletricidade? — indago.

— Eu não sabia. Na verdade, quando os jornais divulgaram sua *causa mortis* como nãodeterminada, achei que a polícia sonegara informações propositadamente. Achei que você e a polícia sabiam como ela morrera. Eu não sabia que era um mistério.

Ele não sabia. A legista ficou perplexa, e M. nem ao menos sabia que criara um mistério.

— Você foi muito detalhista — observo, e o tom sereno de minha voz me incomoda. Passei este tempo todo obcecada com a morte de Franny, e, agora que tenho as respostas, não consigo reagir. É como se a notícia de sua morte acidental fosse desapontadora, um anticlímax para minha mente, que imaginara um assassinato a sangue-frio. — A polícia não encontrou nenhuma impressão digital que pertencesse a você. Nenhum cabelo, nenhuma fibra de carpete deixada pelo seu sapato. Como conseguiu isso?

— Sorte, pura e simplesmente. Sorte. Estava chovendo quando fui até lá, uma chuvinha de primavera. — Ele dá uma risada nervosa mais uma vez. — Na verdade foi uma tempestade fora de época. Estava frio e os bueiros transbordavam. Antes de sair de casa, eu calçara galochas e vestira uma capa e

um chapéu. Eu sempre guardava as galochas e a capa na garagem para não pingar água ou lama dentro de casa. Como eu nunca usei as galochas dentro de casa, não havia fibras do carpete. E não encontraram impressões digitais porque eu estava de luvas o tempo todo. Quando cheguei à

casa de Franny, tirei as luvas de lã e calcei as de látex. Mais uma vez, foi pura sorte, nem me passara pela cabeça deixar ou não impressões digitais. Eu usava luvas de látex com freqüência quando castigava Franny. Era uma coisa psicológica, inventada com o simples intuito de assustá-la. Fazer com que imaginasse sempre o pior. Mas naquele dia havia um outro motivo. Eu sabia que se ela não cedesse eu iria cortá-la. Como eu não queria sujar as mãos de sangue, calcei luvas.

"Quanto aos fios de cabelo: eu não tirei a capa ou o chapéu. Pensei que passaria pouco tempo em sua casa. Era entrar e sair, rapidamente, só o tempo suficiente para assustá-la. Mas depois, para me certificar de que eu não deixara nenhum fio de cabelo, passei o aspirador de pó. Em seguida Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

troquei o saco do aspirador e pus o usado na mochila. Dei uma última olhada, e tudo pare cia em ordem. Então olhei para Franny. Ela estava usando a pulseira de Billy no pulso. Não sei por que, eu a tirei e a pus no bolso. Quando cheguei em casa, joguei tudo o que usara num saco: as roupas, o bisturi, as botas, as luvas, a caixa de choques, o saco do aspirador. Tudo, menos a pulseira e a fita isolante. Livrei-me de tudo aquilo. Enterrei a fita e a pulseira no meu quintal. Não sei por que as guardei, um lembrete, talvez, do que eu fizera. O rolo que

você encontrou em meu armário era outro. Eu guardei outras coisas que pertenciam a ela: o suéter, os óculos, os brincos, algumas fotos, o vídeo com Rameau, mas levei tudo para a universidade quando começamos a sair juntos. De qualquer forma, não havia indício algum, coisa alguma que me ligasse ao assassinato de Franny. Eu sabia que o diário falava de mim, e até pensei em roubar seus disquetes de computador, mas desisti. Levá-los pareceria muito suspeito, especialmente se a polícia encontrasse cópias do diário escondidas em algum lugar do apartamento. Um criminoso psicopata não se daria o trabalho de remover disquetes de computador. Além do mais, não havia nada ali que me incriminasse. A única coisa que provavam é que eu gosto de sexo violento. E que Franny aceitava isso.

Ele, mais uma vez, olha para o longe, para o espaço além da porta. Volta-se para mim e diz:

— Se não tivesse chovido naquele dia, é provável que eu estivesse na cadeia. Eu não estaria de luvas de lã quando cheguei, minhas impressões digitais estariam na porta de entrada. Foi a única tempestade que caiu naquela primavera. No dia seguinte, o céu estava azul e o sol saiu. Concordo com a cabeça. Ainda me sinto distante.

— E as esculturas de madeira? Aquela que você disse que Ian dera a Franny?

— Eu a comprei numa loja em Sonoma. — Ele tenta dar de ombros mas, com os braços retesados, o gesto é mínimo.—Eu queria que você se sentisse à vontade comigo e era tão fácil fazer com que Ian parecesse o culpado. Fácil até demais. Não planejei aquilo. Funcionou bem por ele conhecer Franny. Quando você passasse a suspeitar dele, eu pareceria menos culpado.

— E quanto a Mark Kirn?

M. parece se divertir com a pergunta.

—

Deveria ter mais confiança na polícia, Nora. É lógico que pegaram o homem certo. As provas contra ele eram conclusivas. — Ele sorri. — Mas foi bem divertido vê-la correr para San Quentin.

As velas aquecem o quarto. Eu me sinto oprimida.

—

Você deu os telefonemas anônimos. Mandou as cartas e as fotos. Você invadiu minha casa à noite enquanto eu dormia.

M. confirma com a cabeça.

— Como entrou em minha casa?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

— Fácil, da mesma forma que entrei na casa de Ian. Fiz uma cópia da chave, em março, no dia em que a droguei e a envolvi com as ataduras elásticas.

M. tinha a chave de minha casa esse tempo todo. E eu que me sentia segura em minha casa, em Torrey Street. Mera ilusão.

— E foi você quem quase me atropelou no supermercado.

— Não — reage ele, prontamente. — Não fiz aquilo. Deve ter sido acidente, ou então algum pirralho brincando. Nunca tentei feri-la. Nunca. — Ele sorri. — Mas foi uma mão na roda. De repente me sinto cansada. Puxo os cabelos para trás e cubro o rosto com as mãos. Estou horrorizada com o que fiz a Ian.

—

Nora, jamais pensei em matar Franny. Foi um acidente. Deveria tê-la sacudido, dado um choque, mas não fazer com que seu coração parasse de bater.

Ouço um suspiro, não de pesar, e sim de impaciência. É como se, agora que já contou a verdade, achasse que o incidente era coisa do passado e que está pronto para ir em frente. Ele continua:

—

Você consegue entender por que não liguei para a polícia, não é? Eles teriam me prendido, sem dúvida. Por que destruir minha vida por causa de um acidente?

Finalmente compreendo a crueza de tudo que me disse; não há mais dúvidas, suas palavras são conclusivas. Tiro as mãos do rosto.

—

Você assassinou Franny.

Seu rosto está calmo, frio, enigmático. Calmamente, ele diz:

—

Se eu fosse você, não assumiria uma posição tão moralista. Uma morte é uma morte. Quer seja acidental ou por aborto, o resultado final é o mesmo.

—

Não! — exclamo, irada. — Não é a mesma coisa. M. prossegue, sem validar minha objeção.

—

Você tirou uma vida. Eu também. Ambos somos assassinos. Só que, no meu caso, não foi intencional. No seu foi. Então me diga: quem é mais culpado? Quem deve carregar mais culpa?

Eu não sei. Eu sinto remorso. Sinto vontade de nunca ter vivido aquele dia, mas não posso. Foi um acidente. E Franny não foi menos culpada. Ela concordou com o uso da eletricidade. Ela desempenhou um papel em sua própria morte.

Eu me arrepio com as palavras de M.

—

Você distorce a verdade muito bem. Pode racionalizar o quanto quiser. Pode dizer que ela teve participação na própria morte, mas isso não muda coisa alguma. — Como o aroma das velas flutuando em direção ao teto, sinto minha

ira ascender. — Você a molestou, você a cortou, você a matou, e vai pagar por isso.

Laura Reese - Falsa Submissão

294



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Ele sorri com frieza.

—

Para que fazer ameaças inúteis, Nora? A polícia não pode encostar um dedo em mim. Nem mesmo com esta pretensa confissão. A única coisa que este vídeo prova é que a morte foi acidental. Não há nada que você possa fazer.

Sua voz é cheia de menosprezo, de zombaria, de desdém. Fico enfurecida e sinto vontade de apertar o cinto até expulsar aquele tom sarcástico de sua voz.

—

Não há nada que você possa fazer — repete ele, ainda sarcástico.

— Eu não teria tanta certeza disso — afirmo, chegando mais perto da cama,

sentindo que estou prestes a perder o controle. — Vai passar o resto da vida na cadeia.

— Não vou passar nem mesmo um dia.

A raiva me cega. Luto para manter-me controlada.

—

Quando a polícia chegar — digo, levantando a voz, quase gritando. — Vão vê-lo assim, estirado nesta cama, vão assistir aos dois vídeos e talvez resolvam fazer um pouco de hora antes de prendê-lo.

Pego o chicote de nove tiras da parede e volto para perto de M.

—

Talvez eles usem um destes chicotes primeiro — aviso, empunhando-o. — Ou a bengala. Você não ia gostar? Aposto que você nunca sentiu dor em sua vida, acertei? Você só gosta de infligi-la.

Ele solta uma risada breve.

—

Você está ridícula.

Ouço suas palavras, carregadas de desprezo. Para ele, tudo não passa de um jogo, e a morte de Franny foi apenas um incidente infeliz. Meus braços estremecem com uma fúria recém-descoberta, uma fúria assassina. Desço o chicote com força, atingindo sua virilha e suas coxas num estalar sonoro, agudo.

Uma marca vermelha se forma imediatamente. M. geme e levanta a perna, tentando proteger a genitália. Ele me fuzila com o olhar, seus olhos estão sombrios, enfurecidos.

—

Você não gosta disso, não é?—pergunto. Agora sou eu quem zomba. Largo o chicote e apanho a bengala de bambu. Bato mais uma vez, com toda a força, e deixo um longo vergão vermelho tatuado em sua coxa direita. Ele faz uma careta de dor, mas não grita. Então algo acontece dentro de mim, algo selvagem, atávico. Agrada-me ver o sofrimento estampado em seu rosto. Quero mais. Quero ouvi-lo gritar de agonia, como Franny gritou. Bato nele sem parar, e cada bengalada desferida estimula ainda mais a minha fúria. M. se contorce na cama, não consegue escapar de mim. A bengala esfola sua pele, e filetes de sangue vão surgindo. Dou um passo à frente e baixo a bengala mais uma vez, notando, tarde demais, que cheguei muito perto da cama. M. joga a perna e me atinge Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

na coxa. Dou um pulo para trás e me choco contra as caixas, fazendo com que várias delas caiam. Olho para M., com o coração descompassado.

Ele me encara com frieza. Seu rosto está rígido de indignação e ira. Seu corpo está coberto de vergões e de sangue. Meu peito arfa; meu corpo treme. Não sei quem era aquela pessoa desferindo aquela fúria incontrolável, sem pensar em mais nada além da destruição de outro ser humano. Balanço a cabeça, enojada comigo mesma e com M. Livro-me da bengala, jogando-a no chão.

—

Vou chamar a polícia — aviso, dirigindo-me para a porta.

—

Vá em frente — diz M., ofegante, com a voz tomada pela dor. — Fui algemado sem o meu consentimento. Você é que vai para a cadeia.

Saio do quarto e percorro o corredor. Ouço M. me chamar, mas eu o ignoro e entro na suíte principal. Levanto o fone e hesito. M. ainda está gritando, dizendo que o quarto está incendiando. A primeira coisa que me passa pela cabeça é que se trata de mais um truque para que eu não ligue para a polícia. Mas ponho o fone no gancho e volto pelo corredor, calmamente. A alguns metros do quarto, sinto o cheiro de fumaça. Corro para lá.

No canto, ao lado da cama, as caixas estão em chamas.

—

As velas — diz M. quando me vê, tentando agir com calma, seu corpo ainda coberto de sangue. — As caixas pegaram fogo quando você as derrubou. — Eu me lembro de ter colocado várias velas sobre elas, quando preparava o quarto. O fogo ainda é pequeno, do tamanho de uma fogueira.

Vasculho o quarto à procura de um cobertor para conter o fogo. Certa vez, após me surrar com o chicote, eu senti frio e M. me cobriu com um edredom verde-claro.

— Onde guarda o cobertor? — pergunto, abrindo todas as gavetas da

cômoda.

— Destranque as algemas, Nora — diz M., e eu ouço o pânico controlado em sua voz. —

Esqueça o cobertor. Solte-me!

As gavetas vão se espatifando no chão à medida que as arranco da cômoda. Não encontro o cobertor ou qualquer outra coisa que seja pesada o bastante para apagar as chamas. Corro na direção de M. para remover as algemas, mas paro. As chaves estavam na mesinha, ao lado da cama. A mesa ainda está virada, de lado, e tudo o que se encontrava dentro ou sobre ela, incluindo as chaves das algemas, está espalhado pelo chão. Não vejo as chaves em lugar algum.

—

Solte-me!

—

Tenho que encontrar a chave. — Eu me ajoelho e começo a procurá-la. — Estava em cima da mesa. — Afasto a caixa de preservativos, a taça de vinho e os tubos de lubrificante. Não está

aqui. Viro a mesa, mas não encontro a chave. Olho debaixo da cama e vejo o cobertor, dobrado, num canto. Procuro a chave.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Nora!

Ergo a vista. O fogo está cada vez maior e cada vez mais próximo da cama. Agarro o cobertor e começo a açoitar o fogo. A fumaça levita, em ondas. As faíscas saltam e ateiam fogo na bainha da cortina. As chamas se espalham rapidamente pelo tecido e sobem até o teto. O quarto vira um inferno, as labaredas famintas vão crescendo sem parar, mais intensas e mais mortais. O cobertor não está servindo para nada. Dou um passo atrás, olho para M. O pavor está estampado em seu rosto.

—

O extintor — digo, e me precipito para fora do quarto. Eu o tiro de dentro do armário de limpeza e corro de volta. Ao chegar à porta, fico paralisada pelo que vejo. Nos segundos em que me ausentei, o fogo crescera, dobrara de tamanho. O canto do quarto é uma fogueira gigantesca, chamas douradas escaldantes ganham altura, a pilha de caixas arde em fulgurantes línguas de fogo. As chamas lambem as paredes. O carpete se incendeia, o teto já escurece com a fumaça. Com o rosto contorcido pelo terror, M. vê as chamas serpentearem em direção ao pé da cama, a poucos centímetros de distância.

Eu puxo o pino do extintor e o aponto na direção da cama. Há uma sibilante explosão de pó

branco. Aciono o extintor mais uma vez para conter as chamas mais próximas à cama. Miro na direção das caixas e aperto. O pó branco sai do extintor em gotículas. Eu aperto mais uma vez. Nada. Olho o mostrador. Vermelho. O extintor está vazio.

Eu o atiro no chão e enrolo o que posso do carpete para que o chão não fique inteiramente coberto de fogo e corro do quarto. Ouço M. gritar meu nome. Ele pensa que vou deixá-lo morrer. Corro até a suíte principal e agarro o telefone. Começo a discar 911 mas hesito. Eu realmente poderia deixá-lo morrer. Podia. Ele merece morrer. O mundo seria um lugar bem melhor sem ele. Pela segunda vez hoje eu brinco de Deus, tenho a vida de M. em minhas mãos. Quanto vale a sua vida? Ouço um grito lancinante vindo do quarto dos fundos e minha escolha se torna clara: não sou um carrasco.

Disco 911 e dou ao telefonista as informações que me pede e bato o telefone. Agarro a colcha da cama. Ao correr de volta ao quarto, ouço M. gritar meu nome, me implorando para não deixá-lo morrer queimado.

Quando chego até ele, vejo que o fogo já cobriu um dos lados do quarto completamente. O

calor é opressivo, o ar sufocante, pesado, tudo está tomado pela fumaça espessa. Jogo a colcha sobre as chamas que ardem mais perto da cama e abafo as labaredas mais próximas dos pés de M. A colcha incendeia. Eu tento apagar as chamas com as mãos mas paro, sem saber o que fazer. Os gritos de M. ferem aos meu ouvidos. Olho em volta. Não vejo nada que eu possa usar para apagar o incêndio. Eu podia pegar baldes de água mas não ia adiantar nada. Preciso de uma mangueira. O fogaréu aumenta, se aproxima, ameaçador, da cama e atinge a porta.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—

Faça alguma coisa! — grita M., contorcendo o corpo de forma que suas pernas ensangüentadas e marcadas pela bengala pendem para fora da cama. Seus braços, ainda retesados, continuam acorrentados à parede. A pele em torno de seus pulsos está ensangüentada, esfolada pelas algemas. Ele tenta puxar as correntes, tenta, desesperadamente, arrancar os parafusos. Mas é inútil, foram chumbados à parede, mas ele não pensa mais de forma racional.

—

Minhas ferramentas! Na garagem. A caixa de ferramentas! É tarde demais para isso. O caminho até a janela foi bloqueado pelas chamas, e as labaredas estão quase na porta. Em questão de minutos, talvez segundos, ficaremos presos neste quarto, para sempre. Não há salvação para nós. Vejo a espada na parede e a pego.

Com a voz rouca, com vã resignação, M. afirma:

— Não vai funcionar. A corrente é grossa demais.

— Eu sei — digo chegando mais perto dele.

M. tosse, começa a sufocar com a fumaça. Ele me olha sem expressão, sem entender por que preciso da espada, e uma nova onda de pânico atravessa seu rosto. M. pensa que vou matá-lo. Fico à sua frente e o olho de cima. Se eu não

fizer alguma coisa neste instante, nós dois morreremos queimados. Penso no quanto fez Franny sofrer e chego mais perto da parede, de forma que estou exatamente acima de seus antebraços. Com ambas as mãos, seguro a espada e a ergo acima da cabeça.

Uma expressão de horror cobre o rosto de M., a mesma expressão que deve ter marcado o rosto de Franny no momento em que foi morta.

— Não! — grita ele quando vê que não vou matá-lo. — Não! A espada desce, vertiginosamente. M. está livre.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

QUARENTA E DOIS

Penso com freqüência sobre justiça, sobre a justiça dos sertões: olho por olho, dente por dente. Quando decepei as mãos de M., foi salvação ou castigo? Não sei responder a esta pergunta. Eu pensava em Franny no momento em que baixei a espada, mas ele teria morrido queimado se eu não tivesse agido. Gosto de achar que não sou igual a M., que não sou sua alma gêmea: fria, manipuladora, cruel. Mas talvez sejamos mais parecidos do que eu gostaria de admitir. Tenho a capacidade de ser igual a M., sei disto, mas é uma porção de mim mesma que prefiro reprimir. Duas vezes, naquela tarde, tive a oportunidade de matá-lo, e eu queria matá-lo, queria muito. Mas nas duas vezes voltei atrás. Não estrangulei M., não deixei que morresse carbonizado. Vi M. uma vez depois daquela tarde, no hospital. Seus braços terminavam em dois tocos, logo abaixo dos cotovelos. Estavam enrolados em ataduras brancas. Ele me acusou de ter cortado seus braços deliberadamente, para me vingar. Talvez. Mas sei, depois de muito refletir, que não tive alternativa.

O corpo de bombeiros chegou minutos depois, não a tempo de ajudar M., mas sua casa foi salva. O incêndio destruiu apenas a sala de adestramento. Fui levada para o hospital com M. Minhas mãos se queimaram. Eram apenas queimaduras de segundo grau, alguma vermelhidão, algumas bolhas. Eu sequer havia notado, até depois da chegada dos bombeiros Os dois vídeos, as únicas provas de que M. assassinou Franny, foram destruídos. Ele jamais será julgado pelo seu assassinato. Mas eu acredito em karma, e os maus serão punidos, mais cedo ou mais tarde. Senão nesta vida, numa próxima. Ninguém pode praticar o mal e sair incólume. Eu preciso crer que haja uma ordem inefável no universo. Embora M. não vá para a cadeia, teve um fim que, para ele, é pior do que a morte. Sua relação com a música, a única parte de sua vida que ele realmente

amava, foi destruída. Ele jamais tocará piano outra vez.

Nenhuma acusação foi feita contra mim. O promotor público concluiu que o ato de dominação fora consensual, que o incêndio fora acidental e que eu agira de boa-fé na tentativa de salvar a vida de M. M. declarou ter sido drogado e algemado sem o seu consentimento, mas acabou sendo sua palavra contra a minha. Os restos carbonizados do quarto, os ferros das pernas, as correntes, o guincho indicavam que ele participava de atos de sadomasoquismo de livre e espontânea vontade. Além do mais, não conseguiu dar ao promotor um bom motivo pelo qual eu o teria dopado: não Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

podia dizer que eu estava me vingando por ele haver assassinado minha irmã. Vamos ver se seu advogado move uma ação civil contra mim.

Ninguém está sendo julgado pela morte de minha irmã, e já faz várias semanas que a promotoria retirou as queixas contra Ian. Contei a confissão de M. para Joe Harris. Como era de se esperar, M. negou tudo. Porém, o mais importante de tudo é que Ian conseguiu um álibi. Ele estava fazendo uma caminhada em Desolation Wilderness no dia em que Franny morreu. Embora seu amigo não se lembrasse da data exata da caminhada, lembrou-se mais tarde de que haviam encontrado um guarda-florestal. É necessário ter autorização para entrar em Desolation Wilderness qualquer dia do ano, e nem Ian nem seu amigo tinham uma. Por sorte, o guarda lembrou dos dois. Era seu primeiro dia de trabalho e ele foi clemente em repreendê-los verbalmente, em vez de aplicarlhes a multa obrigatória. Em meio ao tumulto causado pelo mandado de prisão, nem

Ian nem o amigo haviam se lembrado do incidente. Se não o tivessem lembrado mais tarde, e se o guarda os houvesse esquecido, Ian estaria na cadeia. Embora ele não seja mais um suspeito, sua reputação foi maculada. Eu me sinto diretamente responsável pelo terrível sofrimento que lhe causei, e só gostaria de poder atenuar sua dor.

Hoje sento-me ao computador e começo a escrever a última parte da história de Franny. Eu a comecei pensando em publicá-la. Meu relato escrito de sua história, o qual M. ignorava, deveria ser minha retaliação final, para expô-lo como o assassino de Franny. Mas tornou-se algo maior, algo muito mais pessoal do que isso. Tornou-se um diário muito doloroso, memórias escritas da vida e da morte de minha irmã, uma reconciliação *post-mortem.*

Escrevo durante seis horas e paro um pouco. Penso em Ian. Tenho tanto a lhe dizer. Tentei, inúmeras vezes, contatá-lo, mas ele rejeitou todas as minhas tentativas. Não quer saber de mim, o que é perfeitamente compreensível. Deixo recados em sua secretária eletrônica, mas ele não retorna minhas chamadas. Escrevi cartas, mas ele não as responde. Até pedi a intervenção de Maisie, mas ele se recusa a falar em mim.

Esta mesma tarde decido ir até Sacramento. O sol passou o dia inteiro tentando sair de trás das nuvens planas, cinza, e agora parece estar conseguindo se insinuar, lançando finos raios de luz. Vou até a garagem. Paguei o filho de um dos vizinhos para cuidar do velho Cadillac de Franny. Foi lavado, encerado e revisado, e, embora eu me sente no banco da frente com freqüência, ainda não o dirigi. Ponho a chave na ignição e esquento o motor. O ronco do motor abafa todas as apreensões que gritam em minha mente. O cano de descarga cospe nuvens geladas que flutuam em torno do carro. Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Saio da garagem, vou até Rosario e viro à esquerda em Montgomery. Buzino e aceno para o vizinho, de quem ignoro nome e identidade. É um senhor idoso, embrulhado num cobertor quadriculado, passeando com um *poodle* peludo. Navego rua acima me sentindo numa balsa, subindo um rio. Não estou acostumada ao tamanho do Cadillac, àquela imensidão preta e lustrosa. Quando eu ia até a garagem e me sentava dentro do carro, eu me sentia encolher alguns centímetros. Eu me sentia como uma criança, tendo que espiar pelo meio do volante, com os pés mal tocando o acelerador. Era tudo fantasia, é claro. Não tenho nenhuma dificuldade em alcançar os pedais deste carro. Mas mesmo assim este Cadillac me faz sentir pequena.

Pego a rodovia 80 e sigo a direção leste, acompanhando o tráfego do final da tarde. Seria imaginação ou os outros carros realmente se afastam de mim? Pareço estar ocupando mais espaço do que devia. Mas não estou nos limites das linhas brancas que dividem a estrada. Abro uma fresta na janela e deixo que o vento gelado penetre o carro. Isto me deixa mais alerta, aguça meus sentidos, como uma xícara de café quente e forte.

Atravesso a ponte, circundo o palácio do governo e estaciono perto do prédio de Ian; os pneus trituram as folhas secas, caídas na sarjeta. Desligo o carro. Ele ainda chacoalha um bom tempo até o motor parar de vez. Eu me encolho por trás do volante, tentando ganhar tempo. A brisa balança os galhos da árvore sob a qual estacionei, e algumas folhas secas flutuam com leveza até a calçada. A árvore está quase toda desfolhada, seus galhos nus se estendem como braços que suplicam. Saio do Cadillac.

Ian não está em casa, mas uso minha chave, pela segunda vez, e entro. As paredes são brancas, imaculadas e vazias, a não ser pela reprodução do quadro de Georgia O'Keeffe. Fecho os olhos e o crânio da vaca permanece gravado em

minha retina. Por onde começar com Ian? Não sou a mesma pessoa que era há um ano, é a primeira coisa que devo lhe dizer. M. sabe tanto a meu respeito, meus segredos, minhas inseguranças, e, no entanto, era em Ian que eu deveria ter confiado. Sei que chegou a hora de colocar minha vida em ordem, de recobrar a liberdade que entreguei, de forma tão passiva, nas mãos de M.

Abro os olhos quando ouço o barulho da chave na fechadura. A porta se abre e Ian entra. Seu corpo forte, louro e um pouquinho desajeitado preenche todo o vão da porta. Ele está vestindo seu terno de gângster, o de risca-de-giz. O mesmo que vestia da última vez que o vi, antes de ser preso. O

terno está amarrotado, o paletó, desabotoado e jogado por cima do ombro. Ele bate a porta e dá dois passos antes de me notar. Primeiro, há surpresa em seu rosto, em seguida, contrariedade.

— Sei que não deveria estar aqui — digo rapidamente, me pondo de pé.—Eu precisava vê-lo e vim, embora achasse que estaria no trabalho.

PDL – Projeto Democratização da Leitura

Sua testa está franzida, seus olhos azuis, cautelosos.

— Deveria ter ligado.

— Tive medo de que me dissesse para não vir. Supus que não quisesse me ver.

— E não quero. Devolva minha chave.

Parece cansado, seu rosto fechado e os ombros encolhidos. Caminha em minha direção com a mão estendida, pedindo a chave. Até mesmo seus passos, que eram tão leves, cheios de vida, estão arrastados.

—

Me dê a chave.

Tiro a chave da argola de alumínio. Seu rosto está magoado, desconfiado.

— Deixe eu explicar. Eu lhe devolverei a chave, mas me deixe explicar. Por favor.

— Por que deveria eu ouvir? Você já me causou problemas demais. Não há nada que poderia dizer para me fazer perdoá-la.

Sua voz é cínica, dura, a voz de um homem amargo. Ele perdeu tantas coisas ao mesmo tempo: a reputação imaculada, a namorada, o melhor amigo e sua inocência. E eu sou o motivo.

—

Não espero que me perdoe. Só quero contar o que aconteceu. Você me amou um dia. Me dê um minuto para explicar e eu irei embora.

Ian suspira e passa a mão no rosto. Com uma expressão derrotada e muito cansada, ele atravessa a sala e tira o paletó e a gravata. Pendura-os no espaldar da cadeira e olha para mim. Fica ali, com a sala inteira entre nós. Mas a distância é muito maior do que a própria extensão da sala.

—

Estou voltando para Sacramento, e vou começar a trabalhar de novo. — Hesito. Não sei ao certo como começar. Ian deve, sem dúvida, ter tirado suas próprias conclusões. Os jornais fizeram uma cobertura extremamente detalhada do incêndio, relatando o fato de M. e eu estarmos

"em meio a atividades envolvendo sadomasoquismo" quando começou um incêndio acidental e eu

"salvei sua vida" cortando suas mãos. Ian sabe disso. Mas como é que vou explicar todos os passos que levaram àquele dia? Como vou lhe contar todas as coisas que fizemos juntos?

Começo com algo mais brando. Eu lhe conto a respeito da confissão de M. para mim, de que fora ele o assassino de Franny. Também conto como o diário de Franny me levara a suspeitar de M. e de como entrei em sua vida com o intuito de desmascará-lo. Então digo a Ian que fomos amantes, coisa que ele já devia saber a esta altura. Ele se encolhe levemente quando digo isso, franze o nariz, aflito, mas não me interrompe. Omito os detalhes sexuais. Estes virão mais tarde.

—

Eu errei muito. Perdi minha capacidade de discernimento. Ele ouve do outro lado da sala sem nada dizer, puxando o lábio inferior sem pensar.

—

Mas o meu maior erro — continuo — foi não confiar em você. — E então relato os muitos anos que passei sem confiar em ninguém. Preencho as lacunas de minha própria história. Laura Reese - Falsa Submissão

302



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Digo que mudei, e então caminho até ele e enlaço sua cintura. Seu corpo enrijece quando o toco, e posso sentir que tenta se afastar. Eu o aperto com mais força. Coloco a cabeça em seu ombro.—Me dê mais uma chance — digo, sentindo que eu deveria ser capaz de continuar sozinha. Mas não conseguiria. Não agora. Eu preciso da força, da integridade de Ian. Ele suspira e eu repito:

—

Por favor, me dê mais uma chance.

Desta vez ele ergue um dos braços e o pousa em minhas costas; é um abraço frágil, delicado. Depois de tudo o que passamos, creio que, talvez, não seja necessário continuarmos sozinhos. Laura Reese - Falsa Submissão

303



PDL – Projeto Democratização da Leitura

ANTES DE TERMINAR...

Às vezes, quando leio obras de ficção ou quando vou ao cinema, acho que a vida é certinha, preto no branco, e que a virtude é recompensada e a vilania repelida. Não é assim na vida real. Os inocentes são castigados e os culpados ficam impunes. Embora a polícia tenha retirado todas as queixas contra Ian, alguns de seus colegas e amigos ainda o encaram com desconfiança, imaginando se ele seria realmente um assassino. E M., embora alguém pudesse alegar que a perda das duas mãos foi castigo suficiente, ainda vive em Davis, impunemente, com sua reputação profissional intacta. A ficção pode ser muito arrumadinha, mas a vida, conforme venho aprendendo, é uma coisa muito bagunçada.

Quase um ano se passou desde o início de minha perseguição a M. Minha jornada, se é que eu poderia chamá-la assim, chegou ao fim, e retomei minha vida. Dúzias de caixas de papelão atravancam a casa da rua Torrey. Todos os dias eu empacoto várias caixas, lacro-as com fita e as encosto na parede, aguardando o pessoal da mudança no final do mês. Encontrei um apartamento em Sacramento e semana que vem começo a trabalhar em tempo integral no *Bee*. Vai ser difícil, todo mundo do jornal sabe de meu envolvimento com M. Mas conversei com o editor e ele concordou com minha volta.

O Cadillac rabo-de-peixe que pertenceu a Franny continua estacionado na entrada de minha garagem. É uma monstruosidade, com toda a certeza. É um carro de que você precisa aprender a gostar; um carro que envolve o dono. Dentro dele qualquer um se sente seguro, protegido. É feito de aço e é muito

pesado, e portanto dificilmente amassaria numa batida. Não é como esses carros mais novos, carrinhos de brinquedo na verdade, que parecem feitos de lata. Desmontam à menor batida. Quando me ajeito atrás do volante, me sinto súbita e imensamente confortável ali dentro. E agora, quando saio para a rua no Cadillac, consigo apreciar sua elegância, compreendendo, finalmente, por que Franny amava tanto este carro: porque é gostoso de dirigir. Eu não o dirijo o tempo todo, há

ocasiões em que prefiro meu Honda, e talvez um dia eu até venda o Cadillac. Mas, por enquanto, gosto de tê-lo por perto.

Ian e eu estamos nos entendendo. Contei a ele os detalhes de meu caso com M., conforme mandou minha consciência. Pensei em esconder a verdade, mas sabia que seria um erro. Não sei se nosso relacionamento sobreviverá à verdade, mas sem ela estaria condenado ao fracasso. Apenas a honestidade nos salvará, Ian me ensinou isso. O poder corrosivo das mentiras enfraquece as bases de Laura Reese - Falsa Submissão

PDL – Projeto Democratização da Leitura

um relacionamento, uma mentira necessitando de outra mentira, e de outra, cada

uma delas

corroendo as bases da confiança, até que reste pouco. Ian compreende isto. Ele me contou tudo a respeito dele e M., como eu sabia que faria. O logro não faz parte de sua natureza, o que só serve para mostrar que ele é uma pessoa melhor do que eu. E ele não escamoteou a verdade, não disse que foi seduzido por M, e sim que fora uma decisão de comum acordo, da qual se arrependeu na manhã

seguinte. Achou que estaria arriscando meu amor por ele ao me contar a verdade, e mesmo assim contou. Enquanto isto, fiquei ao seu lado, covardemente, com a minha própria confissão ainda por vir, guardando meu segredinho para mim mesma. Minha traição foi muito maior do que a dele. Não sei aonde ir daqui. Consigo enxergar o desatino de minhas ações com M., mas ainda sinto o sabor da tentação. Ele me mostrou todas as possibilidades do erotismo, e, uma vez que as experimentei, não há retorno. Como Pigmalião e sua Afrodite de marfim, M. me esculpiu. Como Eliza e Henry Higgins, não posso mais voltar às minhas origens. À noite fecho os olhos e sonho com o homem que me forçou a obedecer, com o chicote que me mantinha na linha, com as amarras que confinavam minhas carnes e as ordens que arreavam minha alma. Com a necessidade primordial, profunda, obscura e pagã que unia o prazer à dor. Em meus sonhos, eu me encolho diante de suas exigências, mas cedo e ainda o quero. Minhas necessidades e meus anseios são inexplicáveis, até

mesmo para mim. M. me disse uma vez que eu precisava encontrar uma harmonia entre minhas tendências intelectuais e as carnais. Preciso encontrá-la, mas não sei se Ian jamais compreenderia. Ele está tentando, mas é difícil para ele. Ele não consegue entender anseios tão divididos: mandar no trabalho e obedecer na cama. Talvez, um dia, ele me deixe. E talvez seja assim. M. despertou desejos em mim cuja existência eu ignorava, e talvez meu lugar não seja ao lado de um homem como Ian. Talvez o lugar de Ian não seja ao lado de uma mulher como eu.

Releio as primeiras páginas desta história, escritas, parece, há uma meia vida. Meu tom se abrandou, eu sei. Agora que caminhei na linha tênue que separa o erotismo do sadomasoquismo, descobri que, para mim, as demarcações não são claras: são a mesma coisa. Mas conheço os perigos de caminhar tão perto da beirada, de se entregar a um homem que não tem um código moral. A

única coisa que me deteve foi a imagem de Franny naquele vídeo. Sua humilhação me forçou a pesar a necessidade da restrição, me forçou a enxergar que M. não é o tipo de pessoa para qual se deva entregar o controle. Ele não possui limites morais. É isso que o faz tão perigoso. Há um ano eu teria dito que há uma linha muito clara separando os bons dos maus. Eu teria dito que o mal pertence ao mundo dos mortos e que os maus existiam além dos limites da decência. Não estou mais tão certa. Acredito que exista uma porção sombria em todos nós, por baixo da superfície de nossa humanidade. Uma porção ardilosa, extrema, selvagem em alguns de nós, menos Laura Reese - Falsa Submissão



PDL – Projeto Democratização da Leitura

grave em outros, mas sempre presente e sempre em conflito com a alma civilizada. Enxerguei i sso no dia do incêndio. Senti a influência de M.

Nietzsche escreveu: "Aquele que luta com monstros deve se certificar de que, ao fazê-lo, não se torne um monstro. E quando olhar no fundo do abismo, o abismo também olha no fundo de ti." Só

agora, depois que M. saiu de minha vida e com a perspectiva da distância, vejo que sucumbi à sua porção mais sombria. Como fui impetuosa quando comecei minha perseguição a ele! Achei que podia chegar bem perto sem me ferir. Meu senso de probidade e de justiça me isentaria de sua influência, pensei tolamente. Mas ao me afastar dele, não saí ilesa. Tenho marcas, físicas e emocionais, para prová-lo.

Minha jornada com M. começou como uma busca pela verdade, e, embora o preço tenha sido muito alto, encontrei as respostas que procurava. A jornada de

Franny foi muito mais dolorosa. Inadvertidamente, ela penetrou no coração de um homem mau, e jamais retornou. Eu sentirei, para sempre, a tristeza de não ter estado ao seu lado para salvá-la quando ela própria esteve, sozinha e assustada, à beira do abismo.

Nora C. Tibbs Davis, Califórnia

Laura Reese - Falsa Submissão





PDL – Projeto Democratização da Leitura

Laura Reese - Falsa Submissão

307